

J. F. DE ALMEIDA PRADO

TOMAS ENDER

PINTOR AUSTRIACO

na Córte de D. João VI no Rio de Janeiro



Um Episódio da Formação da Classe Dirigente Brasileira
1817/1818.



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO



TOMAS ENDER

PINTOR AUSTRIACO

*na Córte de Dom João VI
no Rio de Janeiro*

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série 5.^a ★ BRASILIANA ★ Vol. 7
(GRANDE FORMATO)

“KENNST DU DAS LAND
WO DIE ZITRONEN BLUEHN”...

Exemplar N^o 1006

1955

Obra executada nas oficinas da
São Paulo Editora S/A. - Rua Barão de Ladário, 226
Fones: 9-9087 e 9-9932 - São Paulo, Brasil.

J. F. DE ALMEIDA PRADO



TOMAS ENDER

PINTOR AUSTRIACO

*na Côrte de D. João VI
no Rio de Janeiro*



Um Episódio da Formação da
Classe Dirigente Brasileira

1817/1818

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

OBRAS DO MESMO AUTOR

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Primeiros Povoadores do Brasil. 1500-1530. 3.^a ed. 1954.

Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil. 1530-1630.

A Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil. 1530-1626.

Tomas Ender. Pintor Austríaco na Córte de D. João VI no Rio de Janeiro. Um Episódio da Formação da Classe Dirigente Brasileira. 1817-1818.

EM PREPARO:

São Vicente e as Capitanias do Sul do Brasil.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo



Fontes Primárias para o Estudo dos Descobrimentos e Povoações do Brasil. Conferências publicadas pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, 1948.

A Bahia e suas Relações com o Daomé. Tese apresentada nas Comemorações da Fundação da Cidade do Salvador. Rev. do Inst. Hist. e Geo. Bras. 1949. Ed. especial comemorativa. Tomo V. Rio de Janeiro.

Descobrimento e Colonização do Brasil. Tese apresentada ao Congresso dos Americanistas, realizado em São Paulo, 1954.

A Música Portuguesa no Brasil sob D. João VI. Tese apresentada ao Colóquium Luso-Brasileiro, realizado em São Paulo em 1954.



710011363

A

JOÃO MARINHO DE AZEVEDO

GLÓRIA DA MEDICINA BRASILEIRA

oferece

o seu maior admirador.

ÍNDICE

<i>Relação das Pranchas</i>	9
TOMAS ENDER E O BRASIL NO REINADO DE D. JOÃO VI.	11
A TRAVESSIA DO OCEANO	17
O JARDIM DAS HESPÉRIDES	27
O INÍCIO DA GRANDE JORNADA	33
SÃO PAULO NOS ALVORES DA INDEPENDÊNCIA	67
HOSPEDAGEM E HOSPEDEIROS	79
DE VOLTA À CÔRTE	91
EMBAIXADORES, NÚNCIOS E PLENIPOTENCIÁRIOS	107
MINISTROS DE ESTADO E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS	127
A CLASSE DIRIGENTE DO RIO DE JANEIRO	167
A MÚSICA	199
MALOGRO DA MISSÃO ARTÍSTICA	227
RUAS E TRANSEUNTES	255
A CONGÉRIE AFRICANA	285
A ARQUITETURA NO RIO DE JANEIRO	337
CONCLUSÃO	373

RELAÇÃO DAS PRANCHAS

- I – Tomas Ender.
- II – Folha da Autobiografia de Tomas Ender.
- III – Príncipe Regente D. João.
- IV – Armas do Reino do Brasil – Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.
- V – Rancho para pouso de tropeiros em São João Marcos – Rancho na Fazenda de Negros no caminho de S. Paulo, perto de Areias.
- VI – Interior de rancho e lombilho – Rancho em Lorena.
- VII – Tropeiros – Boiadeiros.
- VIII – Chins da Fazenda de S. Cruz – Real Fazenda de S. Cruz.
- IX – Vista de Lorena – Entrada de Bananal.
- X – Igreja de Guaratinguetá – Convento de S. Francisco em Taubaté.
- XI – Igreja de N. S. da Aparecida – Pindamonhangaba.
- XII – Paulista a cavalo – Tropeiros com poncho.
- XIII – Chapéus de paulistas – Boiadeiro com escravo ajudante.
- XIV – Paulistas com poncho e alabarda – Facas e moringas paulistas.
- XV – Interior proletário em Aparecida – Vista de Jacareí.
- XVI – Vista de São Miguel – Cuias para beber água.
- XVII – Igreja de S. José – Penha.
- XVIII – Sala do Dossel na Embaixada Austríaca – Escritório do Embaixador von Elz.
- XXV – Arco do Triunfo na Rua Direita, elevado por Grandjeau e Debret para a Aclamação.
- XXIX – Residência no caminho de S. Cristovam – O iate real Monte de Ouro.
- XXX – Caricatura de Cruikshank sobre desordens provenientes de conflitos de ingleses com os cadetes de D. Carlota Joaquina.
- XXXI – D. João VI por Domingos Antonio Sequeira.
- XXXII – Vista da Cascatinha da Tijuca e cabana do pintor Taunay.
- XXXIII – Campo de Sant'Ana – Residência do industrial Joaquim José de Sequeira no caminho de S. Cristovam.
- XXXIV – Artilheiro com botafogo.
- XXXV – Tipos populares cariocas – Pedinte de Ordem Religiosa e Cortesãos.
- XXXVI – Teatro S. João.
- XXXVII – O Palácio Real, no Rio de Janeiro, no tempo de D. João VI – Palácio Episcopal no Morro da Conceição.

- XXXVIII — Igreja de S. Francisco.
- XXXIX — Portão da Quinta presenteado pelo Duque de Northumberland — Residência campestre do Conde da Barca.
 - XL — Rótulas cariocas no gênero de “mucharabies” árabes.
 - XLI — Soldados de regimentos portugueses de caçadores em Pernambuco e Buenos Aires.
 - XLII — Os naturalistas austríacos na mata do Corcovado.
 - XLIII — Desembarque de mercadorias num trapiche — Transporte de Mercadorias.
 - XLIV — Lavadeiras em Mata Porcos — Casa de banhos no quintal da Embaixada Austríaca.
 - XLV — Casa de pretos forros — Costureiras pretas no Rio de Janeiro.
 - XLVI — Família portuguesa na rua — Família portuguesa em casa.
 - XLVII — Crioulas livres.
- XLVIII — Pretos carregadores — Pretos da Alfândega.
- XLIX — Negociantes de Minas Gerais — Negros de ganho na R. Direita.
 - L — Personagens de Guillobel copiados por Ender.
 - LI — Rua Direita e passadiço entre o Paço e o antigo Convento do Carmo.
 - LII — Quituteiras na R. Direita — Vizinhanças da Alfândega.
 - LIII — Panorama do Rio de Janeiro — Mercado do Peixe, rampa da Quitanda do Marisco, antiga Praia N. S. do Ó.
 - LIV — Campo de Sant’Ana e residência do Conde do Rio Sêco — Rua de S. Antonio.
 - LV — Praia de D. Manoel — Convento da Ajuda.
 - LVI — Largo da Carioca — Terreiro do Paço.
 - LVII — Residência de Da. Carlota Joaquina em Botafogo.

TOMAS ENDER E O BRASIL NO REINADO DE D. JOÃO VI

ENTRE os numerosos artistas que nos visitaram em começos do século 19, dos mais interessantes pelo gênero e vulto da obra, foi sem dúvida Tomás Ender. Nascido na Áustria em 1793, no começo da Grande Revolução, filho de pais pequeno-burgueses, sentiu irresistível pendor pela música e pintura, semelhante ao do pontífice acadêmico da época, Dominique Ingres. Muito jovem estudava desenho contra a vontade dos pais e à noite tocava violino numa taberna da Goldschiedgasse para ganhar o Kreuzer necessário à sua subsistência até a hora do sucesso. Aplicado e extremamente trabalhador a despeito de debil saúde, agradou aos poderosos do momento, que lhe facultaram, aos vinte e quatro anos de idade, ambicionada viagem ao Novo Mundo, por ocasião das bodas da Arquiduquesa Leopoldina com o Infante D. Pedro (1).

(1) Em sua autobiografia conta Ender ter nascido em Viena, no subúrbio de St. Ulrich, e principiado a cursar desenho aos 17 anos. Dedicou-se de preferência à paisagem exercitando-se nos arredores da capital, quase sempre no Präter. Passava o dia ao ar livre e só à noite volvia à cidade. Começou a pintar a óleo na aula de Steinfeld, na qualidade de assistente, passando, de 1810 a 1816, a praticar o que aprendera em excursões nas montanhas de Schneberg, Salzburg, Steimark e fronteiras do Tirol. Foi coroado, tanto esforço, com o prêmio que lhe deram, com o qual chamou a atenção do Ministro Príncipe de Metternich e do Banqueiro Rothschild. Outra consequência foi sua escolha para figurar na expedição científica que acompanhava a Arquiduquesa Leopoldina ao Brasil. *“Sempre sentira desejo de viajar nessas condi-*

A viagem efetuou-se quando na capital do Brasil começava a serenar o tumulto causado pela repentina chegada da côrte portuguesa. Iniciara-se a fatalidade que proporciona benefícios à jovem América à custa dos males da velha Europa, começada a série nas guerras napoleônicas que erigiram a colonia em sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Em 1817 a população carioca chegara a cento e cinquenta mil almas, maior, portanto, que a de muitas capitais européias, residente, para mais, em sítio cercado da fama de riquezas fabulosas. Esses tesouros, dantes ocultos pela metrópole a olhos cobiçosos, estavam colocados pela franquia dos portos à disposição de quem quisesse descobri-los. Tornara-se por esse motivo, o Rio, meta de aventureiros vindos de todo o mundo — traficantes de negros, mercados ingleses, antigos lavradores de café de S. Domingos, “émigrés” franceses, bonaportistas, artistas e cientistas, sábios, aventureiros e batoteiros — numa confusão jamais vista na cidade dantes modorrenta. Nas ruas encontravam-se estes recém-chegados com a inevitavel fauna das côrtes absolutas, em que se viam dançarinas, embaixadores providos de séquito teatral como o da Pérsia, e principalmente exemplares da fidalguia lisboeta, com os quais despendia o erário a mor parte dos réditos da monarquia.

Não se pagavam tropas em Portugal a fim de sustentar Duques e Marqueses, expulsavam-se brasileiros de suas casas para lhes dar moradia, extorquia-se dinheiro de ordens religiosas para lhes fornecer passadio. Havia, porém, coisa pior. Transportavam-se para o Brasil, na bagagem de bolorentas repartições, germes de perigosos conflitos

ções”, escreve o pintor, e acrescenta ter começado a viagem graças à proteção do Chanceler, em 1817. Seguiu por terra até Trieste, onde embarcou na fragata *Austria*, com destino à América do Sul. Logo de início da travessia, foram os viajantes apanhados por violenta tempestade, que os obrigou a demorar oito dias em Pola enquanto colocavam no barco novo mastro, tempo por ele aproveitado em desenhar ruínas romanas. Depois seguiram sem mais novidades para Malta, Gibraltar e Rio de Janeiro.

A opposição da família a seus pendores artísticos talvez proviesse de já haver pintor entre os Ender, o seu irmão gêmeo João Nepomuceno, célebre pintor de retratos, entre os quais se fez o Duque de Reichstadt, filho de Napoleão e do Infante D. Miguel, mais tarde rei de Portugal.

com países em formação, oriundos do antigo Império Espanhol⁽²⁾. O espetáculo era de molde a impressionar forasteiros atraídos por tão estranhas circunstâncias, num sítio onde o Príncipe Regente e seus colaboradores intentavam levantar uma nação. Entretanto, não era apenas a capital com o seu quadro paradisíaco a despertar intensa curiosidade, também o interior do país atraía viajantes pelos rumores que circulavam sobre a variedade do solo e subsolo, recesso de infinitos minérios, plantas e animais, além do espetáculo proporcionado pelos misteriosos índios, ainda imersos na fase da pedra polida. Afora administradores mandados pelo reino, ninguém mais visitara a colônia no decurso de tres séculos; as capitánias vivendo de si mesmas, com governador, tropas, tesouro e mais organização própria, vedada a ida dos habitantes às províncias vizinhas, agravado o isolamento pelos acidentes de terreno, que contribuíam com disposições governamentais em apartá-las de qualquer contato com o exterior. Tomas Ender figura, portanto, entre os primeiros pintores estrangeiros que visitaram o interior do Brasil, ele mesmo revelador do entusiasmo que o possuía: *“No Rio se me deparou mundo inteiramente novo, em que me atirei para o reproduzir dia e noite até cair exausto física e moralmente, prostrado sem forças”*, depressão que o obrigou a solicitar do Embaixador Especial, Conde de Elz, licença para no fim de um ano tornar à Áustria.

Logo depois da chegada ao Rio resolvera com Martius, chefe da empresa científica, dirigir-se primeiro a S. Paulo na planejada incursão pelo hinterland brasileiro. Era tão complicado o percurso por Santos, através de íngreme serrania, depois de atravessar a baía interna em frágeis canoas, que preferiam os turistas seguir pela velha estrada à mar-

(2) Escrevia o comerciante francês Gallés, que a *“obstinada guerra dos portugueses com Buenos Aires”*, acarretava grande prejuízo para os brasileiros, pois, diariamente dava-se o apresamento de navios, inclusive a interrupção do comércio de cabotagem a provocar alta do custo de vida. Infelizmente *“o orgulho e a ambição falam mais alto que a sabedoria e a moderação”*, concluía o mercador com sábio bom senso que os franceses não tinham demonstrado nas recentes guerras da Revolução e do Império.

gem do Paraíba (3). Esta variante requeria, entretanto, organizar numerosa tropa para o transporte do excursionista e de sua bagagem, empresa nem sempre facil em certos momentos do ano. Tudo dependia das qualidades do recoveiro e os que havia acaso disponíveis deixavam muito a desejar. Os melhores estavam naturalmente empenhados no transporte de gêneros por conta própria ou a serviço de firmas comerciais, livre apenas o rebotalho que ninguém queria empregar. O problema inicial já complicava as dificuldades da viagem e tornava qualquer visita à Paulicéia arriscada aventura. Os franceses foram dos poucos artistas sob D. João VI a repetir a façanha, contentando-se o contemporâneo Rugendas e demais pintores em trânsito pelo Rio, em reproduzir paisagens do litoral sem se arriscarem no interior.

Exclusão feita dos acima referidos, os outros, tampouco, apresentam documentação iconográfica desenvolvida a nosso respeito. Os desenhos de Pallière se perderam ou jazem ocultos em algum arquivo impenetravel; escassas ilustrações ocorrem nas obras de Mawe e de Henderson, mostrando-se Chamberlain pouco mais abundante, recorrendo muitos nas estampas que publicaram, a desenhos colhidos com máxima desinvoltura em trabalhos alheios como adiante veremos. Igualmente acerca dos cientistas austro-alemães, apenas se sabia de algumas ilustrações originais dos atlas de suas expedições, mal alcançando a cincoenta o total das publicadas nos das viagens de Martius, Príncipe de Wied e Pohl. Repentinamente, caprichoso acaso descortinou quando menos se esperava, enorme acervo de ilustrações sobre o reinado de D. João VI, da lavra de cuidadoso observador, verdadeiramente providencial para o estudioso dessa época decisiva em nossos destinos.

Certa vez, tivemos oportunidade de presenciar depois da guerra de 1914, a comunicação do médico Adolfo Lindenberg a um amigo acerca da descoberta que fizera na

(3) Ainda em 1845 demorou dois dias a viagem de D. Pedro II de Santos a São Paulo, pelo percurso hoje vencido em menos de uma hora de automovel por via terrestre.

Europa. Tratava-se nada menos que do tal acervo, composto de desenhos feitos no Brasil de 1817 a 1818. A notícia despertou, como era de esperar, alvoroço entre os interessados em documentação sobre história pátria, de que veio à luz artigo de Aureliano Leite no *Diário Nacional* de S. Paulo, enaltecendo o valor da descoberta. Infelizmente a segunda guerra universal, a confusão e os males que pelo mundo espalhou, as barreiras que maléficas ideologias elevaram à expansão da cultura — barreiras tão calamitosas quanto os antigos nacionalismos causadores da primeira conflagração — dificultavam buscas em arquivos. Sabia-se que Ender estivera no Brasil e fôra autor de algumas das vistas do atlas de Pohl e também das constantes no atlas de Martius. Sabia-se de meia dúzia de obras suas expostas numa exposição me Viena há vários anos. Sabia-se de um pequeno album de apontamentos de viagem do mesmo artista, que nos oferecera o livreiro Hans Kraus de Viena (hoje em New York) e por nós fôra cedido à Biblioteca Nacional a pedido de seu diretor Rodolfo Garcia, mas afora a vaga comunicação do médico Lindenberg, jazia o resto imerso em dúvidas sobre o número e valor. Sequer era conhecido ao certo o seu paradeiro, devia estar em Viena, dizia-se, e não era possível conseguir mais pormenores a respeito.

Passados anos, recentemente teve oportunidade o Prof. Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de S. Paulo, de ouvir em Nova York comunicação do Dr. Siegfried Freyberg, da *Akademie d. b. Künste* de Viena, o qual se prontificou exhibir a coleção Ender no Brasil. Pôsto não se tenha realizado logo o projeto como Bardi desejava, conseguimos as principais vistas desenhadas pelo artista na sua viagem a S. Paulo e Rio de Janeiro. Inutil encarecer o extraordinário interesse que representam como complemento dos álbuns de Debret e Rugendas, e principalmente à vista da valiosíssima contribuição que trazem à paupérrima iconografia paulista.

Antigamente não dispúnhamos de quase nada, porquanto a situação geográfica da capitania, os obstáculos

opostos pela natureza e disposições oficiais, a visitantes durante o período colonial, reduziam a uma insignificância os documentos ao alcance do estudioso do nosso passado. Nem todas as aquarelas de Pallière e Ércules Florence foram divulgadas, assim como trabalhos de pintores que nas décadas seguintes nos visitaram, como o decorativo Hildebrandt, correspondente em S. Paulo nas concepções e no academismo a Leone Righini, na mesma data, no Pará. Tampouco, dispúnhamos de observações realizadas logo após a abertura dos portos por viajantes europeus em consequência de maiores facilidades de visitas à Paulicéia. Veio, assim, no momento mais oportuno a divulgação da obra de Ender, principalmente quando nos revela aspectos paulistas semelhantes na modorra em que estavam, aos que deviam aparentar no século 17, na aglomeração de casas à roda de templos e conventos, edificadas com a mesma matéria prima e mesmos processos ensinados pelos missionários do século 16. Ocorreu-nos, daí, aproveitar a autobiografia manuscrita de Ender, o *Diário Íntimo* de Arnaud Julien Pallière, a correspondência secreta de D. João VI com ministros, espiões e embaixadores, mais dados pouco conhecidos, à guisa de comentários da coleção de *Akademie* e assim apresenta-la ao público. O alcance da obra de Ender bem merecia maior cuidado, mas por falta de tempo só pudemos esboçar em alguns dias, o trabalho, que outros poderão mais tarde com maior proficiência desenvolver.

A TRAVESSIA DO OCEANO

A vinda do pintor prendia-se ao enorme interesse despertado pelo Brasil na Europa em geral e na Alemanha em particular por volta de 1800. A recente viagem de Humboldt causara funda impressão nos meios científicos, pois, admirador e êmulo de La Condamine, casualmente desviado pelos acontecimentos da Revolução Francesa da primitiva viagem que no Oriente planejava, palmeou o geógrafo os domínios americanos espanhóis, de que escreveu extraordinária relação traduzida em diversas línguas e sucessivas edições. Facilitara-lhe o esforço a lata licença concedida por Carlos IV, monarca pintado por historiadores como nulo, quando em realidade se esforçava apaixonadamente como vemos neste episódio, pela grandeza e felicidade da Espanha. Segundo frisou Victor de Hagen, jamais estrangeiro recebera passaporte tão lisongeiro para o portador como a Real Cédula outorgada ao jovem viajante, com ordem que lhe fosse prestado todo auxílio possível, nos trabalhos científicos que na América ia empreender.

Reconhecera-o Humboldt e sempre timbrou em proclamar a benemerência do Rei, fidelidade que provavelmente se acentuaria no confronto com a má recepção que teve nos domínios lusos. Invadira o cientista a Amazônia no intuito de descobrir a confluência do Oiapoc com o rio-mar através do Cassiquiarí, escrúpulo científico que lhe valeu ser preso por um ajudante do Capitão-General

Sousa Coutinho, irmão do Ministro de D. João VI. Muito diferente parecia a atitude das duas coroas, se bem, mais tarde, atribuisse o cientista o incidente a sua própria sofreguidão. Em todo caso, eram muito mais superciliosos para com estrangeiros portugueses do que espanhóis. A investida de Junot, porém, rompeu as barreiras levantadas pelo antigo regime dos dois lados do oceano. Abriram-se de par em par as portas do Brasil, medida tornada inevitável com a chegada da côrte, e pôde a missão de von Martius visitar a antiga colônia em condições ainda mais favoráveis que as do seu ilustre predecessor na América Central. Ia realiza-la sob a égide de tres governos — da Baviera, da Áustria e de Portugal — acordos em lhe bafejar as pesquisas científicas em nome do Progresso.

O interesse de europeus pela região há tanto tempo objeto de curiosidade contagiara o Rei Maximiliano I da Baviera como a muitos cultores da lenda do El-Dorado. Sequioso o monarca em conhecer melhor a América do Sul, acertou com o governo austríaco missão conjunta ao Brasil, onde a côrte bragantina oferecia boa acolhida a expedicionários. O acordo realizou-se durante a estada do Rei em Viena para assistir às bodas da Arquiduquesa Leopoldina com D. Pedro. Os sábios escolhidos na ocasião a fim de tomar parte na empresa, provinham de Institutos científicos de Munique, Viena, Praga e Florença. Os artistas que deviam ilustrar a parte "histórica" ou documental da viagem, seriam de Viena, oferecendo ainda, o governo austríaco, acomodações nas naves de guerra *Augusta* e *Áustria*, juntamente com os diplomatas enviados à côrte do Rio de Janeiro.

A chefia da expedição científica coube ao bávaro Filipe von Martius, jovem, porém já conhecido botânico, que, entusiasmado pelo cometimento, ia daí por diante dedicar o melhor de sua vida à flora brasileira. Na hora do régio matrimônio, reinava cordialidade entre os governos interessados na expedição, porfiando entre si os escaninhos oficiais em auxiliar os expedicionários, e, a despeito da proverbial lentidão atribuída à administração austríaca,

rapidamente se organizou a viagem, com luxo de pertences que se verificaram até excessivos no correr da expedição. Antes, porém, teve Martius oportunidade de se avistar em Viena com o velho pintor Ferdinand Bauer, que ilustrara a expedição à Austrália de Mathew Flinders e escalara no Brasil. É possível, e mesmo provável, que em 1804 este artista desenhasse vistas do Rio de Janeiro, hoje ocultas com muitas outras em algum arquivo particular por falta de recursos para publicação. Não seria diverso o destino dos desenhos de Ender, Frick e muitos mais, que trabalharam para Mikan e Pohl, e foram abandonados por Metternich, submetido "*comme tout le monde*", apesar de ministro onipotente a imperativos financeiros. Melhor sorte alcançou Martius graças à proteção do filho da Arquiduquesa que ele acompanhara ao Brasil, o Senhor D. Pedro II o Magnânimo, que por largo espaço despendeu anualmente quarenta contos de réis de seu "*bolsinho*" — elevada quantia para o tempo — a fim de que se não interrompesse a publicação da monumental *Flora Brasileira* do sábio bávaro (4).

Levara consigo o Marquês de Marialva, Embaixador Especial em Viena, além das instruções concernentes ao casamento de D. Pedro, outras secretas para tentar a união do Herdeiro do trono da Áustria com a Infanta Isabel Maria, e a do irmão do Imperador Francisco com a Infanta Maria Teresa, ambas filhas de D. João e de D. Carlota Joaquina. Tais planos se tinham tornado admissíveis depois do terremoto revolucionário, guerras napoleônicas e casamento das outras Infantas com Príncipes espanhóis. O fracasso do consórcio com o Duque de Berry, aconselhava, porém, prudência nas ofertas de Princesas de minguidas posses e poucas esperanças. Na conjuntura, limitou-se a côrte de Viena a admitir somente o pedido da mão da Arquiduquesa Leopoldina, ainda solteira, que representava pro-

(4) Era composta a missão, além dos mencionados chefes e principais assistentes, de Karl von Schreibers, "*als Referenten des wissenschaftlichen Antheiles der Expedition*", Dr. J. C. Mikan; Dr. J. E. Pohl; J. Natterer; H. Schott; J. Buchberger, pintor de plantas, e R. Schuch, dos quais damos aqui os nomes porque frequentemente ocorrem na viagem associados ao de Ender.

blema casamenteiro pela feiura e também escassez de dote, nada resolvendo sobre os demais.

Ocorreu, então, ao gabinete inglês, valer-se da oportunidade para persuadir ao Príncipe Regente tornar à Europa, pois, considerava que se alongara demais no Brasil, objeto de preocupações para os dirigentes da política internacional sob orientação do eixo Viena-Londres. As instruções dispensadas a Sir John Beresford, encarregado de trazer de volta D. João a Portugal, mencionavam expressamente a delicada incumbência, assim como pedido de medidas por parte da coroa britânica à lusa, contra o tráfico de negros. Segundo o seu costume quando se via às voltas com grandes dificuldades, tergiversava o Príncipe a respeito do espinhoso assunto, alegando necessitar consulta ao seu Conselho, e finalmente emprasado para responder, alegou grande constrangimento, porquanto as providências destinadas a combater o tráfico podiam arruinar o país. Concluía Beresford preferir tomar parte em batalhas, *“or to be a mid all my life than undertake such an Embassy as this again; for what with the climate wich has been insupportably hot”*, além das dificuldades de tratar com Príncipe mais manhoso que o mais astuto saloio de seu reino (5).

Outro incidente de ordem interna veio ameaçar os preparativos de viagem da Arquiduquesa e respectivo séquito. Mal tinham começado os aprestos das naus *D. João* e *D. Sebastião*, para o transporte da Sereníssima Princesa,

(5) Dizia D. João que se sentia *“very triste about the slave trade, of that the abolition of wich would ruin this contry; he was sorry for urged this point so much with him; but hoped it would cause no animosity; as he loved England, as much; as one brother could love another”*. Em outra carta da mesma época, acrescentava Beresford: *“The official reply to Lord Stransfords late communication on the subject of the Prince Regent return to Portugal will not be made late own before this Packet sails; but by what Lord Strangford tells me, I think H. R. H. will not move for Lisbon for a long time; as He told his Lordship yesterday that this communication was another proof friendship of H. R. H. the Prince Regent of England; but that he was sure that H. R. H. at all times wished him to act for his own interest — this appears like a negative”*. Cartas confidenciais datadas de março a maio de 1815 de Sir John Beresford no Rio de Janeiro, a Lord Melville em Londres.

chegava a Viena, endereçada ao Marquês de Marialva, comunicação de D. Miguel Pereira Forjaz, Secretário do governo de Portugal, com data de 19 de maio de 1817, onde avisava que o navio *Camões*, procedente de Bengala, aportara no Recife em armas, presa de revolucionários, que depois de se apossarem dos bens dos vassallos portugueses aí estabelecidos, cometiam toda sorte de desatinos. Narrava, contudo, o capitão do barco, que lhes faltavam armas, munições e víveres, "*que deligenceião haver de outras partes, principalmente dos Estados Unidos*". Ignorava-se de momento se existiam ramificações do levante em outras capitánias, julgando D. Miguel urgir o envio das fragatas *Perola* e *Príncipe D. Pedro*, mais uma embarcação ligeira, para comboiarem de Portugal as tropas remetidas ao teatro da rebelião e bloquearem o porto do Recife.

A despeito dos acontecimentos, mandava-se o hiato da coroa *Santo Antonio* para Liorne com o agente incumbido de efetuar as compras necessárias à viagem da Sra. Da. Leopoldina. No comunicado seguinte, da mesma origem, com data de 1 de junho de 1817, informa Forjaz as medidas tomadas por várias capitánias do Norte do Brasil, contra Pernambuco, assim como as providências do Conde dos Arcos, governador da Bahia, para sufocar a revolta (6). A 10 de junho desse mesmo ano nova comunicação, desta vez sobre a conjura urdida em Lisboa por Gomes Freire

(6) O político portenho Alvear, contemporâneo a esses acontecimentos, comentava em carta a extraordinária atividade demonstrada pelo Príncipe Regente na conjuntura, como, ademais, já o fizera por ocasião da partida de Portugal. Transfigurava-se D. João quando a segurança do trono estava em jogo, elucidativas a respeito as declarações do Visconde do Rio Seco no momento do embarque da côrte para o Brasil. Chamado às pressas junto ao Príncipe, este "*mandou retirar todas as pessoas do gabinete e depois de fechadas as portas disse — mandei-te chamar para te prevenir que não estejas por ordem de pessoa alguma, ainda que sejam em meu nome... ordem minha só de viva voz*". Era igualmente muito desconfiado, porquanto encontramos no mesmo depoimento do Visconde o seguinte: "*Quando El-Rei sahio de Lisboa para o Rio de Janeiro, os Cofres das preciosidades, que trouxe, virão na mesma Náo, em que Sua Magestade veio, trazendo elle mesmo todas as suas chaves*". De outra feita mandou uma pessoa a Santa Cruz para investigar se de fato havia ladroeira nas contas da reforma da Fazenda. Mandou também examinar por Tomás Antonio Villanova as despesas de Targini quando Palmela assumiu o governo. Toda denúncia, toda alegação encontravam eco no seu espírito, se bem fosse no geral generoso e indulgente.

de Andrada. Dez dias depois vinha a notícia do fim da aventura revolucionária pernambucana, sufocada pelas tropas da Bahia, antes mesmo da chegada das forças enviadas do Rio de Janeiro, “*restituída a cidade do Recife ao soave Governo de S. M.*”. Sanados os contratempos políticos, “*que tão extraordinária, como inesperadamente dificultarão até agora a saída das duas naus*”, chegaram por fim a D. João e a D. Sebastião a Liorne em condições de receber os ilustres passageiros.

Na primeira embarcou a Arquiduquesa acompanhada de suas Damas de Honor, camareras e açasafatas. A respeito escrevia Metternich, “*que sa Cour était dans la persuasion que Son Altèsse seroit accompagnée par sa propre Cour, jusqu’au Brésil, au lieu de ne l’être que jusqu’à Livourne... Cette opinion, fondée probablement sur ce qu’il a eu lieu lors du mariage du Roi Jean V avec la Reine Marie Anne d’Autriche em 1708*”, justificava resoluções que não mais retardassem a partida. Neste ponto modificava-se o contrato matrimonial passado em Viena, pois, em vez de acompanharem a Arquiduquesa damas portuguesas, seguiram as Condessas de Kuenburg, Sarenthein e de Lodron, versão tradicional desconhecida a Olivera Lima e mais autores que o seguiram e deram notícia diversa da ocorrida, pormenor considerado na época importantíssimo. Na circunstância, manifestava D. Leopoldina ansiedade em se unir naquela quadra agitada aos sogros, a fim de juntos afrontarem escarceus políticos. Era o espírito monárquico de Maria Teresa no melhor sentido da palavra, que revivia na futura Imperatriz do Brasil e iria reaparecer em D. Pedro II, composto de crença na missão de origem divina e desprendimento de si mesmo a serviço da coroa e do Estado.

Na outra nau D. Sebastião, mais estavel, apesar de provida de menos acomodações, embarcou o Embaixador Especial Conde de Elz com a sua comitiva. Levava também a incumbência de persuadir D. João da necessidade urgente de volver a Lisboa. Desagradava aos corifeus da Santa Aliança ver abandonado um trono de Príncipe penin-

sular demasiadamente amante de sossego, quando a Espanha vizinha ardia em discórdias capazes de novamente revolver o mundo. Longe imaginaria estar o diplomata a caminho de completo insucesso. Não só nada conseguiu no sentido que mais preocupava Metternich, como ainda deixaria péssima impressão de si nas condições em que se encontrou, falto de meios depois de despender todos os recursos no casarão emprestado no Rio por indicação de Paulo Fernandes Viana, e na instalação no mesmo do séquito da embaixada especial. Daí por diante, teve de se submeter a rigorosas economias, acabando por solicitar vultoso empréstimo pessoal ao governo português, malogro tanto mais pungente em comparação da magnificência do Marquês de Marialva em Viena, provido de fartos recursos fornecidos pelo erário luso e seu próprio bolso.

O remanescente da comitiva de D. Leopoldina, oficial, semi-oficial e extra-oficial, embarcou nos navios de guerra austríacos postos à sua disposição. Ender seguiu num deles, pertencente à série de vasos recentemente lançados ao mar em Veneza. Era ótimo barco para a época, construído com muito cuidado pela engenharia que merecera gabos até de ingleses e norte-americanos. Reconheciam estes peritos, possuidores dos mais velozes veleiros do mundo, a qualidade das naves saídas daqueles estaleiros, chamando-lhes *fine vessels* e às vezes *very fine*, como se exprimiu o traficante José Cliffe perante Gladstone no inquérito do Parlamento Britânico sobre tráfico negroiro (7).

Atrasos decorrentes da navegação permitiram a Ender desenhar, como foi dito, as ruínas romanas de Pola, ainda em tempo de remeter os desenhos para Viena em vésperas de prosseguir viagem. Daí por diante, correu melhor a travessia do Mediterrâneo, com escala mais demorada em Gibraltar. Era a mais importante até chegar ao Rio, ativo mercado de gêneros vindos dos quatro cantos do mundo,

(7) Tese do Autor "As Relações entre a Bahia e o Daomé" in vol. V da ed. especial da Rev. do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, ed. comemorativa do IV Centenário da Bahia.

muitos dos quais reexportados para o Brasil. Infelizmente de permeio viajavam também perigosos agentes da febre amarela, então mal conhecida, cujos focos se escalonavam da África à América Central e portos do sul dos Estados Unidos, com grande risco para as tripulações. Existia endêmica em Gibraltar e outros portos do Mediterrâneo, podendo facilmente contagiar a Ender, ao Prof. Mikan, ao Barão de Neveu, encarregado de negócios da Áustria no Rio de Janeiro, e mais personagens de bordo. A transmissão era tanto mais facil pelo fato de os passageiros se exporem à moléstia enquanto se espalhavam nas redondezas de Gibraltar, no afã de recolher material científico ou comparecer à festa em sua homenagem. Atribuia Martius a moléstia à ação do calor e exalações pútridas da água estagnada entre rochedos. Afortunadamente nada lhes aconteceu e puderam receber novas honrarias na Madeira, em Funchal, onde lhes foi oferecido baile a que compareceram as damas da ilha em palanquins dourados, ou redes presas a varas transportadas por escravos pretos, antevisão colonial da América Lusitana. Por sinal, muito notaram os viajantes a profusão de negros locais, inclusive um padre dessa côr.

Ao deixar as ilhas padeceram novamente os passageiros do *Áustria* forte tormenta. De quando em quando sobrevinham calmarias no oceano encapelado, aproveitadas por Ender para anotar cenas de bordo — passatempo de passageiros, ensaios da banda de música, pescarias pelos marujos para variar o menu de bordo — e mais incidentes de viagem. Também ocorriam sustos pela insegurança dos mares da época. Em tempo fôra avisado em Viena o Marquês de Marialva, por D. Miguel Forjaz, secretário do governo de Lisboa, "*da existência de hum grande numero de Corsarios, talvez Americanos, mas com títulos de Insurgentes da America Hespanhola que tem começado a hostilizar o nosso Commercio, tendo já tomado perto da Ilhas dos Açores hum navio importante da Bahia, chamado S. João Protector que se dirigia para este porto de Lisboa*". Causara pânico na notícia "*em todo o Commercio desta*

praça” e prosseguia, que à vista disso se tornava prudente “*segurar a chegada de importantes Navios da Azia, e da America, que aqui se esperão*”, indo cruzar nas alturas das ilhas a fragata *Amazonas* e ao longo da costa a *D. Pedro*, um dos vasos anteriormente indicados para em Liorne incorporar-se à escolta da *Arquiduquesa*.

Começara apenas a arrefecer o tufão que no fim do século 18 soprara sobre o mundo. “*Para a tempestade, serenam-se os ares*”, transcreveu à guisa de epígrafe conhecido romancista na portada de uma de suas obras, porém, em 1817, pouco após a queda de Napoleão, ainda rolavam nos mares vagalhões da procela. Tinham os caudilhos do sul do continente contratado mercenários para ajuda-los na luta contra os europeus. Desde oficiais superiores do porte de Lord Cochrane, até aventureiros mais prejudiciais que úteis, eram aliciados para o fim. Um tal Illinworth, a serviço do Chile, assolou, no comando da fragata batizada com o poético nome de *Rosa de los Andes*, o comércio espanhol do Pacífico. Outros o imitavam nas costas do Peru até o Panamá, chegando às vezes ao México, e, mais longe, ainda, às Filipinas; “*la capacidad de los buques corsarios*” escreve Encina, “*se hacia insuficiente para recibir a los numerosos individuos que solicitaban embarcarse col ellos, atraídos por las aventuras, de las presas y delos saqueos*”. Típico no gênero era o francês Ipólito Bouchard, o qual saído do Prata em 1817, com patente de corso argentina destinada à Índia, resolveu mudar de rumo na hora em que Ender velejava para o Brasil. Parecera-lhe mais rendoso seguir além, e foi ter às Filipinas já assoladas por outros meliantes, “*pero peleando al mismo tiempo con los buques de todas nacionalidades que creía más débiles, inclusive los demás corsarios chilenos, y dando a los prisioneros um tratamiento inumano*”. Relewa o historiador o aspeto em que, acaso a ação dos corsários por vezes parecesse util na campanha da independência, em outras “*tenia su reverso; la facilidad con que degeneraban en piratas*”, os tornavam perigosíssimos. Acrescia os frequentes levantes da tripulação, “*como ocurrió con .la fragata CHACABUCO*”,

armada em Buenos Aires em 1817, “*y que se dedicó a la piratería en los archipiélagos de la Oceanía. Otras veces los mismos capitanes, abusando de la patente, capturaban ilegalmente naves neutrales y cometían actos de crueldad en las tripulaciones apresadas*”.

Nesse ano, em que os mares do sul se coalhavam de flibusteiros, avistou a corveta russa *Kamtchatka* depois de largar Portsmouth navio suspeito, que se lhe afigurou de insurretos hispano-americanos. Durante a noite os dois barcos se vigiaram, prestes a abrir fogo um contra o outro, quando pela manhã verificaram tratar-se de russo e de inglês. O comandante do segundo, para maior felicidade, conhecia Golovnin comandante do primeiro, e daí por diante, navegaram de conserva sem mais novidades até o Rio, onde tinham aparecido barra afora corsários na perseguição de naves mercantes. Compreende-se o sobresalto dos passageiros do *Áustria* quando avistaram outros barcos, sabedores da audácia dos assaltantes, que “*sequer respeitavam os ingleses*”, o supra-sumo da audácia! No entanto, muito dos indesejáveis navegadores pertenciam a esta nacionalidade, tornados piratas por se encontrarem sem ocupação, antigos marujos de naves de guerra, num mundo em que continuava a imperar a lei do mais forte ⁽⁸⁾. Na latitude de 8º,12 encontrou a fragata alentado barco que de momento não pôde identificar. Felizmente parecia tratar-se de algum negreiro, porquanto, até ganhar vulto a campanha britânica contra o tráfico ainda eram empregados grandes navios para o transporte de pretos, ao depois substituídos por barcos mais leves a fim de escapar dos cruzadores. No caso, o transatlântico encontrado não tentou aproximação, nem se deu a conhecer com grande alívio de Ender, rumo à Guiné.

(8) A insegurança da navegação provocara alta no seguro marítimo. Escrevia a propósito um francês: “*Depuis la guerre avec Buenos Ayres, elles (les compagnies d'assurances) assurent a 8% et a 6 pour Valparaiso, contre tous risques*”. Igualmente Possidônio da Costa escrevia de Buenos Aires em 1809 ao Conde de Linhares, informações no mesmo sentido sobre aventureiros, cada vez mais ativos e agressivos: “*Corsários andão na Boca do Rio (da Prata), encontrando os Barcos vem dessa (Rio de Janeiro) diretamente para aly*”. Era o começo de situação que depois, no tempo de Ender, se agravou.

O JARDIM DAS HESPÉRIDES

“Wo die Zitronen bluehn”...

DESCORTINOU-SE aos viajantes num radioso dia de julho de 1817 a baía de Guanabara em todo o seu esplendor. Ponteadas de ilhas, rodeada de enormes rochedos caídos a prumo sôbre o mar, margeada por montanhas revestidas de florestas virgens, ostentava paisagem nunca vista aos austríacos, maravilhados pelo imprevisto espetáculo. Por mais lhes tivessem descrito o sítio, por mais lhes repetissem nada haver no mundo de comparavel, nem Lisboa, Nápoles ou Constantinopla, tudo ultrapassava no conjunto e nos pormenores do estuário a idéia que faziam do anfiteatro em que se erguia a cidade. Sentiam-se alguns perplexos, ante o quadro que se lhes afigurava esmagador de violência mais que de beleza, a água escura, a rocha violeta, a vegetação verde sombrio, sem matizes, entre côres duras, destacadas umas das outras, longe da sucessão de cambiantes que fazem na primavera o encanto do Adriático. Outros, porém, extasiavam-se com a altura do céu, a extensão da baía, capaz de abrigar todas as frotas de guerra das grandes potências marítimas, em que se podia velejar horas antes de chegar da barra ao rio Magé.

Ender pertencia ao grupo dos entusiastas, dos que só encontravam louvores para exprimir o que sentiam, e, embevecido, contemplava a prodigiosa amostra do Império destinado à Arquiduquesa Leopoldina. Ao se aproximar de terra, novo cenário se lhe deparou na floresta

de mastros do porto em intensa atividade, sobre a qual se viam várias torres de igrejas entre o morro do Castelo coroado pela catedral jesuítica de S. Sebastião e o de S. Bento pelo mosteiro do mesmo nome defronte à ilha das Cobras. Outros mórros mais para o interior aos poucos se mostravam, o da Conceição com o palácio do Bispo, que mais se assemelhava a mosteiro, o de Santo Antonio, com duas igrejas e convento, e muitos mais, que à distância, vistos do ancoradouro, conferiam majestosa impressão de capital digna de côrte europeia.

Ao aportar, todavia, dos navios logo rodeados por canoas carregadas de laranjas, bananas, melancias, e esca-leres de desembarque com toldos de cores vivas, enfeitados com cortinas, bambinelas e galões dourados no gênero dos que também ornavam as seges de aluguel cariocas, o entusiasmo dos visitantes, estivessem ou não preparados para o que iam ver, decrescia transmutado em decepção. Dava-se o mesmo que em Lisboa, deslumbrante num dia de sol, deparada da barra do Tejo, porém, miserável de perto, nas ruas sujas, ainda atravancadas pelas ruínas do grande terremoto, infestadas de maltrapilhos, pretos, cães e mendigos, a exhibir escassa monumentalidade nos edifícios civis e eclesiásticos, junto de residências desgraçadas, mal construídas, pior acabadas, sendo necessária intervenção da dadivosa natureza compensadora dos êrros dos homens, para amainar o desencanto causado pela sua imperfeição.

No Rio reproduzia-se o choque. A europeu nascido no século 18, proveniente de países frios, causava de início espanto, encontrar numa cidade dos trópicos multidão apenas vestida, descalça, sem sombreiro, quase nua, composta de criaturas moradoras em casebres mal defendidos da chuva e do vento. Não lhes acudia que a ausência de inverno e o calor tórrido fizessem das faltas mais vantagens que privação. Nos primeiros momentos aquilo lhes parecia monstruoso, verdadeiro acúmulo de miséria e desventuras com aspetos desoladores, nos escravos que em toda parte enxameavam. Mais tarde, esses mesmos estran-

geiros seriam os maiores simplificadores de trastes e vestuários inúteis onde não tinham razão de ser. Para quê botas pesadas e lareiras onde o sol crestava a mor parte do ano! Pouco espaço, teve Ender, entretanto, para reflexões, pois, a pressa dos naturalistas em começar coleta de material científico, obrigou-o a acompanhá-los em ativas incursões pelas redondezas da cidade. Na emergência, foi-lhes de grande utilidade o Consul da Rússia, von Langsdorff, alemão de origem, que logo se acamaradou com os conterrâneos e se prontificou em auxiliá-los no que necessitassem.

Transpostos os subúrbios da cidade, sobre tratos planos entre morros, onde na atual Rio de Janeiro se ergue o centro comercial, contemplava o pintor novas paisagens completamente diversas das florestas europeias. Foi num desses passeios que Ender desenhou os cientistas à beira de riacho do Corcovado, num piquenique matinal, em que se vê Spix, Martius e os diplomatas Flemming, plenipotenciário do rei da Prússia e Consul Langsdorff. Este último muito se interessava por expedições. Tomara parte na de Krusenstern, que lhe proporcionara conhecer o Rio de Janeiro, e, ao frequentar os expedicionários da missão austro-alemã, gizava a que ia brevemente empreender pelo interior do Brasil por conta do Tzar de Todas as Rússias. No ínterim, colocava-se ajudado pela esposa a serviço dos patrícios, na sua casa às Laranjeiras e na fazenda Mandioca, sita do lado norte da baía, nos contrafortes da serra dos Órgãos.

Escreveu Ender na sua autobiografia, ter incursionado nesta ocasião durante 150 horas ao norte do Rio de Janeiro, na capitania do mesmo nome, pródiga de formosos panoramas. Nas excursões desenhou vistas tomadas desde o porto de Estrela até S. João Marcos, inclusive Tagoá, Cantagalo, etc., assim como reproduziu do mar a Restinga de Marambaia, o Boqueirão e suas ilhas — com a dos Coqueiros no primeiro plano — ilha Seca e do Governador, a Armação em S. Domingos, Boa Viagem, Icarai, e mais recantos do estuário fluminense. Na capital levantara-se o luto ocasionado pela morte da Rainha D. Maria I, para iniciar os

preparativos do casamento de D. Leopoldina e da aclamação de D. João, medidas que juntadas à ausência dos principais representantes diplomáticos da Áustria, ainda em viagem, levavam naturalistas e botânicos a aproveitar a dilação em ativas pesquisas.

De primeiro, junto à baía, apreciavam o cenário descrito por outros viajantes ilustres de que se destacava Saint Hilaire, escritor para mais, cujo hino ao Rio de Janeiro expresso em carta ao Conde de Lescarene, merece ser reproduzido no original para lhe não esmaecer a espontaneidade e entusiasmo: *“C'est au Brésil que m'attendoient les plus douces jouissances; des productions admirables, une nature qui n'a point encore été étudié, le plus beau ciel, des sites tour à tour riens ou sauvages, mais qui l'emportent toujours sur ceux que l'on vante le plus en Europe. Je ne saurais vous rendre l'impression que j'ai éprouvé la première fois que j'ai herborisé dans un des bois montagneux qui entourent la ville: chaque plante étoit nouvelle pour moi; la richesse des couleurs et l'élégance des formes attiroient mes regards de tous côtés; en les reposant sur un objet, je craignais de perdre le plaisir d'en contempler mille autres, et j'aurois presque accusé la nature de trop de prodigalité”*.

A essas observações de Saint Hilaire datadas de 1816, poder-se-ia juntar as de Martius nas suas comparações das cascatas da Tijuca com as de Nápoles e de Tívoli, e as lagoas cariocas com as da Suíça e de Salzburgo, tranquilas no mês de julho fluminense sob luz vencedora em brilho e intensidade à dos quadros de Claude Lorrain e Salvador Rosa. Essas paisagens desenhava-as Ender com ardor de neófito em americanismo, a ponto de afetar a saúde. Atirava-se ao trabalho mais do aconselhavel, excesso que, juntado ao cansaço das excursões, acabou por deprimi-lo como relata na autobiografia. Mostravam-se os companheiros igualmente infatigáveis, talvez na previsão de contratemplos. Receberam, no melhor da coleta de material botânico e naturalista, aviso oficial de seu país, de que não podiam prolongar a expedição por mais de

dois anos, prazo bastante exíguo descontado do tempo da viagem. A medida refletia a situação econômica das nações europeias depois da tormenta napoleônica, obrigadas, muito contra vontade, a severa economia para restauro de suas finanças. Resolveu Martius, ante a situação, iniciar o mais cedo possível a entrada no interior, sem esperar pelos demais cientistas retardados na travessia do oceano.

A estação depois do inverno ameaçava os viajantes com os aguaceiros da primavera e se demorassem por mais tempo, sofreriam os graves inconvenientes do verão, prejudiciais a observações científicas. Deveria por isso a partida obedecer ao critério de coincidirem as jornadas do percurso com o regime de chuvas da latitude em que estivessem, pois o Brasil é tão vasto, que no mesmo ano nele se verificam duas estações opostas, como se de permeio passasse um equador a dividir dois hemisférios. Baseavam os expedicionários seus cálculos nas primeiras tentativas do gênero, principalmente a de John Mawe, que de Buenos Aires subiu por S. Paulo até o Rio. Possuía Martius na sua biblioteca obras várias desse autor, entre as quais o *Shell, Collector's Pilot* de utilidade para a sua documentação sobre o litoral. Também obtiveram informações de von Eschwege, quando chegou de volta de uma prospeção em Minas Gerais e do próprio Langsdorff, que lá estivera um ano antes em companhia de Saint-Hilaire. Sobre outros percursos também lhe seriam de proveito a correspondência com o Príncipe de Wied Neuwied, que no momento excursionava pelo Norte, acompanhado por Selow e Freyress.

Demonstrara Ender, grande atividade nas incursões pela capitania do Rio de Janeiro, notada pelos missionários e mais elementos austro-alemães, "*Herr Ender, dessen bekantes Talent und Kunstfertigkeit bereits so vielen hoeschste interessant Stoff fand*", relativa um deles, aludindo ao elogio oficial, "*und dessen Fleis un Thaetigkeit Seine Exzellenz Herr Bothschafter nicht genug, anruehmen kann*" esforço deveras meritório à vista do estado de saúde do pintor. Acercava-se o ano de 1818, sucedendo ao ameno

inverno fluminense pesado calor tropical molesto a europeus de clima frio. Em cartas a amigos queixava-se Ender da temperatura e dos seus deprimentes efeitos. A cidade era abafada, malodorante, construída em grande parte sobre charcos, agravados os males pelo seu feitiço luso-africano, inóspito a gente civilizada. Ocorreu felizmente, a certa altura, providencial incidente para maior benefício do artista. No correr de excursão na serra dos Órgãos, descobriu Ender entre rochedos riacho frigidíssimo. Mais que depressa aproveitou a oportunidade de nele se banhar pela manhã, e com tanto proveito, para a sua saúde, que à noite repetiu a imersão. Bons tempos aqueles quando na capital de S. M. A. o Imperador da Áustria, deixavam os súditos de se mitridatizarem ao efeito de abluções por falta de água encanada, proporcionando assim, no Rio de Janeiro a um dos seus representantes, milagrosos efeitos com pouca despesa!

No fim do ano dedicaram-se os expedicionários aos preparativos da grande incursão pelo Brasil a dentro. Metódico na sua maneira de proceder resolvera Martius iniciá-la por S. Paulo, que lhe diziam possuir clima ameno, prosseguindo na caminhada com graduação que permitiria aos viajantes habituarem-se pouco a pouco ao calor das capitâncias setentrionais. Havia, porém, outro atrativo na escolha, que nos parece hoje estranho. Gozava no momento a Paulicéia de inesperado poder de atração turística, quase incompreensível dada a sua segregação do litoral. Não obstante, tornara-se visita obrigatória de cientistas, artistas, diplomatas e aristocratas franceses, ingleses, dinamarqueses, alemães, austríacos, russos, etc., de passagem na capital do Reino Unido, como entre outros o Conde Pahlen, Embaixador do Tzar. Provavelmente proviria da fama de seu clima, como se depreende do projeto durante certo espaço afagado pelo Príncipe Regente, de para aí transferir a sede do país.

O INÍCIO DA GRANDE JORNADA

O projeto de Martius era deveras grandioso para a época, desmedido pelas dificuldades representadas por marcha através de ínvios sertões do Capricórnio ao Equador. Alguns amigos dos expedicionários tentaram dissuadí-los da empresa, no entanto, mostravam-se uníssonos, austríacos e alemães, em levar avante os planos que os tinham trazido ao Brasil, receosos, para mais, de que ameaçadora falta de recursos piorasse as condições do futuro. Parecia-lhes preferível aproveitar os meios de que dispunham antes sobreviessem novas complicações, como denunciavam os avisos partidos da Embaixada, com ordens para abreviar a viagem e outros indícios inquietantes. Tampouco, lhes escapara a situação da dita representação diplomática no Rio, tão só preocupada com economias ⁽⁹⁾, a fugir de gastos, pesadamente endividada para com o governo português.

A intenção de Martius era ir a S. Paulo e Minas, depois atravessar o S. Francisco, subir a Goiás e dali descer pelo Tocantins até o Pará. Segundo ajuizaria pelo início da viagem, talvez tivesse de modificar o trajeto, com possível desvio à capital da Bahia, para aliviar a expedição do material recolhido, e, após sua remessa para a Alemanha, provavelmente seria mais cômodo embarcar num navio com

(9) A preocupação do Embaixador Especial depois de chegado limitou-se a viver enclausurado, evitando aceitar convites para os não retribuir, a ponto de voltar intato ao ponto de partida, sem ter sido desencaixotado, o serviço de porcelana de Viena da Embaixada.

destino ao Piauí. Daí, por terra chegaria à cidade de Belém, “*alvo de nossos desejos*”, dizia o sábio esperançoso em terminar a viagem antes do fim do prazo fixado pelas autoridades. Na organização desse itinerário, aproveitaram os austro-alemães informações de mineiros, ou melhor, habitantes das Minas Gerais, que ininterruptamente chegavam ao Rio nas vizinhanças da praia do seu nome, com tropas carregadas de gêneros vários. O primeiro obstáculo — e não dos menores — era o exagerado preço dos mueres empregados no mister. Custava uma besta de carga adestrada até 28.000 réis, soma então considerável, a constituir pesado gravame no orçamento dos expedicionários. A maior dificuldade, porém, muito superior a todas outras reunidas, dependia de encontrar arrieiro perito, alma de empresa, detentor do êxito da viagem.

Era relativamente pouco convidativo aqueles profissionais, comboiar viajantes que pelo feitio especial tinham de ser exigentes, quando eles, arrieiros, podiam com menos trabalho e mais proventos transportar simples mercadorias. No caso, ainda se complicaram as condições dos expedicionários pela falta do concurso do criado trazido da Alemanha, o único a se impressionar com as perspectivas da empresa, que peremptoriamente declarou preferir permanecer entre cristãos a arriscar-se “*em antros de selva-gens*”. Tiveram os expedicionários de pagar, na emergência, elevado salário a um mulato apresentado como prático no ofício, o qual na viagem havia de lhes causar pela incompetência não pequenos transtornos. O próprio Martius descreve a organização da tropa através cenas que presenciara no porto da Estrela, então extremamente movimentado, acesso do comércio com Minas Gerais. Havia na estrada “*longas filas de mulas, carregadas de mercadorias ou bagagens, que chegavam do interior ou para lá se dirigiam. O europeu afeito ao transporte de pesadas cargas em caminhões, que não sem razão ele compara com navios terrestres, espanta-se do processo de dividir tantos fardos em pequenos volumes, confiados à descrição de animais carregueiros e tocadores incapazes, várias vezes carregados e des-*

carregados no mesmo dia, ao ar livre ou em ranchos, mal protegidos das intempéries, e assim transportados por centenas de milhas”.

O espectáculo daquela manipulação forçada tornava apreensivos os expedicionários. *“Não sem desgosto, pensávamos na confusão das horas de carregar e descarregar, a conceber o estado dos nossos instrumentos, livros e coleções, depois de algum tempo entregues, não a pessoas cuidadosas, mas ao cego destino. Entretanto, as tropas são bem organizadas, principalmente nas estradas que ligam São Paulo e Minas à capital, de modo a diminuir receios. Cada tropa consta de vinte até cincoenta mulas, conduzidas por um arrieiro a cavalo, incumbido da direcção geral do comboio. É quem dá ordem de partida, de descanso, de pernoite, do equilíbrio da carga, do estado das cangalhas, das condições dos animais, se não estão feridos e desferrados. Sob suas ordens os tocadores a pé, cada qual incumbido de lote de sete mulas, que devem carregar e descarregar, tratar e levar ao pasto, assim como cozinhar para si e demais viajantes. O arrieiro, geralmente mulato liberto, também se ocupava da compra e venda de mercadorias na cidade, a representar o comissário do dono da tropa. Os tocadores são em maioria pretos, que procuram assim que podem este mister, para eles de muito preferível na vida errante e algo aventureira ao trabalho em mineração ou na roça.*

No percurso havia vendas e ranchos em número bastante para assegurar a subsistência da tropa e dos tropeiros. Reparava Martius que *“é costume não se carregar o viajante de alimentos, pois em toda parte encontra vendas para lhe vender gêneros e os ingredientes necessários ao seu preparo (10). No geral consistem as refeições em feijão*

(10) O Barão de Eschwege, que muito influiu na organização da viagem, pensava de modo contrário, à vista da possível eventualidade de nada encontrar em certas paragens do interior. Aconselhava levar além de alguns medicamentos café, chá, assucar, toucinho, carne-sêca, farinha de mandioca, etc... guardados em alforjes de cada lado da sela. Os principais desses gêneros eram passoca e rapadura. *“Observações sobre o modo de viajar”* escritas em Vila Rica no ano de 1815.

cozido com toucinho, acompanhado de carne-sêca assada, a sobremesa composta de queijo e bananas. À guisa de cama improvisa-se coisa semelhante a poder de couro de boi estendido sobre ripas sustentadas por paus fincados no solo. Para agasalho as roupas do próprio viajante servem de coberta". A respeito, oferecia o futuro Marechal Cunha Matos, com a autoridade de perito em viagens pelo sertão, uns tantos conselhos, em que recomendava às pessoas pouco abastadas, pelo menos uma rede para dormir nos ranchos, *"e quem levar canastras encouradas"*, no caso de Martius, Ender & Cia. *"mandê-lhe por caximbos para meter bons grampos de dous paos, a que está fixa humo vara de lona, que junto às duas canastras sirva de tarima (sic), para dormir livre da immensa quantidade de bichos que há nos ranchos, e se introduzem nos pés"*.

Os elementos empregados na tropa eram encontrados em tabernas perto dos ranchos de pouso nas vizinhanças das cidades, como o arraial de Reboredo ou do Frágoso, não longe do Porto da Estrela, pertencente ao ricaço Antonio José de Siqueira, descritos pelo mesmo Cunha Matos, *"individuos de todas as côres, empregados em diversos serviços de jornada, e alguns cantavão e tocavão nas suas violas"*. Foi provavelmente uma cena destas que inspirou a Rugendas o conhecido desenho *"Costumes Paulistas"*, cujo original está em nossa propriedade, em que reproduz dois recoveiros, um mestiço de índio e de branco, traços angulosos, cabelo corredio, ao lado de mulato em traje semimilitar, envergando túnica pertencente à fardeta de caçadores, tocando viola ante meretrizes, das inúmeras que se ofereciam no percurso das tropas. Sucede, contudo, que a fantasia dos litógrafos de Engelmann alterou em Paris no livro o fundo da paisagem colocando-a à beira-mar, ao passo que no desenho do artista, o rochedo da praia é um simples tronco de árvore atirado pelas derrubadas à beira da estrada.

Organizada a expedição, deixaram os austro-alemães na data fatídica de oito de dezembro de 1817 o Rio de Janeiro, acompanhados durante uma milha por amigos e

compatriotas. Um dos que pretendiam seguir com eles, o Consul Duerming, representante da Prússia em Antuérpia, levou queda do cavalo num estouro da tropa e teve de ser recambiado à cidade com o braço ferido. Contratemos semelhantes não eram raros, escreve Martius, até a tropa se acostumar ao peso da carga e a andar em fila atrás da “*madrinha*” ou besta já adestrada, que puxava a fieira. Aumentou, porém, a contrariedade dos cientistas o desgarrar de um dos animais, escapo na confusão e de volta ao ponto de partida demorou a ser novamente incluído na tropa. Tais incidentes provocavam lamentações dos novatos, ao passo que o Barão de Eschwege, veterano dessas viagens, mantinha-se impassível.

Apesar do ocorrido, que lhes fez perder quase um dia, reencetaram os excursionários a marcha em direção à Real fazenda de Santa Cruz. Daí por diante, iam-se repetir diariamente contrariedades parecidas, dificilmente conformados os europeus com meios de locomoção tão primitivos, semelhantes aos de seus avós em séculos idos, compelidos a pernoitar em ranchos compostos unicamente de alguns moirões de madeira que suportavam cobertas de palmas ou de sapê, sobre chão de terra batida infestada de sevandijas. Nesse local tinham de descansar sobre couros de boi, protetores durante o dia de cangalhas e bruacas que à noite serviam de cama. Nos sítios mais habitados ainda era possível encontrar vendas rodeadas de currais suscetíveis de abastecer as pessoas e oferecer pasto aos animais. Entretanto, nem sempre coincidia o termo da caminhada com os pousos de aluguel, de sorte a não haver muitas vezes, outro remédio senão dormirem os viajantes ao relento, à volta de fogueiras. Em caso de chuva piorava a situação, dando-se por felizes, vienenses e muniquenses, quando encontravam algum carro de boi sob o qual pudessem refugiar-se. Os animais eram levados ao cair da noite pelo mais moço dos tropeiros até o córrego ou charco vizinho, onde lhes prendia à cabeça um embornal cheio de milho, e lhes atava as pernas dianteiras, a fim de serem logo encontrados no dia seguinte.

Das cenas de viagem dá-nos Ender numerosas vistas, em que anotou até os mais ínfimos pormenores, constituindo inestimável acervo de informações sobre o maior meio de transporte do Brasil colonial, com todos os aspectos técnicos, recursos materiais e humanos e desdobramentos económicos, a justificar por si só a divulgação de sua obra ⁽¹¹⁾. Através relatos de outros viajantes ou de estrangeiros radicados no Brasil também verificamos outra virtude nos seus desenhos, consistente em louvável fidelidade. Os dizeres de Ipólito Taunay, por exemplo, parecem feitos expressamente para os tropeiros das Minas Gerais constantes no acervo da *Akademie*: *“ils vont jambes et pieds nus, bien qu’il portent à la place ordinaire un éperon pour piquer le mulet qui leur sert de*

(11) A. Pallière que realizou pouco depois, em 1820, a mesma jornada, dá-nos interessantes pormenores suplementares sobre o acondicionamento da carga nas mulas in *“Voyage a St. Paul”*. *“Il n’est pas hors de propos de dire ici la manière dont on nourrit les bêtes en voyage... le matin lorsque le mineiro (qu’on appelle camarade) ramène les animaux avant de partir on leur donne une seconde ration de mil de Turquie et ils vont avec cela jusqu’au soir. Le mineiro ou camarade n’est point un personnage inutile, et je vais en donner une légère idée parceque l’usage seul peut en faire connaître plus à fond la nécessité, la cangaille — voir dessin n. 4 — est comme on le voit une espèce de chevalet qui se remplit de capi, puis une espèce de selle, ou coussin qu’on appelle almoufade. De tout est recouvert d’un cuir de boeuf. Du bois que compose cette celle on ne voit que les deux pointes qui sortent de la peau ou du cuir, et qui servent a accrocher de chaque coté les objets que le mulet doit porter. On se persuade facilement qu’une forte charge doit endommager le dos des bêtes, voila ou le talent du mineiro brille. Sur ce coussin de paille recouvert d’une toile, on voit la place juste qui blesse le mulet, alors en dessous du coussin le camarade coupe le capi sous les cotés, ce qui laisse une cavité qui empesche que la cangaille blesse d’avantage. J’ai eu dans le courant de mon long voyage dans les Mines, la preuve du talent de ces mineiros mais ce n’est pas ce qui m’arriva avec le camarade choisi par mon ambassadeur, car arrivé a Pirahi j’avais un mulet qui n’avait déjà plus de peau sur le dos. L’art du mineiro est de placer la paille de manière a donner le dessous du bât la forme bien exacte du dos de l’animal et l’ors-ce-que le mulet est blessé on vide le dessous du bât afin que la plaie ne touche a rien, qu’elle soit dans le vide”*. Em outro passo Pallière informa: *“Un mulet porte ordinairement 8 a 10 arrobes et fait au plus quatre ou cinq lieus par jour, mais il faut remarquer que les chemins sont affreux. Les mulets sont en général d’une très bonne race. Ils viennent de St. Paul ou des mines de Villa Rica. Mais ceux de St. Paul sont les meilleurs. Ils viennent des parties espagnoles qui bordent les possessions des portugais”*. Dessa forma de transporte, desenvolvida pelo incremento no fim do século 18 da pecuária no Sul, veio o prólogo *“... odiava como a besta à cangalha”*, ainda existente no Brasil em fins do século 19 para exprimir aversão contra qualquer cousa. Cf. *O Chromo* de H. de Carvalho.

monture. Une culotte, par dessus laquelle descend une chemise qu'ils portent en tunique, un gilet et un grand chapeau, tel est le costume des muletiers".

A despeito de todas as dificuldades, prosseguiram os cientistas, em sofríveis condições, a marcha até a venda do *Santíssimo*. Tinha este pouso a particularidade de pertencer a velho italiano chegado à Guanabara em 1767 na flotilha de Bougainville, o qual descontente com a profissão, vítima de talassofobia ou deslumbrado pelo Novo Mundo, desertara e, depois de muitas aventuras, em que exercera o mister de caçador, deixara-se ficar nas vizinhanças do Rio de Janeiro. Aí estava havia mais de quarenta anos, esquecido da língua materna e, para maior escândalo dos companheiros de Ender, de "*costumes europeus*". Infelizmente não nos dizem em que consistiam, se andar descalço, ou aparecer publicamente amasiado com mulheres de côr, ou qualquer outro procedimento que nos daria amostra do comportamento do europeu na América quando privado de contacto com seus semelhantes. Continuando, não tardaram a chegar os expedicionários à Real Fazenda de Santa Cruz, antigo latifúndio jesuita, que no momento passava por grandes reformas para receber os Príncipes.

A aparência de uberdade outrora imprimida pelos padres à região graças a labor tão inteligente quão intenso, inspirou aos austro-alemães reflexões sobre o fruto que daria o antigo estabelecimento, se o transformassem em instituto para instrução dos fazendeiros da capitania. Contava glebas aráveis, largos tratos de campos bem regados por canais artificiais, que ao mesmo tempo serviam para drenar as águas provenientes de dois rios, o Taguaí e o Guandú, mais um milheiro de escravos e farto rebanho. Segundo os viajantes, a fazenda, acaso bem dirigida, poderia libertar a régia Ucharia da importação de manteiga irlandesa destinada à mesa da família real. Alguns esforços tinham sido feitos neste sentido — porventura houvesse inovação ainda por se experimentar no Brasil no governo de D. João! — como sempre, porém, mal concebidos, mal orientados e executados. Continuará ainda por longos

anos a compra de manteiga salgada importada em latas, para uso dos possuidores de rebanhos sitos nas proximidades de suas residências. O absurdo chegava a autorizar a suposição de que na ida à Santa Cruz levassem os moços de copa a tal manteiga, por não haver quem soubesse fazê-la no Rio de Janeiro. Entretanto, desde 1798 começara Fr. Mariano da Conceição Veloso, por conta do governo luso, a publicar os primeiros folhetos do *Fazendeiro do Brasil*, na tipografia do Arco do Cego em Lisboa, em que havia no tomo I, o capítulo "*Do Leite, Queijo e Manteiga*". Mandara-se igualmente vir de além Pacífico chins para cultivar chá na antiga fazenda dos jesuitas, provavelmente no intuito de abastecer mais tarde o mercado inglês e o europeu me geral. O resultado foi, porém, medíocre, porquanto os agricultores importados tinham trazido consigo entre outros o vício do ópio e abandonavam Santa Cruz para vender bugigangas nas ruas do Rio, ou preparar foguetes segundo a secular arte chinesa, para acudir ao grande consumo nas festas religiosas fluminenses. Ender desenhou alguns orientais que restavam na Real Fazenda, recordação mui oportuna, pois, em 1820, segundo viajante francês, já tinham quase desaparecido, conformados os poucos que restavam em plantar jasmin ou hortelã-pimenta em torno das suas pequenas e aseadas cabanas, nos tratos de terra que lhes tinham confiado para cultivar. Participavam também do geral interesse pelo café, movidos pelo característico pendor agrícola de sua índole, juntada além disso à técnica haurida em ensinamentos ancestrais, cuja habilidade chinesa lhes permitia obter precoce frutificação de espécies brasílicas, como a grumixama, mirtácea parenta da jabuticaba, de lento crescimento quando entregue a métodos europeus, desanimadores para quem esperasse por rápida produção.

Valeu-se Ender da demora no sítio para anotar aspectos da residência que deveria ser, mal comparando, o Shoenbrunn dos Braganças no Rio de Janeiro. Anotou as obras delineadas por João da Silva Muniz e realizadas sob direção de José da Costa e Silva; nas curiosas cenas à volta

da fonte que abastecia a Casa Grande; nas ruínas que ainda a cercavam, esburacadas e destelhadas, mais prejudiciais que protetoras da água e dos carregadores incumbidos de a levarem ao antigo convento dos padres ⁽¹²⁾. Nessa altura tiveram os expedicionários de abandonar grande parte das bagagens, verificadas de pouco préstimo ante o trabalho do seu transporte, confiados os volumes a funcionários locais a fim de os recambiarem à côrte. Dirigia as carvoarias da fazenda; abastecedoras de combustível dos palácios reais; o Tenente-Coronel alemão Feldner, que lhes foi, na conjuntura, de grande auxílio. Inexperientes de como se viajava no Brasil, não tinham prestado a devida atenção aos conselhos dos entendidos e agora precisavam adaptar-se a sistema mui próximo ao do índio, simplificador por comodidade e necessidade, de bagagens. O governo português fôra infenso durante o período colonial em facilitar viagens de uma capitania a outra. Cada habitante devia permanecer onde estivesse, aí nascendo, vivendo e morrendo, reduzidas as vias de comunicação a simples

(12) Escreveu Pallière, no seu "Diário", curiosa descrição da Real Fazenda de Santa Cruz, à guisa de explicação de desenhos. Infelizmente as vistas que a acompanhavam se perderam; todavia, podem ser substituídas pelas de Ender, que ilustram os comentários do francês como estes lhe servem de notas explicativas. *"Je ne devrais point chercher a donner des details d'une maison de campagne du roi, si je ne voulais laisser a moi même des souvenirs de voyage, de plus, sachant que peu de personnes qui ont été a Rio, ont eu la curiosité de voir un couvent qui a longtemps été la demeure des moines (sic) et ensuite de D. João VI. Ce couvent des Jesuites est situé sur une hauteur entouré de superbes paturages qui ont ao moins de cinq a six lieus de largeur sur 2 de longueur. Le couvent étai un carré long auquel on a joint des nouveaux batiments. Je ne puis m'empêcher de critiquer ici le mode singulier dont le Roi prend plaisir a se laisser tromper sans intérêt ni pour lui ni pour la nation. On a dépensé, dit-on, deux millions de cruzades, ce qui fait cinq millions de francs, et cela pour faire un palais pour le roi, en l'accolant a un vieux édifice qui était fort bon pour des religieux mais mauvais pour un Roi. Ils accolerent donc ce nouveau palais a ce couvent sans aucun ordre en fait de mouvement.*

Le Palais de Sta. Cruz

"Je n'ai vu de moins raisonné et de moins raisonnable que la pensée qui a fait le plan adopté pour le Palais de Santa Cruz, et si les adulateurs du Prince étai un peu plus sensés il ne mêleraiet point les choses. L'escalier Royal est dans un coin de la maison. Je dis maison car c'est plutôt une maison de particulier qu'un palais. On ne se doute que c'est un palais qu'd

picadas apertadas pelo mato, quase intransitável de lama no verão e de pó no inverno.

Não havia nessas condições outro recurso além da tropa. O seguro instinto dos muares, muito mais desenvolvido que o dos equinos, prescindia de boas estradas. Qualquer vereda bastava aos inteligentes animais para prosseguir no plano ou no acidentado, tal a firmeza do seu andar. Costumavam dizer os caboclos que mula, “*não pisa em falso*”, peculiaridade providencial onde não havia outro sistema de comunicações. Ao chegar ao Piraí, pouco faltou para Ender ser vítima de tanta parcimônia por parte de administradores, que no passado recebiam ordens de conseguir o máximo de proventos da terra com o mínimo de despesa. Depois do trecho que o Intendente Paulo Fernandes Viana melhorara para dar acesso à fazenda de Santa Cruz, como nos mostram os desenhos do pintor, pioravam de repente os caminhos, com a agravante de faltas de pontes, grave problema para viajantes pouco familiarizados com exercícios acrobáticos, motivo de Ender quase se afogar na travessia do rio. As chuvas tinham bruscamente engrossado o curso sob grossas bátegas estivais, que tor-

la grandeur des Pièces qui sont enfilées les unes aux autres sans aucune commodité pour le service. Le Premier (étage) est un amas de grandes pièces sans ordre ni destination. Le logement du roi est partout e nulle part par ceque toutes les pièces sont égales de grandeur, de forme, décoration, et qui n'a pas la plus petite marque pour distinguer la chambre a coucher de S. M. ni sont cabinet particulier, ni celui du ministre, ni celle des audiences particulieres et encore moins celle du trône. Cela a absolument l'air d'un riche parvenu qui a chargé un architecte de campagne de lui bâtir une grande maison sans plan et sans ordre et quil a dit, "Fais cela comme tu l'entendras et surtout comme tu voudras pour l'argent", mais ce n'est pas ici tout-a-fait l'histoire. Le pauvre architecte n'est pas celui qui gagne".

Aparecia outro personagem, o verdadeiro aproveitador dos trabalhos, na pessoa do fornecedor do dinheiro para as obras. Repete Pallière os rumores que então circulavam sobre Joaquim Azevedo, Visconde do Rio Seco, a que logo mais voltaremos. Vamos, porém, continuar por ora com a descrição do palácio que Ender surpreendeu em construção, como nos mostra num dos seus desenhos. “*La grande maison de Sta. Cruz est un chef-d'oeuvre de deraisonnement. Pour achever l'éloge de cette heureuse conception ce grand monument est privé de tout ce qui peu être appreciable pour un pays chaud de grands jardins bien composés et remplis d'arbres sous lesquels on peut gouter le frais malgré la chaleur. Is sont ici comme sur les grandes routes en Portugal ou ayant demandé pourquoi à l'imitation des autres peuples ils ne plantent pas de long routes des arbres pour rendre le voyage dans les pays chauds moins pénibles, celui a qui je faisais cette observation me repon-*

navam perigosas as águas, antes mansas, de repente traiçoeiras. Ao querer vadear o Piraí, viu-se o austríaco envolvido pela corrente, subergindo num perau com o cavalo sob as vistas de companheiros estarecidos. Dificilmente pôde voltar à tona, e alcançar a margem oposta, na iminência de anteceder a infelicidade de Adriano Tau-nay em Mato Grosso ou de Sellow no Rio Doce.

Aliviada de carga inutil, aproximou-se a tropa da lombada de Morro Formoso, divisa das capitânicas do Rio e de São Paulo. Escreve Saint-Hilaire que todo o território entre os rios Piraí e Paraíba pertencia à segunda, mas os proprietários das fazendas do lugar teriam peitado por 3.000 cruzados o Intendente Paulo Fernandes Viana, para que não prosseguisse no traçado de nova estrada e ponte sobre o Piraí. O Intendente só tinha jurisdição na capitania do Rio de Janeiro, daí a mudança de limites, a fim daquele setor permanecer sob suas ordens. Assim sendo, continuaria a estrada por S. João Marcos, pois, temiam os fazendeiros caso fosse abandonado o antigo traçado, recaíssem tão somente sobre o novo os cuidados dos

dit avec un ton doctoral, "Il n'y a des arbres ou Dieu a voulu qu'il en ait". Ainsi a Sta. Cruz cette grande maison entouré de ce grand paturage, est d'une tristesse mortelle et fait s'opposer que ceux qui l'habitent sont ennuyés à l'excès. Aussi c'est bien l'idée que l'on a quand on entre. Pas une chose curieuse, pas un meuble royal. Tout pacotille comme dans un pensionnat. Des couchettes par centaines, des matelas, de même des traversins, des pots de chambre, tout cela par centaines, et bien ordinaires. Voilà l'ameublement. Je ne dois pas non plus oublier la quantité de garde-robes, que j'ai vu. Il est vrai qu'il n'y a pas des latrines dans ce lieu et tout doit être emporté sur la tête des esclaves et getté au premier endroit venu n'y ayant conduite des eaux pou ecouler les immondices d'un millier de gens que le roi traîne à sa suite — et j'ai plusieurs fois, en allant faire le portrait de la Princesse D. Marie Therese, rencontré dans les appartements des gardes robes que l'on emportait. Je me rappelle qu'un jour la Princesse D. M. T. m'accompagnant chez la Princesse Royale elle fut obligée de se déranger pour en laisser passer une, elle me regarda en ce moment et leva les épaules comme pour dire "cela n'est pas comme cela en France".

A reforma da residência fôra resolvida de afogadilho e não custou nem de longe a quantia que se propalava. Não havia escrituração na fazenda mas o escriturário José Xavier da Silva estava acima de qualquer suspeita e se havia a contento geral. O arquiteto João da Silva Muniz, encarregado do planejamento "em 40 dias, riscou, tirou a planta, e apresentou seus trabalhos a Sua Magestade", escrevia o Visconde do Rio Seco quando sucedeu ao Conde da Barca na direção da Fazenda de Santa Cruz, ao mesmo tempo que iniciava a escrituração regular do estabelecimento.

poderes oficiais. A informação do botânico partia de pessoa pouco conhecida; dada, porém, a reputação de Paulo Fernandes e a da família de sua mulher, useira e vezeira em negócios administrativos, é admissível o rumor.

O território entre as duas capitanias fôra por longo tempo contestado, tendo de uma feita invadido os capitães-mores de Guaratinguetá o triângulo composto pelos cursos do Pirai e do Paraíba, segundo se pode ver no mapa de Montecinos, que leva o limite até o registro do primeiro desses rios. A confusão favorecia manejos como o revelado pelo francês que aduz notícia de mais um abuso decorrente do regime absoluto, fonte inesgotável de corrupção administrativa. Havia na capitania do Rio de Janeiro o costume de galardoar com vastas sesmarias a protegidos do governo. Consistiam em imensos latifúndios, distribuídos sem critério nem cuidado, prejudiciais aos pequenos lavradores já estabelecidos no sítio. Inúmeras vezes apenas começava modesta família a formar roça, aparecia um poderoso com título de posse, que a forçava a lhe entregar o fruto do seu trabalho, ou a ele se juntar na condição de “agregado”. O mal não seria profundo se o intruso, desejo de contribuir para o desbaste da terra, auxiliasse os involuntários colaboradores com recursos agrícolas, instrumentos, arados, animais de tiro, etc., mas esta seria, por certo a sua última preocupação, visto não passar o sementeiro de mero especulador de terras.

Escreve, a propósito, Saint-Hilaire, que Paulo Fernandes Viana, pôsto contemplado com a Estância dos Povos no Rio Grande, com mais de 12.000 reses, ainda requeria terras no Rio e “*a été comblé de dons de cette nature*”. Um seu concunhado, também casado na tribo Carneiro Leão, o futuro Marquês de Baependi “*employé du trésor, possède auprès d’ici (S. João Marcos) douze lieus de terres qui lui ont été accordées par le roi*”. Eram pessoas que se blazonavam de ter prestado grandes serviços ao bondoso soberano e lhe acenavam com novos, inculcando-se capazes de o enriquecerem pela produção dos latifúndios. No dizer de Saint-Hilaire, procediam, entretanto, de modo

muito diverso. Recebida a gleba, mandava o contemplado construir rancho e roçar o terreno à volta, para simular cumprimento dos termos da doação. Depois vendia com lucro o régio presente e logo pleiteava outra sesmaria de maiores dimensões. O fato de não ter remanescido, no correr do século 19, nas mãos de Paulo Fernandes, Fernando Carneiro, Manoel Jacinto, mais cunhados e afins, essas enormes glebas, nem sequer fração das mesmas, apoia a veracidade do francês. O processo altamente remunerador para negociastas, emperrava, porém, a produção, a provocar o afastamento de bons lavradores, cujo trabalho era mais rendoso que o de escravos.

Transposta a divisa dessa região litigiosa, passavam os cientistas a paisagens diversas das fluminenses. Ender retratou os viajantes a cavalo, à testa do comboio que formavam, debaixo de guarda-sol branco e chapéus de largas abas caídas⁽¹³⁾. Assim chegaram a Areias, recém-promovida à cidade, com a igreja nova (1817) na praça principal ainda em construção. Recebeu-os condignamente o capitão-mor, ansioso por homenagear compatriotas da Princesa Herdeira. Provocara o dinástico acontecimento intensa comoção de norte a sul do país, como a significar o fim do regime colonial e advento de nova era. Pela primeira vez assistia a América a bodas de Príncipes europeus, causa de compreensível alvoroço na população luso-brasileira e de repercussões na região limítrofe rebelada contra a metrópole espanhola. Inesperadamente presenciaram os expedicionários uma das suas manifestações ao encontrar imponente tropa de mulas do Bispo de Nova Córdoba, fugido da diocese ante ameaçadora agitação nacionalista. Jornadeava o prelado com a escolta que em Montevideu lhe tinham oferecido os portugueses da guarnição. No momento do encontro estava a caminho havia quatro meses, provavelmente por receio de empregar a via marítima infestada como se encontrava de corsários.

(13) Aconselhava o Barão de Eschwege usar na viagem “*chapeu de feltro branco com abas largas, bons para proteger do sol e da chuva e grandes guarda-soes fixados no “Santo Antonio da sela”, mas incômodos para observação do trajeto*”, exatamente como reproduz Ender.

Permitiu o generoso auxílio do capitão-mor que os viajantes refizessem a tropa afetada pela imperícia do mulato arrieiro, o qual, por não saber dispor as cangalhas, ferira a mor parte dos animais. Para recuperar o tempo perdido, viajavam à noite num percurso em que mudara por completo a natureza, como notava um dos excursionistas: *“Nos últimos dias havíamos descido dos estreitos vales da montanha, e avistávamos agora de quando em quando ao luar, bem defronte de nós ou ao nosso lado, os píncaros de uma parte da serra da Mantiqueira, que de Minas segue para o sul atrás da serra do Mar. Os seus contornos azulados formam mágico remate do cenário em que se alternam matas e tratos descobertos. As majestosas árvores da floresta entre as quais passávamos, envolviam-se em sombras negras, de onde se elevavam frequentemente sons de vozes noturnas nunca dantes percebidas, tudo concorrendo para nos levar a singular estado de ânimo”*.

A estada em Areias lhes permitira viajar em companhia de tropeiros que voltavam do Rio e lhes dirigiam a marcha. *“Os nossos condutores, alegres paulistas, interpe-lavam-se uns aos outros propondo canções e desafios na viola. Gracejavam também a respeito da possibilidade de encontrar serpentes venenosas, fáceis de topar à noite quando saem do esconderijo, para tratos mais limpos. O chiste sucitou a intervenção do mais velho deles, que declarou, mui convicto, ser impossível o encontro, porquanto, ele, com oração diária a S. Tomé, afastava todo bicho maligno”*. Piores, entretanto, que as cobras, eram os *“car-rapatos... bichinhos do tamanho de sementes, que vivem aglomerados às centenas nos capins e folhas secas. Assim que o viajante roça numa dessas bolas, espalham-se pela sua roupa, procurando penetrar até a pele onde se agar-ram às partes mais tenras com insuportável comichão, produzindo às vezes inflamações de mau caráter”*.

Depois de Lorena mudava mais uma vez a paisagem: *“tínhamos agora à nossa frente planícies e outeiros de suas declives cobertos de alguns capões de mato”*, aspecto comum do vale do Paraíba entre as serras do Mar e a da

Mantiqueira. Em Guaratinguetá apareceram culturas de fumo de qualidade menos apreciável que o do porto de S. Sebastião, serra abaixo, contudo, servia para escambo de cativos da região genericamente conhecida por Guiné ou Costa de Escravos⁽¹⁴⁾. A vila apresentava ar de prosperidade, pois dispunha de algumas edificações com janelas envidraçadas “*a representar no interior do Brasil abundância senão luxo*”, circunstância que mais tarde os expedicionários verificariam ser rara até na cidade de S. Paulo. A maior civilização do sítio provinha do fato de ser confluência das tres capitánias, que assegurava benéfico movimento local. Por ali transitavam as tropas carregadas de produtos nacionais e estrangeiros em direção a Minas, S. Paulo e Rio. Nos da primeira capitania figuravam chapéus de feltro e panos do algodão, origem da alcunha de “*baetas*” aplicada aos montanhesees que a tinham por insuportavelmente afrontosa.

Nas ruas notavam-se casas melhores que as dos povoados precedentes, com telhado achinesado, segundo nos mostra Ender, as janelas e portas encimadas por moldura de sabor barroco, visivelmente inspirado por modelo carioca. O intenso intercâmbio das cidades do vale do Paraíba com a capital do país, acarretou por largo tempo, de D. Maria I até à guerra de 1914, maior influxo do Rio do que de S. Paulo nos hábitos e costumes das populações. Também, aí, se desvelou o capitão-mor, como o de Areias, em agasalhar os autro-alemães, havendo-se com tal generosidade que os homenageados lhe atribuíram causas absurdas. Julgaram-na inspirada por suposta revivescência de hospedagem oriental, segundo eles, ainda subsistente no arcano da alma portuguesa e na dos seus descendentes. No caso, seguiam os turistas a regra de generalizações apressadas, por mais prevenidos e ilustres sejam. Ante telhados extremo-orientais, rótulas árabes e desinteressada hospedagem, concluía.

(14) V. tese do autor “*A Bahia e suas Relações com o Daomé*”, no vol. V da edição especial da Rev. do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, dedicado ao IV Centenário da Bahia.

logicamente Martius que estava sendo recebido por neto de Syriab ou de Harum al Raschid! (15).

Logo ao pé de Guará chegaram ao arraial de Aparecida, num outeiro dominado pela importante igreja do mesmo nome, parcialmente construída de pedra no último quartel do século 18. A fama da milagrosa imagem exposta no altar-mor, atraía de longe romeiros, principalmente de Minas, a viajar, segundo velhíssimo hábito, o marido trepado no burro e a mulher na garupa, segurando os trastes do casal. Homens e mulheres usavam chapéus de feltro côr cinza, de largas abas, presas à copa por cordeis, de que Ender desenhou curiosos aspectos. Desenhou também o traje de paulistas e sulistas em geral, encontrados pelo caminho, protegidos das intempéries pelo indefectível poncho azul, comprido e amplo, com abertura por onde enfiavam a cabeça. O traje era tão comum na capitania que foi chamado paulista por excelência, até cair em desuso em S. Paulo com o desaparecimento das tropas, passando então a ser considerado sul-rio-grandense.

A utilidade do manto se desdobrava, além de proteger o dono da chuva e do frio, igualmente em cobrir o arreio durante a viagem. Quando estavam a pé, atiravam os paulistas as abas sobre os ombros para ter livres os movimentos dos braços, conforme o flagrante do austríaco, que dá perfeitamente ideia da maneira como procediam. O casaco e as calças eram de algodão escuro, botas folgadas de couro cru, de preferência de macio couro de viado, tingidas de preto, seguras abaixo do joelho por correia e fivela. À guisa de arma defensiva e ofensiva, traziam na cinta ou no cano da bota comprida faca de cabo prateado, que também servia à mesa e para outros misteres. As mulheres vestiam trajes longos e escuros, em que predominava a utilidade

(15) O maior desembaraço dos habitantes de Guará no trato de estrangeiros era reflexo do movimento local. Pallière pouco depois foi amavelmente socorrido por um lojista guaratinguetense quando se viu roubado de suas esporas de prata por um cigano. Aproveitou Pallière a demora para desenhar o interior da casa do hospitaleiro Pereira de Castro, que de muito lhe valeu na conjuntura. Ademais, para o francês os guaratinguetenses eram "*les gens les plus agréables que j'ai recontré depuis mon départ de Rio*".

sobre a faceirice, assim como se resguardavam do sol com largos chapéus inspirados nos mesmos princípios. Ocorre na tradução italiana do livro de Mawe, editado por Sonzogno em Milão, a figura de uma paulista por muito tempo considerada fantasiosa, e que hoje, através do acervo descoberto em Viena, admitimos procedente. A descoberta também leva a crer que o inglês devia possuir maior número de desenhos da região, crença estribada no fato de aparecer na segunda edição da viagem, no ano de 1821, uma aquatinta a representar o largo do Paço, ausente da primeira. Acaso Mawe divulgasse uma terceira edição na Inglaterra, talvez víssemos nela figurar a imagem paulista da edição italiana, mais outros desenhos provavelmente abandonados pelo receio de despesa. Este viajante alude ao *"long coat of coarse woollen, edget with velvet, gold lace, fustian, or plush, according to the rank of the weaver"*, descrição a corresponder fielmente ao desenho italiano. O traje era acompanhado de chapéu redondo como descreve a estampa, *"the ladies, whenever they wear it, appear in round hats. The appellation of Paulista is considered by all the females here as a great honour; the Paulistas being celebrated throughout all Brazil for their attractions, and their dignity of character"*. Adiante, alude Mawe à particularidade de as roupas femininas serem feitas por *"tailors"*, curiosa antecipação de processo tornado depois corrente na Europa.

Reparou também Ender nas cuias e copos de prata, alguns presos a longas correntes do mesmo metal, que permitiam ao cavaleiro se desalterar sem apeiar da montaria, e nas suas enormes esporas, não sabemos por que motivo mais tarde conhecidas no sul do Brasil por *"chilenas"*. Reproduz igualmente caçambas presas por fortes loros ao lombinho, a servir de estribo e de proteção para o pé do cavaleiro contra a chuva e os espinhos de carrascais. Deses objetos mostra alguns de prata, luxuosamente lavrados em Buenos Aires, segundo anota o pintor à margem do desenho. Traz, ainda, cuidadosos apontamentos de pelegos e arreios de montaria, freios de prata, desta vez com

indicação de paulistas, assim como facas da mesma origem, com largas e pontudas lâminas chanfradas, cujo cabo de madeira escura terminava com ornatos de prata. O mesmo cuidado presidiu ainda as notas de Ender sobre os belos enfeites desse metal aplicados às correias do ajuntamento das montarias de ricos fazendeiros. Os demais auxiliares da tropa — pretos, caboclos e mulatos — iam a pé, invariavelmente descalços, levando à mão a vara de tanger porcos ou o relho para guiar mulas, cujo estalo acompanha no ermo da estrada o grito do recoveiro. Na série dos desenhos relativos aos comboios de mulas, ocorre igualmente nas mãos de paulistas alabardas semelhantes às popularizadas pelas estampas de soldados da Renascença, as quais tanto parecem destinadas a picar reses bravias como escorar onças, num tempo em que as armas de fogo eram demoradamente carregadas pela boca, o que expunha o caçador às garras da fera ⁽¹⁶⁾.

Continuando a viagem atravessaram Pinda para chegar a Taubaté, onde Ender desenhou a paisagem vista da eminência em que se elevava o Convento dos Franciscanos, considerado apreciável construção pelos visitantes. A vila se compunha de longa rua, ladeada por algumas lojas de pequenos mercadores, o resto era composto de casebres que também se estendiam pelas ruas laterais. A atividade local consistia em rudimentar agricultura, criação de gado e confecção de esteiras de *Arisida brava* e gramíneas, mandadas para o Rio de Janeiro. A casa em que se hospedaram não diferia das contemporâneas à Guerra dos Emboabas, que pela construção demonstrava a rápida assimilação da cultura indígena pelo português logo nos primeiros tempos da conquista. Os muros eram ligeiros, de pau-a-pique ligado por embira, sob coberta de sapé ou de palmas e mais modernamente por telhas côncavas. Os alimentos eram cosinhados no chão, em meio da casa, no quarto central, sem fogão nem chaminé, esvaída a fumaça pela telha vã. O piso era de terra socada e as paredes revestidas de

(16) Debret descreve caçadas de onça por meio de laço, caso em que a alabarda teria também funções de conter a fera quando acuada e laçada.

barro branqueado por tabatinga, semelhante, o conjunto, ao padrão campesino encontrado até hoje em todo o Brasil.

Nas paredes abriam-se janelas de rótula, a porta de entrada dando diretamente no cômodo principal, onde sobre a terra socada se cozinhava, sem forro nem caiação, de modo a parecer "*paiol ou depósito*". Esta repartição precedia quartos menores onde se encontravam despensas e aposentos para hóspedes. No fundo estava o refugio das mulheres quando surpreendidas por visitas, segundo costume colonial, e a habitação do resto da família. Na frente e no lado oposto havia varandas cobertas pela continuação do telhado e que ocupavam todo o comprimento das fachadas. Compunham a acomodação de serventes, depósitos, etc. . . . , simples ranchos no quintal, separados do edifício maior pelo terreiro. No passar pelas ruas percebiam os viajantes as redes de algodão de várias côres em que dormiam os habitantes. Também havia camas com tabuado assente em quatro pés a formar estrado chamado jirau, sobre o qual havia esteiras ou couros de boi. Os outros móveis eram mesas em geral toscas, com grosseiros lampiões de latão, alumiados com azeite "*da terra*" (ou mamona), uns poucos bancos e cadeiras de sola, reunião sumária cujo primitivismo fôra notado por Ender no interior proletário que antes visitara em Aparecida, iguais aos encontrados no correr da viagem. Não constam da relação habitações maiores de fazendeiros, pela razão simples de se elevarem as casas-grandes em pontos afastados da estrada pública percorrida pelos expedicionários. Pouca diferença havia, entretanto, com as outras residências, encontradas na caminhada, raramente providas de fôrro nos aposentos, apenas dispondo de soalho e de proporções um pouco maiores. Tampouco, havia reservados às necessidades fisiológicas, as mulheres servidas por recipientes e os homens pelo "mato", obrigatório para quem não pertencesse ao sexo frágil, segundo frase usual na capitania. No mobiliário, igualmente, se notaria maior diferença entre casas grandes e pequenas, pois, as dificuldades de

transporte encareciam extraordinariamente qualquer movel ou objeto caseiro importado do exterior.

Passado Taubaté, começou de novo a mudar a paisagem, constituída de espaços acidentados e arborizados. Deparavam-se, às vezes, aos cientistas, indivíduos afligidos pelo bócio como em certas regiões da Europa, com a diferença — diziam os austro-alemães — de não apresentarem a mesma cretinice apesar de padecerem de sonolência e desânimo. Ocorria frequentemente a moléstia entre negros, mulatos, mamelucos e mais mistura das classes pobres, cuidando os visitantes que o povo não julgava antiestéticas as deformações provocadas pela moléstia. Pelo contrário, exibiam-se as mulheres à porta das residências, vestidas do camisolão de origem jesuítica⁽¹⁷⁾, penteado repuxado para trás, descalças, fumando pito ou tecendo algodão como mostra Ender nas cenas proletárias de seu lapis. De permeio, havia mulheres que sobre a enorme papeira ostentavam adornos de ouro e prata.

A causa da enfermidade era atribuída pelos estrangeiros ao calor e a excessos venéreos (!). Sugeria-lhes o diagnóstico o fato de haver numerosas meretrizes espalhadas pela estrada, aboletadas em casinhas, ou donas de rudimentares estalagens. Mais acertado se mostrou o espírito observador de Martius em atribuir o mal a anomalias de nutrição. Aproximava-se o sábio dos fatores hoje apontados pela ciência como responsáveis pelo bócio, ou seja, falta de elementos no passadio necessários ao organismo. A mesma causa provocava o famoso escorbuto dos navegantes antigos, privados de vitaminas como os habitantes de certos sectores da capitania se viam privados de sal. A supressão da moléstia com a marcha do progresso melhor distribuidor de gêneros, confirma o que o bávaro suspeitara por intuição.

Perto de Jacareí encontraram a vila de N. Sra. de Escada, outrora próspera, mais tarde esquecida em con-

(17) Os jesuitas tinham imposto a camisola de algodão, tecido in-loco, às mulheres das classes menos favorecidas da colonia, traje que se tornou usual no proletariado até princípios do século 19.

sequência da construção de estradas de ferro, onde um inteligente padre brasileiro dirigia missão de índios. Entrevistado pelos expedicionários, queixou-se o sacerdote das restrições que acerca do regime missionário lhe tinham sido impostas pelo governo. Recente *Ordem régia* equiparara; com as melhores das intenções; os indígenas ainda numerosos aos demais habitantes livres do Brasil. A providência intentada por insuficiente noção do índio, ao invés de lhe ser útil, precipitara a sua decadência, pois, esquecido da antiga cultura, incapaz de assimilar a dos civilizados, vegetava miseravel o antigo dono da terra, a se misturar com outros tão mofinos quanto ele, a ponto, de não mais saber de que tribo provinha. Segundo Martius, o ambiente mostrava-se-lhe progressivamente adverso, tanto mais pungente quando os infelizes começavam a refletir sobre a sua sorte premidos pela civilização, em contacto forçado com negros, mestiços e portugueses, presa de trágico "*descontentamento e amargura*".

Mas adiante, cruzaram na estrada com mais um contingente de fugitivos espanhois do séquito do Bispo de Nova Córdoba, tratados pelos paulistas com generosa caridade, atitude que os europeus logo interpretaram ditada pelo cálculo de suscitar entre os platinos igual carinho para com os soldados paulistas entre eles destacados. A suposição, inspirada pela mentalidade interesseira do europeu em geral e do alemão em particular, era absurda, porquanto os fugitivos, espanhois de nascimento, deviam ser odiados pelos "*criolos*" do Prata, e, assim sendo, tudo que lhes agradasse tornar-se-ia suspeito aos antagonistas. Melhor inspirado estaria von Martius, em atribuir a habitual generosidade da população à largueza americana, que pela primeira vez contemplava magestosa tanto ao norte como ao sul do continente, antes de considera-la artimanha de indivíduos como os germânicos, calculistas até na alma pelo aperto em que na Europa viviam.

A despeito, todavia, de desrazoadas suposições, causaram os habitantes da capitania aos visitantes impressão de gente simples e franca. Os cafusos do rancho de

Tarumá se mostravam, senão cordiais, pelo menos indiferentes à horda invasora personificada pelos visitantes e os seus numerosos serviçais. Aqueles mestiços, entretanto, impressionavam mal pelo seu estranho aspecto semi-índio, semi-africano, com olhos oblíquos, corpo musculoso, coroados por altíssima trunfa impenetrável ao pente, tão impinada e rígida que homens e mulheres tinham de se curvar ao transpor a entrada de suas cabanas. Por esse motivo, mereceram, juntamente com as mulheres de bócio, retratos feitos por Ender constantes no album da viagem de Spix e Martius.

Em Mogi das Cruzes foram muito bem agasalhados pela família do capitão-mor, repetição, ademais, do que sempre acontecera durante a caminhada. Intervinha na generosidade talvez aquilo que o gongórico, mas algum tanto procedente Ângelo Siqueira do Prado, afiançava efeito de astro desconhecido inspirador dos paulistas, tornando-os não só nobres como altivos⁽¹⁸⁾. Descontado o exagero do estilo próprio da época, adornado de hipérboles e olímpicas comparações, apresentavam-se muito mais generosos e senhoris os habitantes do planalto piratiningano do que qualquer outro da colônia, pois, mesmo quando pobres, dos mais indigentes de todas as capitânias, a vegetar separados do litoral e quase do resto do mundo, jamais aparentaram sentimentos de inveja contra os mais bem aquinhoados em bens de fortuna. É lícito asseverar, que entre eles nunca foram vistas no passado atitudes semelhantes às atuais notadas em filhos de outros Estados da desunião brasileira, para com eles, paulistas. Influiu também, na recepção dos austro-alemães, o fato de naquele tempo, no ambiente ainda colonial, o nobre ser personificado pela alvura da tez, a explicar muito da consideração tributada aos expedicionários. Contra os hábitos e tradições gerais,

(18) In Prefácio de *Botica Milagrosa de N. S. da Lapa*. Lisboa, 1754. São ademais, frequentes alusões de vária origem a este lado do caráter paulista. Certa vez, em fins do século 17, apontou em Lisboa a el-Rei o Presidente do Conselho de Estado, o perigo constituído pela descoberta de minas de ouro, que incendiavam as pretensões e orgulho dos paulistas, com grave ameaça à unidade do Império luso.

fosse por esse motivo, fosse por outro qualquer, manteve-se visível o elemento feminino, numa espantosa infração aos preconceitos mouriscos ainda em uso. Bem impressionado pelo testemunho de adiantamento, comentou Martius o modo como fôra tratado, "*com a ingenuidade e graça das paulistas*", as quais olhavam curiosamente para os visitantes, "*partilhando acerca dos alemães as mesmas impressões que os gregos nutriam pelos hiperbóreos*", admiradas pelas roupas que traziam e côr da pele, "*alvura aqui tão apreciada*"!

Desenhavam-se em Mogi das Cruzes perspectivas de bons casamentos para os nórdicos forasteiros se quisessem lá permanecer, como pouco depois sucederia em Porto Feliz a Ércules Florence, confrade e contemporâneo de Ender no Brasil, desenhista da futura expedição do Consul Langsdorff. Mas os austro-alemães tinham de prosseguir na missão que lhes tinham incumbido os seus governos e possuídos do famoso *Arbeiter Geist*, motor da prodigiosa cultura germânica, que tanto a elevaria daí por diante, reencetaram a jornada em direção a S. Paulo. Pelo trajeto notavam progressiva melhoria da lavoura, tanto na técnica como na extensão da área cultivada. Ressentia-se, porém, da falta de braços consequente à conscrição militar exigida pela Campanha Cisplatina. A vinda da côrte trouxera consigo exasperação do velho expansionismo colonial norteador da política metropolitana. Durante séculos cada reino, cidade, castelo, aldeia ou casa de qualquer região da Europa, procurara dilatar-se à custa de vizinhos. Não havia polegada de solo em torno deles que deixasse de ser regado com sangue vertido pela necessidade, cobiça ou ambição. Romanos, bárbaros nórdicos, hordas asiáticas ou mussulmanas, através lutas incessantes, perfizeram a psique política do europeu, orientando-lhe todos os atos, tornando-o impermeável a todas as lições da história. De nada lhe valeu o progresso moral propugnado pelas religiões cristãs e as conquistas da Grande Revolução Francesa, ou mesmo, da Moscovita nossa contemporânea. O vinco é tão profundo que a tudo resiste, useiro o europeu

das mais sutis interpretações dos fatos a fim de justificar os crimes que perpetra. Ora em nome da religião, ora a bem da redenção dos oprimidos, ora em nome da Justiça, ora para revide de supostos agravos, o europeu sempre encontra argumentos para dar largas ao incoercível instinto. No tempo de D. João VI presenciava-se, por exemplo, a curiosa atitude dos franceses que professavam adiantados princípios revolucionários, arautos dos direitos do homem e da abolição da escravatura, e simultaneamente praticavam o mais desalmado imperialismo colonial.

Este espírito insanavelmente predatório, colidia com o dos americanos, muito diverso graças à largueza oferecida por um continente quase despovoado em princípios do século 19, onde, mais do que guerras de conquista, interessava ao primeiro ocupante atrair colaboradores e consagrar todos os recursos no desbravamento da terra. Continuavam certos característicos impostos aos americanos pelo complexo criador que nunca abandona o homem, mormente ao imitador da civilização do Ocidente, modificados, todavia, e a expandir-se em forma muito diversa das usuais além-mar. Nos Estados Unidos registava-se "rush" para o Oeste, conquista territorial que se exercia, no entanto, sobre extensões praticamente desertas, longe de se parecerem com a poeira de nações a constituir o solo europeu, periodicamente convulsionados por tentativas de anexações violentas, ou com o Império dos Incas que os espanhóis no século 16 destruíram. No sul do continente ocorreu, sem dúvida, o lamentável surto de caudilhismo platino⁽¹⁹⁾, fruto mais de ambições pessoais que de aspirações populares. Explicava-se, contudo, pela desordem provocada pelo subitâneo fim de um regime odioso, que por longo tempo impediu no povo a formação de consciência democrática.

(19) E' lícito perguntar se o atual ressurgimento do mesmo na América do Sul não seria proveniente do exemplo de ditaduras europeias de nossos dias com todos os seus "slogans" imperialistas?

Era a herança do imperialismo europeu num dos seus aspectos mais tirânicos, só aos poucos mitigado pelo exemplo dos Estados Unidos, às vezes interrompido por voltas periódicas ao caudilhismo de Rosas ou de Artigas. Permanece, inda assim, apesar de embrionário, vivo o princípio democrático na maior parte do continente, e no passado, no tempo do último monarca absoluto a reinar em Portugal e Brasil, faltava “clima” entre nós, no espírito da população propriamente brasileira, para guerras de conquista. Tornaram-se efêmeras aventuras ao norte e ao sul, assim como as tentativas de Carlota Joaquina sobre as regiões hispano-americanas. A mais clara consequência dos pruridos imperialistas dos Bourbons-Bragança do século 19, foi desenvolver no exterior oposições e semear virulentas desconfianças contra o regime monárquico, mais tarde exploradas contra nós nas questões platinas, se bem apresentasse D. Pedro II salvadora influência americana, aparente nas suas nobres atitudes de monarca constitucional acima de tudo brasileiro ⁽²⁰⁾.

A notícia da presença do Príncipe Regente na Guanabara despertara intenso júbilo no coração dos paulistas. Descrevia Lacerda e Almeida, em período pouco anterior, a sua “*fidelidade e respeitoso afeto ao Soberano*”. Saint-Hilaire que viajava no Brasil contemporaneamente a Ender apoia os dizeres do paulista, ao descrever como os moradores de regiões distantes dos grandes centros litorâneos se consideravam dependentes del-Rei “*qu’il leur aurait rendu justice, s’il avait connu les vexations dont ils étaient trop souvent les victimes*”. Agora os Príncipes estavam perto, pertíssimo, tão próximos que o seu antigo prestígio se ia desvanecer. Na circunstância, concorriam para a muta-

(20) Citavam Kidder e Fletcher a propósito da Constituição com a qual reinava Pedro II: “*While every Spanish-American Government has been the scene of bloody revolutions — while the civilized world has looked with horror, wonder and pity, upon the self constituted bill of the peoples rights again trampled under foot by turbulent faction... or by the tyranny of the most narrow-minded dictators — the only Portuguese-American Government*”, resolvera pacificamente dois conflitos, “*fully in accordance with the Constitution*”.

ção os pesadíssimos encargos trazidos pela vinda da côrte à capitania, duramente afetada pelas lutas contra os castelhanos no século 18, além do desfalque de braços produzido pela atração das lavras das Minas Gerais. O expansionismo luso para o sul recrescera com sacrifícios do paulistano, iniquidade a incutir nos habitantes persistente horror à farda, provocando também fortalecimento da sua consciência democrática, avessa a todas as compressões e abusos do poder, tornando-os paladinos da luta contra a tirania, fosse de Reis no antigo regime, ou de ditadores na atualidade ⁽²¹⁾.

Ocorrem na pena de Martius referências às repercussões da Campanha Cisplatina visíveis na estrada que a expedição percorria. O recrutamento forçado absorvia, como vimos, os braços necessários à lavoura. Dizimara famílias, arrebanhara os homens válidos, separara-os dos parentes para atirá-los nos infectos presídios do sul onde apodreciam. O Conde da Barca, obsequioso servo de ambições monárquicas, a despeito das abominações da revolução francesa que em Paris presenciara e da lição que daí podia inferir, em vez de os conter, incentiva-lhes os disparates, procurando lisonjear os amos, ao mesmo tempo que satisfazia o seu próprio nativismo. De doze mil homens remetidos ao Prata pouco antes do aparecimento de Ender em S. Paulo, quatro mil eram paulistas, seguidos de nova leva na guerra contra Artigas, perda irreparável para a diminuta população branca da capitania. Em pouco chegavam notícias confrangedoras do seu destino, para maior consternação de inúmeras famílias atingidas. Muitos dos infe-

(21) Os abusos do recrutamento eram extremos. Mandara D. Luis Antonio em 1750 que os parentes dos recrutados fossem por eles responsáveis; assim, tendo Gaspar Vaz da Cunha desertado do inferno do Iguatemi, ordenou o governador que a sua mãe e irmãs fossem recolhidas ao cárcere. Segundo Amador Florence, que examinou estatísticas de perdas militares, assim como a fé de ofício de oficiais e praças da famosa Legião de S. Paulo, a fim de verificar o espaço em que permaneceram nas fronteiras do Sul, grande parte dos efetivos não voltou ao lar, "*Entre eles podemos citar os valentes Dragões de S. Paulo, cavalaria legionária que levou para a zona meridional o ali desconhecido jogo das bolandeiras, o hoje característico pialo dos gaúchos, legião que nunca mais regressou à terra bandeirante*". Revista do Inst. Histórico-Geográfico Brasileiro, publ. especial do IV Centenário da Bahia.

lizes morriam no trajeto, na ilha de Santa Catarina, no Rio Grande ou nas pestilentas margens do Prata, vítimas de contágios e de esforços extenuantes. Encontrou-os Saint-Hilaire em fins de 1820 ainda no sul, andrajosos, alimentados de carne sem sal, desprovidos de soldo havia vinte e sete meses, e, no entanto, rivalizavam em valor com os civilizados, semi-civilizados e selvagens do lugar, nas armas, no laço e nas bolas, mais eficientes e disciplinados que mercenários e gaúchos, vencedores da batalha de Catalão a despeito da adversidade e miséria em que se viam.

Uma década bastara para eivar de descontentamento o ânimo antigamente fiel do súdito paulista. A guerra, *“empreendida sem necessidade”*, frizava o francês, *“nem aclamação dos povos, tão só por alvedrio dos governantes, a lhes exigir brutalmente o sacrifício da vida e da felicidade dos seus, se afigurava absurda e provocava compreensível má vontade”*. Davam-lhe razão os acontecimentos. Intrigas de antecâmara dos partidários de D. João contra os de D. Carlota Joaquina, semeavam confusão na política interna e externa do governo. Instigavam ainda mais o antagonismo dos habitantes do Prata, unindo-os contra odioso agressor, incutindo-lhes amor pátrio e noção do direito à liberdade ameaçado pelo espírito predatório arbitrariamente transplantado na América. Inda assim, mourejavam nas vizinhanças da cidade de S. Paulo os velhos e moços escapos da conscrição nas terras que desde os alvares da colônia tinham servido de celeiro para outras capitánias. Dali saíra a farinha de mandioca que abastecera os colégios e as aldeias dos jesuitas e a seguir as forças que lutavam contra o invasor holandês em Pernambuco. Na centúria imediata, acudira às Minas Gerais ameaçadas de fome por falta de roças, empenhados todos os braços, muitos dos quais paulistas, na faina da mineração que proporcionava esplendor à monarquia. Também naqueles campos se colhera trigo e se plantaram vides, atividade que retalhara desde séculos latifúndios, obra levada a cabo paralelamente ao devassamento do continente.

Pisavam naquele momento os austro-alemães solo que não tardaria a voltar a ser o alicerce do Império Brasileiro, como outrora dilatara o Luso. Assolada pela luta Cisplatina, decaía aos poucos a região duramente atingida pelas consequências do vendaval guerreiro, emigrados muitos dos seus principais habitantes para o interior da capitania, de que temos exemplo em nosso quarto avô Lourenço de Almeida Prado, o qual, tendo ido à vila de Itu, então no começo de seu desenvolvimento — na boca do sertão, como hoje as terras virgens do norte do Paraná — entreviu melhor prêmio para o seu esforço de agricultor, e lá se estabeleceu com a família e bens. E, nas vizinhanças de S. Paulo onde se elevava o fumo dos casais rodeados de plantações, se estendeu o ermo, que no começo do século 20 ainda conhecemos, pôsto o inglês Henderson escrevesse em princípios do século 19⁽²²⁾, não haver de todo terras devolutas em S. Paulo. Empregava, ademais, o termo devoluto em português no texto, *“The province . . . which may be estimated to contain hundred and twenty thousand square miles, has no land devoluto, or ungranted, although one-thirtieth part of it is not in a state of cultivation”*. Não obstante, no começo da República, formou-se no Rio de Janeiro, sindicato dirigido por malandros, desses que chegam a impor quase admiração pelo faro e habilidade, autores de conluio em que entravam velhos politiquinhos e republicanos de última hora. A arapuca decorrente dos famosos “burgos rurais”, aproveitava-se de uma lei inspirada pelos ditos malandros, a estatuir auxílio em dinheiro e cessão de “*terras devolutas*” a quem as pleitasse e estivesse em condições de explorá-las. A inexistência de instrumentos de precisão deixara divisas imprecisas entre as propriedades, abrindo frestas por onde se imiscuiu o fio da trama. Iniciou-se, daí, pleito interminável, em que, sem embargo de não possuírem direito e ser mais que irregular a constituição da empresa, conseguiram os gatunos apoderarem-se de milha-

(22) James Henderson, *A History of Brazil*. London 1821, págs. 86-87. Existe um exemplar na Biblioteca Pública Municipal que pode ser consultado pelas vítimas dos atuais grileiros.

res de metros quadrados de terreno. A maneira como foi urdido o golpe, a audácia e habilidade com que foi aplicado, tocam as raias da perfeição (23). E' verdade que a boa fé e ignorância de muitos elementos do poder judiciário os auxiliou, mesmo assim, permanece o mérito da patifaria e vemos em 1954, no sítio mais antigo e continuamente explorado das capitâneas meridionais, onde jamais houve um palmo de terra sem dono, repetir-se o que sucedia nas vizinhanças do Rio de Janeiro no tempo de D. João VI!

Voltando agora à expedição onde figurava Ender, descreviam os teutos depois de florestas, a paisagem que se lhes oferecia à vista nas proximidades da capital: "*Os morros não muito altos da aldeia de Escada são as últimas ramificações da Serra do Mar. Uma pequena série de outeiros liga neste ponto as primeiras elevações desta serra com a Mantiqueira. A vegetação é rica e pujante, a reunir as formas das selvas montanhosas às mais graciosas dos campos e brejos. Grandes Plumérias, Echites e outras Apocináceas de rica floração, brilhantes Hamélias e Rhéxias de alto tronco, a ostentar magníficas flores roxas, tornam a região um conto de fadas*". Exaltava-se a imaginação de alemães, habituados à amavel natureza que inspirava um Kolbe ou Waldmueller, e ora presenciavam outro completamente diverso, em regiões desconhecidas a botânicos. Prosseguindo mudava novamente o quadro, cuja austera melancolia lembrou mais tarde a Anatole France semelhante com recantos da Escócia, assim como a outros recordava arredores de Roma.

No último dia de 1817, depois de ultrapassarem "*uma bonita fazendola chamada Case Pintade (sic)*", distante tres léguas de S. Paulo, deparou-se-lhes do alto da colina de N. S. da Penha a cidade que demandavam. Afigurava-se

(23) Ainda há pouco perdeu o calamitoso causídico antigo prefeito da capital, que defendia conhecido pomicultor, os prazos estatuidos por lei, de sorte a cair a antiga chácara Marengo nas mãos de certo Banco fictício. Este já a retalhou e auferiu milhões na fraudulenta venda de terrenos do sítio da Califórnia, sita na 4.^a Parada da antiga E. de F. Inglesa.

imponente⁽²⁴⁾, vista de longe, construída sobre colinas além da várzea onde serpenteavam riachos prateados. Na direção em que estavam, destacava-se a mole constituída pelo antigo colégio dos jesuitas, adaptado depois do confisco de 1759 à sede do governo da capitania. O convento estava junto da igreja cuja torre aparecia entre a dos carmelitas e o palácio do Bispo. Em torno se esparramava o casario da vila elevada à capital desde 1712. Ender, que pouco antes desenhara vistas da Penha, iniciou a reprodução do aspecto das ruas e praças delimitadas pelos vales de Tamanduateí, Tietê e Anhangabaú. O seu chefe e cronista da viagem, Martius, descreve os arredores de uma das mais antigas empresas colonizadoras portuguesas: *“Em vez do maravilhoso panorama do mar e das imponentes montanhas que ali se elevam com formas pitorescas, encontra aqui o viajante extensa vista sobre a região, cujos alternados outeiros e vales, bosques e suaves prados viridentes, oferecem todos os encantos de amavel natureza”*, e conjecturava que, além do clima ameno, a beleza natural inspirasse aos paulistas gosto por jardins públicos, *“dos quais existem diversos muito graciosos na cidade”*⁽²⁵⁾. Se bem não conheçamos a opinião de Ender, supomos, através do interesse demonstrado pelos repetidos desenhos, que partilhava o lisonjeiro sentir dos demais componentes da expedição. Durante o curto espaço despendido no sítio, não se cansou o pintor de anotar tudo que lhe parecia digno de nota, contagiado pelo encanto dos cientistas a respeito do clima, coisas, gentes, casas, inclusive história local, acompanhados de gabos, que tresandam, no relato de Martius, a exagero.

O entusiasmo levou-os a protestar contra a fama de egoísmo, ganância e insensibilidade atribuídos aos habitantes por autores que não os conheceram e escreviam

(24) Pallière diz o mesmo provavelmente pelo fato de se agigantarem as igrejas junto de casario baixo.

(25) Pelo que dizem viajantes de diversa origem, parece ter havido na cidade uma certa atividade econômica por volta de 1817, em virtude do movimento militar do sul, o que viria a ser uma compensação ao desfalque produzido por essa campanha nos efetivos de produtores da capitania.

na esteira de Charlevoix e do seu imitador Raynal⁽²⁶⁾. Tinham no passado procedido com rudeza no trato do indígena, mas no rolar do tempo o agreste do paulista se transformara em virtudes altamente apreciadas através do Brasil. Era tido como ativo, capaz e empreendedor — quem fala é Martius — corroborado por outros estrangeiros que estiveram entre paulistas. Saint-Hilaire acertadamente comentava que não se devia julgar mineiros pelos habitantes do caminho do Rio a Diamantina, nem tampouco paulistas pelos indivíduos moradores em estradas onde se viam forçados a conviver “*avec une foule de muletiers, de nègres, de camaradas ignorans, grossiers et vicieux, qui passent et repassent sans cesse*”. Tanto mais, muitos desses indivíduos sequer seriam de S. Paulo, porquanto o grande movimento da estrada e a constante comunicação com outras capitânias, espalhavam elementos da mais variada proveniência no trajeto entre Rio e Goiás, ou S. Paulo e Rio Grande do Sul. Por sinal, o mesmo Saint-Hilaire reconhece, em outro passo de narrativa de viagem, “*il faudrait bien se garder de conclure que les hommes des classes élevées fussent, à S. Paul, étrangers aux formes de la bonne compagnie; ils avaient, au contraire, des manières excellentes, et la politesse s’étendait jusqu’aux classes inférieures*”⁽²⁷⁾. Em outro passo ainda ajunta: “*reina em S. Paulo melhor tom que na capital de Minas*”.

Assim sendo, julgava Martius imerecidas as increpações de desconfiado e orgulhoso que muitos imprestavam aos habitantes de S. Paulo, e que o estrangeiro mais reflexivo devia observar antes de juízo apressado, atento se a mal interpretada reserva não significaria tão só seriedade equilibrada. Por essa razão, traça o ilustre bávaro magní-

(26) Pôsto Raynal pertencesse à corrente dos “Enciclopedistas”, tendo colaborado na sua história Holbach e Diderot, inspirava-se “*faute de mieux*” nos escritos dos jesuitas, naturalmente infensos aos habitantes de S. Paulo pelos assaltos que estes cometeram no século 17 contra as missões. Cf. Mawe, pág. 121, 2.^a ed.

(27) O mesmo Saint-Hilaire observa que S. Paulo sob D. João VI era tão pouco conhecido, ou mal conhecido, que foram reproduzidas nos anais de viagem de La Harpe as absurdas fantasias de Correial e de Charlevoix.

fico retrato do hospedeiro: “Antigamente foi a capitania de S. Paulo procurada por muitos espanhois, entre outros pelos que ali foram ter depois do insucesso da expedição do adelantado D. Pedro de Mendoza no Paraguai, assim como, mais tarde, no princípio do século XVIII, cujos vestígios ainda se notam nos nomes espanhois das famílias. Muitos paulistas se cõservaram sem mistura com índios, e são tão brancos, e mesmo mais claro, do que o colono europeu puro das capitánias do norte do Brasil”.

Continuando, estabelecia Martius a diferença entre os habitantes: “Os filhos de mestiços chamados Mamelucos têm, segundo o grau de mistura, a pele cõr de café, ou amarelo claro, ou quase branca”. Remanesca-lhe, todavia, inda quando bem alvos, “rosto largo, redondo, com maçãs salientes e certa incerteza no olhar”, reveladores, na opinião de Martius, da origem americana. “No mais, os traços característicos do paulista são estatura elevada, peito largo, feições fortemente acentuadas, que impressionam pela franqueza e desembaraço, olhos pardos, raramente azuis, vivazes e enérgicos, basto cabelo preto e corredio, musculatura rija, agilidade e segurança de movimentos. Com razão se considera o paulista como o mais forte, saudavel e destemido habitante do Brasil. O vigor físico com que amansa cavalos bravios e gado selvagem por meio do laço é tão maravilhoso como a facilidade com que afronta contínuos trabalhos e fadigas, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações”.

Não se olvidou Martius de citar ditado existente a respeito, talvez ouvido na própria Piratininga: “Na Bahia merecem elas não eles, em Pernambuco eles não elas, em S. Paulo elas e eles”. Fosse pela cordialidade da recepção depois de longa e incõmoda viagem, ou prazer de encontrar patrícios, a cidade pareceu encantadora aos viajantes. O mesmo diziam os turistas Príncipes de Thurn und Taxis, e os Condes de Wr̄bna e de Palfy⁽²⁸⁾ pertencentes à mais

(28) Ainda reboava em Viena o rumor provocado pela estroinice do Conde Palfy, que perdera no jogo o seu palácio e os móveis modernos, ou seja, naquele momento, em estilo Império francés.

alta nobreza austríaca, chegados do Rio de Janeiro algum tempo depois do Embaixador russo Conde Pahlen e oito dias antes dos expedicionários. Tinham partido quase ao mesmo tempo, detendo-se, porém, menos pelo caminho e já estavam em vésperas de volver à côrte quando os outros apareceram. A reunião desses estrangeiros de escol, logo seguidos de outros na cidade então apontada como provável capital do Reino Unido sob o cetro de D. João VI, representa nada menos que o primeiro acontecimento “*turístico*” registrado entre nós. Vem de molde verberar a ingratição dos atuais paulistanos pela maneira como esqueceram tão insignes visitantes. Em balde procuraremos na atual Pauliceia avenida ou praça com o nome de Martius ou dos seus companheiros, tão amáveis para com os paulistas, e tão generosos para a sua terra. O descaso parece ainda mais condenável em confronto com desmedidas homenagens prestadas a indivíduos de pouca significação para a cidade, como a de um prefeito cretino que deu à principal praça do centro de S. Paulo o nome de um jurista secundário, em vez de aproveitar a oportunidade para reverenciar condignamente o Marquês de S. Vicente, ou, nome maior ainda, Alexandre de Gusmão!

SÃO PAULO NOS ALVORES DA INDEPENDÊNCIA

G OVERNAVA a capitania o triunvirato previsto pelas Vias de Sucessão, quando chegaram os austro-alemães. Assim se designava desde os primórdios expansionistas lusos, a junta composta dos que deviam suceder em caso de acidente ou impedimento, ao comandante de nau, esquadra, fortaleza, presídio ou vice-reinado. No intervalo entre a partida do Conde da Palma, escolhido para governador da Bahia e a vinda a S. Paulo do seu sucessor Oeynhausen Graevenburg — nome de agradável assonância a ouvidos germânicos — assumira o poder triunvirato composto, como de praxe, dos personagens mais graduados civis, eclesiásticos e militares da capitania. Presidia-o o Bispo D. Mateus de Abreu Pereira, amavel ancião, que estudara em França e transitara por altos postos da hierarquia eclesiástica antes de governar a diocese paulopolitana, onde se encontrava havia vinte anos (29).

Foi quem recebeu os visitantes com o acerto e dignidade que era de esperar. Provavelmente muito contribuiu D. Mateus à boa impressão causada aos hóspedes acerca de S. Paulo e dos paulistas. Graças ao seu procedimento, os defeitos da capitania esmaeciam, e simultaneamente as

(29) Os outros componentes da junta eram o Ouvidor D. Nuno de Lóssio e Seibliz, que os austríacos escreviam Sheibig, e o Intendente da Marinha Miguel José de Oliveira Pinto.

qualidades ascendiam a níveis inesperados. No dizer dos indulgentes turistas, S. Paulo pela sua ordem, asseio e graça se assemelhava no Brasil — guardadas as proporções — às pequenas capitais da Europa, ou mais propriamente germânicas, de poucos milhares de almas, sede de algum ducado ou arcebispado, onde a vida decorria tranquila para os habitantes entre os roseirais e as tílias dos jardins. No momento, em S. Paulo, falava-se de uma escola de Direito a ser instalada no claustro franciscano, conjuntamente com outra no Recife, a fim de os jovens brasileiros prescindirem de cursar além-oceano a universidade de Coimbra⁽³⁰⁾. Longe ainda estava S. Paulo e sequer era possível prever o surto de café, que faria convergir toda a malquerença do resto do país sobre a privilegiada região. Não passara a milagrosa cultura das proximidades do Rio de Janeiro, de sorte que a nova casa de ensino daria à sonolenta Pauliceia no máximo ares de sisuda Heildelberg, contra parecer de José da Silva Lisboa, que julgava S. Paulo prejudicado pelo acesso difícil por Santos e custoso pelo Rio.

Repararam os viajantes, no trajeto para a cidade, minuar a proporção de sangue africano nas baixas camadas populares e aumentar a de índio à medida que dela se aproximavam. Era procedente a observação, pois o elemento negro era indício de adiantamento econômico em toda parte onde se registraram surtos de atividade agrícola ou extrativa, ao passo que no interior do Brasil, afora a capitania de Minas, a maioria da população era composta de mestiços de português e de índio⁽³¹⁾. Notaram igualmente, apesar da inclinação a tudo louvar, a insignificância da arquitetura da cidade, muito inferior ao aspecto da Bahia ou de Pernambuco. Neste ponto viam-se os paulistas mergulhados numa austeridade vizinha de indigência.

(30) Propalou-se que fôra o bairrismo de José Bonifácio o autor da escolha de S. Paulo. Em verdade já no ano de 1808 se cogitava da fundação e do sítio. V. *Relação das Festas*, Lisboa 1810.

(31) Saint-Hilaire reproduz estatísticas de 1824 que dão para Goiás um branco para cinco habitantes de côr, em Minas um pouco menos de um para tres, com pequena diferença na zona aurífera de Mariana. Em S. Paulo a proporção de brancos era muito mais elevada.

A despeito da singeleza de linhas e de ornatos do casario, nele transparecia a origem luso-colonial com a mesma nitidez de regiões litorâneas. Continuavam em algumas janelas e sacadas as rótulas em parte abolidas no Rio. Ocorriam, porém, de permeio algumas diferenças. Os monumentais telhados de telha côncava das casas não demonstravam tanta influência oriental como os da côrte, que os de Santos ou de algumas das cidades do percurso entre as duas capitais. Em grandes e pequenos edifícios, não se viam manifestações semelhantes às do teatro S. João do largo do Rocio na urbe carioca, tal como mostra a aguarela de Ender, nem nas fachadas das chácaras do começo do Brás — a do Ferrão ou da Figueira — lobrigava-se coisa parecida com as de Mata-Porcos ou Mata-Cavalos. As construções paulistas exibiam sem graça enormes massas de telhado, soturno, escurecido pela idade, tão volumoso como o restante da fábrica, que, destarte, se dividia em duas partes iguais, metade muros, metade coberta. As proporções, ou melhor, desproporções, chegavam ao máximo no sistema de construção, para o telhado abranger economicamente, sem solução de continuidade nem variantes, alpendres, puxados, átrios, e o que mais houvesse, com uma só água mestra. Igualmente nas fachadas ocorriam menos ornatos, privadas de enfeites com sabor barroco, comum nas cidades do litoral, constituído por sobrecargas de estuque, molduras ou quinas de pedra aparada. Somente as igrejas paulistanas apresentavam este reforço de solidez e aformoseamento, de todo falto nas construções particulares, monótonas pela insipidez de paredes lisas, branquedas com cal ou tabatinga nas melhores, sob beiral saliente para proteção dos muros de taipa.

O ornamento de maior valia ficava reduzido à sacada, ou pequena saliência em forma de balcão, assente em moldura convexa de madeira, sobre a qual repousava ligeira grade de ferro com pinhas nos cantos. Havia também balcões mais salientes sustentados por barrotes ou “cães” semelhantes aos que suportavam as rótulas e beira de telhados. Nas mais velhas casas do século 17 e princípios

do 18, ainda numerosas quando os austro-alemães chegaram, o expediente usual para remediar a monotonia das fachadas era dispor ao meio um alpendre em forma de "loggia", por onde se entrava na casa. Essas variantes eram somente encontradas em chácaras ou fazendas e nunca no centro urbano. Mais tarde, nas assobradadas, abriu-se um sotão ou "trapeira" portuguesa, com janelas e às vezes balcões, a fim de aproveitar o vasto espaço disponível sob o telhado. Numa das mais antigas residências da cidade, outrora pertencente ao autor do *Divertimento Admiravel*, depois à família Gavião Peixoto e finalmente à Marquesa de Santos, o teto do salão nobre era apainelado em estilo "gamela" seiscentista, como nos antigos solares lusitanos.

E' mais que provavel tivesse sido Ender convenientemente aboletado na Pauliceia graças às recomendações trazidas pelos expedicionários. De outro modo ser-lhe-ia difiçil conseguir pouso aceitável, porquanto as melhores estalagens nem sempre podiam receber forasteiros, que se viam reduzidos a naufragar nos imundos pousos do indivíduo chamado Bexiga, no largo do Piques, espécie de rústico caravansarai para uso de tropeiros. Livre da calamidade, pôde o vienense sem mais preocupações, tomar vistas e apontamentos da cidade, incansavel como no Rio de Janeiro, cedo despertado para o trabalho que se prolongava até a noite, a nos explicar como conseguiu em poucas horas reunir tantos aspectos paulistanos. Através desses apontamentos percebemos o quanto devia ser pitoresca a S. Paulo da época, com os seus enormes conventos junto ao casario do "triângulo", o respectivo cruzeiro à frente e as fachadas laterais debruçadas sobre várzeas que se prolongavam até a murraria azul do horizonte. Os maiores eram o de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, aos quais se juntava o antigo colégio dos jesuitas, de "bom estilo", diziam os viajantes, a ocupar consideravel área no coração urbano. Estava, porém, o velho reduto inacino em ruínas, assim como a residência do Bispo na rua do Carmo, impropriamente denominada Palácio Episcopal.

A vista do claustro de S. Bento é particularmente curiosa, tomada a esquerda do edifício, abrangendo a paisagem de uma das pontes sobre o talvegue do Anhangabaú. Não menos interessante é, no pincel de Ender, o Convento do Carmo visto do *Pulver Magazin*, como escreve o pintor, atual largo da Pólvora, nome que vem a ser o último vestígio do paiol outrora isolado do casario com que se comunicava pelo irregular caminho sobre o espigão, hoje rua da Liberdade. Há na mesma série do desenhista outra paisagem do Carmo, visto do Palácio do Governo, que nos mostra o lado direito do edifício e uma nesga do Tamanduateí com as inundações que provocava. Outra vista dá a parte fronteira onde aparecem as duas igrejas justapostas — a dos religiosos e a da Ordem Terceira — continuadas pelo convento carmelitano até o íngreme limite da colina. Situava-se o conjunto ao lado da atual Secretaria do Governo Estadual, a cavaleiro da Avenida Rangel Pestana, no campo do bairro do Brás. No fundo percebe-se a casa-grande de uma chácara, talvez a do Coronel Francisco Alves Ferreira do Amaral. Quer o historiador Aureliano Leite, que o terreiro baldio na esquina da ladeira, no canto oposto ao convento, marcasse o lugar da antiga residência do nosso antepassado o patriarca Amador Bueno. Na colina as enxurradas lavram sulcos onde, segundo Mawe, os meninos da vizinhança recolhiam pepitas de ouro depois das cordas torrenciais do verão. Do interior do claustro, traçou Ender de uma das janelas do primeiro andar o panorama do centro da cidade, o colégio dos jesuitas no primeiro plano e no fundo a várzea do Carmo, até as distantes colinas da Penha e de Sant'Ana.

Delineavam os apontamentos do artista o perímetro do espigão onde nascera a Pauliceia. Desde princípios do século 17 traçavam os caminhos entre os claustros o triângulo ocupado pelas residências melhores e comércio local. Servia também de comunicação para quem se dirigisse do Tamanduetí ao Anhangabaú, e vice-versa nos dias úteis, e de trajeto às procissões nos festivos, quase tão numerosos como os de trabalho. Daí, a extraordinária importância

daquele pequeno espaço na vida dos habitantes, causa do excessivo preço do terreno, fenômeno econômico não só mantido através dos tempos, como ainda agravado no século 20, quando chegou em proporção a superar o do centro de New York. Ainda alcançamos a hegemonia absoluta daquele acanhado espaço na existência do paulista, com intensidade de que as modernas gerações terão apenas vaga ideia. Durante muito tempo, na gíria paulistana, a colina central era a “*cidade*” e o “*triângulo*” o seu coração, cérebro e estômago, pois ali se concentravam governo, livrarias, escolas, repartições públicas, armazens e Bancos.

Numa casa desse triângulo — que supomos pertencer a convento ou habitação do Bispo, porém, mais provavelmente ao primeiro — desenhou Ender o *Wohnzimmer* que anotou. Muito se parece com os da Ordem Terceira do Carmo, que visitamos pouco antes da sua inútil e criminosa demolição. Lembramos ter visto os mesmos curiosos poiais de cada lado de suas janelas, cavados na espessura dos muros como se costumava fazer no tempo das rótulas. Vemos o recorte em forma de “*étagère*”, chamado em linguagem familiar “*conversadeira*”, de cada lado do vasto panorama descortinado pela abertura, tal qual se alcançava do edifício carmelitano no período anterior aos arranha-ceus, atual praga das cidades brasileiras pela falta de critério urbanístico na sua localização. Os demais pormenores do aposento não permitem maiores verificações sobre a sua identidade, de tão comuns na época e lugar. Num canto ocorre caideral semelhante ao destinado ao abade em reuniões capitulares, ou para o Bispo quando porventura visitasse conventos. O fôrro da sala era como de costume de saia e camisa, portas iguais às de todos os edifícios de melhor construção, e soalho de largas tábuas de peroba. Mas o que importa no desenho é a reprodução de interiores antigos, indubitavelmente do século 18, com que jamais se preocuparam os outros europeus de passagem entre nós.

Não se reduziu, porém, somente às casas ou aposentos particulares o aspecto de rústica simplicidade. Tampouco,

edifícios públicos, particularmente igrejas, sem embargo de serem algumas bastante amplas e enfeitadas, foram distinguidas pelos austro-alemães. E' possível que se referissem à parte decorativa de pintura e de escultura, forçosamente inferior aos olhos de quem mantinha na retina as sutuosidades barrocas de Viena, Dresden ou Salzburg. Ainda se lembrava Ender do mausoléu de Maria Teresa no convento dos Capuchinhos; a imagem esculpida da grande Imperatriz ao lado do esposo, entre panóplias bélicas, parcas, desoladas e querubins empunhando trombetas da fama. Quer-nos parecer, porém, seria a singeleza dos templos piratininganos preferível aos excessos do rebuscado barroco germânico degenerado em Rococó. A linha dos móveis e ornatos empregados nos séculos 18 e 19 no Brasil meridional, é muito mais pura na sua simplificação do holandês, francês e inglês, que a orgia de conchas, arabescos, folhas de acanto e "*rocailles*" dos móveis, paredes, tetos e soalhos dos palácios austro-alemães. Na Hofburg ou no Belvedere, registrava-se superfetação enjoativa de ornatos borromínicos, a ponto de torna-los reprováveis. Reforça nossa impressão o louvavel equilíbrio, que inversamente possuem as grades, balaustres, frisos, púlpitos, etc., do antigo convento do Carmo, transferidos para a nova igreja da rua Martiniano de Carvalho. Na parte externa do velho edificio demolido, também preferimos a nudez colonial às saliências, reentrâncias, colunas salomônicas sobre largas pilastras, portas, molduras, caixilhos sinuosos, grinaldas floridas, laços, nós, cornijas monumentais, platabandas, balaustres, vasos, estátuas, taças, tochas e tamboladeiras, encanto de Príncipes alemães persuadidos de que se sobrepunham à côrte da França, multiplicando por dez nos enfeites de seus palácios, o que se contava por um em Versalhes!

Da colina central onde desenhou o berço da cidade, passou Ender ao vale do Anhangabaú pela ladeira de Santo Amaro, início do caminho de Santos. No fim da ladeira havia enorme pouso de tropeiros, caboclos, pretos e mulatos entre a fonte do Piques e pastos para mulas. Ali con-

fluíam tropas e viajantes de todo Brasil, da Bahia, Minas, Goiás, Mato Grosso, capitania de S. Pedro e mais longe ainda, da Banda Oriental. Do centro do aranhol feito “Marco Zero”, partiam estradas em varias direções para alcançar os confins da Amazônia e domínios de Castela. Os transeuntes, isolados ou em tropas, na falta de viadutos, tinham de se valer das estreitas pontes sobre os riachos dos fundos dos vales, entre chácaras e quintais divididos por muros de terra, como descreve Ender numa vista de S. Bento. Uma delas era a ponte do Lorena, assim chamada porque fôra construída no tempo daquele governador. Dava acesso ao caminho de Jundiáí, sobre o córrego do Anhangabaú, o qual depois de contornar o mosteiro dos beneditinos, cuja horta regava, ia atirar-se no Tamanduateí, na várzea do Carmo. As casas, daí por diante, a não ser uma ou outra exceção, eram pequenas, desprovidas de revestimento, a exhibir muros de terra socada pardacenta, com furos de cavodás à mostra e marcas dos moldes em que tinham sido levantados.

Dizia-se na época que o processo, semelhante ao usado no sul da Europa, fôra divulgado pelos padres da Companhia de Jesus, conforme assevera um francês: “*Les jesuites ont introduit à Saint Paul la construction qu'on appelle Pisé; il s'y conserve très bien*”. Luccok a ele se refere como peculiar a S. Paulo, e Mawe alude também ao processo encontrado entre paulistas, descrevendo-o pormenorizadamente (32). As aguarelas de Ender e de Pallière reproduzem a côr das casas, entre claro das habitações caiadas e

(32) “The mode of erecting the walls is as follows: a frame is constructed of six movable planks placed edge-wise, opposite each other, and secured this position by cross pieces bolted with movable pins. Earth is put in by small quantites, wich the workmen beat with ramers, and occasionally moistem by water to give it consistency. Having filled the frame or trough, they remove it and continue the same operation till the all shell of the house is completed, taking care to leave vacancies, and put in the window-frames, door-frames, and beams as they proceed. The mass, in course of time, becomes indurated, the walls are pared perfectly smooth inside, and take any color te owner chooses to give them; they are generally enriched with very ingenious devices. This species of structure is durable; I have seen some houses thus built that have lasted two hundred years, and most of them have several stories. The roofs are made to project two or three feet beyond the wall, in order to throw off the rain to a distance from the base; spouts might be a

terroso dos paióis, armazens ou choças de proletários cobertas por telhado escuro. O aspecto das cidades paulistas seria, portanto, bem diverso na forma e matiz das do litoral, assim como estas diferiam das vilas e aldeias da metrópole⁽³³⁾.

No interior das casas os estrangeiros louvavam com impressionante unanimidade o asseio e a ordem reinantes. A continuidade de gabos, partindo de franceses, ingleses ou austro-alemães, lembra a "*exquise propreté*" a que alude a Marquesa de la Tour de Pin nas suas reminiscências dos Estados Unidos, quando lá esteve fugida do "*Terror*". Pintadas de claro as residências de burgueses denunciavam certo gosto, percebido por Saint-Hilaire⁽³⁴⁾. Escreve o sábio ter apreciado as residências dos moradores ricos de S. Paulo tanto no aspecto exterior como no interior. Em toda parte fôra recebido em sala limpa e mobiliada com

more effectual preservative against wet, but their use is little know here. They cover their houses with gutter-tiles, but though the country affords excellent clay and plenty of wood, very few bricks are burnt". A descrição, merece ser reproduzida apesar de extensa, porquanto dá bem ideia da diferença da matéria prima e processos construtivos jesuíticos da capitania com os das cidades do litoral, particularmente do Rio de Janeiro. Do ensino inciano remanesceu tradição técnica entre os construtores locais em que cada qual acrescentava processos pessoais e mantinha segredos principalmente quanto aos aglutinantes juntados ao barro, capins e sangue de animais, usados até há pouco tempo entre nós.

(33) Pallière de começo criticou o aspecto da cidade vista de longe, em que pareciam enormes os conventos. Depois mudou o juízo, como é comum em viajantes: "*Je dirai donc que St. Paul est une des villes du Brésil des plus agréables et des plus gaies comme situation. Presque toutes les maisons ont deux étages et quoique de taïpa elles sont assez bien conservées. La Comune a donné au peuple le quartier neuf, qui ferait a lui seul une superbe ville. Les rues sont toutes tirées au cordon, et l'emplacement est fort beau, mais il n'y a que les murs de cloture. Dans cet endroit (Campo dos Curros?) la ville fit faire un Cirque en honneur du Prince D. Pedro, qui est vraiment digne des monuments élevés dans les temps dela Revolution Française. Il est vrai que j'y ai trouvé quelque rapport avec celui de Rio de Janeiro, dont le plan est de Mr. Grandjean*". A cidade de Santos lhe pareceu muito mais importante comercialmente, mas tinha aspecto descuidado que a capital não apresentava. As vistas da colina central da Pauliceia de Pallière ilustram o seu comentário, "*St. Paul au contraire, qui n'est bati qu'en terre comme je l'ai deja dit, parait tout neuf, s'accroit tous les jours, et n'est cependant que le second entrepost de Santos*". *Diário Intimo*, cit.

(34) "*On y voit un grand nombre de jolies maisons... et l'on à point à chaque pas comme a Minas Gerais les regards affligés par l'aspect de l'abandon et des ruines*". — *Voyage de St. Paul*, I.

relativo gôsto. Nas antigas havia nas paredes ornatos com arabescos da época barroca; as modernas melhoravam, ostentando uma côr só, com frisos e lambris inspirados pelos papeis murais das fábricas francesas. Ostentavam também estampas, que Saint-Hilaire julgava “*demodées*”, refugo das lojas de novidades parisienses. Aquí, todavia, discordamos do viajante, pois as que no momento estavam em moda pertenciam a estilo muito inferior ao do período precedente, a caminho da vulgar litografia industrializada, ao passo que o tal “*refugo*” consistia de estampas em pontilhado, impressas a côres, retocadas a pincel, assim como delicadas aguas-tintas e mezzo-tintas hoje apreciadíssimas pelos seus inúmeros colecionadores.

Lembramos, a proposito, ter visto em nossa infância em casa de parentes idosos, gravuras do século 18, em mor parte inglesas, atiradas em porões onde apodreciam, envoltas no mesmo desprezo que o botânico professava por Huet, Debucourt, Janinet e outros gravadores que as precederam e atualmente alcançam fortunas em leilões internacionais. A moda é sempre tirânica e versátil, timbrando em destruir um dia o que adorou na véspera, com ação até sobre espíritos ponderados como o de Saint-Hilaire. Indubitavelmente deviam ressentir-se, os interiores residenciais da capitania, das dificuldades de importar objetos de luxo. Ocorre perguntar no caso se não seria um bem? Martius corrobora os dizeres de seus contemporâneos, afirmando que ainda não se desenvolvera entre os paulistas o gosto pelo luxo europeu, que os maranhenses, baianos ou pernambucanos procuravam estadear⁽³⁵⁾. No dizer do sábio, esses habitantes do litoral enchiam no momento as suas casas de objetos fabricados em série na França e na Inglaterra, países em plena industrialização da arte decorativa. Pesados

(35) Ed. Gallés menciona no seu livro “*Du Brésil*” a preferência dos pernambucanos, mais “*preocupados com o brilho das fazendas*” oferecidas nos diversos mercados pelos franceses, “*do que com a qualidade*”. Apreciavam os habitantes das capitanias no Nordeste as côres branco, preto, azul celeste, rosa vivo e verde. Já no Rio de Janeiro, de cujo mercado dependia o comércio paulista, havia diferentes exigências devendo o brilho da mercadoria ser acompanhado de qualidade, pois, ali, “*o bom deve acompanhar o belo*”.

móveis Regency ou Luís Filipe, louça pó de pedra e desgraciosas lâmpadas Carcel, compunham o melhor do sortimento importado pelos mercadores litorâneos em contacto direto com os fornecedores. Preferia Martius o "*leve mobiliário americano e espelhos franceses*" vistos no Rio, às cadeiras de épocas idas que então predominavam na Pauliceia, mas esses elementos desprezados, também hoje se tornaram objeto da paixão de colecionadores, como os atuais fanáticos do estilo do século 18 capitaneados por Octales Marcondes. Refere-se ainda o bávaro a espelhos de Nuremberg, nos quais os alemães "*imaginavam reconhecer um compatriota*", a milhares de léguas da velha Alemanha. Quanto aos tais móveis americanos, lavrava confusão no visitante, explicável pela semelhança do estilo Duncan Phyfe com Sheraton ou Hepplewhite importados pelos movelheiros. Concluiu Martius que os paulistas mais se preocupavam do asseio e comodidade da casa, que de elegância e suntuosidade, orientação muito aceita pelo sábio renano, porquanto os seus compatriotas geralmente também assim pensavam na Europa na disposições de seus lares.

HOSPEDAGEM E HOSPEDEIROS

CALCULAVA-SE naquela altura a população da cidade em pouco menos de 30.000 almas, das quais a metade era de brancos. No total das tres comarcas da capitania em 1811, a saber: S. Paulo, Itu e Paraná, o número de habitantes de todos os matises chegava a 200.000. Para a instrução da mocidade, dispunham os paulistas de alguns estabelecimentos de ensino que se esforçavam por substituir os jesuitas saudosamente lembrados. Não o conseguiam, como é óbvio dizer, porquanto a Companhia de Jesus, na sua prodigiosa obra pedagógica, não só ministrava a melhor instrução, como moldava caracteres úteis à coletividade. O saber tornava-se, dest'arte complemento daquilo que a educação moral e espiritual eram base. No gênero, nada se conseguira de mais perfeito, motivo de ainda hoje haver marcas suas no ensino oficial francês, assim como no *Erziehungskunst* que nimbou de glória militar as armas prussianas⁽³⁶⁾. Na antiga sede dos padres banidos por D. José I, via-se o colégio e seminário em que se preparavam futuros eclesiásticos, missão das mais importantes na vigência da união entre o Estado e a Igreja. Era válido o casamento religioso, devendo os clérigos juntar a esta função a de dirigentes da política, resumida de modo geral à boa gerência dos negócios locais, apoio ao regime e em caso de guerra manter o ânimo da população. Redimiam-se nessas ocasiões o clero regular de origem ibérica;

(36) Leopold von Wiese. "Kindheit", Hannover 1924.

às vezes passível de censura em tempos de paz; pelo ardente patriotismo que professava e sabia comunicar durante as hostilidades ao rebanho. Não fazia muito, tinham sofrido os franceses dura experiência no correr da invasão da Península, em que viram a cleresia levantar-se como um só homem arrastando atrás de si populações desvairadas de ódio contra o invasor.

Este aspecto preponderante na existência de outrora assume sob D. João VI considerável importância. Na luta contra Marechais de Napoleão, enalteciam Wellington e Beresford o moral das tropas portuguesas, sustentado em grande parte graças a influência do clero. Na guerra peninsular a inquebrantável resistência do homem ibérico contra inimigo incomparavelmente mais forte, procedia em mor parte do horror professado pela população aos adversários da monarquia de direito divino e da religião. O sentimento era unânime, comum a civis e militares, homens e mulheres, ricos e pobres, habitantes dos campos e das cidades. Basta ver a diferença da atitude das tropas portuguesas e espanholas na *Guerra de los Naranjos* e logo a seguir a tenacidade que os mesmos soldados — sem entusiasmo nem espírito combativo segundo descreve Rochechouart na primeira campanha — demonstraram na luta para expulsar do solo pátrio o inimigo abominado. Entretanto, havia, entre os que se julgavam esclarecidos nas Espanhas, certa simpatia pelos militares saídos da Grande Revolução, considerados disseminadores de princípios liberais. O movimento contra eles, por conseguinte, partia em grande parte do clero por motivos religiosos, na conjuntura, vazado com amor pátrio.

A respeito da instrução em S. Paulo, foram os alemães agradavelmente surpreendidos pelo lente substituto de filosofia do colégio local, de nome Padre António Ildefonso Ferreira, bom orador e cultor do sistema filosófico de Kant. Não esconde Martius a satisfação de ouvir no solo da América "*palavras e conceitos da escola alemã*", inferindo, daí, espalhar-se no Brasil, não apenas conhecimentos "*chamados práticos*", como especulações abstratas alemãs de alta transcendência. Na cidade havia, segundo o sábio bávaro, duas

bibliotecas à disposição do público; a do convento dos carmelitas e a do veneravel Bispo, o qual mostrou com evidente prazer as obras sobre história, teologia e clássicos que possuía e muito valiam aos estudantes do seminário. Existiam mais duas que Martius deixou de mencionar: a de S. Bento, cujas janelas nos desenhos de Ender davam para a várzea do Tamanduateí, e a de S. Francisco, que veio a ser o núcleo da biblioteca da futura Faculdade de Direito de S. Paulo. O acervo de que dispunham permitia a mestres e alunos de humanidades manter nível regular de estudos, dentro do espírito do tempo, sítio, e antecedentes representados pela poliantea religiosa realizada no governo de Luís Antonio de Sousa (37).

Pelo que dizem viajantes do princípio do século 19, mantinha-se interesse pelos clássicos inda depois da expulsão dos jesuitas, a demonstrar quão profunda fôra a ação dos padres da Companhia de Jesus. Por mais se esforçasse o seu maior inimigo, o Marquês de Pombal, por erradicar toda e qualquer influência dos antigos educadores, intentando reformas do ensino, ela continuava intacta até nos encarregados do expurgo. Exemplos como os de Santa Rita Durão, Platel, Verney e Basílio da Gama, são eloquentes, em que vemos pupilos dos jesuitas combaterem por ordem do governo com as armas forjadas e a eles galardoadas pelo ensino dos mestres. E' curioso verificar, se bem de passagem, a percepção desses fenômenos em S. Paulo por parte de Martius. A invulgar instrução de que dispunha lhe permitia captar manifestações pedagógicas, inda quando pouco aparentes a pessoas razoavelmente cultas, tais como a substituição das teorias de Brucker pelas divulgadas por autores de maior nomeada através traduções de Viller. No momento os pais de família brasileiros relutavam em mandar os filhos estudarem na universidade de Coimbra por considera-la atrasada e foco de maus costumes.

(37) *Relação das Festas...* em louvor de N. Sra. de Sant'Anna. S. Paulo 1770, manuscrito inédito.

Em cidade tão pequena e distante do mundo exterior, como a capital paulista, forçosamente faltavam divertimentos. Queixavam-se os viajantes da dificuldade de comunicações com o porto de Santos, que reduzia S. Paulo a mero depósito de mercadorias europeias e escoadouro das locais, inferior em importância social a Itú, grande centro agrícola habitado por fazendeiros e senhores de engenho. Habitualmente os poucos moradores ricos ou providos de funções públicas do sítio, passavam o tempo entretidos em cartas ou gamão, no intervalo de alguma tertúlia quase sempre de caráter familiar, alegrada por música composta de modinhas portuguesas e brasileiras acompanhadas por violão. Martius preferiu as segundas, de que traz amostrar no suplemento do album de viagens. Gaba também a graça das cantoras paulistas, enlevado pela reunião musical onde os alemães compareceram levados pelo Capitão sueco Dankwart⁽³⁸⁾, oportunidade rara para forasteiros se aproximarem do elemento feminino. Julgou Martius muito favoravelmente as damas que avistou, alegres e simples, bem diversas das demais que ele vislumbrara no Brasil, sob influxo ibérico que as obrigava a atitude de boneco imóvel, afogado em roupas, xales ou mantilhas, segundo costume oriental, que apenas deixavam entrever parte do rosto e a ponta dos pés.

Os festejos públicos consistiam principalmente em cerimônias religiosas, tão amiudadas quanto apreciadas. As procissões diferiam das do Rio pelo recolhimento da assistência em que figuravam habitantes de muitas léguas distantes. O elemento feminino comparecia em peso às

(38) Segundo Pallière este personagem, ao qual fora recomendado, era festejadíssimo dançarino e organizador de alegres reuniões. Era o "bout en train" local, também participante dos movimentos políticos que culminaram na Independência de 1822. A propósito, escreve Pallière no passo em que descreve a sua chegada a Santos, "*Mr. Dankwart ne voullut point que nous rentrions sans avoir vu les grandes (personnages) de la ville, surtout ceux qui avalent comme lui contribué au salut de leurs compatriotes dans l'insurrection des troupes de Santos, nous fâmes donc au palais du Gouverneur qui est Mr. X, j'ai aublié le nom et qui me reçut d'une manière distinguée*". O seu compatriota Gustaf Bayer grafa-lhe repetidas vezes o nome Dankwardt. "Resa", Stockolm, 1814.

janelas ornadas com colgaduras, a um tempo enfeitê tradicional das fachadas e realce para "toilettes" de gala. Os habitantes abastados concluíam o dia com recepções em que ofereciam chá, guaraná, jogos e danças. Havia também touradas no Campo dos Curros, hoje praça da República, que os cientistas presenciaram à tarde antes do teatro.

A sala de espetáculo situava-se perto do Palácio do Governo, numa casa de modesta aparência, pintada de vermelho com janelões pretos. O interior era mais agradavelmente disposto, graças a belo lustre de cristal ao centro e numerosos candieiros entre cada camarote. Davam-se aí entremeses ao gosto português e traduções de originais franceses, perfeitamente irreconhecíveis de tão deturpados, tal como hoje acontece no Teatro de Comédia. Os intérpretes eram compostos de mestiços de várias côres, da mesma casta dos mofinos toureiros dos Curros, recrutados, segundo costume provinciano luso, entre os artífices da população, e as mulheres na numerosa coórte "*des femmes publiques*" locais, diz Saint-Hilaire, o qual acrescentava, ser justiça reconhecer "*apresentarem-se muitos, providos de autêntica intuição artística*".

O teatro era reflexo da educação colonial, conservadora de todas as velhas tradições em uso no reino desde as academias literárias do tempo de D. João V e D. José I. Manifestava-se nos poemas, escritos gratulatórios e discursos comemorativos, não raro acompanhados de elogios rimados, ditos em banquetes ou nos intervalos de representações teatrais, "*pleins de cette emphase qu'on trouve dans les épitres dedicatoires écrites du temps de Louis XIII, e dont les Portugais*", afiança Saint-Hilaire, "*ne sentaient pas encore tout le ridicule*". Releva notar o acerto da observação há mais de um século, pois o boleio barroco dos clássicos ainda persiste com sabor eclesiástico nos autores que se preocupam com purismo, tal qual no tempo em que os conventos representavam a nata da inteletualidade. Vamos encontra-lo onipresente no maior gramático, tribuno e advogado brasileiro do nosso tempo, não como recurso destinado a provocar contraste ou ironia, mas fonte contínua de ins-

piração, com os mesmos tropos conventuais e ranço bíblico. O que impressionou Anatole France quando saudado por Rui Barbosa, mais que o fraco francês da oração foi o bafio a homília que tresandava. Este vezo não se dissipou e torna a aparecer na oratória da mor parte da geração do causídico e nas seguintes, embora de quando em quando, surjam exceções em eruditos louvavelmente estranhos à maioria da época como Capistrano de Abreu ou Mário de Andrade, cuja originalidade intervém no caso tal sumo de limão em doces demasiadamente assucarados.

No princípio do século 18 prezava-se o teatro na sociedade colonial, conquanto antolhada por preconceitos religiosos, sem ânimo em demonstrar a predileção, procurando, antes, esconder a “*pecaminosa*” tendência. Considerado indigno de pessoas de bem, gorou a tentativa de dotar, próximo ao século 19 a cidade com uma sala maior na rua de S. Bento, a que os “*homens bons*” da edilidade se opuseram em nome da pureza dos costumes. Troava, a respeito o zelo do supercilioso clero, guardião da moral pública e privada, apesar de nem sempre pessoalmente dar exemplo de temperança. Ouvia, contudo, os ecos de medidas tomadas na côrte, alarmada no tempo da Sra. D. Maria I pelos escândalos da Zamperini, cantora que ameaçava de perdição a alma dos maiores fidalgos do reino e via-se compelido na colônia a afinar pelo mesmo tom. Proibira-se em Lisboa que mulheres subissem ao palco, substituídas nas óperas por castrados italianos escolhidos entre os mais jovens e gráceis. Era caso dizer: “*emenda pior que o soneto*”; como, porém, vinha o exemplo de cima, era o quanto bastava para se vociferar contra a depravação do teatro. Inutil dizer o prejuízo decorrente de semelhante mentalidade a respeito do que representava em nações civilizadas uma das maiores distrações da côrte e do povo ⁽³⁹⁾.

No Brasil, particularmente nas províncias do interior, seguiam as autoridades reiúnas os ditames das eclesiásticas,

(39) V. artigo do Autor “*Um Personagem Inédito de Balzac*”, in revista *Anhembi*. Vol. IV n. 12 S. Paulo 1951, e Raul Brandão, *El Rei Junot*, 133-7.

não só por estarem muitas vezes de acordo com o Bispo e Cabildo, como para evitar conflictos de jurisdição em que fatalmente Governadores e Ouvidores seriam derrotados. A crônica colonial está cheia desses embates, sempre a favor dos Clérigos, aconselhando, portanto, a sabedoria dos funcionários, evitar incidentes em extremo nocivos às respectivas carreiras na administração pública. Acaso algum de seus componentes, mais culto e amigo das letras, tentasse proteger em demasia a arte teatral, arriscaria fama de de devasso, indigno do cargo que lhe fôra confiado. S. Paulo não fazia axceção à regra, e lhe faltava, para mais, a compensação das cavalladas, divertimento necessitado de grandiosa encenação para ser apresentado, somente possível em Itú ou Sorocaba, onde havia cavaleiros em condições de aparecerem em público ricamente vestidos, sobre corseis pesadamente ajaezados (40).

Na maioria das ruas paulistas o movimento era escasso, afora certas horas em que a população ia à missa ou efetuava compras. De qualquer modo, distanciava-se das cidades do litoral, principalmente do Rio, de onde chegavam Ender e companheiros. Na sede da capitania não se via a inumeravel negrada carregar gêneros na cabeça, ou juntar-se em grupos para transporte de pesados fardos, tais como pipas de vinho, pianos, carruagens desmontadas, etc., cenas reproduzidas pelas litografias de Debret, de Rugendas, ou guaches de Guillobel. Nada disso se via na Pauliceia pela razão simples de não se encontrarem aí carruagens nem pianos, pois em toda a cidade existia apenas a cadeirinha do Bispo. Dificuldades consideradas intransponíveis opunham-se à vinda de certos móveis ou veículos além do fator preponderante da mediania das fortunas. No "*Triângulo*" os gêneros miudos apreciados pela população, compostos de legumes e frutas, eram vendidos por pretas acoradas na rua da Quitanda, não distante do chariz da Misericórdia, onde, tal como no Rio, também havia desordens provocadas pelos pretos aguadeiros. Os outros

(40) v. Debret, *Le Brésil Pittoresque*, vol. III. 189-90.

viveres necessários ao passadio, farinha de trigo, mandioca, milho, toucinho, arroz, feijão, carne-seca, etc., amontoavam-se nas lojas da rua das Casinhas, mais tarde denominada do Tesouro, porquanto cada armazem ocupava construção separada, a constituir espécie de bazar oriental. Esse ramo de comércio era abastecido por sitiante das redondezas, os quais durante o dia promoviam, na dita rua, "*encombrement de nègres, de campagnards, de mulets, de muletiers*", diz Saint-Hilaire. À noite mudava o cenário, "*et les acheteurs font place à des nuées de postituées d'un ordre inférieur, attirées par les camaradas (serviteurs libres) et les gens de la campagne, quelles cherchent à prendre dans leurs filets*".

Tampouco essa mercadoria se assemelhava à carioca, representada pelas "*venus noires*", de que Debret deixou imagens nos seus inéditos, não publicados no album de reminiscências oficiais. No Rio as meretrizes do tempo de D. João VI inspiravam-se, segundo as posses, nas modas da Rua do Ouvidor, "*la rue Vivienne des tropiques*" depois da chegada dos franceses, como lhe chama Jacquemont, a que alude Marrocos em suas cartas e outros em suas narrativas. Assim sendo, estariam inteiradas das inovações das lojas, orientadas, ademais, pelas damas da côrte, que de perto ou de longe conseguiram vislumbrar. Nesta matéria deixou Guillobel desenhos mui esclarecedores, copiados com desenvolta semcerimônia por Ender como adeante teremos ocasião de tratar. Nas capitánias do interior a indumentária ainda remontava a tempos idos, com a simplicidade mourisca da era colonial. Na Pauliceia as mulheres que à noite apareciam à cata de tropeiros, traziam amplos capotes de lã em que se embuçavam, deixando ver apenas parte do rosto, consoante hábitos visivelmente herdados do Oriente.

Em certo momento da noite as ruas do "*Triângulo*" voltavam a ser quase tão movimentadas como nas mais azafamadas horas do dia, os homens traziam chapéus pensos sobre os olhos e as mulheres os seus caídos sobre a nuca. As cores dos mantos eram preto, azul e vermelho,

como nos mostra uma aguarela de Hércules Florence, que presenciou com pouca diferença de data as mesmas cenas presenciadas por Pallière e pelos austro-alemães. O quadro vinha de longe, conservado intacto até a Independência. Descreve o velho relato de viagem de Langstedt alusivo ao Rio de Janeiro em 1781, vestimentas parecidas, "*Die vornehmen Portugiesischen Frauenzimmer tragem groestentheils rothe Maentel. Die angesehenen schwarzen und mulatistischen Maedchens, welche ueberaus komisch tanzen koennen, blaue Rocke und schwarze Maenteln dabei haben sie nicht selten kostbare Rosenkraenze und Amuleten*". Contudo, ao passo que no litoral a chegada da côrte de todo mudara as modas, a indumentária feminina continuava pouco mais ou menos a mesma nos sítios de difícil acesso às novidades.

Segundo o francês, contavam-se entre as marafonas vestidas deste modo, todos os matizes do branco ao pardo escuro. As donas tinham chegado em carros de boi ou na garupa de tropeiros, de muito longe às vezes, com fito de exercer "*Le trafico de leurs charmes*" que dava às ruas, escassamente alumadas, impressão de uma Marraquech no trópico. Entretanto, conservavam no mister discreto comportamento, inesperado a europeus. "*Elles se promenaient avec lenteur ou attendaient les chalands dans les carrefours*", escreve Saint-Hilaire, "*mais il faut le dire, jamais elles n'abordaient personne. On ne les entendait pas non plus injurier les hommes ou s'injurier entre elles; à peine regardaient-elles ceux qui passaient; elles conservaient une sorte de pudeur extérieure et n'avaient absolument rien de se dévergondage cynique qui, à la même époque, revoltait si souvent chez les prostituées parisiennes de bas étage*". Tão insólita atitude a olhos franceses, explicava-se pela antiga e duradoura ação inacina sobre todas as classes da sociedade, impondo compostura até nas mais baixas camadas. Onde houve ensino jesuítico, remanesceu por longo tempo louvável recato no convívio e na atitude dos habitantes do mesmo povoado, mormente em matéria de costumes. A esta influência também devemos juntar a

impassibilidade do índio, semelhante ao fatalismo árabe de muitos reinos, concorrendo para tornar o mulhério conformado com sua sorte, de modo muito diverso do meretrício das grandes capitais europeias ⁽⁴¹⁾.

Nos relatos de viajantes antigos, ocorrem às vezes confusões, em que num passo louvam o trato de pessoas, para mais adiante condenar-lhes o procedimento, sem especificar ao certo de que indivíduos tratam. Misturam indevidamente ricos e pobres, habitantes da cidade e viajantes em trânsito, brancos, pretos e mestiços, num quadro, entretanto, de rigorosa delimitação social e racial ⁽⁴²⁾. Tampouco, não devem ser confundidos os habitantes da cidade com os do campo, quase sempre descalços, vestidos com um blusão, calças curtas e chapéu de feltro cinzento. Segundo os franceses, "*On démêle dans leurs traits quelques uns des caractères de la race américaine*", enquanto na cidade Mawe assegurava que a aparência dos brancos era muito diversa, principalmente do "*higher rank*" o qual, "*dress superbly: in company they are very polite and attentive*", ou seja, completamente opostos os burgueses apatacados urbanos aos moradores livres do campo.

Nas baixas classes o andar pousado e fisionomia parada tinham a aparente insensibilidade dos extremo-orientais. Demonstravam também o descaso e imprevidência do índio, difícil de mover quando dele se necessitava, como muitas vezes sucedeu a viajantes provocando-lhes justificado mau humor. Trabalhavam apenas o suficiente para se alimentarem, depois descansavam, o que

(41) "*La vie que l'on mène a St. Paul on recontre beaucoup d'hommes dans les rues, toujours envelopés dans ces espèces de capotes (ponchos) et quelques femmes aussi en capotes jusqu'au yeux, elle est noire, blanche ou mulâtre, cela est la même chose. Elles sont aussi respectées l'une que l'autre. Il est rare que les hommes en général disent une grossiereté aux femmes, ou les retiennent par leurs vêtements*". *Diário Intimo de Pallière*.

(42) "*Le ton des hommes est le plus mauvais, et ce qui serait du dernier impolitique ou très grossier, est ici reçu, par exemple, roter. On rote comme jamais je n'ai entendu roter en aucun endroit pas même les crocheteurs du porcheron*". O costume oriental atribuído por Pallière à população da cidade, muito possivelmente pertencia a adventícios de passagem, nacionais ou estrangeiros como ele.

representava, de certo modo grande sabedoria, mas ocasionava graves contratempos aos que não dispunham, como os senhores de engenho, de autárquica organização em suas fazendas. Queixavam-se, daí, os forasteiros das dificuldades provenientes de tanta madraçaria e desambição, tendo de uma feita, o governador, de colocar guarda junto a um carpinteiro para obriga-lo a entregar no dia aprazado, sob pena de cadeia, a encomenda de Saint-Hilaire.

Da cidade excursionou Ender com os companheiros pelas redondezas, provavelmente em visita a chácaras como as do José Roberto de Carvalho e de Dona Gertrudes, situadas na direção do Jaraguá, que o artista reproduz sítio no fundo de um anfiteatro natural. Talvez o desenhasse na hora de se separar dos outros componentes da expedição na estrada de Sorocaba, prosseguindo Martius viagem para o sertão e o desenhista para S. Paulo. Alegava Ender para explicar o apartamento, motivos de saúde, abalada pelo cansaço da inconfortável viagem, que não mais lhe permitia figurar na expedição. Encarregado de levar consigo ao Rio exemplares botânicos, julgados perdidos mas que foram providencialmente encontrados, seguiu logo viagem para o Rio de Janeiro. Em direção à Penha teve oportunidade de conhecer outra chácara, pertencente ao Coronel de milícias Francisco Alves Ferreira do Amaral, personagem de grande importância na capitania, e que pouco depois muito valeu a Saint-Hilaire no mesmo sítio⁽⁴³⁾. Recomeçou o vienense a jornada de volta, oportunidade para reproduzir em diferentes direções outros aspectos das vilas do vale do Paraíba. Graças à ida e volta do antigo aluno da *Akademie*, e à excursão de Debret, dispomos atualmente de dados iconográficos sobre sítios a respeito dos quais, até pouco tempo, quase nada se conhecia.

(43) Havia ainda em 1800, nas redondezas da Penha, vendas destinadas a abastecer viajantes, dispostas de maneira singular, provavelmente como em tempos antigos, de aspecto curioso e incomum por volta de 1800. Os gêneros permaneciam no interior, em depósitos fechados, fora do alcance dos clientes, que eram servidos através de postigos. Congeturavam, os viajantes, decorrer a precaução da gula dos índios agravada por insuficiente noção do direito de propriedade, que obrigava os comerciantes àquelas precauções.

DE VOLTA À CÔRTE

CHEGOU Ender em princípios de 1818 de volta à Côrte, quando se ultimavam preparativos para comemorar o aniversário da Arquiduquesa Leopoldina. Desejava D. João comprazer-lhe e para esse fim ordenara ao Intendente de polícia Paulo Fernandes Viana que não poupasse despesas. Encontrou nessa altura, o artista, os seus compatriotas também azafamados, pois na ocasião adquiria a embaixada especial da Áustria precedência sobre as outras acreditadas no Rio. Ender, dependente do Conde de Elz e do Barão de Neveu, dispunha de invejável oportunidade para acompanhar em todos os pormenores os acontecimentos do Corpo Diplomático e da Côrte. A chegada da Princesa Herdeira mobilizara os recursos artísticos disponíveis de momento na capital. Artistas franceses, arquitetos da Real Casa, carpinteiros do arsenal, pintores, estofadores, marceneiros, e “*tutti quanti*”, inclusive os cantores e maestros de capela, prestavam a respetiva contribuição nas solenidades e se adestravam para as seguintes. Contavam os festejos do aniversário de D. Leopoldina com novos recursos e na próxima Aclamação de D. João, interviriam ainda maiores e mais variados ⁽⁴⁴⁾.

(44) Reconhecia Ipólito Taunay a suntuosidade dos festejos para os quais D. João mandara restaurar o seu coche de gala e comprara para D. Pedro o que José Bonaparte encomendara em Paris quando rei da Espanha e não chegara a receber em Madri: “*La réception de cette princesse (D. Leopoldina) a été l'occasion de fêtes vraiment sumptueuses. Nous n'avons vu nulle part encore, sans en excepter Paris, des illuminations plus brillantes et plus prolongées. Concerts, distributions de vivres, combats de taureaux, tournois,*

O pintor viajara em companhia dos Príncipes de Palffy e de Thurn und Taxis ⁽⁴⁵⁾ e mais austríacos que tinham estado em S. Paulo. Todos provavelmente se hospedavam nas sedes das duas representações de seu país. No domicílio carioca, muito mais confortavel que os da viagem, aproveitaria Ender os acontecimentos que o deixavam livre, para classificar as notas que deveriam servir nas publicações a serem feitas na Europa. Esperavam ainda, artistas e cientistas austro-alemães, encontrar quando chegassem à pátria o almejado auxílio de seus governos, perspectiva que só parcialmente se verificou e, isso mesmo, através longas e infinitas dificuldades. Na hora, porém, ignorava o vienense os fados que iriam conservar por longo tempo seus desenhos ocultos no pó do mais profundo olvido. Supunha que não tardaria a divulgá-los, alcançando com a publicação a desejada notoriedade.

Nessa altura, reparamos no acervo de Ender certo número de aguarelas a representar povoações de Minas, a saber: São João del Rey, Tejuco, Barbacena e Vila Rica onde ele nunca esteve. Desta última localidade, sede da capitania, ocorrem várias paisagens esboçadas por Pohl (que dizia dispor de um aparelho óptico, de câmara clara, para comodamente apanhar paisagens com extrema exatidão), em que se vê a vila de um alto, vista de um tanque de lavagem de minério, abrangendo as colinas onde se extraia "ouro preto" ou "inficionado". Do observatório domina-se o casario sobre escarpadas ladeiras, descendo do tope onde havia igrejas até as pontes de acesso à cidade. Em outra folha divisamos na beira da estrada, perto das primeiras construções urbanas, força semelhante à estampa de Henderson, composta de tres altos moirões, reunidos por traves em forma de triângulo horizontal, que tanto

tels ont été les divertissements que on lieu pendant des semaines entières. Les feux d'artifice et les détonations d'artillerie complétaient l'expressions de la joie publique". Nas iluminações e ornamentação de edificios e casas particulares, juntou-se o empreiteiro francês Bouch aos componentes da Missão Artística.

(45) Um dos secretários de Neveu, cujo nome Oliveira Lima estropia por "de La Tour et Taxis".

podiam servir para dar maior comodidade ao carrasco, como também justificar simultâneamente mais de um condenado.

Em outro panorama de cidade serrana reproduz o desenhista o rancho e cercado do caravancaraí de tropeiros junto à ponte de entrada, documento extremamente interessante para a vida e costumes antigos do sítio. Estas vistas, mais as de Goiás e Maranhão, foram apenas refeitas e ampliadas por Ender e pertencem à coleção de estampas abertas em cobre do atlas de Pohl — entre as quais a famosa de Ouro Preto; por nós considerada das mais belas gravuras a água forte sobre paisagens brasileiras — que arvoram na legenda data, lugar, desenhista e gravador. Assim temos “*Serra das Figuras*”, no Maranhão, desenhada por Ender e gravada por Passini em Viena, 1828. “*Vila Rica*”, ou Ouro Preto, id. e “*Goiás*” “*Aufgenommen von Dr. Pohl, Ausgefueert von T. Ender, Gestochen von Jos. Axmann 1830*”. Desta última, poder-se-ia inferir que também as mineiras seriam como as goianas e maranhenses desenhadas em Viena de apontamentos tomados pelos naturalistas segundo sistema gráfico-artístico então muito em voga. Note-se, que Martius rivalizava sem desdouro com Spix em matéria de desenho, segundo se verifica nos seus tres albuns dedicados às Palmeiras.

No Rio de Janeiro encontraria Ender novas ocasiões para exercer a sua incansavel atividade. De permeio com personagens oficiais assistiu às festas do aniversário da Princesa conterrânea. A comemoração foi qualificada como “*particular*”, a fim de não interferir no agenda da côrte nas festividades da próxima Aclamação. Nem por isso deixavam de ser suntuosas, e principalmente dispendiosas. Ordenara D. João ao arquiteto Manuel da Costa, também pintor e decorador dos régios palácios, organizasse divertimentos semclhantes aos das côrtes europeias nas mesmas ocasiões. Com muito engenho e arte o profissional se desincumbiu da tarefa graças ao circo levantado sob a galeria, que naquele tempo acompanhava a fachada do palácio em toda a sua extensão. Conseguiu Manuel da Costa desse modo, dar

espaço cômodo à côrte e a seus convidados, entre os quais estaria Ender — na galeria dividida em camarotes. O recinto destinava-se à corrida de touros e o espaço restante, na frente do portão inglês, fôra reservado para os fogos de artifício.

Como sempre acontece nos relatos de contemporâneos, divergem as versões a respeito das festas. Uns gabavam as touradas, que por tres dias consecutivos se correram no recinto. Diziam constar nas principais, números hispano-americanos vindos de Montevidéu para esse fim, com tanto agrado do público, que permaneceram no Rio até a Aclamação. Outros asseveram que os touros se apresentavam lerdos e pouco combativos, além de trazerem bolas nas aspas para não ofender os fidalgos toureiros. Estes figurantes se apresentavam magnificamente trajados, sobre garbosos corceis e esplêndidos arreios, dirigidos pelo mestre da função, gentil-homem da mais alta linhagem, vestido de preto à moda de Luís XV, num cavalo de resplandecente alvura. Dirigia-se, depois das touradas, descoberto, até o camarote real, seguido pelos demais cavaleiros em ginetes ainda mais belos que os de tourear, perfeitamente adestrados em falquearia para cumprimentar o Príncipe e assistência com os movimentos em conjunto descritos pela *Nobre Arte* pouco antes no reino publicada e atribuída ao velho Marquês de Marialva. As touradas e cavahadas recordariam à fidalguia presente os espetáculos que inspiraram a *Última Corrida em Salvaterra*. Outros informantes, porém, acrescentavam que para maior brilho da função e côr local, tinham sido remetidos “peões” (46) de S. Paulo para exhibirem suas habilidades no lago e nas bolas, em que eram peritos muito antes de haver “cow boys” no Far West norte-americano.

Ao bailarino chefe do teatro de ópera, o francês Lacombe, coube organizar no mesmo recinto exhibição de pseudas dansas indígenas, onde apareciam Tupiniquins e Tupinam-

(46) O termo a significar pedestre no reino tomara em S. Paulo outra acepção, a de domador de cavalos e de modo geral, exímio cavaleiro.

bás aos pares, em demonstrações terminadas com evoluções militares e “*iripúdio*”, como diz o padre Perereca, em que os soldados davam uma descarga geral de suas armas. O final foi tão apreciado que o repetiram nas tres representações, assim como as danças clássicas e típicas espanholas, à noite em caramanchões armados nos jardins da Quinta. A iluminação também foi muito apreciada, pois, representava inovação introduzida pelos artistas franceses, que reproduziam no Rio de Janeiro, luminárias usadas nas grandes ocasiões em Paris sob Napoleão I.

O aspecto da capital dos Braganças parecia cada dia mais estranho. Aqueles divertimentos em que entravam índios como os da entrada de Diana de Poitiers em Rouen, ou dos bailados do Louvre sob Luís XIII; estes, porém, com índios autênticos do Nordeste e do Maranhão, significavam completa mudança na cidade. Antigamente costumavam os portugueses ocultar tudo que dissesse respeito à colônia. Com a transferência do governo para a América, passou a suceder o contrário, e onde dantes havia o maior cuidado de manter silêncio, registrava-se ostentação em alardear tesouros e curiosidades do imenso império luso derramado sobre quatro continentes. Urgia engrandecer a coroa perante as nações europeias e governichos da América do Sul. Daí as constantes alusões às características do Brasil. Outro recurso era o casamento do Príncipe Herdeiro com uma Arquiduquesa no momento em que os austríacos, pareciam deter o fiel da balança política da Europa continental. A Áustria era um exemplo de como tramas matrimoniais, podiam emprenhar o território de um pequeno grão-ducado e guinda-lo ao gigantesco conglomerado de nações sob o cetro de Carlos V. Tornara Maria Teresa à política dos avós, distribuindo filhos e filhas pelos territórios outrora pertencentes a Filipe II. A repetição de casamentos entre Áustria, Espanha, Nápoles e mais tarde Portugal, habilmente circunscrevendo a França, onde penetrara Maria Antonieta, acabava por formar uma só família. Era D. Leopoldina, naquele momento tão festejada, produto e agente da política expressa na famosa frase

“*Tu, felix, Austria, nubes!*”, com resultado de não haver uma gota de sangue diferente nas veias de seus pais, que pareciam reedição familiar dos Ptolomeus do Egito... (47).

Outro elemento semelhante a serviço de ambições régias, era Da. Carlota Joaquina de Bourbon, filha de Carlos IV de Espanha, irmão de Ferdinando IV de Nápoles. Calculista, ambiciosa e imperiosa, a esposa do Regente pretendia representar o papel de nova Maria Teresa, casando filhos e filhas nas côrtes católicas. O filho mais velho desposava Da. Leopoldina; uma filha estava destinada ao sobrinho herdeiro do trono da Espanha; outra a outro Infante; as demais deveriam desposar Príncipes franceses. Cogitou-se até, de alianças matrimoniais com a Rússia e a propósito consultou D. João o Bispo do Rio de Janeiro sobre a diferença de religião. Neste ponto, estavam de acordo os dois cônjuges, no resto desavindos, e não poupavam negaças à côrte de Paris a fim de conseguir o ambicionado casamento com o Duque de Berry. A devolução da Guiana, juntamente com os auxílios remetidos ao Conde de Provence no exílio, serviam de pretexto, plano que falhou porque os Bourbons franceses preferiram Maria Carolina, filha de Francisco I de Nápoles, herdeiro de Ferdinando IV, a qual viria ser meia irmã de Da. Teresa Cristina, futura Imperatriz do Brasil. Também falhou combinação semelhante com a côrte de Viena, entabolada no Rio de Janeiro com o Conde de Elz, para efetuar novo casamento entre Bourbons, Braganças e Habsburgos, oferecida por D. João VI a mão da Infanta Isabel para o herdeiro da Áustria. Na volta para a Europa levou o Embaixador Especial o convite a Metternich, sem lograr, porém, resposta favorável.

Em todo caso, alcançou o consórcio de D. Pedro no momento prestígio de efeito interno. Servia de lenitivo para o deplorável espetáculo que a vinda da côrte, outrora considerada cenáculo divino, dava aos súditos coloniais.

(47) O Imperador Francisco II da Áustria era filho do Grão-duque de Toscana e de Maria Luisa de Bourbon, irmã do Rei Ferdinando IV. A sua esposa, Imperatriz Maria Teresa, era filha de Ferdinando IV de Bourbon e de Maria Carolina, irmã do Grão-duque de Toscana.

No interior ainda demorou um pouco o esmaecimento da grandeza régia, mas na capital o efeito foi quase imediato. O Rio não estava em condições de receber o afluxo de tantos funcionários exigentes da côrte, irritados pelos acontecimentos, envilecidos pela adversidade. Tampouco, a sua estreiteza de espirito os levaria a compreender a situação e os motivos de enlevo do Príncipe pela nova residência. Muito menos ocorria aproveitar o entusiasmo da população para criar um ambiente de cordialidade a todos proveitoso. Talvez, até, difeririam com o procedimento a separação que pouco depois havia de ocorrer entre os dois países de idêntica língua, costumes, religião e tradição. Malumorados deitaram, entretanto, os do séquito real tudo a perder. Queixavam-se, reclamavam, injuriavam a terra e as gentes do lugar. Tornavam-se odiosos principalmente os da classe pequeno-burguesa, concorrendo para formar adversários que lhes haviam de tomar o lugar. Em pouco levantara-se no Rio de Janeiro azeda rivalidade entre o funcionalismo importado e os principais moradores da antiga colônia. Filhos de senhores de engenho e de comerciantes lusos enriquecidos na mercância, e cujos bens tinham decuplicado com a vinda da côrte, ao invés de lhes testemunhar admiração ou simpatia, cordialmente os detestavam.

Nesse terreno medravam sementes de mudanças políticas, intensificando-se as inspiradas pela grande democracia americana, presentes no espírito dos jovens coloniais desde quando o estudante Maia (o Vendeck dos fastos precursores da República) entrevistava em Montpellier Jefferson, Embaixador dos Estados Unidos junto à côrte de França. Concordavam, sem dúvida, inda os mais exaltados partidários de ideias novas, em louvar o caráter do Príncipe, mas tinham cuidado de separar-lo de seus cortesões. Gabavam-lhe a indulgência, bondade inata, lhanura de trato, conhecimento dos homens e das coisas, porém, tais virtudes estavam longe de ser imitadas pelos próximos, a começar pela turbulenta Carlota Joaquina. O Príncipe era realmente exceção na família e no governo, ponderado,

equilibrado, emérito em amenizar conflitos, dons que lhe permitiram transpor sem erros fatais um dos mais tormentosos períodos da história portuguesa. Ao passo que outros soberanos em Paris, Madrid ou Nápoles perdiam o trono, em espantosas tragédias, ele morreu rei a despeito das insídias do tempo e da própria família (48), e deixou saudades como raramente soberano inspirou. Circulava a propósito no Corpo Diplomático, que era muito mais sagaz do que se pensava, além de, pela maneira como soube corresponder à afeição dos que o cercavam, brasileiros e portugueses, fazer jus à fama de generoso e grato, duas qualidades raramente conjugadas nos poderosos, educados durante o absolutismo na persuasão de que tudo lhes era devido por graça divina.

A carta de seu próprio punho em que em nome da Rainha D. Maria I nomeia ministro ao Ilustre Conde de Linhares, é elegante modelo de apreço do soberano ao súdito escolhido para gerir negócios públicos. Vamos reproduzi-la na íntegra por ser documento deveras característico:

Ill. Ex. Snr.

Dou a V. Exa. os parabens pela Nomeação que S. Mag. houve por bem fazer da Pessoa de V. Exa p. huma Secretaria que V. Exa. agora vai purificar de alguma imperfeição que houvera sofrido, se eu achar lazer irei hoje mesmo certificar pessoalmente a V. Exa. destes meus Sentimentos, se não amanhã de manham, e responderei aos quesitos que V. Exa. me fizer, tambem participo a V. Exa. que me parece haver aqui hum Irmão de Ant. Joaquim de Moraes q pertence a mesma

(48) Soube principalmente facilitar a transferência do governo e côrte de Lisboa para o Rio de Janeiro a poder de prontas medidas, que os seus parentes da França e da Espanha tentaram e não conseguiram.

Secretaria mas como o Freitas ha de passar a casa de V. Exa. Me informarei melhor a V. Exa. Ponham-me V. Exa aos pés de SS. Exas. e creia q sou com mr. affecto e reconhecimento

De V. Exa.

Amigo e fiel Captivo Obrigmo.

P. João.

Outra perfeita de tom, malícia e astúcia é dirigida a D. Carlota Joaquina na mesma data, quando a ambiciosa Princesa pretendia passar aos antigos domínios espanhois no Prata. O pretexto por ela alegado afiançava defender os interesses de seu irmão, o novo Rei da Espanha Fernando VII, pôsto, em realidade, a irrequieta mulher desejasse apoderar-se da região platina para si e seus filhos ⁽⁴⁹⁾. Representava a intenção arriscadíssima aventura tanto pelo estado de espírito do povo como desaprovação da Inglaterra a semelhantes combinações. Entretanto, o Príncipe concedia gostosamente permissão ao projeto da esposa, se bem fingisse junto a Lord Strangford, grande aborrecimento. Mais perspicazes, certos diplomatas, com o Núncio Marefoschi, notavam que o Príncipe se afeiçoara ao Brasil, onde demoraria enquanto não se visse forçado a deixa-lo: "*Acreditava, porém*", segundo reproduz Hildebrando Acioli, "*que partiria depressa para Lisboa, se soubesse que Da. Carlota Joaquina teria prazer em ficar na América*".

A côrte no Rio de Janeiro refletia, pelo menos exteriormente, o ânimo do Príncipe Regente. A Rainha-mãe, louca, vegetava cercada de consideração como se continuasse em juizo perfeito. Recebera guarda de 60 archeiros, cujo uniforme ordinário era azul agalado de prata, e nos

(49) Um dos mais curiosos documentos da campanha então desenvolvida a seu favor é a publicação "*Dictamén proponendo para Regenta del Reyno à Da. Carlota Joaquina de Borbón*", por D. Antonio José Ruiz de Padrón, disputado por Canarias. Madrid; Imprenta de Dávila, 1814.

dias de gala, encarnado com galões de ouro. Habitava a rainha-mãe com o seu séquito, na parte fronteira ao terreiro do Paço no antigo convento do Carmo. Toda tarde saía a passeio com sua aia, a Condessa do Real Agrado, a “Joaninha”, sua mais chegada amiga. Não deixava o Príncipe de visitar amiudadamente a soberana, sempre a se lamentar, persuadida de que continuava em Lisboa e a caminho do inferno por causa de seus pecados e os de D. José I, seu pai. Às vezes sofria de frenesís, como relataram a sobrinha do Chalaça, presente numa festa ainda no princípio de sua demência e mais tarde Laura Permon em Cintra, quando a viu esbofetear uma açafata. Embaixo de seus aposentos no Carmo situavam-se as cozinhas e a ucharia real, de onde iam as refeições para o antigo paço dos Vice-Reis habitado por Da. Carlota Joaquina, a cunhada Princesa Maria Benedita e os filhos menores.

D. João habitava, geralmente, a chácara que fôra do rico negociante Elias Antonio Lopes em S. Cristovam. Acerca dessa residência nenhuma melhor descrição que a de Manuel Porto Alegre. Informa, o pintor: *“Esta casa era extraordinariamente grande para um particular solteiro, pequena para a residencia de um soberano. E’ de notar que em 1803, sendo perguntado este Elias por que razão edificava uma casa tamanha, respondeu (talvez baseado em certas profecias, que o povo supersticioso cria deverem-se realizar por aquella época) que era para residencia do principe regente de Portugal, e com efeito em 1808 a ofereceu principe, que a aceitou.”*

Esta casa formava um quadrilatero de 240 palmos de lado (50), com galerias etc. . . . D. João, enquanto sua mãe viveu, passava apenas os dias de S. Cristovam, e hia dormir no Paço da cidade, e logo que ela falleceu, mudou-se inteiramente para S. Cristovam, deixando na cidade toda a fami-

(50) As estampas do III vol. de Debret descrevem os vários aspectos do palácio segundo as modificações que lhe impuseram no correr do tempo.

lia feminina, excepto a filha viuva do Infante D. Pedro Carlos e seus dois filhos que o acompanhavam (51).

Como D. João não tivesse tenção de sahir do Brasil, onde se julgava em geral mais querido do que em Portugal, e ao mesmo tempo quizesse embahir aos portuguezes que voltaria sempre na Primavera futura não quiz acrescentar a este palacio parte alguma afim de que os portuguezes acreditassem mais nas suas promessas. Todavia, aproximando-se a epoca de casar o Principe e vendo a impossibilidade de aloja-lo com o seu sequito no mesmo palacio e temendo sempre separar de si o filho, a quem sempre separava dos negocios, assentou de fazer-lhe um aposento, augmentado a este edificio uma ala lado do sul.

O quarto que occupava D. João VI tem 24 palmos quadrados e tinha por adjacencia um outro um pouco menor. E' tudo quanto servia de alojamento ao Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves!

Em outro quarto menor que qualquer dos dous morava a princesa viuva com seu filho sem outra alguma adjacencia. Tinha o rei um pequeno gabinete de trabalho, uma sala para o Diplomatas e uma sala do Throno. Toda a mais parte superior do palacio estava occupada por Damas, de 1.^a e 2.^a ordem, e creadas de todas as classes.

O infante D. Miguel habitava o rez-de-chaussé em um quarto sem janela, porque todo o rez-de-chaussé não as tem e sim des oeills de boeuf. Os camaristas, veadores, e guardaroupas tanto do rei como dos principes e princessas habitavam quartos iguaes ao do Infante, os quaes têm 20 palmos de lado sobre 40 de fundo, divididos em duas peças escuras.

Sabe-se que D. João VI vivia em divorcio com a rainha, por isso aquellas damas da corte que cahião no desagrado da rainha fugião para S. Cristovão, havendo superabundancia de gente feminina alem da que era precisa para o serviço da princeza.

(51) Os Infantes D. Pedro e D. Miguel.

Como o rei só dava de comer aos grandes officiaes e officiaes da Casa e pagava a dinheiro as comedorias das Damas, estas faziam as cosinhas separadamente umas das outras, em razões de suas gerarchias nas embrasuras das janellas que deitão para o cour do quadrilatero (52). De sorte que era impossivel ao rei sair do seu aposento sem encontrar tres ou quatro cosinhas tanto para dar audiencia como sair a passeio (53).

D. João VI era um homem de habitos, se uma vez dormia em um lugar, jamais queria dormir em outros, levando isto a ponto de não admittir que o leito ficasse mais ou menos aproximado à parede do que junto della e qualquer mudança que elle experimentasse desconfiava della, e aborrecia a quem lh'a fizesse. Um dia sentio o rei pouco appetite e um criado se offereceu a fazer em sua presença um prato de arroz com saucisses, que lhe abrira o appetite: o rei consentio, fez-se o arroz, o rei comeu com prazer, e como fosse feito da porta de seu quarto todos os dias o mesmo fez alli arroz com chouriço.

O logar onde estava o quarto do rei é do lado do norte e por isso aquecido tanto de leste como de oeste, fazendo

(52) Porto Alegre fôra moço para a França onde se demorou, o que explica o seu francesismo.

(53) Havia também outros inconvenientes ou trambolhos ante os passos do Príncipe em seu palácio. Afora do que nos diz Pallière da cena em que presenciou a Infanta Maria Teresa obrigada a se desviar, "*obligé de se deranger pour en laisser passer*" uma "*garde robe*", narra Tobias Monteiro, particularmente apreciador desses pormenores, como tinham de passar pela sala de audiências, "*para serem esvasiados, vasos identicos aos que eram levados nos passeios a Macacos para furta-los aos olhos dos circumstantes, cobriam-nos com uma tampa de madeira, donde pendia uma bambinella de veludo encarnado. Mas esse fechamento era imperfeito e deixava escaparem-se elementos volateis, denunciantes do conteudo. Apesar do seu desprezo pela limpeza, não queria o Príncipe que lhe atribuíssem autoria na formação daquellas colheitas, tão ingratas ao olfacto. Uma vez, conversando com Mosqueira, procurador da coroa no tribunal do Desembargo do Paço, asseverava-lhe que não concorrera para aggravar a desagradavel sensação por ambos experimentada*". Baseava-se Tobias nos mexericos transcritos por Jacobina, autoridade mais que duvidosa, poderíamos mesmo dizer, suspeitissima, como todo veiculador de falatórios. No caso, porém, os depoimentos de Pallière e de Porto Alegre são coincidentes a confirmar o desconforto do Palácio Real. O acaso, não confere, todavia, veracidade aos demais mexericos daquela origem, tão absurdos que não se compreende como pôde um candidato a historiador aceita-las.

alli o thermometro sempre uma differença de 5º. A saude do rei diminuia e foi compellido a fazer o pavilhão do norte, que foi começado e acabado em oito mezes: e assim mais tarde mandou fazer uma ala fronteira ao aposento de seu filho da qual se não fez senão a metade. Com este pavilhão e com a ala que ficão contiguos à galeria do norte pouco ganhou o rei, porque apenas despachava e estava de dia ora num ora noutro logar e posto que muito mais frescos, nunca deixou o seu quarto, onde dormia apesar da differença de temperatura, por obedecer à força do habito, onde tinha uma rosa ventoura que lhe indicava as trovoadas de que era muito medroso.

Retirado el-Rei para Portugal, D. Pedro habitou o palacio. . . Custa crer que durante dois reinados comeram o rei e o imperador de uma cosinha que era o diabo, vindo a comida pela chuva e sol, e às vezes com as grandes chuvas do Brasil eram os monarcas obrigados a esperar que ellas passassem para poderem jantar.

Os criados tanto del-rei como de D. Pedro I quando adoeciam tinham baixa e na qualidade (sic) de pobres iam para o Hotel Dieu (resic), se escapavão vinhão reoccupar os seus logares.

A natural (sic) insolencia dos criados do paço por todos exprobada foi substituida por uma urbanidade e acolhimento que espantam a quantos vão aos paços (no tempo de Pedro II). Conclui Porto Alegre com rápida notícia sobre a real fazenda de Santa Cruz, aludindo às obras mandadas fazer por D. João VI, no momento em que Ender e os demais componentes da missão científica austro-alemã por ali passavam. A transcrição acima é longa mas tão interessante nos pormenores da vida palaciana que julgamos preferivel não a abreviar, pelo menos, no essencial. Revela um lado curioso do último soberano absolutista no Brasil, na aversão professada por D. João a mudanças, que abrangia desde o lugar da cama, à qualidade dos alimentos ou desinteresse por obras urgentes nos palácios régios, até mudança de ministros ou de guarda-roupas, e, acima de tudo, de regime governativo. Dão-se às vezes nos gover-

nantes casos curiosos, em que influi mais aborrecimento por inovações que intenções incofessáveis. Os ditadores também são um pouco assim; pilhando-se no poder não querem mais deixá-lo e só a poder de *manu* (ou bota) *militari* largam o assento que ocupam sem ser por vontade divina.

Além de Santa Cruz dispunha ainda D. João de residência na ilha do Governador que lhe tinha sido oferecida pelos frades de S. Bento. Luccock descreve-a circunstancialmente, acrescentando que lá também havia bonita casa ou pavilhão de veraneio do Barão do Rio Seco, (mais tarde Visconde), indivíduo de particular confiança do então Príncipe Regente, cujo cunhado Carlos Principy era administrador do sítio. A ilha naquele tempo era deserta, erigida a coutada real, de que o Barão "*though no Sporstman, is appointer is Ranger*", diz Luccock. Lá também havia a curiosidade de exhibir um urso, "*no sitio denominado as Frexeiras*" (segundo o Visc. do Rio Seco), estranho presente do Tzar da Rússia. Outras vezes ia o Príncipe à ilha de Paquetá onde os frades de S. Francisco lhe emprestavam a sua chácara. De modo geral, pode-se afirmar que durante a estada de D. João no Brasil a côrte teve representação mais que modesta. Entretanto, pesava no erário público. O mais certo seria considera-la misto de elementar e formalista, reconstituída na América com aspeto de continuadora inflexível do cerimonial antigo, além de quase indigente e pretensiosa.

D. Carlota Joaquina, apegada como toda Bourbon a suas prerrogativas, era forçada por escassez de meios a levar existência por completo desprovida de fasto. Morava com as Infantas menores no casarão dos Vice-Reis, no desembarcadouro descrito pelo lapis de Ender. Com o tempo, enfadada do sítio, procurou a Rainha outras moradas em Bota Fogo, Mata-Cavalos e Laranjeiras. Na primeira igualmente encontramos nos trabalhos do vienense o casarão da praia onde habitava parte da família real quando ia aos banhos. Na segunda, onde D. Carlota pouco se demorou, hospedava-se provavelmente na antiga casa do Conde das Galveias, que aparece num dos desenhos de Ender desse bairro.

A terceira deu aso a incidentes com o Consul francês Maler, que foi obrigado, segundo Alberto Rangel, a ceder sua chácara a D. Carlota. Em qualquer delas o aspecto não se avantajava ao de casas de negociantes portugueses enriquecidos, no gênero de Elias Antonio Lopes, ou de ingleses moradores no outeiro da Glória. E' conhecido o episódio do abade Renaud, capelão da fragata *Hermione*, bondoso saberdote, antigo conhecido da soberana na Europa, o qual nesta qualidade lhe foi apresentar respeitos. No fim da visita a própria rainha, à mingua de servidores, teve de acompanhar o visitante até a saída, de castiçal na mão para alumiar o caminho.

As carruagens de toda a família real eram modestíssimas, como nos mostra Ender na vista de S. Cristovam, tiradas por bestas e dirigidas por serviçais cuja libré estava em petição de miséria. Nas mesmas condições estavam os uniformes da escolta. Não houve estrangeiro que deixasse de reparar a mediania das régias residências e a de seus serviçaes. Foi, pois, grande surpresa para Henderson deparar uma amostra do incrível desperdício nos serviços da côrte, quando visitou a Casa de D. Pedro em S. Cristovam. Fôra o inglês convidado por um conterrâneo, o mestre de obras Johnson, para visitar os trabalhos de remodelação e melhoria da Quinta nas vésperas do casamento do Príncipe Herdeiro. Chegara o mestre juntamente com o portão oferecido pelo Duque de Northumberland ao Regente, que empregara o inglês em outras obras, uma delas a "*Casa do Infante*", elevada perto do edifício maior, descrito por Araujo Porto Alegre. Nessa ocasião, teve Henderson oportunidade de ver as dependências da Quinta, onde havia cocheiras com trezentas mulas e cavalos, "*with double the number of persons to look after them that would have been seemed necessary in England*". Outro desperdício era o sustento dos nobres e serviçais da coroa emigrados com os anos.

A vexatória situação continuou até o segundo reinado. Afinavam D. Pedro e sua esposa pelo mesmo desleixo depois da partida do Rei. Muitas despesas foram suprimidas; eco-

nomias tornadas fáceis com a partida da maior causa de dissipações; todavia, permaneceu a simplicidade ditada pela crise financeira proveniente das guerras do Sul. Alguns melhoramentos foram realizados na Quinta ou em Santa Cruz, porém, depois da volta da côrte a Portugal, levando consigo a prataria e mais alfaias — muitas das quais tinham por longo tempo jazido em depositos encaixotadas e assim voltaram — tanto a quinta como a fazenda ressentiam-se da falta de móveis, às vezes, até, dos mais necessários. A simplicidade dos jovens Imperantes chegava a ser comumente segundo estrangeiros, sempre juntos o Imperador e a Imperatriz, apenas acompanhados por um pajem quando era preciso abrir porteiros ou segurar cavalos. Quase sempre se viam desprovidos de escolta, estivessem a pé, a cavalo ou no cabriolé tirado por mulas, semelhante ao da estampa de Ender inserta no album de Pohl. Nessa gravura, vê-se ao fundo a Quinta da Boa Vista depois da reforma de Johnson, e no primeiro plano negros ajoelhados ante D. João VI e a Infanta Maria Teresa com as mãos levantadas a pedir bençã. Dizia, a propósito, o almirante Georges Eyre, que o traje dos Príncipes nessas ocasiões não diferia de camponeses, *“Like peasants.”*

Tanta singeleza no modo de viver era reprodução dos costumes do reinado anterior. Reparara Golovnin na visita que realizou a S. Cristovam, enquanto esperava a hora da audiência, na música e côro da capela real, em que havia muitos pretos e mulatos, sem uniforme e mal trajados. Do paço da cidade, comenta que mais parecia a casa de um particular, opinião, ademais, de muitos estrangeiros, não havendo no Rio nem igrejas nem mosteiros de importância, apenas as fortalezas eram bem construídas, *“mas ao que se afirma, nelas reina grande desordem”* ⁽⁵⁴⁾; era, porém, proibido visita-las e não pôde Golovnin certificar-se do rumor. De modo geral, na sua opinião, não havia em toda a capital casa ou edifício que, pelo tamanho e beleza arquitetônica, fosse digno da atenção de um europeu.

(54) Tradução do Conde Emanuel de Bennigsen. S. Paulo, 1951.

EMBAIXADORES, NÚNCIOS E PLENIPOTENCIÁRIOS

O resto da côrte começara no tempo de Ender, depois de dez anos no Rio de Janeiro, a melhorar de habitações, de sorte que escapou, aos componentes da missão científica o tumulto e lances pitorescos registados em 1808. Assentara, porém, a desordem mediante expediente odioso, consistindo na velha praxe das “*aposentadorias*” em uso no reino e de súbito aplicada na Guanabara. Destinava-se a requisitar por dias, ou por horas, alojamento para abrigar o régio séquito nas localidades visitadas pelo soberanos. Mas ño Brasil ia durar dez anos, assumindo carater de expropriação pura e simples do *vulgus paecus* a favor de reinois. Nos primeiros tempos o prodigioso entusiasmo que se apoderou da população, jubilosa a ponto de delírio pela vinda do Regente, facilitou acomodações. Não se ouviram protestos, nem tampouco os imigrantes pensavam demorar-se num sítio considerado desterro.

Os ministros e alguns diplomatas que privavam com o Príncipe não tardaram a perceber sintomas de longa demora *in loco*, e procuraram instalar-se no Rio o mais confortavelmente possível. Dos personagens póximos do pintor, o que aparentemente conseguiu habitação mais aprazível, foi o Barão de Neveu. Dá-nos a vista de Ender, de sua residência, impressão agradável, num alto, a dominar

vasta paisagem, voltada de um lado para o estuário e do outro sobranceira a montanhas e vales. O Barão era conselheiro de embaixada acreditado junto à côrte do Reino Unido, e melhor sucedido que o Embaixador Especial, Conde de Elz, acostumara-se tão perfeitamente ao lugar, que se tornou noivo de uma das filhas de conhecido financeiro Visconde do Rio Seco. Este valido de D. João, chegara graças ao desvelo pelos negócios do amo, além de pertinácia e agudo senso das realidades, de modesto empregado no paço a possuir uma das maiores fortunas de Portugal (55).

O sucesso trouxe-lhe, como sói acontecer, admiradores e detratores. Conquanto considerado por estrangeiros "*parvenu*", hesitou o recém-enobrecido aceitar o pretendente por bazófia de endinheirado, ou por ignorância nobiliárquica. Nas justificativas que escreveu, o Visconde alardeia sentimentos democráticos, mas não faz alusão alguma ao começo de sua vida. Escrevia Marrocos, "*O Visconde a principio repugnou àquelle ajuste; mas S. Mage, lhe mostrou quanto lhe deveria ser honroso aquelle enlace de sua filha com o dito Fidalgo, Primo do Principe de Metternich. Ignoro se o negócio virá a effectuar-se mas sei que o dito Barão todos os dias se apresenta com o maior esplendor e*

(55) A respeito escrevia Pallière referindo-se à construção do palácio de S. Cruz, "*le pauvre architecte n'est pas celui qui gagne, c'est l'âne sur lequel tout monde monte mais qui n'a que sa ration. Il est un autre Personnage, et que est le Cresus d'ici, c'est un nommé Rio Seco.*

Il est dit'on d'une basse extration mais il a eu l'esprit de s'élever en gagnant je ne sais comment, ou pour mieux dire, je sais bien comment, un argent infini. Il faut bien que se soit ainsi puisqu'il prête ao Roi des millions de cruzades. Celui la a su se mettre au dessus des vicissitudes qui frappent sa patrie. Il a marié ses filles aux nobles pauvres, des plus anciennes familles, et les enfants de ce roturier Riche feront des nobles impertinents. Voilà l'histoire du monde en général, et tous les jours nous laissons tromper a ces deux forces — l'apparence de la naissance, et la fortune. Quand guerirons nous!"

Os dizeres do pintor reproduziam falatórios da época, que tudo hipertrofiavam em se tratando das despesas da côrte. O custo da reforma de Santa Cruz foi muito menor do propalado, conduzidas as obras com economia que justifica os reparos de Pallière acerca da rusticidade da Casa-Grande da fazenda. O mesmo sucedera pouco antes em França, em relação às despesas suntuárias de Maria Antonieta, a ponto de mais tarde, deputados à Convenção, procurarem no teatro particular da infeliz rainha as maravilhas de que tanto tinham ouvido falar e que nunca tinham existido.

apparato em Casa do Visconde para fazer a corte à menina". Desposara Rio Seco primeiro uma irlandesa e em segundas núpcias a filha do futuro Marquês de Inhambupe⁽⁵⁶⁾, as quais lhe deram 28 filhos. Ender desenhou a residência do financeiro no Campo de Santa Ana, um pouco antes da reforma que lhe impôs o mestre-de-obras Johnson com estranhas adições em estilo gótico.

O outro representante da côrte austríaca, Conde de Elz, se destacava entre os colegas, pela extrema parcimônia nos gastos de representação. Sofrera desfalque no seu disponível pela hospedagem que tivera de oferecer a patrícios atraídos pelas reais bodas. Deixou muito a desejar, por esse e outros motivos, como Embaixador Especial de uma das mais poderosas nações do momento. Decorreu-lhe a permanência no Rio de Janeiro inçada de dificuldades e, inda depois de receber vultoso empréstimo do Príncipe Regente, continuou confinado em casa, ao passo que o seu colega inglês dava suntuosas festas⁽⁵⁷⁾, dignas das oferecidas em Viena por Marialva. Começaram as suas desventuras na chegada, em que se abismou com os preços de todas as coisas. Era caríssima a vida carioca, muito mais que a de qualquer capital europeia. O Núncio Marefoschi foi um dos que mais se queixavam, mas o representante austríaco de longe levou a palma em apuros financeiros e queixumes. Ender, juntamente com seus conterrâneos, havia de ter comentado aquela situação, morador na embaixada, tendo assistido às cenas de que era teatro. Chegavam esses acontecimentos a transpor os muros indo ecoar em outras representações oficiais. Escrevia Chamberlain a Londres, assinalando o contraste entre o "*temperamento exaltado*" do Conde de Elz e a "*ausência total*" de pompa e largueza, que pelo carater do Embaixador ele supunha serem da

(56) Antônio Luís Pereira da Cunha, magistrado baiano, mais tarde Ministro do Império. Foi dos que substituíram com brilho os reinos na administração pública do Brasil.

(57) Marrocos descreve sob cores deslumbrantes a festa oferecida por Strangford por ocasião do aniversário do Regente da Inglaterra, com a presença da oficialidade dos vasos britânicos surtos no porto, e das tripulações que apresentavam armas aos convidados.

sua predileção. Informava mais, tais circunstâncias eram assunto predileto das conversas e até o pessoal da embaixada não escondia o “*descontentamento e decepção*” ante o inevitável efeito causado na opinião pública pelo miserável “*train de maison*” do primeiro Embaixador austriaco visto no Brasil. O Barão de Neveu levou ao conhecimento de Metternich a anormal situação criada pelo colega, que sequer desencanaixotara o serviço de porcelana de Viena destinado às festas da embaixada. Outro agente diplomático, o francês Maler, dizia que a ida a S. Paulo dos seus secretários, Príncipes De Thurn und Taxis, de Palffy e do Conde de Wrbná, decorria dos escassos atrativos da capital e, acima de tudo, da mesquinhez do seu chefe.

Embalde oferecera o agonizante Ministro João Paulo Bezerra esplendoroso baile a von Elz na sua fazenda de Maracanã. Em vão multiplicavam as autoridades, por ordem do Regente, atenções e homenagens ao embaixador da monarquia aliada por matrimônio: o seu enviado mantinha-se invariavelmente na mesma. Por fim, preferia de muito o Príncipe Regente o Barão de Neveu ao Conde, preferência provavelmente acentuada quando o Embaixador Especial solicitou dinheiro emprestado. Mas não pararam aí as suas desventuras; ignorava o Ministro válido Tomás Antonio Vilanova Portugal outra língua além de português, o que vinha agravar a aflitiva situação do Conde quando pretendia tratar de negócios confidenciais. As entrevistas entre ambos deviam ser do mais alto cômico, pelo que nos dizem novidadeiros, decorrendo em repetidas medidas, sorrisos amarelos, vênias, tosses, recíprocas ofertas de simonte e pigarros a esconder irritação muito parecida à de dois surdos que se defrontam.

Com a morte repentina do Barão de Neveu foi com Elz que Ender mais privou. Infere-se também, pelos elogios que lhe dispensou o Conde, seria igualmente seu protegido, e nessa qualidade desenhou o artista vários aspectos internos e externos do casarão de Mata Porcos. Era singular no Rio de Janeiro em 1818 um edifício daquele porte. Chamberlain o reproduz no remate da estampa de

tropeiros paulistas, em que os descreve vestidos do poncho característico, a servir de capa de dia e "*cama de noite*", mais o chefe a cavalo em arreios cujos estribos e pesados freios eram de *solid silver*. Tratava-se de homens de indústria e destemor sobejamente conhecidos, diz o Consul, mas esquece de nos informar, como muitas vezes fazia, quem habitava o prédio do segundo plano. Ender desenhou a fachada, mais imponente no seu lapis que no album inglês, assim como a parte dos fundos vista do parque pertencente à propriedade, com grandes árvores, tendo ao centro uma casa de banhos para uso dos habitantes. No interior reproduz a sala do dossel com o trono sob retrato do Imperador Francisco, a que logo voltaremos, mobiliada pelo Intendente Fernandes Viana com alfaias da Casa Real, que deixa ver pelas portas abertas de par em par outras salas forradas de damasco. Passa depois ao escritório do Conde de Elz, com a sua mobília Biedermeier, na desordem de cômodo íntimo destinado ao trabalho, aspecto repetido no aposento do secretário Freiherr von Hoelz em que se vê parte do andar superior. Tanto na aparência externa como através das vistas das salas, devia ser das mais importantes habitações cariocas do tempo. Construções desse vulto contavam-se então pelos dedos, haja vista as ocupadas pelos Ministros, tendo sucedido nas mesmas casas, por falta de acomodações condignas na cidade, o Marquês de Aguiar ao de Vagos e este ao de Anjeja, os quais aí sucessivamente moraram, morreram e deram lugar aos sucessores. Seria a mansão de Mata Porcos a residência do Conde das Galveias? Morava o Ministro em imponente prédio, tanto que, depois do seu passamento, para aí pensaram mudar a Rainha D. Maria quando adoeceu em 1816, e mais tarde nele habitou D. Carlota com parte de seus filhos antes de ir para Botafogo. A vacância justamente nesse passo teria permitido que a oferecessem ao Conde de Elz para sede da sua embaixada.

Antigamente nas monarquias absolutas, havia regra a impor ao fidalgo sobre o qual recaía a insigne honra de representar o soberano numa côrte estrangeira, o sacrifício

dos bens patrimoniais ao brilho da missão. O Marquês de Marialva foi um dos últimos, senão o derradeiro a seguir em Viena tal pragmática, ao mesmo tempo que provocava desvantajoso confronto com os demais diplomatas das monarquias católicas. Somente os ingleses se apresentavam com fausto no Rio de Janeiro; o Duque de Luxemburgo, representante da França quando Ender se encontrava no Brasil, morador da miserável casa que aparece no livro de Saint-Hilaire, e o Conde de Elz, pouco se esforçaram por dar brilho às missões. O primeiro preocupava-se unicamente com o preço das coisas e o segundo, quando partiu depois de fracassar em todas as incumbências, ainda devia quinze contos de reis a D. João VI.

Contratempos de dinheiro parecem ter sido, ademais, a sina de diplomatas estrangeiros na côrte fluminense. A razão seria a completa mudança verificada na vida social europeia sob influxo dos acontecimentos políticos. A tormenta revolucionária da França e a sua consequência guerreira — o maior poderio militar do Ocidente em mão de perigoso megalomaniaco — aluíram por completo velhas sociedades, adensadas na vigência das monarquias absolutas à volta do trono. Viviam das liberalidades do amo, a compor alto funcionalismo ou classe dirigente, dividida em palaciana e nobreza de toga, onde os soberanos iam buscar ministros, generais, amantes, governantes para os filhos e embaixadores. Terminara definitivamente no século 18 aquele período, representado principalmente pelas dinastias bourbônicas e habsburgueanas, e, onde, outrora, só havia intenções de deslumbrar a poder de rumorosas embaixadas, dominava a obsessão de economizar a todo o transe os réditos do tesouro, a fim de consertar finanças e enfrentar nova era política.

Um indício foi o noivado do Barão de Neveu. Procurou o diplomata uma consorte, não entre a fidalguia portuguesa, que existia aos montes no Rio de Janeiro à cata de cargos e vantajens — homens e mulheres, pais e filhos, sogros e genros; pouco interessantes para o austríaco familiarizado com fauna semelhante na Hof Burg de Viena —

mas na casa do novo-rico Rio Seco. O tirânico *primum vivere* obrigava-o a fazer vista grossa sobre o que atribuíam ao negociista, o qual, segundo viajantes da época, incidia na categoria francesa dos “*financiers verreux*”, como Ouvrard, o financiador do Império, admitido pelo Regente sempre às voltas com incômodos problemas de dinheiro. Almejava Neveu esquivar-se, a poder de rendoso casamento, das vicissitudes dos colegas Elz e outros. Um desses era o russo Balk Poleff, de pitoresca memória.

As aventuras, ou melhor, as desventuras do moscovita mereceram particular atenção de Oliveira Lima. Provavelmente mal visto pelos superiores por irregularidades praticadas nos Estados Unidos, foi transferido para posto considerado pouco apetecível, ou seja, a côrte portuguesa encailhada no Brasil. Indicado para substituir o Conde Pahlen chegou ao Rio em 1816 com a sua casa particular. Antes, porém, não o tivesse feito, deixando-a longe do novo posto, pois, daí surdiram as suas maiores infelicidades no Brasil. Reproduz o historiador de D. João VI o azedume que se apoderara do plenipotenciário de S. M. o Tzar de Todas as Rússias através dos sucessivos conflitos que provocou. Pouco depois de chegado, indispunha-se com o ministro do Exterior Conde da Barca, ao qual chamava Conde da Limonada, querendo com isto sugerir semelhança da côrte do Rio de Janeiro com o Haiti ou S. Domingos, onde os principais personagens se intitulavam Marqueses da Marmelada e Duques da Goiabada. Um belo dia, com a mesma desfaçatez de um Gromiko (a América não tem sorte com diplomatas russos) e quase no mesmo tom, pretendeu que o governo português atirasse no calabouço, a pão e água, dois serviçais franceses, um sapateiro e o outro cozinheiro, que tinham tido a ousadia de lhe reclamar ordenados atrasados. A propósito desse e de outros incidentes, reproduz Oliveira Lima curioso relato, por assim dizer, estenográfico feito pelo próprio Balk, da sua entrevista com D. João. Nela vemos — como diz o historiador — “*de um lado toda a ira, contida pelo respeito à magestade, do diplomata escarnecido e raivoso, e de outro lado toda a bonhomia velhaca do*

Rei, esquivando-se, encolhendo-se, tergiversando, contemporizando, para no fim, com uma só phrase, assumir inesperadamente a responsabilidade da situação e tornar impossível o prolongamento da conversa”.

Fôra preciso toda a insolência do desastrado diplomata para acarretar o pedido oficial de sua remoção pelo governo luso. Desejava D. João manter as melhores relações possíveis com os russos, inquieto como se sentia a respeito de uma intervenção de tropas imperiais no Prata a favor da Espanha, inesperado desdobramento de velha política zarista no Mediterrâneo. Ademais, o autocrata do Norte parecia a D. João prestante elemento conservador na Europa, ideia que nunca o abandonou segundo se depreende da conversa que em 1821 manteve em Lisboa com o Internúncio Mons. Cherubini. Dispunha-se, entretanto, naquela altura, na côrte portuguesa, de noções bastante vagas a respeito dos moscovitas. Ao mesmo tempo que Ender, também estava de passagem pelo Rio de Janeiro o Conde Golovnin, de que já falamos, o qual na chegada fôra visitado pelo capitão de marinha ajudante de ordens do Regente — possivelmente o futuro Marquês de Maceió, Francisco de Sousa Coutinho, mais tarde casado com uma Carneiro Leão, de volta de Liorne onde fôra buscar a Arquiduquesa Leopoldina — o qual lhe participou o quanto o amo se comprazia em ver na capital um navio de guerra do Imperador da Rússia. Em seu nome comunicava como tinha em alta conta e “respeitava” o Tzar (em vez de “estimava”, cacoete do Príncipe toda vez que desejava cumprimentar alguém, provavelmente por defeituosa noção do francês), que dera ordens para lhe ser prestada ajuda porventura necessária. Narra Golovnin, a propósito, o espanto do dito ajudante de ordens, quando viu na sua câmara um crucifixo: “nunca ouvi, exclamou, que os russos fossem cristãos, sempre imaginara serem gregos!”

O mais divertido incidente entre diplomatas de carreira ou improvisados e a chancelaria de D. João, ocorreu com o enviado do Daomé. Em 1805 mandara o régulo daquela região da Costa dos Escravos uma embaixada de

que era dos principais um tal António Dosu Yevô⁽⁵⁸⁾. A medida fôra talvez aconselhada por um baiano ou carioca, de nome Xavier de Sousa, imiscuido desde o fim do século 18 em traficâncias de cativos de guerra, remetidos da África às Américas para servirem como escravos nas fazendas. A este negreiro sucedera um irmão Francisco Felix de Sousa, tornado mais tarde célebre na qualidade de primeiro Xaxá de Ajudá⁽⁵⁹⁾. Estavam todos, régulos e mercadores, ansiosos por incrementar relações com o governo luso, perturbadas pelo despótico reinado de Adaruzan II⁽⁶⁰⁾, que o baiano ajudara a derrubar, sucedendo-lhe o meio irmão Guezô, mais acessível a interesses de negociantes. Narrava muito tempo depois, o malogrado embaixador, a funcionários coloniais portugueses destacados em África, como se demorara por mais de tres anos na Bahia, sem conseguir condução para o Rio de Janeiro a fim de avistar o Príncipe Regente. O motivo dessas dificuldades é bem claro, se bem alegasse o daomeano que estava de volta de Cuba, onde estivera à procura da mãe do amo aí vendida pouco tempo antes de Guezô assumir o poder e nada mais pretendesse senão recambia-la ao Daomé. Coincidia, porém, a sua permanência no Brasil com a vinda da côrte lusa de Lisboa, auxiliada pela Inglaterra, inimiga do tráfico de negros. Ora, uma das principais cláusulas do tratado entre o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e a Grã Bretanha, rezava a supressão do odioso comércio, exigência a constituir delicadíssimo problema para o Regente. Recusando-se ver o enviado do régulo, fingindo ignorar a sua presença na Bahia — que lhe devia ter sido logo comunicada, assim que o daomeano desembarcara na cidade do Salvador, centro de escravos e libertos da Guiné — evitava D. João romper com Ajudá, provedora de braços da lavoura

(58) *Dosú* significa nascido depois de gêmeos e *Yevó*, homem branco, o que dá a entender ser mulato o embaixador.

(59) V. do Autor vol. V da edição especial da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, comemorativa do IV Centenário da Bahia.

(60) Ou Adanuzan que significa rei. Devia ter mais nomes que desconhecemos.

brasileira e ferir suscetibilidades insulares, empenhadíssimo como estava o Gabinete de Saint James em destruir a escravidão para beneficiar as suas colónias ⁽⁶¹⁾.

Houve também acalorados incidentes entre diplomatas acreditados na corte e ministros. Dos mais bulhentos foi o de Monsenhor Lorenzo Caleppi, Núncio de S. S. e político de reputação mundial, violentamente desavindo com D. Rodrigo de Sousa, conflito circunscrito, entretanto, pela prudência do romano, que soube voltar atrás, além de representar no momento a Santa Sé martirizada por Napoleão, espetáculo confrangedor até para nações acatólicas, quanto mais às "*Fidelíssimas*". Inversamente, o seu sucessor o Legado do Papa Marefoschi a todos agradava, particularmente a D. João. Polido, afavel, com altas pretensões nobiliárquicas, o brasão repleto de estrelas e águias coroadas, desmanchava-se o novo Núncio em cortesias perante Príncipe, Ministros e personagens importantes, senão oficiais, pelo menos officiosos. Certa vez, ao ver o interesse da irlandesa Mária Carlota Milliard, primeira esposa do então Barão do Rio Seco, não teve dúvidas o Núncio em lhe ofertar o camafeu rodeado de brilhantes que levava no dedo, de olho no valimento da respeitável senhora junto à família real. Plantava verde para colher maduro. Neste sentido, carpia-se continuamente de falta de recursos num país "*onde tudo é caríssimo*" e partilhava da opinião das damas tedescas que tinham acompanhado a Arquiduquesa, as quais, segundo ele, ansiavam por deixar o "*horrendo paiz e pessimo clima*". Muito esperto, contudo, percebera em tempo o quanto D. João apreciava "*Este Reino cuja grandeza elogia*".

Por sinal, não poupa o soberano de mexericos, reproduzindo-os na correspondência secreta com a Cúria. Dizia que o rei estava esperançado de se livrar da esposa por ocasião do casamento de suas filhas com os Infantes de Espanha. A razão era detesta-la desde quando quisera

(61) V. na tese citada do Autor in vol. V, ed. especial do I. H. Brasileiro, a famosa entrevista do Primeiro Ministro Gladstone com o negroiro José Cliffe.

faze-lo passar por dôido em Mafra; daí, esperava que acompanhasse as Infantas a Madrid de onde não voltaria mais. Acrescentava Marefoschi provir o boato do apartamento dos reais cônjuges e também de estar el-Rei apaixonado pela Infanta viuva Maria Teresa; entretanto, como constava que a Princesa ia desposar o Grão-duque da Toscana, concluia não ser verdadeiro o repelente rumor.

Em todo caso, com sutileza vaticana, tinha o maior cuidado de que não transpirassem as informações mandadas ao Cardeal Secretário de Estado, pois conseguira colher a amizade do soberano e dela muito se valia na situação angustiosa da nunciatura. Recebia poucos recursos de Roma arruinada pela invasão, compelido a solicitar do Rei empréstimos para representar com dignidade a Igreja. No espírito do tempo, a alegação não era mero capricho suntuário. Consideravam, as monarquias católicas, o Núncio apostólico chefe pelo seu carater religioso do Corpo Diplomático, regalia extremamente dispendiosa de manter em países de vida anormalmente cara como o Brasil. Socorrera D. João por esse motivo ao predecessor; mudara, porém, a situação porquanto Marefoschi não dispunha da envergadura de Caleppi, nem tampouco D. João necessitava dele como necessitava do colega. Por várias vezes solicitara o Príncipe Regente a este primeiro Núncio, escrevesse aos Bispos e ordens religiosas dos domínios de Portugal a fim de conseguir donativos para o real erário. Vencido o tormentoso lance da administração financeira do reino, removidas pela boa vontade de Wellington as dificuldades opostas pelas tropas inglesas de socorro, também necessitadas dessas contribuições — consideradas as propriedades rurais eclesiásticas as melhor administradas do país — apresentava-se o sucessor Monsenhor Marefoschi sem mais utilidade do caso, como vulgar pedinte, mais um entre milhares que assediavam o tesouro. Contudo, a benevolência de D. João condescendeu em que se emprestasse dinheiro ao Núncio, como dantes se tinha feito com o antecessor, se bem fossem conhecidos os desmandos de Marefoschi na sua vida privada.

Constava, na côrte e no Corpo Diplomático, que o Legado conhecera durante um estágio nas Marcas Pontifícias, certo Benedetto Paladini, indivíduo de baixa extração, criado de libré, insolente e atrevido, "*modelo de despudorados libertinos*", como gemia o secretário da nunciatura, desde que o Monsenhor partira de Roma em demanda do Brasil. A excessiva proteção — além dos limites "*do justo e do honesto*" — apud o mesmo informante, recebida do Núncio, estimulou Paladini à prática de desordens a bordo do navio que os transportava no oceano. Pretendeu o Capitão castiga-lo no que foi obstado por Mons. Marefoschi. No Rio mostrou-se o fâmullo de todo ingrato pelo modo como fôra remido. Fez mais, desandou em excessos que chegaram a ameaças de pancada ao protetor, obrigando Marefoschi por várias vezes a chamar a força pública para manda-lo à prisão. Infelizmente, em pouco, ia busca-lo desmanchado em desculpas, até quando a má índole do abruzês provocava novos distúrbios. De uma feita, houve na nunciatura, sita na esquina da rua do Hospício, perto do largo de Santana, tremendo escândalo, em que o patife se opôs de faca em punho a que Marefoschi subisse no carro para ir à polícia. Não teve remédio o Núncio senão seguir a pé, ao meio-dia, sob sol fortíssimo, quase morto ao chegar até o comandante para apresentar queixa. Pouco depois, voltava atrás, para maior contrariedade dos policiais, fartos daquelas palinódias, solicitando fosse libertado o desprezível indivíduo e depois ainda lhe rogou perdão e o cumulou de atenções a despeito das censuras do Intendente da Polícia, levando-o consigo ao beija-mão de S. M. Resolveu el-Rei, à vista das constantes ocorrências, recambiar Paladini para a Itália, medida a que renunciou por causa do melindroso estado de saude do Núncio, que muito se afetaria com o castigo imposto ao seu querido mordomo. Menos generoso se mostrou o dito fâmullo, se bem tivesse maiores razões para se-lo. Tantas contrariedade infligiu ao pobre Núncio que do desgosto decorrente se attribuia a agravação da moléstia que o arrastou ao túmulo.

Deixou Marefoschi débitos inumeráveis, a começar pelo compromisso com o tesouro. O empréstimo concedido pelo Rei — não ao Núncio como diz Oliveira Lima, mas à nunciatura — só foi pago em 1819 ⁽⁶²⁾. Tais episódios, alimento de conversas em salões e chancelarias, foram, no entanto, de longe superados nos falatórios pelos incidentes entre estrangeiros e a escolta de D. Carlota Joaquina. A origem dos desagradáveis conflitos remonta à chegada da côrte do velho reino, carregada de formalismos e pragmáticas impraticáveis na época e no Novo Mundo. Mandavam que os membros da família real recebessem reverências como se fossem ídolos orientais. Deviam os populares encontrados no trajeto dos augustos personagens ajoelhar-se e os diplomatas e mais pessoas gradas apearem-se dos cavalos e respeitosa e descobertos esperar a passagem do cortejo quantas vezes o caso se repetisse. Óbvio dizer, não era só a côrte portuguesa a impor tão rigoroso cerimonial. Todas as monarquias absolutas adotavam no Oriente e no Ocidente formas de divinização principesca, apenas com algumas variantes entre si, inspiradas por praxe e tradições locais. Acontecia entretanto, por força de contraste, que os Príncipes ibéricos, em público tratados sob rigorosas fórmulas protocolares, se comportassem familiarmente nas férias no campo ou nos bastidores dos palácios, com fâmulos e gente do povo. Aparentavam muitas vezes, até hábitos grosseiros, externados em chistes, gestos e palavras vulgares, resultado nem sempre benéfico dessa convivência. Conseguiu a Imperatriz Maria Teresa — exceção em tudo comparada a outros soberanos — evitar esse tom deplorável na côrte austríaca, mas não logrou impor igual recato na de seus próximos parentes. Em Nápoles tornaram-se lendários os disparates praticados por Fernando IV, neto da desbocada Isabel Farnese, tão mal educado como o mais grosseiro “lazzarone” do seu reino. Narra o futuro Imperador José II da Áustria, em longo e pormenorizado rela-

(62) Oliveira Lima dá o empréstimo como caridade de D. João a Marefoschi no que se engana, visto constar oficialmente na escrituração pública, assim como o respectivo pagamento pela Cúria Romana.

tório a Maria Teresa, os desmandos que presenciou em Pórtici e no palácio real napolitano. Em Madrid ou Aranjuez esmurrava Carlos IV pai de D. Carlota Joaquina e irmão de Fernando IV, os eguariços das coudelarias reais. No Rio de Janeiro os estrangeiros de passagem aludem acrimoniosamente aos maus modos do Príncipe Herdeiro e mais ainda aos de seu irmão o Infante D. Miguel. A respeito deste, narra um francês o episódio em que deseja a Infanta viuva Maria Teresa, fosse os seu filho bem educado, contratou a filha de antigo Consul britânico para governante do infantezinho. A pobre mulher se viu logo alvo de remoques, por parte de parentes do pupilo a que resistiu como pôde: *“Au milieu de la cour corrompue de Rio de Janeiro, l’institutrice de l’infant D. Sebastião savait conserver toute sa dignité, et repoussait avec fermeté les plaisanteries inconvenantes dont ne cessait de la poursuivre le jeune infant D. Miguel, oncle de son élève”*.

Exagerava o informante, como sempre fazem estrangeiros, ao dizer *“côrte corrompida”* (63). Provavelmente confundia corrupção com má educação, pois alimentamos dúvidas acerca do que os desafetos de D. Carlota Joaquina inventaram no assunto para feri-la, assim como dos mexericos reproduzidos por jornalistas sobre hábitos e costumes de D. João VI. Esses improvisados historiadores no afã de condimentar as suas reportagens, não distinguem o joio do trigo tal seu desejo em interessar o grande público. A *côrte fluminense*, muito pelo contrário, apresentava-se lou-

(63) O exagero em confundir má educação com corrupção, coisas completamente diversas, aparece por contraste nos gerais elogios à Infanta mais velha. Vê-se o contrário do alegado na atitude da princesa louvada por todos que a conheciam. *“Cette Princesse”*, escreve Pallière, *“est d’un jugement au dessus des personnes élevés comme on l’est à la Cour de son père. Grave, instruite et aimant les arts, mais esclave des goûts de sa cour, elle se contente de soupirer et chère a élever son fils le jeune Prince Sebastião de la manière la plus convenable a sa Dignité. Je me rappelle un mot quelle me dit. En lui faisant mes compliments sur ce quelle parlait parfaitement français. Elle répondit “C’est l’abbé Boiret qui nous a donnée des leçons. Il a l’accent trop mauvais. Il parle le Français comme un Galègue parle Portugais. Cet homme malgré cela grâce a l’état rempant qui a prix à la Cour, est parvenu a être nommé maître de langue Française du Prince Royal (D. Pedro). Il se donne le titre d’emmigré”, e conclui Pallière, “S’il serait immigré ma patrie, pleine de ces gens là, serait débarassée de bien de parasites qui la succent encore”*.

vavel quanto à moralidade do elemento feminino, e, se não podemos dizer outro tanto do masculino, é porque predominavam mais serviçais de baixa categoria do que fidalgos de boa casta em redor dos Infantes. O inconveniente vinha de longe, dos Paços de Nápoles, Buen Retiro ou Queluz (64), reproduzido além-oceano pela pouca importância que davam ao assunto nas monarquias absolutas. Mais grave era o absurdo costume de se cuidar em extremo da instrução dos primogênitos e descuidar a de filhos segundos. Ao defeito atribuíam-se muitas deficiências de D. João VI e o fato de seu filho mais moço se assinar *Migel*.

Depoimento frisante acerca de tão grave anomalia é o do plenipotenciário russo, Barão de Teille von Serasker-ken (e não Thyll, como escreveu Oliveira Lima) chegado ao Rio pouco depois de Ender. No dizer do Consul francês Maler, gastara o diplomata mais de 40.000 francos na reforma da casa e jardim que alugara perto de uma das residências de D. Carlota Joaquina. Não sabemos se foi em Mata Porcos, no Catete ou Botafogo, mas teve logo de se mudar, tais os excessos e insolências da criadagem vizinha, contra as quais nada adiantavam queixas. Não admira que tal acontecesse, pois, noticia Marrocos, um certo José Lopes Saraiva estava preso no aljube da cidade por ordem de D. Carlota, porque em escandalosa briga vasara o olho do filho de uma criada. Em outra ocasião foram encarcerados os criados do paço pelo incrível descoco de "*gramantearem*" a merenda real, como diz Marrocos, deixando os Príncipes sem refeição. Assim sendo, exigiam os sacrossantos personagens à roda do trono que os reverenciassem como ídolos, tudo se admitindo deles e de seu séquito. Sequer no mar escaparia a população da cidade de vênias obrigatórias. Uma aguarela pertencente às ilustrações que ficaram inéditas de expedição oficial, de autoria talvez de Adriano Taunay, traz no mesmo sítio em

(64) Sobre pormenores da vida da côrte nas monarquias do século 18, pode-se consultar os trabalhos: *Ich Eine Tochter Maria Theresias* do Conde Corti, e *Carlota Joaquina* de Markus Cheke, também autor do *Marquês de Pombal*, ambos informativos e imparciais.

que Ender desenhou o hiate real *Monte de Ouro*, defronte à ilha das Cobras, o escaler de D. João perante o qual se curvavam profundamente de chapéu na mão os negros tripulantes de uma jangada.

Convém reconhecer na atitude de D. Carlota Joaquina mais o reflexo de época decadente em luta com esgarços contrários, e por isso mesmo, mais exasperada, do que manifestação tão só de caráter soberbo. Não menos apegados a formas antigas protocolares se mostravam os Bourbons de França depois da Restauração. Há queixas de diplomatas ingleses contra os Príncipes que os tinham convidado para jantar nas Tulherias e à mesa os tinham separado da família real por um biombo. Julgavam os diplomatas insólito o tratamento, porquanto na cõrte de Saint James os soberanos recebiam os Embaixadores sem peias vexatórias, a lembrar "*les avanies de la Cour du Grand Turc*". No Brasil semelhantes exigências iam suscitar no pequeno ambiente do Rio de Janeiro toda sorte de incidentes, até o Príncipe extinguir a fonte dos desaguisados. Comentava-se "ad infinitum" nas rodas de Elz ou de Neveu, em que vivia Ender, os conflitos com o Encarregado de Negócios da Holanda, outro com um negociante inglês, rumores de outro ainda com o Embaixador Strangford e finalmente com o Comandante Bowles⁽⁶⁵⁾. Jamais sucedera coisa igual com o Rei e estrangeiros em geral e ingleses em particular, fosse por cálculo ou por sincera gratidão à vista de seu auxílio no êxodo de Portugal e apoio que lhe davam nos acontecimentos do Prata. Não teve dúvidas D. João, à vista disso, em ordenar aos cadetes autores da afronta fossem a bordo de nau *Creole* desculpar-se do que tinham praticado por ordem superior.

Culminaram os incidentes com o desagradável dezaguisado sucedido com o Ministro americano Sumpter, tão rumoroso que chegou a figurar em destaque na coleção de viagens de Mac Carthy, onde o vemos numa gravura a

(65) Alberto Rangel dizia ter visto álbum antigo de um desenhista norte-americano que reproduzia cena de pancadaria nas ruas do Rio de Janeiro promovida pela escolta de D. Carlota.

cavalo, enfrentando de pistola em punho os Cadetes da Princesa. A despeito da conhecida reprovação do esposo a essas exigências, teimava D. Carlota nas suas pretensões até causar a retirada do Rio de Janeiro do diplomata americano muito estimado por D. João e pela melhor sociedade. Narra o cronista da viagem da fragata *Congress*, que esteve no Brasil ao mesmo tempo que Ender — cujo nome, por sinal, estropia chamando-lhe Euter — como o Ministro arnado se recusou a obedecer às palavras da escolta “*ape-se sr.*” em Botafogo, onde tivera o infortúnio de cruzar D. Carlota. O Plenipotenciário morava numa chácara perto da estrada constantemente percorrida pela parte da família real que morava com a Princesa. Como sabemos, D. Carlota vivia separada do esposo, em casa diversa na companhia das filhas mais moças a cuja educação se consagrara. Nunca as Infantas solteiras a deixavam, indo todas as manhãs, a mãe e as filhas, a S. Cristovão ouvir missa com o Regente. À tarde tornavam a sair de carro pelas quatro horas, dirigindo-se muitas vezes à casa da Viscondessa de Vila Nova da Rainha, virtuosa senhora, esposa do valido de D. João, que tinha a mesma idade de D. Carlota e era sua íntima amiga. O percurso não variava muito, seguindo quase sempre a praia onde também acontecia se deterem para conversar com alguma dama conhecida. O próprio cronista Brackenridge, a que acima aludimos, pôde contemplar a Princesa Herdeira D. Leopoldina e parentas, quando familiarmente conversavam com uma das filhas do diplomata americano.

A Sra. Sumpter, francesa de nascimento, *née* de Lage, e as suas filhas falavam correntemente português, que tinham aprendido na longa permanência no Rio de Janeiro, onde o marido se tornara decano do Corpo Diplomático. Distinguia D. João ao diplomata não perdendo oportunidade em demonstrar o seu apreço aos Estados Unidos, muito mais liberal, o Príncipe, dizia o Plenipotenciário, que

seus Ministros (66). Essas circunstâncias concorreram para mais azedar o incidente e foram fator decisivo de o Rei abolir definitivamente o abuso. Teve D. Carlota de obedecer às ordens do esposo, pôsto relutante, medida recebida com intensa satisfação pelo Corpo Diplomático e europeus em geral. Quando, porém, soube D. Carlota que o Encarregado de Negócios da França, o Consul Geral Maler, pretendia aproveitar-se do ocorrido, mandou-lhe dizer que assim podia na qualidade de representante de país estrangeiro, mas como pensionista do tesouro a título de serviços outrora prestados a Portugal, perderia a recompensa, pois, os súditos da coroa continuavam adstritos a reverenciar os Príncipes como dantes. Julgou o esperto gascão que mais valia não desagradar a D. Carlota e, toda vez que a encontrava apeava do cavalo e se desbarretava como qualquer funcionário ou logista português. Disso muito se ressentia a colônia francesa, mormente os “*ressortissants*” de tendência bonapartista, avessos ao Consul por causa da vigilância que sobre eles exercia, os quais asseveravam que Maler nessas ocasiões até se ajoelhava.

Discordavam as novas gerações do cerimonial que outrora cercava os Príncipes; continuavam, porém, as praes correntes mantidas pelo hábito e tradição dos velhos e dos leais à monarquia. Assim, no reinado de D. Pedro II, encarnação de virtudes e modelo de simplicidade, havia preitos e homenagens de que um dos maiores escritores do século evoca no romance *D. Casmurro*: “*Em caminho encontramos o imperador, que vinha da Escola de Medicina. O omnibus em que iamos parou, como todos os vehiculos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse*”, reverência já muito atenuada se a compararmos à do tempo de D. Carlota Joaquina. Ademais, medeava um abismo entre homenagem

(66) Marrocos se refere com pesar à possibilidade de ruptura de relações com os Estados Unidos em consequência de suas quizílias com a Grã-Bretanha aliada de Portugal. Em outra carta, notícia que os americanos tinham retomado dois negreiros portugueses aos ingleses e os tinham restituídos aos donos portugueses.

livre e a forçada, entre a que prestava um grupo de súditos em espontânea manifestação de civismo e a obrigatória imposta por cadetes atrevidos. Entretanto, pouca comoção nos suscitam notícias a respeito de ditadores da nossa época, quando passeiam em carros de aço, com janelas de vidro a prova de bala, mais abundante escolta e luxo de precauções, além do uso de sócias e outros expedientes jamais imaginados pelo mais impertigado e tirânico Príncipe do antigo regime monárquico.

MINISTROS DE ESTADO E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

N O meio carioca conhecido por Ender, misturava-se a crônica diplomática com a da côrte, ambas bastante próximas entre si e férteis em novidades. Recrescia o interesse pelos bastidores do governo acompanhado de rumores, mexericos e diz-que-diz, toda vez que se tratava da escolha de agentes administrativos. Do mais elevado ao mais ínfimo, de Ministro a varredor de Repartição, alvoroçavam-se os círculos neles interessados. Era um dos principais característicos do regime absoluto, decorrente do princípio político "*mana do soberano todo o bem e o mal dos súditos*", num demedido poder, que segundo as circunstâncias, tanto pode ser benéfico como extremamente maléfico.

A transferência da côrte para o Brasil é expressivo exemplo do potencial realizador do mando em uma só mão, o qual em conjunturas graves não tropeçava em peias que a discussão de medidas urgentes encontram em regimes democráticos. Fôra o êxodo ideado havia muito, desde que a sede da monarquia lusa se vira ameaçada por adversários poderosos, porém, executada em poucas horas, de modo a frustrar os planos do invasor. Em outros lances provaria o contrário, menos conveniente ao bem da nação, quando não desandava francamente em seu prejuízo, em demasias de governo discricionário que tudo sub-

mete ao arbítrio do poder supremo, cujo ideal é manter-se inalterável no poder.

No caso em apreço justificavam as circunstâncias a desesperada resolução do Príncipe Regente de Portugal. Estaria perdida a monarquia — a família real prisioneira do inimigo, os melhores elementos do país reduzidos a reféns, a administração acéfala, o povo à mercê de demagogos a serviço do inimigo — se dependessem as resoluções do governo de consultas demoradas ante o alude. Somente medidas imediatas podiam salva-la, como foram as que presidiram a transferência da coroa para o Brasil, não menos drásticas depois da chegada à América a fim de organizar o serviço público. Não tendo sido previsto com bastante vagar o acontecimento, mal davam as antigas repartições do Rio de Janeiro, já insuficientes na administração colonial, para abrigo da gerência do Império Luso.

O abalo poderia ser nefasto à coroa, arriscada a naufragar na desordem em época adversa às monarquias inda as mais estáveis. No entanto, chegou a bom porto a família real, governo, côrte e representação estrangeira, e encontraram destino preestabelecido, a salvo de demasiadas confusões e prejuízos. De maneira quase milagrosa, todos receberam teto, moradia e comida. Conventos se viram transformados em palácios, cadeias foram removidas para dar lugar a dependências do paço, mosteiros abrigaram soldados, e novos ricos cederam as casas a novos pobres, com aplauso inicial da população. Nunca se poderia esperar mudança tão fantasmagórica, operada com tanta presteza e segurança. A energia do Príncipe Regente tornara-se destarte, exemplo para outros soberanos bem mais poderosos as voltas com as mesmas vicissitudes.

Infelizmente, em breve pesariam os sacrifícios exigidos do povo. Despojado de suas habitações, vítima de subitânea carestia, reparava o carioca na lentidão com que era atendido pelo governo. Esta era a maior falha da máquina administrativa dependente de um Príncipe em tempo de paz tardo e avesso a novidades. Dispunha o Regente de

alguns colaboradores ativos, como o Conde de Linhares, mas o grosso do funcionalismo estava submetido à modorra imemoral causada por perene falta de recursos, continuada no Brasil onde se tornou endêmica. Criticava José da Silva Lisboa a remessa sem compensação de dinheiro para o Oriente, queixavam-se os portugueses de Portugal da falta dos réditos que dantes vinham do Brasil, assim como os eclesiásticos carpavam a renda de suas propriedades metropolitanas que a côrte requisitara para aplicar na campanha do Sul. Queixavam-se da administração e dos ministros. Estes, porém, eram os menos culpados na conjuntura, pois, defrontava-se-lhes região virgem onde tudo estava por se fazer, que até hoje ainda não foi de todo desbravada, e no tempo de Ender, ainda havia aldeias de índios em S. Lourenço, numa dobra da baía da Guanabara pouco distante do Paço onde habitava o Príncipe. E' preciso atentar, no estudo dos problemas brasileiros, ao fato de ter sido a sua imensa extensão pouco ou nada colonizada pela metrópole⁽⁶⁷⁾. Basta dizer, deparar-se-nos tão fraca a antiga capacidade colonizadora lusa, que dos raros esboços oficiais intentados em tres séculos, contavam-se casais dos presídios marroquinos e bandos de ciganos indesejáveis no reino, remetidos para o norte da colónia, e, isso mesmo, não tanto no carater de produtores, mas principalmente de ocupantes do solo a fim de resguarda-lo de castelhanos. Por muito tempo contentaram-se os habitantes dos núcleos esparsos pelas margens do Amazonas, em plantar o suficiente para alimentar-se, porquanto faltavam condições que lhes facultasse produzir para exportar. Mais ao sul, os casais das ilhas atlânticas, sequer plantavam, reduzidos a viverem da pecuária nos moldes mais primitivos. O povoamento das Minas efetuou-se em grande parte com a contribuição da escassa população paulista, composta em dado momento dos descendentes de castelhanos e portugueses reunidos em S. Vicente pelo acaso. Na metrópole logo surgia alarme

(67) Cf. opinião de José da Silva Lisboa, "*Porisso o systema colonial atrazou muito a possivel população e grandeza do Brasil*", in *Observações sobre a Franqueza das Industrias*, Rio de Janeiro, 1810.

pela partida de alguns audaciosos seduzidos pela miragem do rápido enriquecimento, como também sucedia a marujos que desertavam para procurar ouro no sertão brasileiro. Era feliz naquele tempo Portugal, livre do avantesma da superpopulação que hoje o apavora. Sobejava-lhe então *lebens raum* em tais proporções que, à vista da devastação causada por epidemias, cogitou-se da remessa de casais das ilhas para as Beiras, de sorte que, a população da Madeira e de Açores, sequer suficiente para colonizar o Amazonas e as raias do sul, teve ainda de repovoar o Minho ⁽⁶⁸⁾.

Pelo exposto aquilata-se a injustiça de muitas críticas contra os Ministros no último período da monarquia absoluta. Iniciativas tiveram muitas, aconselhadas pelo patriotismo e zelo desinteressado, e, se foram infelizes, acompanharam o fadário de todo administrador, do qual, em boa regra, devemos tirar a média do acertado e do desacertado da sua gestão. O Príncipe, por sua vez, tímido e demasiadamente cauteloso — se bem soubesse às vezes tomar prontas resoluções — contribuía para emperrear a administração. Degenerara aos poucos a monarquia em gerontocracia, envelhecendo, adoecendo e morrendo Ministros nos ministérios, onde se demoravam muito além da capacidade administrativa de que podiam dar provas. A propósito, encontramos em uma das cartas de Marrocos saboroso trecho — se nos é lícita a expressão — sobre o estado de vários governantes. Ouvira do Príncipe Regente, que António de Araujo, Conde da Barca, estava muito mal, “*q. elle já não podia assignar, q. a sua lettra de agora pela sua meudesa não parece ser feita pela mesma mão de algum dia. . . O Marquez de Aguiar já tem enterrado tres Secretarios de Estado; Anadia, Linhares e Galveas, e parece que está abrindo sepultura para o quarto. João Paulo Bezerra ainda se arrasta muito, mas dizem que, na falta daquelle, he o que está na bica; e ninguem fala em Pedro de Mello*”. Era um descabro, agravado pelo contínuo desaparecimento de

(68) V. do Autor *Pernambuco e as Capitanias do Norte*, vol. I, pág. 5-13. Convém igualmente notar, que muitos minhotos imigrados no correr do regime colonial para o Brasil, voltaram às Beiras depois de enriquecidos.

velhinhos inocentes, funerea situação para gáudio dos maçons partidários de “*idéias novas*”.

Encontramos na descrição de S. Cristovão, por Araujo Porto Alegre, informação acerca do carater do Príncipe, que, através dos seus métodos habituais de governo deve corresponder à realidade. Professava D. João, entre outros vezos, o mais entranhado horror à mudança de auxiliares, o que explica as delongas que emperravam a nomeação de um Ministro, o qual depois de empossado no cargo não mais o deixava. Concorria também nas hesitações do Regente a lembrança de excessos praticados pelos Ministros sob nome do soberano em reinado precedente e pouco remoto⁽⁶⁹⁾. O resultado era acumular-se sem despacho montanhas de papeis sobre a mesa das Secretarias de Estado, trazendo consigo outros males inevitáveis no regime absoluto — a corrupção do funcionalismo público e intervenção nos negócios de indivíduos peritos em advocacia administrativa. O inconveniente também existe em outros regimes, passível, entretanto, caso exista espírito cívico no povo, de suscitar obstáculos e corretivos graças ao clamor das massas e à ação de seus representantes parlamentares simultaneamente fiscais e juizes.

Governou D. João na transição da fórmula absolutista, em que a massa amorfa, alheia à escolha de seus dirigentes, era governada por guias especialmente preparados para o fim, e o advento da democracia, a admitir que o povo chegado a certo nível econômico e cultural, pudesse governar-se a si mesmo. Em 1817 o Império português ainda se encontrava na primeira fase, e uma das consequências era incidentemente Tomas António Portugal, quase inválido, concentrar nas mãos todas as pastas do governo. A situação, pôsto transitória, impunha ao diligente Ministro tarefa demasiada. Tornava-se ainda molesta pela dilatação em o Príncipe resolver o problema das nomeações. Contudo, a relativa autonomia de certos setores governamentais proporcionava auxílio a algum desafogo a Tomás António,

(69) V. *O Marquês de Pombal*, de Markus Cheke, onde encontramos circunstanciada exposição a respeito.

graças à Intendência da Polícia, Tesoureiro-Mor, Presidência do Senado Municipal, da Relação, do Corregedor da Comarca, do Físico-Mor do Reino, etc. . . que à sombra das Secretarias de Estado, dirigiam repartições de largo alcance administrativo.

Dos membros do governo o que mais privava com o Príncipe era justamente o Intendente de Polícia, detentor de inúmeras funções, algumas em extremo delicadas no regime absoluto. De dois em dois dias conferenciava Paulo Fernandes Viana com D. João, competindo-lhe, entre outras coisas, prover à segurança dos habitantes e, acima de tudo, estabilidade do trono. No Rio de Janeiro acresciam incumbências às que tivera em Lisboa Pina Manique, a se destacarem na geral improvisação de tarefas, a organização da polícia, a abertura de novas estradas e melhorias nas velhas da capitania, censurar a imprensa nacional e estrangeira, promover e dirigir festejos oficiais e cuidar do importantíssimo caso das “*aposentadorias*”. Nos motivos da escolha do velho Paulo Fernandes, mais do que seus méritos de magistrado, influira o fato de pertencer por afinidade à família Carneiro Leão, os maiores argentários cariocas do tempo. A despeito da atividade que procurava aparentar, não devia ser muito eficaz o Intendente em todos os cargos. Sentia-se cansado, cada vez mais propenso em prolongar a sesta diária até às cinco da tarde e a fugir de importunos que lhe acarretassem mais trabalhos; o parentesco, porém, lhe permitia adiantar quantias necessárias a certas despesas quando o tesouro estava vazio. Muitas tinham caráter urgente e inadiável, o que obrigava o Príncipe a fechar os olhos sobre a maneira como as satisfaziam. A execução seria, tampouco, sempre digna de louvores. Narra Debret como foram recrutados à força artífices destinados à ornamentação da cidade nas festas seguintes à chegada da família real e os curiosos efeitos que daí emanaram. Durante anos indivíduos apanhados na rua, sem tirocínio algum do que se lhes exigia, tiveram de imitar mármore e apor ornatos dourados nos palanques erigidos nas grandes ocasiões,

até a missão artística francesa imprimir caráter mais profissional aos empregados no serviço.

Costumava o Príncipe procurar auxiliares imediatos de governo, desde o colapso mental de D. Maria I, tanto na aristocracia como na burguesia. Na escolha entravam fidalgos de reconhecido valor, pertencentes à alta nobreza, tradicionalmente servidora da coroa ⁽⁷⁰⁾, providos de bens que lhes asseguravam independência em funções exercidas mais por satisfações de vaidade, e rebates do “*complexo criador*” ⁽⁷¹⁾ a que repetidamente aludimos em nossos trabalhos de historiografia, do que injunções materiais. Entravam também na escolha probos representantes da magistratura, que se tinham destacado pela operosidade nas suas funções. Pensava, assim, o Regente, evitar os males do governo do avô e as deficiências do materno, o primeiro caído em mãos de aventureiros e o segundo nas de incapazes.

A mesma orientação presidia o preenchimento de cargos da diplomacia, exército, marinha, alta e baixa administração, se bem em última análise, os resultados se assemelhassem. Em Lisboa acumulara Pina Manique prodigiosa fortuna havida na polícia e mais funções anexas. No Rio de Janeiro murmurava-se contra Paulo Fernandes Viana, acessível, como nos diz Saint-Hilaire, a peitas de indivíduos interessados em alterações de planos do governo. O rancor que lhe guardara por esse motivo o Infante D. Pedro ia ressurgir em várias medidas, às vezes chegadas às raias do absurdo quando subiu ao trono. Agravavam as desconfianças do soberano o fato de o Intendente ser genro de Braz Carneiro Leão. Para D. Pedro todos do invejado clã eram sanguessugas do Tesouro, que se devia vigiar enquanto não fosse possível alija-los dos negócios públicos e proibir a sua entrada em Repartições. Poder-se-ia daí aventar que os impropérios aplicados pelo nosso primeiro imperante a áulicos, nem sempre seriam manifestações de estouvamento.

(70) V. do Autor *Pernambuco e as Capitânicas do Norte do Brasil*.

(71) Id. *A Bahia e as Capitânicas do Centro do Brasil*.

Além desses fatores de empêro na máquina administrativa, intervinham outros de ordem psicológica. Um dos mais importantes provinha da natureza afetiva do Regente, que se julgava devedor aos que tudo tinham abandonado no reino para acompanhá-lo na América. Conferia, destarte, o sacrifício aos reinois, direito à habitação, honrarias, moradia, passadio, condução e serviços para os mais graduados, e principalmente convívio com a realeza dispensadora de mercês. A gratidão do soberano levava-o a constantemente reconhecer a fidelidade de tais súditos, valorizada a seus olhos pelo procedimento de muitos que tinham permanecido no reino e aderido aos invasores. Nas doações consequentes, procurou, contudo, unir o útil ao agradável; pagar a dívida e concorrer para o aproveitamento da terra, como o seu avô D. João III tentara em 1532 com a promulgação das capitânias.

Desejava o Regente intensificar a cultura do café, muito remuneradora pelo fato de haver no momento intensa procura desse produto no mercado de gêneros chamados exóticos. Terminara o famoso Bloqueio Continental, um dos pretextos da invasão do reino, e a necessidade de refazer estoques além da euforia de organismo convalescente no caso da Europa, contribuía para ativar negócios. Nesse lance — na hora H — surgira a campanha humanitária inglesa contra o Tráfico Africano. Na emergência, era lícito ao Regente apenas contemporizar a solução do problema em sucessivas postergações enquanto se expandia a cultura cafeeira. A traça era percebida pelos insulares, interessados em impedir o desenvolvimento que eles consideravam prejudicial a suas colônias, ou melhor, aos latifundiários ingleses lá estabelecidos. Possuidores de parentescos úteis e influência no Parlamento Britânico, esses agricultores tentavam por todos os meios criar obstáculos ao surto português, pois, se recusavam suportar sozinhos todo o onus da campanha abolicionista. No choque muito deveu a incipiente agricultura brasileira ao prestígio pessoal do Regente na côrte de Saint James, o que nos permitiu organizar a base da futura economia brasílica, porquanto sem

a estreita e inalteravel amizade da côrte lusa com a britânica, acaso fossem ouvidos nos degraus do trono os afrancesados e liberais que em toda parte tinham começado a se agitar, a nossa evolução se atrasaria de um século em vez de prosseguir harmonicamente como succedeu inda após da abolição.

Dos efeitos imediatos da prudência joanina temos a chegada do fazendeiro francês de Scene, expulso de S. Domingos, o qual, segundo Golovnin, viera estabelecer-se no Rio de Janeiro contemporaneamente à missão científica austro-alemã. Referia-se provavelmente o russo a este agricultor, se bem não lhe cite o nome, o qual comprara nessa época uma gleba na Tijuca, perto da Condessa de Roquefeuil, do Conde de Gestas, de Nicolau António Taunay, do Visconde de Asseca, etc., e plantara cincoenta mil cafeeiros. Outros chegavam diariamente com fito de iniciar plantações na esteira de antecessores, como Ouseley ou Langsdorff, a estender lavouras nos subúrbios do Rio de Janeiro, *ad instar* do que já se fizera em S. João Marcos e mais sítios. A produção fluminense, juntada à de Minas, entrava no tempo de Ender em apreciavel contingente nas exportações da nossa balança comercial. Escrevia Pallière a propósito, "*Le caffée a été pour eux (lavradores) une mine d'or*", em que figurava a Real Fazenda de Santa Cruz com 128.000 pés.

Onde, porém, temos na monarquia absoluta morbo deveras nocivo para o Estado, porque não encontrava compensação de espécie alguma, era na rivalidade esteril dos componentes da "*governança*". Principiava infelizmente do alto, entre Príncipe e consorte, irremediavelmente desavindos no Rio a respeito dos negócios do Prata. Mal aconselhada por devorante ambição, não havia expediente a que D. Carlota Joaquina deixasse de recorrer para impor o que chamava seus direitos nos antigos domínios espanhóis. São sobejo conhecidas suas intrigas com o Almirante Sydney Smith, condenadas pelo Regente e pelo Embaixador britânico no Rio. Dos conciliábulos saíam resoluções inexecutáveis pela sua colisão com a época, em que figuravam

como agentes indivíduos publicamente desacreditados como José Presas. A respeito escrevia Strangford a Linhares, comunicando relatórios de agentes britânicos no Prata, "*If the accompanying Letter were not sufficient to prove the infamy of P... 's character, a reference to his former crimes in his own Country, and to the whole of his behaviour in this, would furnish incontestible arguments for removing him from a place where his residence is dangerous in extreme*". Em outro "memorandum confidencial", reproduzia enredos do lamentável indivíduo no Prata, "*He has lately written a Letter, calling upon all good Spaniards to release the Princess Carlotta from the cruel and tyrannical bondage in which She is detained by the Prince of Brazil*". Inventar crueldades conjugais de D. João chega a ser cômico e bem demonstra a desfaçatez de Presas. Mais tarde, quando ele não pôde mais explorar a protetora, voltou-se contra ela, cobrindo-a de baldões, como autêntico chantagista que era ⁽⁷²⁾. Não menos elucidativos são os comunicados de agentes de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, como Possidônio da Costa, particularmente interessantes pela descrição do modo com que tais intrigas eram compreendidas pelos platinos.

Temos, acerca da situação, caso típico no terreno financeiro provocado pelo absolutismo e corrigido pelo regime liberal subsequente, nos comentários de um francês sobre a Regência e esboço de democracia que em 1834 se processava no país. Prestava-se a Menoridade às maiores apreensões; havia excesso de poder municipal de que dependiam as eleições; o mesmo se repetia perigosamente no judicial regendo a vida e os bens dos cidadãos; havia sempre perigo de lutas armadas nas províncias, e coisa pior, o de levantes de escravos susceptíveis de reproduzir os horrores de S. Domingos e favorecer as manobras dos portugueses recolonizadores. Jacquemont traçou o quadro em período anterior, vizinho do reinado de D. João VI, com

(72) No mesmo comunicado ocorria "*I have seen this Letter, and I never read a more inflammatory or indecent composition. It recapitulates the domestic disagreements between the Royal Couple*", etc. etc....

a eloquência e o brilho literário de quem era considerado por Merrimée, Stendhal e mais corifeus do Romantismo, um dos seus maiores expoentes. Julgava o francês, segundo ideias do momento, partilhadas também pelo almirante Roussin destacado em 1822 no Rio, precário o Império, fadado a desastres por falta de classe média na população. A partida de D. João VI deixara o país entregue a um pequeno grupo de pessoas, "*avec leur écorce européenne polie, élégante même*", a dominar multidão de negros. "*J'ai vu ici pour la première fois, l'esclavage des noirs sur une échelle immense former le régime de la société*". Nessas condições, dizia Jacquemont, a catástrofe era tão iminente como inevitável...

Um outro francês, chegado na Regência, afinava pelo mesmo tom, mas depois admitia que, "*interesses materiais apoiavam e sustentavam a existência do Império*". Fôra obrigado, apesar da toleima própria de turistas, particularmente franceses afligidos por insanável "*suffisance*", a reconhecer a boa gestão financeira de homens notáveis como Feijó, inspirados pelo mais alto patriotismo, que não sacrificavam os interesses do povo pela sua permanência no poder. Era-lhes igualmente permitido, pelas circunstâncias de momento e força moral de que dispunham, comprimir despesas até nas pastas militares, verdadeiro prodígio, façanha hoje impossível e sem exemplo. Podia naquela altura a nação dar-se o luxo de substituir dispendioso exército pela Guarda Nacional, e mais medidas acertadas de povo pacífico, que prescindem alimentar veleidades de conquistas territoriais para alimentar o prestígio do governante. A consequência aparecera no orçamento de 1835-36, onde, em vez do déficit previsto de dois mil contos de réis, surgiu superavit de oitocentos contos. "*Eis o segredo do governo*", exclama o viajante, "*o crédito mantido porque a dívida não é considerável e as produções aumentam de ano para ano, além de que o custo da vida*", caríssimo no tempo de D. João VI, tornara-se "*barato para as classes menos favorecidas, concorrendo para evitar maior insatisfação no Rio de Janeiro, do que em qualquer outro sítio*".

Não é intento nosso tecer comparações entre o passado e o presente, vamos pois, tornar ao assunto dos males causados na administração pelo regime discricionário. Lavrava, no momento em que D. João resolvera transferir-se para a Guanabara, conflito de orientação política entre partidários da França e da Inglaterra, não só em toda a nação portuguesa, como no próprio seio do governo. Acirrava-se a contenda pela gravidade da situação, pois desses países dependia a existência de Portugal. Nos “*inglesados*” formavam os conservadores ferrenhos⁽⁷³⁾ pelo fato de serem os ingleses os principais — em certa altura, os únicos — eficientes adversários de Napoleão, além de useiros em não se imiscuir nos regimes políticos alheios. Entre os opositores estavam os partidários do “mal Francez”, como lhe chamava José da Silva Lisboa, certos no que diz alguns benefícios trazidos aos povos pela Revolução da França, mas iludidos a respeito do seu continuador⁽⁷⁴⁾. No referente ao Império Luso, o erro era clamoroso, fadado Portugal a perder o Brasil e colônias, esquartejado na Europa para satisfazer as ambições de cabos de guerra, ou de pequeno Príncipe a quem Napoleão porventura pretendesse recompensar. Atirada a côrte de Lisboa no Brasil, não cessaria, porém a luta entre anglófilos e anglófobos.

O maior representante da primeira corrente era D. Rodrigo de Sousa Coutinho, tido como uma das capacidades do reino, cujas ideias eram inteiramente apoiadas pelo Príncipe. Nessa atitude tinha que enfrentar colegas seus de ministério e inúmeros personagens influentes da administração pública. Nas críticas que lhe dirigiam percebe-se a violência das paixões desencadeadas numa hora tumultuária. Até elementos como o Visconde de Anadia, em geral extremamente reservado, inflamavam-se quando esbarravam no ponto nevrálgico. A respeito de um ofício de D. Domingos de Sousa Coutinho, Ministro de Portugal em Londres, datado 17 de março de 1808, escrevia Anadia

(73) V. sobre ideias contemporâneas *Reflexões sobre a Revolução da França*, por José da Silva Lisboa, Rio, 1812, inspirado por Edmundo Burke.

(74) V. Raul Brandão, *El Rei Junot*, Lisboa, págs. 80-112.

veemente requisitório contra as pretensões inglesas no convênio que se projetava. Começa: *“Se os Ingleses não admittirem nossos Assucares, Cafés, Arroz, etc. . . que extração poderão ter estes Generos actualmente, não podendo nossos navios ir leva-los aos Portos da Europa, e não havendo presentemente Bandeiras Neutraes que os possam transportar? O Commercio para florescer, he necessario que seja, quanto for possivel, livre e de reciproca utilidade; e este, que os Ingleses nos offerecem, aproveitando-se sem generosidade, das criticas circumstancias, em que nos achamos por sua causa, he Leonino”*. Nota-se o travo na persuasão de que o ocorrido fosse provocado pela fidelidade de Portugal à sua aliada. Era sincera, por parte de Anadia, porém errada à vista dos planos secretos de Napoleão, hoje conhecidos, os quais visavam sugar por tempo indefinido os portugueses às suas loucas ambições. Melhor compreensão do momento mostrava a Príncipe Regente, reconhecendo nos ingleses os salvadores da monarquia. Continuava Anadia condenando o projeto de bases navais britânicas nas ilhas portuguesas do Atlântico, pôsto reconhecesse seriam benéficas para o consumo das produções das ditas ilhas. Mas a respeito do auxílio que a frota aliada poderia, dali, dispensar à lusa navegação, protegendo-a de corsários franceses, não diz palavra, o que bem demonstra o seu grau de cegueira embora fosse este Ministro dos moderados em matéria de anglofobia (75).

Outro Ministro, o Marquês de Anjeja, propuzera quando ainda em Portugal, juntamente com os Marqueses de Pombal e de Bellas, que se declarasse guerra à Grã-Bretanha. No Brasil acompanhavam-n’o altos funcionários, como o baiano José Egídio, Visconde de Santo Amaro e o dito Anadia, ministro da marinha, ambos objetos da comunicação de D. Domingos de Sousa Coutinho ao Embaixador

(75) *“Da nossa parte he necessario confessar, que temos no Brazil experimentado os mais assinalados beneficios dos Ingleses: pois a elles devemos a manutenção do trabalho, o augmento da Renda Publica, e a maior parte da exportação dos Generos Interdictados na Europa, visto que a sua sagacidade vence todos os obstaculos do phantastico exterminador do seu trafico”*. José da Silva Lisboa, *Refutação*, Rio, 1810.

Strangford, em que ele D. Domingos, representante de Portugal em Londres, dá troco ao ministro das críticas que lhe fizera no Rio: “*Très Sécrot*

“Mons. José Eg. . . juge à propos de déclarer que c’est par invitation personnelle et reiterée de S. A. R. qu’il se trouve à Santa Cruz; que S. A. R. ne peut se passer sans lui, et enfin, on pretend que nous sommes à la veille de le voir réinstallé à la cour. J’aimerais mieux y voir Lannes ou Junot; qui seraient au moins des Ennemis de l’Angleterre francs et ouverts! On dit aussi que le beau Vicomte va être appelé pour assister au Despacho avec S. A. R. Mgr. l’Infant. Cette nouvelle vraie ou fausse est dans la bouche de tout le monde. Je ne puis pas le croire; si j’avais cependant une idée moins haute de l’amitié et de l’attachement du Prince pour le Roi, je vous avoue que cette nouvelle serait capable de m’alarmer très sérieusement. Je suis à même de juger des vrais sentiments du Prince; par consequent je ne m’inquiète point sur cette affaire; en Angleterre cependant, où l’on juge d’après les apparences, l’appel au ministere effectif d’un homme aussi connu par ses principes Français que le Comte d’An. . . a, serait vû avec bien de l’Alarme, comme um indice sûr du renouvellement de l’ancien regime! Quant à moi je vous avoue franchement, que le comte me parait si nul, si plat, si ignorant qu’on à auqun droit de le craindre. Il a toute l’inclination de faire du mal, mais le Bon Dieu a fort rétrecit ses moyens”.

Na côrte as preferências de cada um eram conhecidas e catalogadas, reunindo-se em torno de tal Ministro os que pensavam como ele, e de tal outro os que pensavam de maneira diversa, ou simplesmente porque eram seus inimigos. Após a morte de Anadia acirraram-se rivalidades entre o Conde das Galveias e o de Linhares. Servia de amortecedor de choques entre eles, como disse um jornalista, o Conde de Aguiar, homem teimoso e tímido, muito afeiçãoado ao Conde da Barca. Continuou depois a porfia entre Linhares, Anjeja e o Conde da Barca, e, com a morte desses, aparecem no mesmo cenário e nas mesmas condi-

ções Palmela, Conde dos Arcos e Tomás António Vilanova. Em resumo, o embate maior foi entre Linhares pró Inglaterra e Barca pró França. Tais desaguisados ainda parecem intensos em torno dos postos, hoje chamados “chave” da administração, como Erário, Fomento, Colónias, Obras Públicas, etc. . . em que entravam maiores interesses pessoais que motivos patrióticos. Um expressivo comentário da época ocorre na carta do amanuense Marrocos, onde narra o regozijo dos ingleses no Rio de Janeiro pela morte do Conde das Galveias, ministro da Marinha, e interinamente dos Estrangeiros, *“com banquetes e bebedeiras, assim no mar (nos navios da esquadra britânica) como na terra: e Strangford, que tremia delle, logo nessa noite appareceu no Theatro com a sua farda de gala, e foi de dia duas vezes ao Paço, mas levou hua apupada disfarçada de — anda, filho da p. . . , que te pilhaste sem freio!”*

Falava-se também, no meio em que Ender vivia, na situação do Chanceler do Erário Francisco Bento Maria Targini, pouco antes modesto arrecadador de rendas no Ceará, guindado quase subitamente a Tesoureiro-Mor do Reino. Sobre ele desabavam mexericos dos que se sentiam ofuscados pela rapidez da ascensão. Diziam ser incompreensível a diferença entre a vida comedida de Tomás António Portugal, ministro, valido e assistente de D. João, depois de transitar pelos mais altos postos do governo, e a insólita opulência do ex-amanuense. O luxo que estadeava era incomparavelmente maior que a mediania do seu superior, de que um desenho de Ender nos dá fiel reprodução. Habitava Targini casa na esquina das ruas mais tarde denominadas Riachuelo e Inválidos, ricamente mobiliada, com esplêndida biblioteca de obras em várias línguas, encadernadas nas melhores oficinas da Europa. Talvez houvesse no interior arranjo presidido pelos artistas franceses, pois, o chanceler se tornou protetor da missão depois da morte do Conde da Barca. De qualquer modo, com ou sem intervenção parisiense, apresentava-se suntuosa, a provocar reparos de que fôra edificada com dinheiro do Tesouro, e no arranjo interno até os criados

seriam pagos pelo erário, porquanto figuravam nos livros de contabilidade como contínuos dessa repartição.

O segredo de tão espantoso crescimento vinha dos tropeços infligidos ao governo por aperturas financeiras, tal qual sucedia — em menor escala naturalmente — com o Intendente da Polícia. Atrás do Tesoureiro também havia poderoso grupo de negociistas, em mor parte ingleses, como Guilherme Young, Gustavo Kicckocfer e outros ⁽⁷⁶⁾, que adiantavam as quantias necessárias a negócios urgentes. O juro cobrado era relativamente módico, apenas seis por cento, porém alto pelo vulto das transações. Por esse motivo levantava-se escarceu no público por supostas “*roubalheiras no Tesouro*”, externada a indignação na válvula de desafogo dos regimes absolutos lendária em Roma sob o nome de Pasquino. Diariamente surgiam versinhos virulentos apodando Targini, só ou associado a ministros. Multiplicaram-se as diatribes quando o Tesoureiro-Mor foi sucessivamente intitulado Barão e Visconde de S. Lourenço, espalhada pela cidade a quadrinha:

*“Quem furta pouco é ladrão,
Quem furta muito é Barão,
Quem mais furta e esconde,
Passa de Barão a Visconde”*

seguida de variantes:

*“Quem furta e não esconde
Passa de Barão a Visconde!”*

Possuimos na capa da tradução feita por Targini dos *Ensaíos* de Pope, outra quadrinha, escrita a lapis muito apagado mas ainda visível:

(76) “*As Dividas deste Erario andão ao Banco (do Brasil), por doze milhões... ao Young e Finie andão por dois mil e tantos contos; ao Visconde do Rio Secco, por bem perto de mil contos*”. José da Silva Lisboa, *Chronica Authentica*. Rio, 1829.

*"B. L. no Calvário
Quanto pode ser a Christo
Porem B. L. no Rio
Vae-nos dando cabo disto!"*

Outro documento curioso no gênero é a edição da *Arte de Furtar* mandada imprimir em Londres, talvez por algum colega do homenageado (!), que traz o retrato do padre Vieira, ao qual antigamente se atribuía a obra, e o de Targini a quem era oferecida, emoldurado pelo baraço dos malfetores condenados à força e a frase *Aere Perennius*.

O divertido na circunstância é que Targini também clamava contra patifarias de intermediários concorrentes. Em carta ao embaixador Sousa Coutinho na Inglaterra, aponta com indignação descaminhos lesivos às finanças de S. M. F. (77), a ostentar virtuoso zelo, deveras edificante em exemplar funcionário. Contudo, apesar dos seus esforços, aumentavam os apuros do governo enquanto ele transpunha o ministério do honesto Marquês de Aguiar e ingressava no do não menos respeitável Tomás António. Morriam os Ministros mas o tesoureiro ficava, transformadas as dificuldades financeiras em fonte de proventos para habil

(77) *"As fadigas da minha cansada vida não me permittiram dar resposta quanto antes as honrosas cartas com que V. Exa. me tem distinguido, o que faço agora acompanhado dos desejos de que V. Exa. tenha passado melhor do seu ataque de ophthalmia"*. Depois de outros cumprimentos, prossegue Targini, na qualidade de amigo e *"mesmo como creatura de seu mano o Sr. Conde de Linhares"*, que se via na obrigação de o avisar, *"as pessoas, ou agentes de quem V. Exa. obrigado da necessidade, se valeo par os pôr em pratica"*, negócios de Portugal naquele momento em curso em Londres, *"tem sido fataes ao Real Erario e Thesouro Publico. Sim, estes Srs. Lucena e Paiva, pelo que consta das contas, não só não tem coadjuvado o zelo e sabias vistas de V. Exa. mas tem abusado da sua confiança"*. Ao que parece, a patifaria se efetuava em meio de gastos inúteis para o tesouro, qualificados *"exoticos"* por Targini, prático desses manejos e que por isso não se deixava embair. Nos abusos apontados os tais *"passam até segurar os moveis da casa do Escritorio, alem de outras couzas, vendo-se evaporada grande parte do Emprestimo em extraordinarios fretamentos, comissões, ordenados, supprimentos, gratificações, depositos, etc."*. Esses indivíduos, *"Lucena e Paiva, agentes do Banco Nacional desta Cidade (Rio de Janeiro), em Londres"*, tinham sido encarregados da *"liquidação dos generos da Real Fazenda hypothecados ao pagamento do juro e amortisação do Emprestimo, contas que com tão grande desleixo tem sido tratadas, pelos referidos Lucena e Paiva"*, pessoas mal vistas por ele Targini, *"dous homens sem credito nenhum nesta praça, e o ultimo alem daquela falta, padece outras bem publicas nesta terra d'onde he natural."*

técnico. Acontece que tais operações hoje seriam talvez consideradas lícitas, reinando, porém, naquele tempo outra mentalidade, a situação começou a impressionar o Príncipe Regente. Ao chegar do reino mais tarde, no fim da permanência da côrte no Brasil, a esperança representada por Palmela, resolveu D. João VI, ordenar devassa acerca do procedimento do tesoureiro. O novo Ministro era “o Salvador”, um segundo Necker, misto de mágico e poço de ciência política, que ia reerguer a monarquia anemiada pela inépcia de dirigentes, arruinada por abusos de funcionários. Impunha o estadista, ainda verde em administração, que el-Rei varresse as repartições de maus elementos a bem do decoro do reino e melhoria dos negócios. Encarregou D. João a Tomás António, pessoa de sua confiança, de investigar a respeito de Targini. Nada se apurou a despeito da diligência, pois os lucros dos intermediários, entre os quais figurava o tesoureiro, eram extra-administrativos, sem registro em livros de contabilidade oficial, de sorte que o acusado passou a ser vítima inocente de calúnias de fidadais inimigos.

O mau humor do público decorria, porém, não tanto da evidência de abusos e proventos ilícitos, mas da ilusão,

Ora à vista do exposto, forçosamente estes dous homens haviam dificultar a V. Exa. a realização dos seus grandes projectos, propondo-lhe meios sinistros, e de seu interesse particular, quaes sanguesugas, que tiram o sangue do miseravel enfermo. O Real Erario, portanto, antes das queixas de V. Exa. parou com os seus saques em 20 de Dezembro de 1809, sendo o utimo 10.000 £ à ordem de Young & Leigh, apezar de saber que sendo a quota da Ilha da Madeira para o pagamento de Emprestimo de 3.000 £ por mez, remetteo para a Inglaterra no mesmo anno, perto de 224.000\$000 reis, e que no primeiro trimestre de 1810, tendo já fetto remessa mais ou menos, de 16:800£ pagou hum saque de Paiva de 40.000 Patacas, que V. Exa. talvez não ordenasse, e inda que eu creto que tudo será preciso para as contiguas Despezas do Estado”, não se devia de forma alguma arriscar-se o seu descrédito, escrevia Targini, por meio de condenáveis saques sem fundos, “se por acaso não houvesse dinheiro no cofre daquella Junta. Acresce ao referido, que Baring & Hope fizeram saber por Gustavo Ktckocfer, seu correspondente nesta Cidade, haverem offerecido à Administração 100.000 £ que adeantada receberem os 50.000 quilates de Diamantes, e que por intervenção de Paiva foram depositados 25.000 quilates nas mãos de huns Judeos por 50.000 £ que adeantaram, o que se assim hé faz absorver grande parte do seu producto nas usuras sempre praticadas por tal gente. Isto comunico a V. Exa. confidencialmente pedindo-lhe pelo bem do serviço do Príncipe Regente Nosso Senhor, e meu Amo, e para mais realçar o credito de V. Exa. a que está ligado o do Estado, haja de ver o

muito comum nas massas, de que a mudança de administradores possa sanar males insanáveis, provenientes da própria natureza econômica de uma nação. Sequer o respeitável Tomás António escapava do sentir geral, incluído, a despeito da lisura dos seus atos, no rol de culpados do mal-estar da monarquia. O que o povo ansiava era por gente nova, cansado de ver os mesmos problemas enfrentados pelos mesmos indivíduos; daí, mais a quadrinha:

*“Excelso Rei,
Se queres viver em paz
Enforca Targini
E degrada Thomaz”,*

em que o pobre valido partilhava o inglório destino de um dos seus maiores inimigos, do que ele mais suspeitava e a quem desejava enxotar do Tesouro.

Nas denúncias que a toda hora chegavam a D. João VI havia também as de caráter político, decorrente da porfia de nações em torno de favores comerciais e políticos da coroa lusa, mencionados sob negras côres os titulares dos

meio, ou modo de tomarem os Barings todo o Empréstimo assim na redução do segundo, com as hypothecas que V. Exa. está autorizado a fazer a fim de nos livrarmos de questões sobre Diamantes, e pagamentos de prestações de Empréstimo precedente, juntas às novas prestações do ultimo Empréstimo, pois que separadamente demandam grandes sacrificios para cumulativamente serem pagas as quantias estipuladas em hum outro Empréstimo. Agora vão pela Fragata Ingleza President 20.000 quilates de Diamantes da produção do anno proximo passado, os quaes pela sua grandeza, e limpeza excedem em muito o valor de cada huma das remessas de 25.000 quilates, que ultimamente foram pelas Fragatas Diana e Brillhante. Digne-se pois V. Exa. de tirar desta remessa (entendendo-se com os correspondentes do Banco do Brasil ahy residentes) a maior vantagem possível para salvar a causa Publica, e sustentar a decencia e esplendor de hum tão bom Principe como temos, e de hum Estado que está a ponto de se elevar a maior riqueza e abundancia. Sobre tudo conheça V. Exa. que eu o amor por fé, e que sei estimar as suas grandes qualidades, e que em todo tempo mostrarei o que sou pelo coração”. Nessa altura, acrescentava Targini post-scriptum, “Depois de ter escripto a presente recebi da mão do Sr. Conde de Aguiar, meu Presidente, o officio de V. Exa. datado de 6 de Março P.P. pelo qual se vê desfeita a increpação dos Barings a respeito de se ter entregue a 1.ª Caixa dos Diamantes de Abrahão Goldschmidt, sendo elle o mesmo por quem corre o Empréstimo solicitado por V. Exa. e hum grande Capitalista como eu particularmente sei que hé. Rio de Janeiro 8 de Junho de 1810”.

postos a que há pouco aludimos. Em uma missiva precedida da advertência, "*Secret and Confidential*", Lord Strangford tratava de conter os opositores ao tratado que ele desejava firmar entre Portugal e Grã-Bretanha, e acima de tudo, inutilizar seus inimigos políticos. Passando, adiante, a outro assunto ligado ao precedente como vamos ver, ajuntava o Embaixador, sempre na maior confiança, que recebera comunicações da Índia, "*which mention some very extraordinary things concerning your Vice Roy in that country. I Would (I hope) have sufficient candour to forgive him if he be only an ennemy of England, but really I have every reason to believe that his sentiments towards his own Sovereign are (to say no worse) exceedingly equivoques. This is a matter which requires some consideration, particularly at a moment when the French are endeavouring by means possible to gain a footing in India. Is you should judge proper to mention this matter to the Prince, I will beg you earnestly not to mention my name. It does not become Prince's interest that I speak, and the sole reward that I ask, is that my name may not be compromised*".

A correspondência secreta entre Lord Strangford e o Conde de Linhares é muito interessante pela intimidade reinante entre eles, principalmente quando o diplomata solicitava a intervenção do Ministro para levar a bom termo assuntos capitais para a sua carreira. Morto D. Rodrigo, não mais correram as coisas placidamente, registrando-se desconfianças atribuídas pelo Lord à supremacia de seus inimigos no ministério. Culminou a crise na partida de Strangford, por longo tempo a providência da realeza lusa na adversidade, segundo acentua amargurado, na carta dirigida ao Marquês de Aguiar, onde recusa "*o presente d'estilo que se costuma fazer a qualquer Ministro Extrangeiro no momento de sua partida*". Rejeitava-o, dizia, para somente conservar a lembrança dos serviços que ele, Percy Clinton Sydney, Lord, Barão e Visconde de Strangford, prestara à glória e interesses dos Braganças. Estava persuadido ter feito muito mais pelo Príncipe Regente que qualquer outro diplomata estrangeiro — fato muito possi-

vel — mas esquecia que também defendera encarniçadamente os interesses de seu país, nem sempre condizentes com os do seu pequeno aliado.

A despeito da generosidade de D. João, repetiam-se nos escaninhos da monarquia intrigas de toda ordem, visando inutilizar este ou aquele indivíduo, provido de cargo por outros cobiçado. Em grande parte malogravam-se os esforços contra a honorabilidade dos membros do Governo, e no horror à mudança professada pelo Príncipe. Afeiçoava-se facilmente D. João aos colaboradores, e é preciso dizer, também sabia inspirar dedicações. Das pessoas do seu “*Governo Privado*” ou íntimo, uma das mais importantes figuras foi Joaquim de Azevedo, Visconde do Rio Seco. O seu valimento já vinha de Portugal, quando dera mostras de intensa atividade por ocasião do incêndio do Paço da Ajuda em 1794 e na explosão em 1805 da Fábrica de Pólvora em Barcarena, “*fazendo enterrar os mortos e curar os feridos*”, além de, em tempo, remover trezentos barris, que escaparam de explodir. No Brasil continuou os serviços enquanto a família real habitou o Rio de Janeiro, longo favor que também inspirou denúncias e quadrinhas:

*“Furta Azevedo no Paço
Targini rouba no Erario;
E o Povo afflicto carrega
Pesada Cruz no Calvario”,*

voltada a pasquinada contra os numerosos empregos do Visconde, administrador das residências em Santa Cruz ou na ilha do Governador, onde procedia a trabalhos de adaptação, aumento, conservação, restauração e o que mais fosse necessário ao conforto do amo. A sua maior atividade, no entanto, era adiantar quantias ao tesouro, motivo da aversão popular. Para o vulgo, quem tivesse relações com o tesouro era suspeito de patifarias, principalmente quando a sua opulência aumentava na proporção das aflições públicas.

A desordem administrativa, causada por contínuos embaraços financeiros e os ganhos abusivos de “*correto-*

res de fundos”, favoreciam estes privilegiados, mas, no caso, ainda se podia considerar o Príncipe feliz em reduzir o prejuízo do Erário graças à dedicação de um amigo. Havia-se Azevedo o quanto possível com lisura, concorrendo em larga escala para resguardar a coroa de males maiores. Não fosse sua moderação nos lucros e solicitude em conseguir dinheiro para a administração em qualquer momento e circunstância, entre outras na sublevação de Pernambuco, muito maior seria a perda em juros e o atraso nos pagamentos. Devia-se no Brasil, devia-se em Portugal, devia-se na Índia, devia-se a ingleses, a fornecedores, ao funcionalismo, a toda gente. O maior culpado seria, pois, o imperialismo luso enxertado na América, e não propriamente este ou aquele cortesão.

Estrangeiros de passagem e portugueses ligados ao Paço, noticiavam esses rumores, mais mexericos ouvidos no alto comércio e nas embaixadas. Uns os repetiam aos outros, circulando pela cidade dizeres que depois de longo giro tornavam ao ponto de partida. Em carta ao pai, conta Marrocos os últimos acontecimentos, em que se destacava um socorro — mais um! — de Rio Seco, o qual “*metteu no Erario, de Empréstimo gratuito 500 contos de reis, q. faziam a carga de 5 carros carregados de prata, e 11 negros carregados de ouro!*” Em carta subsequente retifica a quantia para duzentos contos; mesmo assim, representava soma considerável no Rio de Janeiro de 1815, quando se cogitava do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina e já se começava a gastar por conta. De outra feita, precisou o Visconde acudir o Banco do Brasil cuja caixa se desequilibrara pelo excesso de trocas de papel por ouro dos portugueses que tornavam ao reino antecedentes à côrte.

Tinha Azevedo desses rasgos magníficos, sem por isso escapar da peçonha mexeriqueira. A inglesa Maria Graham, pertencente à espécie “*bas-bleu*”, ou mulher sabichona, a um tempo pintora, educadora e literata, precursora da calamidade que atualmente assola o Rio de Janeiro, dele deixou pouco lisonjeiro retrato. Tomou-o como exemplo das razões do descalabro da côrte lusa depois do êxodo,

causador das deficiências da educação do Príncipe Herdeiro, *“Apartaram-n’o da Europa e de seus requintes aos onze anos, para desterra-lo em longínqua colonia, profundamente corrompida pelo regime servil, acompanhado de alguns nobres portugueses cuja ignorância, costumes reprováveis e péssima moralidade, só lhe podiam prejudicar o carater. Acresce, ainda, o forçado convívio com um bando de degradantes fâmulos do Paço de Lisboa, transferidos para o Brasil numa confusão propícia ao florescimento de aventureiros. O chefe desses indivíduos (aludia a Azevedo e ajuntava, em nota, “este gentleman fundou o Banco do Brasil”), deve seu atual prestígio e poder a dinheiro havido de modo difficilmente confessavel. Começou a vida como eguariço das reais cavalariaçes e sua primeira mulher, irlandesa de rara formosura, era filha de lavadeira. . .”*

A imagem tão denegrida mostrava-se muito diversa perante amigos. Era considerado Azevedo por Marrocos, que já o conhecia de Portugal, como pessoa generosa e prestativa, nunca recusando favor se estivesse a seu alcance. Tampouco partira das coudelarias reais, como a inglesa dizia, pois no Paço havia várias categorias de empregados, reposteiros e outros, cujas funções eram disputadas até por jovens de mediana condição. Davam ensejo de privar com os grandes da terra, vantagem não pequena sob a monarquia absoluta; apreciadíssima, portanto, não só por motivos de vaidade, como também muitos outros de ordem altamente concreta. Esses elogios, na pena de indivíduo pouco ameno como Marrocos, assumem particular significação. O mesmo não ocorria com o baiano José Egídio Álvares de Almeida, esperto e habil, que pelos seus méritos e vivacidade conseguira tornar-se secretário particular do Príncipe Regente antes da sua vinda ao Brasil.

Na Europa José Egídio contrariara ao pai de Marrocos em alguma pretensão, porquanto passou o escriba a odia-lo com todas as veras d’alma. O desafeto era filho do Capitão-mor das Ordenanças da Bahia, galardoado a fidalgo da Real Casa pela sua importância na cidade do Salvador. Formado em Coimbra, como todo rebento de

comerciante luso enriquecido nas colónias, figurava o jovem José Egídio entre os talentos que então mandara o Brasil à metrópole, tão numerosos e brilhantes que chegaram a despertar zelos de que folhetos como os — *Dialogos do Preto e do Bugio* e os publicados em 1778-9 na oficina lisboeta de Francisco Borges de Sousa — são expressões elucidativas. Porejavam fel sob título de “*Conselhos que dá Hum Brasileiro Veterano a Todos os seus Patricios, Que Chegaram a esta Corte*”; “*Discurso que Fizerão Duas Senhoras Portuguezas (Depois de lerem o papel dos Conselhos, que deu hum Brasileiro)*” e “*Resposta á Impugnação que Tiverão os Conselhos do Brasileiro, etc., etc., etc...*”, por onde vemos já reinar naquela data, encruada rivalidade entre estudantes de vária origem daquém e dalém mar. Provocaram-na os talentos de Santa Rita Durão; Francisco Lacerda e Almeida; o oportunista bispo de Zenópolis; o grato e desinteressado João Azevedo Coutinho; Manuel Jacinto Nogueira da Gama; Basílio da Gama; o fulo Caldas; Arruda Câmara; José Bonifácio; Leandro do Sacramento; José Egídio; o Caldas de prata; Mariano da Conceição Veloso; Alexandre Rodrigues Ferreira; Melo Franco e muitos outros, da mesma época, em fins do século 18, em número demasiado no parecer de reinois por eles preteridos na própria casa.

Em fins do século, os americanos pareciam chegar com maior facilidade a cobiçados postos, particularmente os da Bahia segundo uma das personagens dos folhetos, reflexos da ira do autor anónimo:

*Fujamos, Delmira amada,
De tudo que he Brasileiro;
e dos filhos da Bahia
Devemos fugir primeiro!”*

Dos mais bem sucedidos da invejada coórte, foi José Egídio, erigido a colaborador do Regente, num cargo que privava diretamente com a realeza. Tudo que afluía à real papeleira, transitava pelas suas mãos para receber o

seu visto antes de volver aos ministérios. O seu primogênito, segundo Visconde de Santo Amaro, no Império, nasceu em 1806 no Palácio de Mafra, quando lá estavam hospedados os pais com D. João. Nessa altura, houve a tentativa de D. Carlota de alijar o esposo do poder, intriga em que José Egídio prestou não pequeno auxílio ao amo no lance decisivo contrário à irrequieta Princesa. Também concorreu com outros cortesãos, para estabelecer entre os dois cônjuges um “*modus vivendi*” aceitavel para o público, a fim de que tão fundas divergências não mareassem a realeza. Além desses préstimos, muito concorreu José Egídio, juntamente com o Visconde do Rio Seco, nos aprestos da transferência da Côrte para o Brasil. Na travessia ter-se-ia dado o fato aludido por Debret a propósito do caracter afetivo do Regente, ansioso por amparo de amizades e zeloso em reparti-lo com outros. Abespinhou-se D. João com o secretário e lhe conservou rancor, por José Egídio durante a viagem, ter-se passado ao barco que levava a sua adoentada esposa⁽⁷⁸⁾, abandonando o do Regente.

Daí por diante as relações entre o Príncipe e o ex-secretário particular não tiveram mais a mesma cordialidade. Atribui Rodolfo Garcia, o estremecimento a intrigas de reinois contra o brasileiro que lhes fazia sombra. Julgamos excessiva a congetura, somente em parte admissivel, porquanto no momento era tão português José Egídio quanto Rio Seco nascido em Portugal, assim como Silva Lisboa, José Bonifácio de Andrada, e muitos outros originários do Brasil, e mais tarde separados da antiga metrópole por imperativos políticos. Onde acertava Rodolfo Garcia era em atribuir a campanha dirigida contra o baiano — semelhante à que sofria todo desfrutador de cobiçado cargo — a portugueses, pois indubitavelmente um deles foi Santos

(78) Pallière alude ao contrato, que concedia o monopólio do corte do manguê para curtir couros, aos dois donos de curtumes “*Mr. le baron de St. Amaro e Mr. de Sequeira. . . on la fait transporter l'ecorce dans le grand établissement de Mr. le baron digiré pour une espèce de colonie française que Mr. le baron a fait venir a grands frais*”. Depois acrescenta in nota: “*J'ai fait a Rio son portrait e celui de Mme. la baronne, femme superbe dont la maison ma comblé de bonnes graces*”.

Marrocos. Os motivos vinham de longe, prendendo-se a questões em torno de mercê pretendida pelo pai do bibliotecário, segundo o próprio filho no-lo conta na sua correspondência com a família.

Fôra Marrocos nomeado conservador dos manuscritos vindos de Lisboa juntados à antiga Biblioteca do Infantado, recolhida ao Convento do Carmo, onde residia D. João. Por força das funções, tinha Marrocos oportunidade de se avistar quase diariamente com o Príncipe, vantagem de que José Egídio não mais gozava. No regime absoluto bastava semelhante situação para colocar bem a um contendor e mal a outro. A carta de Marrocos ao pai, de novembro de 1815, descreve o sucedido com todos os pormenores, a tal ponto, que, apesar de longa, vamos transcrever a comunicação como exemplo de artimanhas palacianas: *“Por esta demonstração conhecerá Vossa Mercê agora quanto de bem lhe servio a minha recomendação há quatro anos, para que V. M. me enviasse algumas Cartas mais politicas, que V. M. metendo a couza a ridiculo, apenas me escreveo duas ou tres”* — tratava-se da documentação de que o filho necessitava para enredar ao adversário. Recebida a dose de peçonha, faltava, entretanto, oportunidade para aplica-la. Finalmente deparou-se o ensejo, e Marrocos escrevia: *“he justo que eu rompa o silencio, que há tanto guardava. As intrigas, que principiarão a lavrar contra V. M. pelos seus dois capitaes inimigos o Padre Serra e José Egydio, e na esteira delles, o Militão do bairro do Bellem, chegarão por nossa fatalidade a estender-se no Rio de Janeiro. A Providencia que sempre dispõe melhor as Couzas, quiz que eu viesse só e deo-me forças para as desfazer, principalmente desde que fui incumbido dos Manuscriptos da Coroa, que então se achavão no Quarto de S. Alteza Real (79). Apesar de ser muito ameaçadora a tempestade tenho a consolação de chegar ao fim que me produz alizando e aplanando o caminho da Verdade, triumphando assim da calumnia, ou antes da inveja”*.

(79) Entenda-se, aposentos.

Felicitava o pai pela vitória sobre os contrários às suas pretensões, dizendo-lhe que devia estar no agrado de S. A. R. e, *“que sem embargo de serem gigantes os seus inimigos, ainda houve hum pygmeo que soube atirar a funda, e que lhe fez dar com os focinhos na aréa, na fraze da Escrip-tura”*, e concluía: *“dou também graças a Deus por esta vic-toria, há muito premeditada”*. O final diz tudo. A frase condensa a ambição, astúcia e incansavel pertinácia que animavam a fauna áulica nos seus desígnios, sempre à espreita de oportunidades de captar as boas graças do amo para conseguir mercês merecidas ou desmerecidas, ou vingar-se de adversários, ou um pouco de tudo ao mesmo tempo. Mas ódio velho não cansa, e, a despeito de ter lavrado um grande tento contra o baiano, continuou Marrocos a detestá-lo e guerrea-lo.

Não se conformava em ve-lo na côrte escorado por méritos resistentes até a urdiduras de D. Basílio. Um ano depois, noticiava ao pai que a segunda filha do inimigo se casara com o opulento negociante comendador Sousa Dias, dos principais da cidade, que morava sobre o seu armazem na rua Direita. Imbuído de azedume, escrevia: *“José Egy-dio continua a sua vida particular com ostentação, e como membro de um tribunal tem a representação que lhe he propria; he muito intimo do Conde da Barca, e tem em casa roda diplomatica; mas eu ingenuamente confesso, que vejo e tenho de longe observado”* (eram vizinhos), *“alli certas maneiras, de que não gosto”*. Esquecia-se Marrocos dos conselhos que ele costumava dar à irmã em Lisboa, zelando de modo algo pitoresco pela sua elevação moral: *“Só te digo que não debes confundirte com a Gentalha, que occupam o seu tempo em fazer relações de casamento, e estão à espreita do que cada um faz em sua casa, para serem os primeiros a espalhar as alvíscaras: tanto se torcem e inclinão para vigiar as acções alheias que não reparam que os outros lhes estão vendo o cú descoberto...”*

Comunica a seguir o malogro do que era noivado e não casamento, como de primeiro noticiara na ânsia de espalhar alvíscaras. Devia ter havido *“coisas”* para tal insu-

cesso. Não se falava no Rio em outro assunto, porquanto Luís de Sousa Dias, quase sogro da menina — e não marido como precipitadamente supusera — encomendara o enxoval em França! Cúmulo de requinte que prosseguiu nos demais preparativos de sua família, quando de repente se rompeu o noivado! Mas foi regozijo de pouca dura. A 10 de julho de 1816 teve com grande mágoa de reconhecer Marrocos, a realização do incriminado consórcio, iludido que fôra pelo mexerico do agrupamento de confrades reunidos em alguma repartição para malsinar a vida alheia. Dois anos depois ia desferrar-se apregoando, desta vez sem receio de engano, pois soubera de boa fonte, que, *“o Barão de Santo Amaro alcançou licença de S. M. para se retirar para a sua Fazenda do Rio Grande, e alli residir com toda sua Familia pelo espaço de quatro anos: causou-lhe grande desgosto tirar-se no numero dos Officiaes de Secretaria, onde nunca entrou nem trabalhou: e como tinha vistas maiores, não quiz acceitar o lugar de Official Maior, como mais antigo, quando ahi se estabelecerão as Secretarias do Estado. Não nos causa pena nem saudade...”*

Pouco custava a Marrocos derramar bÍlis sobre quem lhe desagradasse, ou simplesmente por estar de mau humor naquele dia. Do Conde das Galveias noticia fatos que posteriormente alvoroçaram a jornalistas interessados no período: *“He de espantar e de enjoar o vicio antigo e porco desse homem, que a Vossa Mercê não será extranho; pois sendo homem e casado, desconhece inteiramente sua mulher, e nutre a sua fraqueza com brejeiros e sevandijas... tem padecido ultimamente muitos ataques, mas elle confessa q. não pode passar sem a sua “diaria”!*” Numa outra carta versa vários assuntos, uns inocentes, outros menos, em que fala da prenhez de D. Leopoldina, do aumento por este motivo, das acomodações da Quinta da Boa Vista e das ordens que recebera o Visconde de Vilanova da Rainha para preparar a nova ala do palácio. Referia-se também à morte *“do Bandeira”* cuja casa comercial, provavelmente de vulto, continuava a girar sob a gerência de um irmão por ordem do Governo, assim como da chegada com grande

estardalhaço de Clemente Ferreira França, “*de Pernambuco, onde muito prevaricara, mais a mulher qual outra Sabá*”. Trata a seguir das nomeações e casamentos, chegando ao insucesso da Viscondessa do Magé, que morrera de parto causado pela gordura em que se afogava. A sua irmã também morrera da mesma maneira, ambas sucessivamente casadas com o valido que sucedera a José Egídio nas graças do Regente, o qual, na opinião do missivista, “*Será justo que o Visconde se caze agora com a Mãe dellas para extinguir a raça e depois se metta a frade*”. O que lhe teria feito o viuvo? Que marroquina pretensão teria contrariado, ou deixado de acatar? Talvez nada praticasse contra o azedo homem e lhe sofresse a antipatia tão só por ser um dos Lobatos, favoritos del-Rei, feio crime no entender do escriba bibliotecário.

Entretanto, passam-se os tempos, mudam-se as coisas, as circunstâncias e as opiniões. Almejava o escriba subscriptores para a volumosa obra *Varões Illustres Portuguezes*, fartamente ilustrada por Aguilar, que ele opunha ao célebre Bartolozzi. Fazia muito empenho no êxito da publicação e pusera na lista dos subscriptores o Barão de Santo Amaro e o Visconde de Vila Nova da Rainha, ambos dantes execrados, os quais, tendo anuido ao desejo de Marrocos, entraram instantaneamente em cheiro de santidade. Coisa parecida também sucedeu com o clima do Rio de Janeiro. Era, na chegada de Marrocos, o mais pestífero do mundo, pior que o de Cacheu, Caconde ou Moçambique. Nesses lugares, já não havia — dizia ele — as antigas carneiradas, ao passo que no Rio andava noite e dia o Santíssimo Viático pela casa dos enfermos. As igrejas não interrompiam dobre de finados, e viera a saber horrorizado, que só na Misericórdia tinham morrido no ano de 1811 para cima de 300 naturais de Lisboa! Morriam velhos, morriam moços, ninguém escapava, ele mesmo vivia atenazado por achaques de toda espécie. Que clima! Que gentes! Que negrada! Que temperatura! Que umidade, mosquitos e calor! Esquecia até, naquelas afliçõeszinhas, que S. M. a Rainha, sua

Senhora, tinha oitenta anos e sem embargo da loucura gozava excelente saúde.

Subitamente tudo mudou. Tornou-se o Brasil mui habitável, povoado por boa gente, e por fim deu à família a explicação do mistério. Casara sem avisar para evitar recriminações, com moça que ele tinha por bom partido e assim sendo, só o podiam felicitar pela escolha. Era filha de pais providos de meios, com parentela prestante e mais vantagens, e a antiga ogeriza pelo Rio se transmutara em entusiasmo. Passou Marrocos a elogiar o que dantes amaldiçoava com autoridade conferida por prática de seis anos de vida carioca. Assegurava serem mais cabíveis às senhoras de Lisboa, as críticas atiradas às fluminenses, pois as primeiras eram merecedoras da alcunha por elas desfrutada em Portugal de Filhas do Inferno, etc. . . , ao passo que as segundas ora lhe apareciam colmadas de virtudes.

Padecem, todavia, os mexericos informativos de Marrocos, o defeito de se originarem num círculo restrito da administração. Estaria o bibliotecário mais em condições de se inteirar a respeito das famílias dos cortesãos, pelo fato de viver nos bastidores do Paço, do que de negócios públicos. Quando alude a um Ministro ou outro figurão qualquer, é sempre no ponto de vista de utilidade para as suas pretensões. Dividia-os em benéficos ou maléficos, segundo o apoio que deles podia esperar. Assim, detestava José Egídio e lamentava a morte do Marquês de Pombal ou a do Conde de Linhares, ambos seus amigos e protetores. O último avassalara com a sua atividade o governo de D. João. Dos primeiros chamados a substituir os incompetentes do reinado anterior, impos-se pela retidão de caráter, honestidade e patriotismo até aos mais acerbos detratores do governo. Era bem visto do povo, deixando de figurar nos pasquins junto de seus colegas, segundo transcrevia a respeito em Lisboa, o espião espanhol José Cornide y Saavedra, quadrinhas de grande sucesso no agitado ano de 1799:

*"Meu Príncipe e Senhor, se Vossa Alteza
O seu Reyno quer ter bem guardado,
... Mande o Duque dançar com a Duqueza
... Mande Seabra às pedras novamente
Mande o Pinto aprender na Inglaterra
Ao Visconde deponha por demente.
Novos Ministros faça, que na terra
Sem mendigar por outro continente
Haja Ministros para a Paz e a Guerra!"*

A propósito comenta o informante: *"No habla el soneto de Dn. Rodrigo de Sousa Coutiño, Ministro de Marina y de las Colonias por que está bem visto del Pueblo, y passa por hombre de fácil acceso, y al mismo tiempo que instruido en su Ramo"*.

O rebalsar da política obrigou o Regente a manda-lo, sob pretexto de missão diplomática, ao exterior para satisfazer o partido francês. Os Embaixadores de Napoleão em Lisboa eram Procônules que não convinha irritar. Tinha o Príncipe de se haver com eles, marombando entre o poderio marítimo inglês e o terrestre francês, numa atiture mais que dúbia, ditada pela fraqueza da coroa. As quadrinhas da época exprimem o sentir nacional, *"Sem mendigar por outro continente!"* como vimos na de Cornide. Contra esta orientação insurgia-se D. Rodrigo, irmanado com o povo quando aconselhava armamento para enfrentar o inimigo, se bem a razão pendesse mais para o Príncipe, porquanto essa medida extrema só era exequível mediante auxílio exterior e a Inglaterra ainda não se encontrava em condições de o prestar.

Agravada, contudo, a pressão francesa, resolvida em consequência de suas ameaças a mudança para o Rio de Janeiro, desvendada a protéria napoleônica, recuperou D. Rodrigo o seu posto prestigiado pelos acontecimentos. Pôde então desenvolver plenamente, na nova sede do Reino Unido, a atividade de que já dera mostras na antiga. No intenso trabalho que planejou e o quanto possível levou a cabo, teve não poucas vezes de contrariar muita gente.

Azedaram-se com isso colegas, além de que, contra ele se concluíram poderosos cortesãos, componentes do real séquito e figurões do Corpo Diplomático. Da situação sobrevieram não pequenos aborrecimentos provocados pelas eternas intrigas em torno de altos postos⁽⁸⁰⁾. Certa vez, desejara a família semipiemontesa de D. Rodrigo, que viesse para o Rio de Janeiro como embaixador do rei da Sardenha, um fidalgo seu parente. Ressentia-se a desterrada côrte daquele sóberano (encalhada em Cagliari — pronunciar Calhari, o *gl* como *lh* — onde a frota britânica a protegia do Corso), de pouco invejáveis condições de vida; daí, esforçarem-se parentes em amenizar as aflições do aparentado promovendo a sua transferência para junto deles. Por infelicidade, reinava no círculo conselheiro do Regente espírito menos esclarecido que no do Barão do Rio Branco às voltas no século 20 com certo diplomata venezuelano. Embalde insistissem os sobrinhos no tempo de D. João pela vinda do candidato, gentilhomen da mais alta linhagem, e alegassem haver no Piemonte um santo milagroso com o mesmo nome, cuja localidade natal, feudo do dito fidalgo e berço do santo, era sítio de romaria preferido pelos casais estéreis, recusava D. João, impressionado pela salacidade portuguesa, admitir que Marquês de Caraglio formasse no Corpo Diplomático acreditado no Rio de Janeiro.

Em outra ocasião, indispos-se D. Rodrigo com o nuncio Caleppi, com o qual trocou ameaças em italiano, francês e português, em linguagem poliglótica e insólita para Ministros e Diplomatas. Dissipado o malentendido com eclesiásticos, começou outro também com gente de saia. Não teve remédio, D. Rodrigo, senão se opor à agitação de D. Carlota Joaquina, que raivosamente lhe chamava sucessivamente El Torbellino, Dr. Trapalhada ou Dr. Barafunda, alusão à atividade do Secretário da Guerra, sempre as voltas com novidades ou reformas. Num dia lembrava-se de importar chins para incentivar a cultura do chá, no

(80) Luccok reproduz o rumor corrente na época de que fôra envenenado pelos inimigos.

seguinte abrir estradas pelo Brasil a dentro, ordenando que se estabelecesse a navegação pelo Araguaia e pelo Tocantins para escoar a produção do centro do Brasil em direção ao Pará. Expediu instruções — como diz Silva Lisboa — ao capitão-general de Goiás para cooperar na abertura da grande artéria de comunicação entre o Rio de Janeiro e o Amazonas, “*linha projectil de tal expedição*”, exclamava o futuro Cayrú, “*que aproxima pontos tão distantes, e que espanta o olho lançado sobre o mapa, não hé já chimera de huma phantasia...*”. O trajeto seria em estradas e por via fluvial como outra, “*importante ainda que difficil, que se acha muito recommendada ao Governador de S. Paulo*”, que iria de Cuiabá a Camapuan e dali pelo Tietê ao planalto piratiningano. O mesmo se ordenava em relação a Mato Grosso, na intenção de comunicá-lo com o Pará pelo rio Madeira — apesar das cachoeiras, e ao Amazonas. Também voltava vistas para o sul da Bahia e Espírito Santo, ao declarar guerra aos indômitos Botocudos⁽⁸¹⁾, a fim de estabelecer segurança no Rio Doce. Razões semelhantes também levaram o governo a hostilizar os ferozes Paiaguás, ramo Guaicurú, que impedia comunicações entre o litoral e o Paraná.

Historiadores comentam a sofreguidão do estadista, cujo maior defeito era ser ministro antes de fase em que poderia dar real demonstração da sua capacidade: “*Não raro contudo a execução seguia o pensamento. Logo em 1809, agindo por ordens da côrte, mandava o Governador de Goiás, D. Francisco de Assis Mascarenhas, no intuito de encurtar a distancia por terra entre o Rio de Janeiro e o Pará e facilitar os correios, abrir na sua capitania uma estrada de 121 legoas (do Registo de Santa Maria ao Porto Real do Pontal na comarca norte), construindo pontes nos ribeirões, pondo canoas nos rios caudalosos, e invadeaveis, mantendo cavalgadas nos postos. O fato é que o correio expedido pelo governador do Pará com a nova da conquista*

(81) V. do Autor, *A Bahia e as Capitánias do Centro do Brasil*, vols. II e III.

de Cayenna já transitou por essa estrada, que do registo de Santa Maria continuava até Vila Rica ⁽⁸²⁾.

Não lhe ficava a dever em atividade, patriotismo e boa vontade outro ministro, o sábio e amavel António de Araujo, Conde da Barca. Com ele passamos ao campo oposto do anglófilo Linhares. Culto e progressista, simpatizara Araujo com os franceses, obediente à regra que sempre nos inclina para o idioma que melhor entendemos. No vezo não se trata apenas de questão de índole e pendores, mas principalmente de facilidade assimiladora a aproximar um indivíduo de outros, de uma cultura ou de uma civilização. Era o que sucedia a Barca, companheiro de franceses nos bons e nos maus dias, tendo-os conhecido no período áureo decantado por Talleyrand e nas horas sombrias da Grande Revolução quando foi encarcerado no Templo prestes a findar na guilhotina. No Brasil, esquecido dos maus quartos de hora em Paris, fiel a franceses e não admitindo outra arte ou sabedoria que a originária do Sena, promoveu a vinda da famosa Missão Artística, de capital importância nos anais da história das artes no Brasil, iniciativa que seria das mais acertadas, não fosse o ambiente da monarquia absoluta. Acontecia sob D. João VI o mesmo que sucede na Rússia sob tzares brancos ou vermelhos. Encarrega-se a irresponsabilidade reinante, a ausência de estímulo privado, e, acima de tudo, a antecipação de medidas abruptamente impostas a um meio não preparado para recebê-las — que só se pode adaptar aos poucos em ambiente livre, sem compressões nem direções oficiais — em deter resultados e esterilizar conseqüências.

(82) Não eram só os Ministros a se mostrarem adeptos de inovações e reformas; todo indivíduo provido de algumas luzes — ou se julgando tal — sentia-se na obrigação de dar conselhos aos administradores. Sucessivamente apareciam livros, folhetos e manuscritos, bem vistos e aceitos pelo governo ou improvisados conselheiros por conta própria, tais como Silvestre Pinheiro, Azeredo Coutinho, José da Silva Lisboa, João Rodrigues de Brito, José Gregório de Moraes Navarro, Manoel Vieira da Silva, José Anselmo Correia Henriques, Francisco Soares Franco e inúmeros outros, versando desde melhoria do clima do Rio de Janeiro até formas de governo e de enriquecimento do povo e do Estado. Muito curioso entre esses escritos é o do espanhol D. Diogo Maria Galhard, intitulado "*Preferencia que merece o Brasil sobre os outros Dominios Portuguezes*".

Com a importantíssima questão da imigração, assunto da maior relevância numa região necessitada com premência de abolir o regime servil, dava-se o mesmo. Tanto Linhares, Barca ou Tomás Vilanova se empenharam em fomentar levadas imigratórias para a lavoura. Tudo no papel fôra previsto, região, clima, subsídios, amparo material e escolha do elemento humano. Em primeiro lugar considerou-se o reinol desejoso de fixar-se no Brasil como agricultor. Decretos de 1811 estatuem distribuição de terras, auxílio econômico, instrumentos de trabalho, gado e todo mais apoio possível. A providência estendia-se a estrangeiros nas mesmas condições, culminando na famosa tentativa de colônia suíça em Nova Friburgo. Isenção de impostos e privilégios também foram concedidos a quem concorresse com invenções ou adaptações para o progresso local. Em Minas, no Tejuco e em São Paulo no Ipanema, iniciaram-se fundições de ferro e porfiaram Nogueiras da Gama e Conceição Velosos em aclimar espécies vegetais das mais variadas regiões do globo nos arredores do Rio de Janeiro. A interessante obra do segundo, sob título "*O Fazendeiro do Brazil*", publicada em princípios do século 19, é feliz réplica franciscana à malograda obra jesuíta de Antonil, proibida um século antes pelo governo metropolitano por atrair demasiada atenção sobre a colônia.

Poderia, entretanto, o rojo entusiástico desandar em protecionismo excessivo. A fim de evitar este perigo e especificar o bom e o nocivo da orientação do governo, escreveu contemporaneamente José da Silva Lisboa as "*Observações sobre a Franqueza da Industria*" seguida um ano depois, na Bahia, pelas "*Observações sobre a Prosperidade do Estado*", ambas desdobramento das "*Observações do Commercio Franco do Brazil*". Inspirado pelas anotações de Talleyrand sobre o que presenciara nos Estados Unidos, desenvolve Silva Lisboa a tese, ser mais útil ao brasileiro a agricultura que a indústria. E, sob influência do deslumbramento inspirado pelo progresso norte-americano, expande-se o economista em considerações de toda ordem.

“Deve-se notar” escrevia, *“que ha no Brazil não só igual, mas ainda maior razão para seguir-se, em matéria de Fabricas e pratica d’America do Norte: pois a sua população principal he de escravos; e a de brancos e gente livre he pequena, e avança mui lentamente, pela desgraçada Lei do captiverio, e commercio da costa d’Africa, que difficulta os casamentos das pessoas de extração europea, e obsta formar-se hum corpo de Nação homoganeo e compacto. Convem-lhe pois, pela necessidade das causas, o trabalho dos campos, e das artes communs; visto que a obvia e facil colheita dos productos rudes da terra, e o simples fabrico e transporte de obras grosseiras, ou ordinarias, está mais nas possibilidades e esphera da parte principal do povo. O numero dos individuos das classes superiores mal chega para dirigir aquelle geral trabalho do paiz, e occupar-se nos empregos e profissões militares, civis, ecclesiastica, e litteraias, sem o que não pode existir Nação culta”*.

O trecho é elucidativo da situação da sociedade brasileira na hora em que foi escrito, em 1810. Ainda não havia número bastante de “*dirigentes*” para arrotear à testa de negros e imenso território virgem. Sem o trabalho preliminar do Senhor e do Escravo, não se podia cogitar de lavradores livres segundo especificavam na melhor das intenções os decretos de 1811. Arriscava-se numa região desprovida de escoadouros para os produtos do solo, o que não tardou a acontecer com alemães no sul do Brasil, em sítio hoje próspero, mas há um século avesso ao que dele se exigia. Decorrido algum tempo, verificavam os imigrantes lá destacados a impossibilidade de vender o produto de seu trabalho⁽⁸³⁾ agrícola ou manufaturado, e passava no seu ócio forçado Fritz a convidar na segunda-feira os conterrâneos para uma bebedeira em casa, seguida

(83) O relatório apresentado em 1819 por M. de Pourcelet diretor provisório da colonia suissa ao governo de Friburgo, enumera os auxílios prestados pela administração lusa aos imigrantes, tais como a tropa de negros e mulas que os esperavam na fazenda do Coronel Ferreira para os transportarem à Nova Friburgo *“ou nous trovâmes une centaine de maisons nouvellement construites et prêtes a nous recevoir”*. Todavia a distância de 36 léguas da capital sem boas estradas inutilizava os gastos pelo fato de constituir *“une mauvaise position”*.

na terça de outra na cabana do vizinho Hans, e de mais uma quarta na de Moritz, e assim por diante até recomeçar na segunda-feira em casa de Fritz. Era a única ocupação a se lhe oferecer naquelas condições, em que até o pastor evangélico da comunidade, por fim participava.

Era o caso da Rússia de qualquer côr, branca ou vermelha, vítima do processo de transposição violenta e arbitrária de cultura de um sítio para outro, sem o necessário prazo para sedimentação na operação. Outras tentativas do gênero ocorridas em vários campos de atividades, também falharam nas mãos do Conde da Barca. Professava Antônio de Araujo largueza de vistas que não possuíam os seus colegas Aguiar ou Tomás António. Escreveu Saint-Hilaire artigo sobre os acontecimentos políticos do Brasil, em que resumia a situação no reinado de D. João. "*Il y avait un pays qu'on appelait le Brésil*"; começa com a autoridade conferida pela dilatada permanência entre nós a partir de 1817, "*mais il n'existait point de Brésiliens*".

No governo desse estranho Estado — estranho para um estrangeiro que não percebia atrás da cortina litorânea o acabamento ainda sumário, porém sólido, representado pelo patriarca rural do interior, e supunha o brasileiro reduzido ao filho do comerciante ou funcionário português dos portos marítimos — só disporia o Príncipe de Ministros reinícolas de competência discutível. Quem fala é o europeu antolhado nas vistas pelas tradições ocidentais, particularmente tirânicas em terreno político. Um francês não compreendia no século 19 um alemão, muito menos entendia um súdito de improvisado Império sul-americano! Todavia, a despeito dos dislates, Saint-Hilaire, graças ao convívio que desfrutou tal como Ender no Corpo Diplomático e altas esferas da côrte e à amizade e proteção do primeiro Embaixador da França no Rio de Janeiro, traz interessantes informações colhidas na época, hauridas em testemunhas diretas dos sucessos que relata. O que diz — por exemplo — dos Ministros do Príncipe Regente, era o que então à boca pequena se difundia nos "*círculos bem informados*". No seu entender, D. Rodrigo de Sousa Coutinho dispunha de

ideias elevadas, *“mais dans un pays où tout est obstacle, il n'en voyait aucun, il ne mesurait point la grandeur de ses idées sur la petitesse de ses moyens, et, dupe de charlatans... encore dupe de son imagination bouillante, il croyait déjà exécutés de projets gigantesques qui à peine pourront s'accomplir dans quelques siècles”*.

Do Conde da Barca não fala com as mesmas restrições Saint-Hilaire, talvez por interesse e pelo fato do galofilismo do Ministro imuniza-lo às críticas. Escrevia o botânico em 1816 a um alto funcionário francês, os projetos que alimentava de viajar pelas capitânicas do Brasil, entre as quais Mato Grosso, onde *“nunca estivera um naturalista”*, e concluía, *“Vous voyez Monsieur, que je compte sur votre intérêt et sur la bienveillante protection du Ministre (de l'Interieur da França). Vous me demanderez peut-être, quelle est la plante qui m'a mérité les bontés du Conte da Barca: c'est la Calicerne dont on tire la meilleure soude, article jusqu'ici a été rapporté au Brésil par les Anglais. Je suis, je vous l'avoue, un peu fier de ce que se soit un Français qui ait fait cette découverte”*. Mas dos outros Ministros diz, em outra relação, *“Ceux qui lui succédèrent vieux et infirmes, voyait toujours l'Europe dans l'empire du Brésil, et laisserent les choses dans l'état où ils les avaient trouvées. Antoine de Villanova et Portugal, le dernier ministre qu'eut le roi Jean VI comme souverain absolu, était un homme de bien, et possédait même quelques connaissances en agriculture, en économie politique, en jurisprudence; mais ses idées, surannées et mesquines, n'étaient point en harmonie avec celles du siècle, ni avec les besoins nouveaux de la monarchie portugaise”*, ao qual atribuía com demasiada liberalidade o advento da Independência do Brasil e a Revolução de Portugal.

As causas foram outras, demasiadamente profundas para serem integralmente apreendidas por um estrangeiro, se bem tivesse por longo espaço perflustrado o país, e convivido com influentes personagens. A ineficiência da administração pública teria, sem dúvidas, concorrido para agravar a situação. Conta Golovnin ter visto o arsenal da

ilha des Cobras praticamente abandonado, desprovido até de madeiras que abundavam a um quilómetro de distância. Não deparou com barco algum em construção no sítio onde os Vice-Reis tinham lançado ao mar Navios de Linha notáveis pelos serviços que prestaram, mais resistentes que os congêneres europeus. Viu apenas nas oficinas restos dourados provavelmente da escuna *Monte de Ouro*, pouco antes restaurada no lugar. Também se queixa da extrema lentidão das repartições do ministério da Marinha, as quais, desejavam servi-lo tendo o Ministro prometido ao Consul Langsdorff ceder embarcações especiais para o transporte de água potável, no entanto, viram-se os russos obrigados a contar tão somente com os próprios recursos, pois a água trazida pelos portugueses chegou provavelmente muito depois da sua partida a despeito da demora dos russos no porto. Mas, descaso administrativo, velhice ou incapacidade de Ministros, madraçaria de funcionários, morosidade nos serviços públicos, que só a poder de gratificações no gênero das obrigatórias na Sublime Porta era possível minorar, não provocariam a separação. Estavam os brasileiros há muito tempo afeitos ao arrastar de todas as resoluções governativas, que não ressentiram a respeito muito mais do que a habitual impaciência. Outras foram as causas que desuniram Portugal do Brasil, e o estudo da formação da sociedade dirigente brasileira pode nos proporcionar algumas noções.

A CLASSE DIRIGENTE DO RIO DE JANEIRO

BEM pouco desenvolvido se mostrava o meio carioca quando a côrte lusa aportou na Guanabara em 1808. Segundo nos diz José da Silva Lisboa, resumia-se em alguns filhos de comerciantes reinois e de funcionarios públicos, entre multidão negra, discriminados pelos postos no Santo Ofício, nas milícias e na governança da terra. Na rua eram distinguidos, segundo costume ibérico, pelos pormenores da bengala em que se apoiavam. As de castão de ouro estavam reservadas ao Vice Rei, Sargentos-Mores e Coroneis de regimentos, as de prata aos demais personagens da administração reiuna ou participantes da governança, e continuava assim por deante até terminar nos bastões com simples cabo de madeira para o vulgo. Tampouco, teriam esses elementos muita comunicação com os outros habitantes da ex-colônia, descritos com muito acerto por Saint-Hilaire na *Revue des Deux Mondes*, nas condições em que outrora viviam: “*Chaque capitainerie avait son satrape, chacune avait sa petite armée, chacune avait son petit trésor; elles communiquaient difficilement entre elles, souvent même elles ignoraient réciproquement leur existence. Il n’y avait pas au Brésil de centre commun: c’était un cercle immense, dont les rayons allaient converger bien loin de la circonférence*”. A pintura é perfeita, desprovido o maior território colonial do continente de elemento centralizador e distribuidor, depen-

dente, em última instância, de metrópole longínqua, onde os seus problemas chegavam extemporâneos e, não raro, irremediáveis.

Assim sendo, os filhos de proprietários rurais espalhados pelo Brasil, desejosos de educação superior, tinham de ir diretamente para o reino sem escala pelo Rio de Janeiro. E, se acaso sentissem veleidades em seguir carreira no magistério ou na administração pública, precisavam permanecer em Portugal, pois, unicamente daí, emanavam os decretos e nomeações regulando as colônias. Nesse regime, custava elevar o número de brancos fluminenses, em condições de constituir a classe superior, inda neles incluídos os inquinados de impureza de sangue. A capital, menos antiga que a de Salvador ou Recife e em menor contato com a zona rural, não dispunha da população fixa ou flutuante das outras. Concorriam as festas religiosas nas capitanias do Norte e Nordeste em recrescer o número de salvadorenses e recifenses, quando nessas ocasiões, refluíam para a cidade os senhores do engenho, muito mais numerosos que os fazendeiros das zonas rurais próximas do Rio. Igualmente, a população abastada fluminense parecia menos opulenta e importante que os ricos das cidades precedentes. Até as do Pará e Maranhão se avantajavam em brilho e pretensões culturais, muito mais em comunicação com Lisboa do que no Rio de Janeiro, onde somente no ocaso do século 18 começou a se firmar a prosperidade esboçada pelo surto das Minas Gerais. Até então, contavam-se menos famílias ricas estabelecidas em centros urbanos do sul que as dos grandes centros do norte. Não se viam nas ruas tantos casarões como na Bahia, nem nos subúrbios o número de chácaras do Recife. Uma aguarela do Rio que possuímos pintada por um inglês no último quartel setecentista quando se construía a igreja do Carmo, reproduz cidade pequeníssima, composta em mor parte vista do porto, de armazens e trapiches no sopé de morros, sobre os quais bracejam moinhos de vento semelhantes aos da Holanda, em meio de verdes capinzais onde hoje se elevam arranha-céus.

A chegada da côrte não favoreceu logo a vinda de habitantes do interior. Os grandes proprietários alegraram-se mais que qualquer outro súdito americano com a presença do Regente, mas não puderam comparecer à Quinta de S. Cristovão, primeiro, por falta de acomodações na cidade superlotada, em que os reinois tinham em tudo preferência, segundo, porque o seu orgulho feudal se rebelava contra as distinções impostas no Paço pela etiqueta⁽⁸⁴⁾. Felisberto Caldeira Brant, por exemplo, genro do opulento negociante da Bahia António Cardoso dos Santos, só pode se fixar com grande estado no Rio de Janeiro no fim da permanência de D. João VI, depois de extintas as "*aposentadorias*". Ficava, destarte, o núcleo de brasileiros ricos encontrados na Guanabara apenas composto de cariocas empenhados em algumas ocupações públicas, ou cargos eletivos tidos por secundários. A lista de seus nomes, acrescida de alguns ádvenas chegados na esteira da côrte, consta na comissão "*dos mais Notaveis elementos do Corpo do Commercio desta Praça*", que em 1816 cumprimentou o Regente pela elevação do Brasil a reino, e lhe ofereceu vultosa quantia para incremento da instrução pública local. Constam na lista Fernando Carneiro Leão, João Rodrigues Pereira de Almeida, Amaro Velho da Silva, Luis de Sousa Dias, Joaquim José de Sequeira, Geraldo Carneiro Belens, José Marcelino Gonçalves, José Luís da Mota e Mateus Pereira de Almeida, este último o único do rancho desprovido da comenda de Cristo.

Vamos encontrar de novo muitos desses nomes na fundação do Banco do Brasil e mais eventos econômico-financeiros do reinado de D. João VI. Daí por diante, os componentes do alto comércio chegados à classe superior graças à despedida da côrte Joanina, continuariam a progredir

(84) Os habitantes ricos do Rio de Janeiro manifestavam grande predileção por sítios e chácaras, às vezes bastante afastadas da cidade. Registrou-se no fim do século 18 a construção de numerosas vivendas campestres gênero Colobandê nas cercanias de Niteroi, onde mais tarde muitos proprietários urbanos se refugiaram durante a vigência das aposentadorias. Escrevia a respeito o Visconde do Rio Seco, "*Nem hum só dos Proprietarios do Rio de Janeiro ignora o pezo immenso que causou ao Publico o repetido abuso das aposentadorias*", e ninguém melhor do que ele podia opinar no caso.

socialmente sob D. Pedro I, na Regência, Minoridade e reinado D. Pedro II, unidos aos descendentes de proprietários rurais, que das províncias começaram a se transferir para a capital do Império. Ocupavam o posto vacante deixado pelos cortesãos da Ajuda e de Bemposta, indo D. Pedro I buscar nas suas fileiras, de acordo com as normas constitucionais, os primeiros dirigentes da nova nação. Estava formado o núcleo inicial da classe que deveria presidir aos destinos do Brasil e que soube vencer, de par com a elite intelectual também em formação nas faculdades do Rio e províncias, a procéla dos primeiros anos da Independência. O seu entusiasmo na faina decorria de acendrado espírito nacional, motivo de espanto para observadores estrangeiros, num organismo tão heterogêneo como o da casta superior daquela época. Dizemos heterogêneo, convem aqui frizar, não no sentido racial, mas geográfico como apontava Saint-Hilaire ao se referir à antiga e quase completa segregação de capitanias entre si.

Nas sátiras lusas de que já tratamos, dirigidas contra os estudantes americanos, espelho fiel do ânimo popular, nota-se muito antes do aparecimento dos Gusmões, a má vontade do reinol para com o mazombo colonial. Esta aversão acentuou-se rapidamente à medida que aumentava o número de brasileiros na metrópole, e, conseqüentemente, o de candidatos a empregos reservados às classes alfabetizadas. Na mentalidade do reinol, as colónias eram simples vacas de leite, mais nada. Como se atreviam a produzir filhos que não se envergonhavam de lá ter nascido e ainda vinham à Europa competir com os metropolitanos? Faziam mais, jactavam-se da origem, gabavam tudo que era seu, criticavam as coisas e gentes no velho reino e ainda, inúmeras vezes, demasiadas vezes, levavam a melhor na disputa de cargos públicos.

Nos *Dialogos de Marcina e Delmira* e em muitos mais documentos anónimos, assim como nos assinados até por árcades ilustres, surge sem reboços a malquerença. Num passo chamam aos estudantes brasileiros Bromas ou assucar de pior qualidade, alusão aos engenhos do Brasil; em outros

citam sertanejos “*de toscas matas . . . onde se chamão Senhoras a Pretas e a Mulatas*”. Em outro ainda referem-se aos Quindins, com explicação de que se trata de “*huns movimentos naturaes, sem affetação*”, com que os forasteiros atraíam amizades do belo sexo e mais exclamação entre espantadas e irónicas sobre termos e costumes estranhos exibidos pelos coloniais. Ainda bem quando a sátira não desandava em grosseira chufa a extravasar sentimentos vizinhos de ódio.

Estas condições, em que se defrontavam no Brasil filhos da terra e os de além mar, foram percebidas pela clarividência de Auguste de Saint-Hilaire e profeticamente expostas em carta particular datada de 1816 a um dos chefes de Divisão do Ministério do Interior da França, Conde de Lascarene, “*Je ne saurais trop me louer de la manière dont j'ai été reçu partout et des égards que l'on me temoigne; les Français sont aimés par les habitants de ce pays; mais il n'existe point en Europe de peuple qui contraste autant avec nous que celui ci, ou pour mieux dire, les nuances qui distinguent les nations de l'Europe, disparaissent lorsqu'on les comparent avec les differences qui existent entre les Brésiliens et les Européens. Si les productions naturelles du Brésil meritent d'être étudiés, les moeurs de ses habitants, leur caractère et leur gouvernement ne sont pas moins dignes de l'être. Ce pays est dans un état de demi-civilisation qui deroute sans cesse l'observateur et produit des contrastes les plus singuliers. Il est habité par deux peuples qui se détestent, les Créoles-Brésiliens qui cherchent à retenir le Roi à Rio de Janeiro et les Portugais qui voudroient le remener à Lisbonne au risque de lui faire perdre 800 lieus de terrain dont on pourrait faire le plus bel Empire de l'univers*”,

Num trecho do seu epistolário, reconhece Marrocos depois de casado com uma fluminense, o reprovavel procedimento de portugueses no Brasil e exprobra aos reinois a sua indisfarçada má vontade por tudo que fosse brasileiro. O vezo continuou pelo século 19 afora, visível ainda muito tempo depois em escritores de nomeada — como Camilo

Castelo Branco e outros — se bem já começassem a aparecer, em Portugal personalidades das mais eminentes contrárias a semelhante absurdo. Mas por volta de 1817 medrava violentíssimo, como tendência geral em todas as classes sociais, que não perdiam oportunidade em afastar de si os americanos a poder de doestos, remoques, observações deprimentes, queixas e exprobações, causadas por defeitos de que, eles mesmos, reinóis, eram os principais culpados.

Atitude menos acentuada ou visível ocorria nas altas esferas do governo e da aristocracia. A correspondência do Marquês de Borba com sua nora Condessa do Redondo, alude a parentes que se davam muito bem no Brasil, pôsto, ele "*morresse de saudades*" do reino. Melo Moraes, informado por testemunhas e de vista e de oitiva, assegurava ter sempre havido no ambiente da côrte e do governo, notável diferença entre o proceder dos fidalgos do séquito palaciano e o de amanuenses gênero Marrocos, os quais, por infelicidade eram os mais numerosos e em maior contato com os cariocas. Afligido da estreita mentalidade de todo pequeno burguês; nacionalista extremado; arrogante; impertinente; invariavelmente grosseiro; tornava-se o português "médio" muito mais odioso que o aristocrata provido de melhor civilidade. Ambos, contudo, molestavam os cariocas, quando lhes tomavam as casas, os serviçais, os meios de condução, e, em troca os cobriam de estúpidos apodos. O dignitário, porém, procederia mais discreto e o burguês com maior atrevimento, talvez aconselhado pelo sadismo, muito mais comum do que se pensa entre funcionários públicos de todos os tempos e latitudes, mormente de pequenos países traumatizados por calamidades nacionais.

Havia casos como o de D. Francisco de Almeida, feito intérprete da nobreza lusa, segundo Marrocos, autor da resposta ao Príncipe Regente, que lhe perguntara sua impressão do Brasil: *Senhor, eu sempre ouvi dizer aos papagaios d'America — Papagaio Real... para Portugal!* Com isto aludia à volta da côrte ao reino e ao anseio bastante compreensível na fidalguia saudosa da vida lisboeta,

das residências abandonadas além-mar — para os europeus, horríveis, mas para eles cheias de encantos — além da nostalgia de parentes e de amigos. Aduz na circunstância o escriba, que o inocente chiste despertara reação por parte do elemento nativo, “*palavras estas que tem feito descarregar hua grossa chuva das mais horrorosas pragas dos Brasileiros e Brasileiras, sem esperança de armistício*”, atitude também compreensível dos que se sentiam ameaçados de volta ao odioso regime colonial a se reiniciar com a partida da côrte.

Semelhante estado de espírito era conhecido em alta esfera, mormente depois da morte de Tomás António quando D. João VI intentou amaciar antagonismos com auxílio de Palmela, Ministro deveras notavel, possuidor de informação e de cultura decorrentes de seus parentescos na Europa, de sua situação social e das longas viagens que empreendera na mocidade. Inspirado pelos conhecimentos, aconselhava o colaborador del-Rei a portugueses, admitirem grandes sacrifícios, inclusive, e principalmente, os de vaidade, se quizessem manter união com as antigas colonias. Por desventura, a subida em Lisboa da classe média ao poder, tudo arruinou por tolo nativismo, numa conjuntura em que, por acaso, se verifica inferioridade da democracia em confronto com o poder absoluto. Dez anos antes imporia o soberano a sua vontade, dez anos depois a burguesia impôs a sua com catastróficos resultados nas desvairadas côrtes de 1822.

À chegada de Ender ao Rio a situação se tornara patente até a olhos de estrangeiros estranhos à língua do país. Poucos austríacos a entenderiam, mas a mor parte falava francês — o idioma diplomático do tempo — e a respeito um deles escrevia: “*O Brasil não tinha propriamente fidalguia sua; os religiosos, os funcionários e as famílias abastadas do interior, isto é fazendeiros e donos de minas, a representavam antes da chegada do rei, por assim dizer com os direitos e distinções da nobresa*”. Mr. Requin, francês contemporâneo no Rio ao pintor vienense, também acompanhou de perto o antagonismo de nativos e reiníco-

las. Fôra provavelmente informado pelos seus agentes diplomáticos, os quais, pôsto, menos chegados à família real que os colegas da Áustria, de há muito se tinham inteirado da situação. Descrevia este viajante as categorias da nobreza da côrte bragantina, o tratamento de praxe e o usual, o de Dom privativo dos nobres, equivalente a Conde no século 16, e o de Excelência estendido às filhas primogénitas de altos titulares, assim como a Viscondes com exclusão dos Barões, mas por cortesia fartamente distribuido aos que tinham direito e aos que não o tinham. Segundo Mr. Requin *“On distingue au Brésil deux sortes de noblesse: l'ancienne, et celle qui a été crée par le roi à son arrivée à Rio de Janeiro. L'ancienne noblesse dédaigne la nouvelle composée de riches Brésiliens, qui se vengent de cette morgue injurieuse en étalant un très grand luxe que leurs rivaux ne peuvent pas toujours égaler”*. Podemos avaliar pelar amostra a série de melindres feridos, vaidades abespinhadas, ressentimentos implacáveis, provocados a toda hora num ambiente pequeno e totalmente desprovido de cordialidade.

Não admira em tais condições succeder o que Luccock descreve ao mencionar a exceção representada na côrte, por um homem superior apesar de todos os defeitos que lhe atribuíam. Referindo-se ao Conde de Linhares escrevia: *“The count had few imitators. The people, among whom his lot was cast, are said to be singularly given to intrigue, and in Brazil this disposition had been gratly sharpened by the system of colonial policy, which had been acted upon from the first settlement of Portugueses subjets in the country. By the arrival of the Court a new field was opened for the exercise, and display of this favourite passion. Few as were the honours and emoluments which the Prince had to bestow, all sought them whith eagerness, all endeavoured to supplant each other in the good graces of persons in power. Hence jealousies arose, and, between in the old Courtiers and new, got to a high degree of virulence; hence frequent bickering and open dissension, until the parties gradually divided into Lisbonian and Brazilian”*.

De todos os estrangeiros o mercador foi o mais perspicaz. Sem as tolas elocubrações de intelectuais franceses como Jacquemont, nem o mau humor de mercenários alemães; despeitados por não encontrarem no Rio bens e honras que não mereciam; o inglês penetrou mais fundo e seguramente no problema que tanta relevância em pouco assumiria: *"The companions of the Prince, in his flight from Europe, had, of course, one considerable advantage over their rivals; they had been his friends or acquaintance at home, and were now his associates in banishment and its attendant evils; they pretended that they had sacrificed their all to royalty, and he was not a spirit to resist such claims. But here their influence ended. Royalty had reached the Transatlantic shores almost in state of pauperism, "striped of all but its honour"; and its followers were no better case, their estates had been plundered, their places annihilated, the source of their pensions had been dried, and many of them were literally without a home"*.

Inversamente, os naturais da antiga colônia erigida em porto seguro da realeza desterrada, favorecidos pelas circunstâncias, colocavam-se num ponto de vista completamente oposto: *"But the wealthy Brazilians had a home, and good thing to spare; herein consisted their advantage. They were welcome visitors at Court, from a wish to conciliate them, and still more because they had it in their power to repay an empty honour with solid benefits. Indeed the government had not left in althogether at their option wheter to bestow or to withhold. One of the first public order issued after the arrival of the Prince was, that no person should have in his occupation two houses"*, o que parecia curial na conjuntura, mas em pouco começavam distinções odiosas, *"and some, who had little influence at Court, found it difficult to retain even one. The same order extended to warehouses and shops, directing that they should be given up, not to needy emigrants from mother country alone, but to commercial adventurers from every region"*. Na infeliz circunstância marcavam honrosa menção os súditos britânicos, os quais preferiam pagar liberalmente o que

fosse preciso para conseguir acomodações a se aproveitarem de vantagens oficialmente oferecidas pelo regime das aposentadorias. Entravam, daí, em composição direta com os proprietários cariocas, encantados de escapar por intermédio dos inquilinos da rapacidade portuguesa, de que parece ter sido rara exceção o Visconde do Rio Seco.

Alguns fluminenses de princípio, ante o espetáculo de desaparecimento em que chegavam cortesãos ao Rio, ofereciam-lhes graciosamente seus préstimos, dinheiro, casas e *“every confort”* na suposição de serem pelo governo ressarcidos. Não tardaram, no entanto, a perceber o engano. Ao invés de a generosidade ser início de maior fortuna, verificavam em pouco o custo de o Príncipe satisfazer, *“all the various conflicting claims of ambition with he was assaild”*. O resultado era que muitos dos naturais da cidade, convictos de figurarem no primeiro plano de importância social dos seus habitantes, que tinham perdido casas, móveis, alfaias e criados, ao perceberem que eram favorecidos pela real benevolência, reiois a eles muito inferiores, retiravam-se amargurados para suas fazendas, mais os que lhes seguiam o exemplo à vista do excessivo custo da vida causado pelo afluxo de novos habitantes, *“A few, foreseeing that the display of wealth would render them, in one shape or other, object of continued speculation, became prudently poor, and passed into voluntary reclusion”*.

Outros menos prudentes teimavam em ostensivamente permanecer no Rio, a fim de frequentar o paço, no que incorriam em desapontamentos, invejas e incidentes facilmente concebíveis. Cada cerimônia oficial, aniversário ou beija-mão, era fonte de melindres espezinhados. A simplicidade da vida colonial e a escassa educação que podia dispensar, pouco preparavam o brasileiro para aquele papel: *“Like the Brazilians in general, they were by nature violent, had been little accustomed to practical restraint, and were little disposed to endure it. They were ill educated, inused to political deduction, and therefore liable to miscontrue public mesures”*, e tocava no ponto, *“Notwithstanding the sort of political government under wich they lived, they,*

in fact, held the purse strings of the state, controled the finances of the Royal House, and could, at an early period, arrange its daily dinner". Assim sendo a consciência do seu próprio valor ganhava vulto, "They were conscious of their own importance, kep their ground, and continue to demand the distinctions to which they held themselves entitled".

Luccock, testemunha de vista dos acontecimentos, deixa nesta altura bem claro o estado de espírito que se adensava. A palavra "*demand*" assume no passo a acepção de exigir; impor; intimar. Continuando, sublima o negociante o antagonismo reinante "*good-will towards each other, and a mutual reliance, were lost and none possessed an easy security. As to the members of the government, their spirit and behaviour, operating together with suspicions and alarms arising from different cause, occasioned many apprehensions for its safety*", e relata episódios demonstrativos da irritação que hoje seriam considerados verdadeira guerra de nervos entre as inconciliáveis facções a se defrontarem na sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

O azedume foi comentado trinta anos depois por Justiniano José da Rocha, que no se referir ao choque entre brasileiros e reinos, exclamava, *'Dahi ciumes de nacionalidade, fomentados por leviandades e arrogancias; dahi um antagonismo odiento permanentemente azedando os elementos politicos* (do período das lutas pela Independência). *Nesse sentido, o character das lutas do Brazil póde antes ser considerado social do que politico; o espirito democratico não apparecia em primeira linha, em primeira linha estavam os ciumes nacionaes*", em que, como frisa no começo, entravam preponderantes, tão intensos como os fatores econômicos, "*ciumes de nacionalidade fomentados por leviandades e arrogancias*".

D. João era o liame que ainda retinha os súditos provenientes de varias regiões agrupados sob a coroa. Levava existência patriarcal, simples, muito do agrado da população, recebendo a todos com afabilidade. O Paço estava

de portas abertas nos dias de audiência pública, acessível a reinos, brasileiros e estrangeiros de qualquer categoria social. Infelizmente, tão acertada lenidade, era em parte desfeita por praxes palacianas, com que os naturais do país não estavam habituados, não compreendiam a razão de ser, nem a apreciavam. Henderson — outro mercador inglês contemporâneo de Ender, comenta o excesso de dignitários, funcionários e serviçais da côrte: "*Few European courts, comparatively speaking, have so many persons attached to them as the Brazilian, consisting of fidalgos, ecclesiastics, and numerous attendants*". Era a reprodução do prodigioso número de funcionários públicos — nada de novo sob o sol — colmando as repartições dos ministérios. Os exemplos de dissipação através de oneroso favoritismo, multiplicavam-se em torno de produtores brasileiros, irados pelo que viam e impostos que pagavam. A respeito do clamoroso desperdício, concluía o inglês: "*in addition to the three hundred mules and horses at S. Christovão, there is an equal number in the stables of the city, not kept for the use of the royal family alone, but for the supply of fidalgos and the numerous individuals composing the retinue of the court; and, with all this expense, there is no appearance of splendour or elegance*".

Havia deplorável abuso a despeito de honrados esforços do Visconde do Rio Seco, como era de esperar onde famílias inteiras se proviam de tudo que necessitavam. Noticiava Monsieur Requin outro setor de curioso aspecto medieval transportado no século 19 para o Rio de Janeiro, "*Pour peu qu'on soit en faveur à la cour du Brésil, il est facile d'obtenir de sa majesté, non seulement des pensions et des places lucratives, mais encore des rations de comestibles en nature, que ne dédaignent pas même les personnes les plus riches*". O costume provocou reclamações que levaram autores como Oliveira Lima e Tobias Monteiro e os que os copiaram, a crer numa inacreditável voracidade por parte de D. João VI. Mencionam documentos da Biblioteca Nacional, exações de empregados da real ucharia, que se apossavam dos gêneros expedidos pelos produtores para

o mercado. Publicou Mário Behring artigo na revista *Kosmos*, descrevendo como empregados do Paço esquadri-nhavam as estradas, capoeiras e portos dos subúrbios, à cata de frangos de modo a deixar os doentes da cidade sem meios de manter dieta. Comenta Tobias Monteiro, “*Até morrer, D. João foi fiel a essa predileção gastronômica. Os seus últimos dias são descriptos numa correspondencia do “Diário Fluminense”... O seu almoço do dia (4 de março) consistiu numa galinha corada em manteiga, num pedaço de queijo e algumas laranjas*”. Não suspeitou o jornalista, que servirem ao rei uma galinha forçosamente significa tenha ele comido tudo. Vimos o propósito, na descrição de Araujo Porto Alegre, alimentar-se D. João com refeição composta apenas de arroz e salsicha improvisamente preparada por um serviçal do paço, prato que por horror a mudança manteve o Príncipe por longo tempo.

A caça de galinhas e outros víveres e as remessas de frangos da capitania de São Paulo, não se destinavam unicamente à mesa real, mas a todos que eram abastecidos pela ucharia. A supressão do hábito foi uma das primeiras medidas levada a cabo por D. Pedro I depois da partida dos pais, segundo ele mesmo comunicava na *Correspondencia*. A respeito escrevia Mr. Requin: “*On m’a assuré qu’en 1818 il ne se consommoit pas moins de six cents vingt volailles par jour au palais du roi, tant pour sa maison que pour les rations qu’il accordoit à ses courtisans*”. Essa liberalidade, por sinal, se estendia além das pessoas propriamente adidas à côrte. Todos os que, por qualquer motivo, eram assistidos pela real casa, recebiam ração de acordo com a sua categoria e valimento. Assim, o maestro Marcos Portugal ou os componentes da Missão Artística Francesa — como tivemos oportunidade de indicar ao Prof. Taunay — também foram contemplado em víveres pela régia municipalidade durante certo espaço, depois da chegada ao Brasil, passando a alimentar-se gratuitamente à custa da ucharia. Com isto adquiriu D. João foros de glutão acima de Gargantua, multiplicadas anedotas de vária origem, a pintá-lo com os bolsos cheios de coxinhas de frango que comia a

todo momento, afora as galinhas levadas em cestos por serviçais nos passeios de carro pelos arredores do Rio, a fim de satisfazer o insaciavel apetite do amo! Disparates desse tomo foram piamente acreditados até por autores como Oliveira Lima e ainda circulam a despeito do seu visivel exagero.

Prosseguindo, Mr. Requin informa-nos que havia duas sortes de rações — a pequena e a grande — e traz exemplo da primeira, reservada a personagens da casa real. A da aia do Infante D. Sebastião, que provia ao seu sustento, ao do pupilo, ao da família e dos serviçais, provavelmente nas tais cozinhas entre janelas de que fala Araujo Porto Alegre na descrição de São Cristovam, era constituída diariamente de tres frangos, seis libras de carne de porco, cinco libras de pão, meia libra de manteiga (entre parênteses, comenta Requin ser muito rara no Rio), duas garrafas de vinho, uma libra de velas, uma libra de assucar, café, doces, frutas, legumes, azeite e condimentos, equivalente a 500 francos por mês, quantia elevadíssima para o informante, pois, representava o rendimento mensal de família abastada em Paris sob a Restauração. Felizmente não caiu tal lista nas mãos de algum pontífice da nossa historiografia, quando se documentava acerca da côrte joanina, porquanto teriamos, daí, na pobre governante, êmula do rei, pois, Mr. Requin informa tão somente que a aia recebia essa grande ração, sem especificar como a repartia.

Juntem-se às despesas acarretadas por semelhantes desperdícios as pensões pagas pelo "*Real Bolsinho*" e teremos idéia do fardo suportado pela incipiente produção do Brasil. Não admira que faltasse dinheiro para realizar as iniciativas do Conde de Linhares, porquanto, até 1819, despendia D. João com pensões fixas pagar a protegidos (a mor parte cortesãos) 164 contos de reis, uma das maiores despesas das folhas do orçamento. Acrescentem-se os empréstimos a diplomatas — Caleppi, von Elz, Marefoschi, etc. . . . — ou auxílios como o concedido ao Conde de Provence, mais tarde Luís XVIII, a outro Conde francês d'Armerval, que perdera num naufrágio a mercadoria des-

tinada ao Rio, e teremos despesas ainda maior. Os cortesãos dependentes da real casa, concorriam também para esbanjamentos pois não perdiam oportunidade em solicitar a José da Cruz Alvarenga, Mestre de cozinha do paço, na ausência de D. João quando ia a Santa Cruz, lhes preparasse iguariais à custa da ucharia régia. A atenuante do governo se reduzia em alegar serem tais gastos provisórios, provocados pela transferênciã da côrte e complicações que acarretara. Suprimiu, com efeito, D. João, quando foi aclamado rei, as aposentadorias que indistintamente requiritavam casas velhas e recém-acabadas para uso da côrte. Foi grande alívio para a população, mas é preciso dizer, a requisição compulsória provocara tal flagelo, a interromper construções e agravar a crise de alojamento, que não havia remédio senão suprimir o abuso. Quanto às pensões, isto era óbice muito mais difícil de remover na vigência da monarquia absoluta que nos regimes seguintes, a constituir mais um argumento à disposição dos contagiados por "*idéias novas*", difundidos pelo exemplo de outras nações e pelas Lojas Maçônicas, cuja importância no Brasil dia a dia aumentava.

Alheios a tudo, longe de suspeitar que a volta ao reino provocaria o fim da cômoda situação, anatemizavam cortesãos e altos funcionários o sítio em que se viam atirados. Queixavam-se do primitivismo da vida carioca, exprobatavam a selvageria do quadro soberbo que os rodeava, recriminavam o capricho do Príncipe que os mantinha naquele agreste exílio. Gemiam contra o calor guanabarinô com tanta veemência, que se cogitou seriamente da mudança da capital. Escrevia Marrocos sobre as melhorias tentadas por Paulo Fernandes Viana nos caminhos que levavam à fazenda de Santa Cruz, onde a família real passava "*suas jornadas annuaes de Fevereiro, Julho e Novembro*", à procura de lenitivo contra o tédio da cidade e acrescentava: "*Além disto já se mandarão examinar os caminhos daqui para a cidade de S. Paulo; pois tem havido lembranças de se ir estabelecer a Corte para alli, em razão dos bons*

ares serem semelhantes aos de Portugal". O projeto, ótimo em si, não pode efetuar-se como sempre, por falta de meios.

Continuava, entretanto, a fidalguia palaciana encastelada nos seus hábitos e preconceitos, como se estivesse de posse de velhas prerrogativas e nada houvesse sucedido. Carpia, por exemplo, a temperatura do Rio de Janeiro, no momento em que na Rússia parentes seus morriam de frio. Narra o Conde de Rochechouart estranho episódio ocorrido durante a campanha empreendida pela Grande Armée em 1812, quando encontrou oficiais do exército invasor francês num *kartchma*, "*cabaret tenu par un juif*" muito comuns pelos caminhos russos. Tratava-se de dois indivíduos de espantosa magreza, a tiritar de frio em ceroulas, descalços, tendo à guisa de chapéu uma meia, "*dont le pied tombait négligemment derrière la tête*". O Conde fôra anteriormente oficial no exército português e pôde entender-se com os infelizes, que eram o Visconde de Asseca e um companheiro, ambos despojados das roupas pelos cossacos. Estavam há vinte e quatro horas sem comer, visto o hóspede alegar falta de víveres e na aflição, ao verem Rochechouart sob uniforme moscovita, imploravam o cristão e o oficial inimigo, para lhes valer no transe, já quase mortos de fome. Por felicidade, grato pelo acolhimento outrora recebido no reino quando pertencia à legião de Mortemart, o mercenário agarrou o dono da tasca pela barba, sacudindo-a até aparecerem alimentos e os "*shoubi*" ou capôtes de peles grosseiras, necessários para salvar os portugueses da congelação. Termina o memorialista, dizendo a propósito de Asseca: "*Plus tard je le retrouvait à Paris. Em 1816 il était établi au Brésil, ministre de l'intérieur, et personnage très important*".

No Rio a fidalguia atinha-se inflexível às praxes heráldicas, que encontravam a sua maior expressão na etiqueta palaciana. Marcava-se a escala nobiliárquica dos cortesãos nos dias de grande gala — 6 de janeiro, Dia de Reis; 7 de Abril, primeira oitava da Páscoa; 25 do mesmo mês, dia do nascimento de D. Maria I, etc. . . . — ou de "*Simple Gala*" — 1 de Janeiro, Ano Bom; 11 do mesmo, dia do nome

da Infanta Ana de Jesus Maria; 20 do mesmo, dia do nome do Sereníssimo Senhor Infante D. Sebastião, etc... etc... Aí, impunham a sua importância com rigor durante a monarquia absoluta, que chegava à ferocidade. Dizem que Pombal percebeu o desvalimento em que caíra, pela maneira como nosso parente o Cardeal da Cunha dele se acercou na antecâmara del-Rei D. José moribundo. No Rio de Janeiro atribui Marrocos em carta ao pai, o fim do Conde das Galveias à paixão que dele se apossou por lhe terem negado num Beija-Mão precedência sobre varios figurões. Igualmente nas periódicas cerimônias desferravam-se o Visconde Fulano, Conde Beltrano e Marquês Sicrano, veadores de S. M., dos acintes de ricaços brasileiros, que os ofuscavam com seu luxo. Convém não esquecer o fato de dar a rainha D. Carlota inteiro apoio a tais praxes, não só pelo seu apêgo à inamovibilidade de tudo que se relacionasse com a monarquia de Direito Divino, como pelo despreço que votava aos súditos coloniais.

Outra manifestação do exclusivismo de casta, obediente a costumes seculares, surgia nos casamentos ocorridos na meia dúzia de famílias tidas por “*puritanas*” — que se jactavam de não ter sangue plebeu, mouro ou judeu nas veias — as mesmas que tinham despertado reparos em Alexandre de Gusmão e logo depois, desvairadas pelo orgulho e ambição, atentado contra a vida de D. José I. Perdoados pela magnanimidade de D. Maria I e generosidade de D. João, e, acima de tudo, pela maneira desastrada, excessiva, injusta e odiosa como tinham sido punidos em segredo de justiça, que não permitia a ninguém se defender, a misturar grandes e pequenos culpados, incidindo no que Voltaire profligara no processo Malagrida — “*L’excés de ridicule joint a l’excés d’horreur*” — conseguiram através da revisão da iníqua sentença que os condenara, passar a outro extremo consistente em excesso de reabilitação ⁽⁸⁵⁾.

(85) Motivo dos protestos do brasileiro João Pereira de Azevedo, Procurador Geral da Coroa no governo de Pombal, contra a subitânea reabilitação de indivíduos que ele sabia culpados. Pela mesma razão, grato ao antigo protetor, apresentou a defesa do Marquês a D. Maria I, notavel gesto no momento em que até ele, Azevedo, se via perseguido.

As mercês que sobre eles desabaram permitiu o reatamento no Rio de sábias combinações heráldico-financeiras na base de desponsórios. Marrocos noticia, na sua crônica datada de julho de 1814, o ajuste matrimonial entre a filha do Marquês de Valada com o Conde do Barreiro; da filha da Condessa da Ponte com o filho de D. Francisco de Almeida, o do papagaio; da filha do Marquês de Belas com o Conde da Ponte, e da filha do Marquês do Lavradio, "*(Dama de S. A. a Sra. Princesa D. Maria Francisca Benedicta, Viuva) com o Conde da Ribeira, que aqui chegou na Fragata Benjamim*". Continuando, escreve Marrocos, em novembro do mesmo ano: "*Morreo o Visconde de Condeixa de huma indigestão: estão satisfeitos os ajustes dos casamentos entre a filha do Barão do Rio Secco com o Físico Mor, e a filha da Condeça da Ponte com o filho de D. Francisco de Almeida, e agora se sabe q. este quiz casar com a mesma Condeça da Ponte, e q. esta lhe respondera q. antes queria padecer hum estupor; e q. indo elle ao depois pretender na o m. fim sua cunhada, à Condeça das Galveias tivera a mesma resposta. Houverão dous desafios: o primeiro entre o Conde da Ponte e o filho do Marquez do Lavradio, e q. este velho fôra de capote, e espada e cabelleira torta despicar seu filho pelo medo e cobardia q. teve; o segundo entre D. Francisco de Almeida com o Visconde de Vila Nova da Rainha por ciumes da Condeça da Ponte, acabando a briga, ou convertendo-se em descompostura de regaterias, todos forão reprehendidos*", em suma, a mesma vidinha de Lisboa, Queluz ou Salvaterra.

O costume de casamentos entre os mesmos grupos delimitados por privilégios de casta eram habituais em toda sociedade antiga. No Brasil, havia no tempo de Ender, quando Martius passou por Itú, então considerada a *Vieille Roche* de S. Paulo, a praxe de casarem quase exclusivamente entre si Almeida Prados, Arruda Botelhos, Pais de Barros, Pacheco, etc. . . . Em Olinda dava-se o mesmo com Albuquerque, Cavalcantis, Bezerras, Bandeiras e muitos mais de que tratamos no estudo das capitâneas do norte. Transferida a côrte para o Rio de Janeiro, vieram um

Duque, sete Marquesses, seis Condes, vários Viscondes, Barões e toda sorte de personagens medeando entre Cadaval e Rio Seco, com as respectivas famílias, em que se contavam muitos elementos em idade de casar. Podiam no Rio sem perigo de "*mésalliance*" manter o costume, facilitado por muitas uniões já estarem combinadas no reino antes da travessia do oceano, não raro, até, à revelia dos futuros noivos. Começavam, entretanto, a se introduzir — triste sinal dos tempos, diziam os puritanos — enxertos extra-ortodoxos na grei excelsa, e não eram de rebentos de ministros omnipotentes como Pombal, mas de argentários cariocas infamados pelo luso mexerico.

Um desses casamentos devia ter causado sensação nos arraiais de pendão e caldeira, representado pelo D. Francisco de Sousa Coutinho, veador del-Rei em 1818, filho do falecido D. Rodrigo Conde de Linhares, com Guilhermina Adelaide, filha do negociante José Fernando Carneiro Leão. Esse ricaço, prestigioso elemento local antes da chegada da côrte, era filho de Bras Carneiro Leão, natural da cidade do Porto e de Ana Maciel da Costa, pertencente a conhecida família fluminense. Brás Carneiro era o protótipo do antigo imigrante português, sobre o qual não se pode passar em silêncio à vista da sua ação no meio brasileiro. Trabalhador infatigável, estóico, económico, duro para si e para os outros, capaz de amealhar ceutil por ceutil grande fortuna, chegava moço do lugarejo originário onde no geral abandonara o rabo da enxada, para procurar fortuna no comércio do Brasil. Quase sempre vinha recomendado a um contemporâneo e no seu estabelecimento principiava pelos misteres mais humildes — varredor, entregador, acondicionador — submetido à rigorosa disciplina na Casa Comercial que era a um tempo, lar, escola e propriedade futura quando o chefe se retirava na condição de sócio comanditário e deixava o negócio aos empregados mais antigos. Alí recebia dormida, passadio simples, farto, saudável e paga módica, todavia, compensada pelo tirocínio gratuito. Mal dava, sem dúvida, no começo para se vestir, pouco sobrando para divertimentos, reduzidos a

espetáculos religiosos da cidade, mais tarde abrilhantados pelos da realeza, depois da chegada da côrte, e principalmente durante o entrudo, onde o caixeiro se desforrava em algumas horas do rigor a que se via submetido no resto do ano. O indivíduo e a sua existência, foram copiosamente tratados por vários autores, até chegarem à figura lendária pelo vulto da colônia portuguesa composta de seus semelhantes na capital do Reino Unido.

Dele inventaram os divertidos do Rio de Janeiro farto anedotário, a começar no seu desembarque, robusto, corado, envergando o traje tradicional dos campônio de sua província, até quando, já provido de pança e de haveres, deixava-se assoberbar por negras e mestiças que formavam o "*demi-monde*" da capital. Personificavam daí o Novo Rico em todo o seu horror, considerado manancial de asneiras no Rio de Janeiro, ditadas pela sua ambição de aparecer e se avultar sobre os outros, e a grotesca figura do "brasileiro" como lhe chamavam em Portugal, de torna-viagem, sedento de títulos e de consideração, cruelmente retratado por Camilo Castelo Branco. Entre as muitas fábulas que lhe emprestavam, havia jogo de palavras consequente à vinda de modistas e mais comerciantes de Paris depois de restaurados os Bourbons no trono: "*Qual a diferença entre o lojista francês e o mercador português? O primeiro faz da mulher caixeiro e o segundo do caixeiro mulher*". Nos chistes nem sempre havia tão só intenção gaiata. Porejava também a inveja do filho de funcionário; com algumas tinturas de instrução adquiridas nos dois seminários da cidade, onde se preparara para suceder ao pai na cômoda, porém, medíocre carreira do funcionalismo público, ou na chicana forense que então grassava; contra o laborioso comerciante, de trato rude, geralmente possuidor sob aspeto agreste de maior esperteza que se lhe supunha, paradoxalmente sentimental e brutalmente utilitário, incapaz de despir a crosta originária e no entanto, assimilador em notavel esforço de auto-didata de idiomas é, até, de requinte na sua mesa e casa.

O sucesso em negócios nem sempre lhe trazia a felicidade. Muitos confessavam nostalgia do tempo em que,

pobres, mas despreocupados, procriavam mulatos nas amassias e mourejavam doze horas por dia na abrasadora temperatura carioca. Viviam outrora de sócos nos pés, apenas vestidos por calças por êles mesmos remendadas, camisa rota, barretê informe, ceroulas usadas e pouco lavadas, mas dispunham da mocidade! Enriquecidos, tinham de observar a si e aos outros; ridicularizados na América; afligidos com alcunhas — Cartuxo, Sexta Feira, Manteiga, Biscoito — além de outras irreproduzíveis, assaltados na Europa, vítimas de dupla ingratidão — dos cariocas, porque ninguém desprovido do seu pulso seria capaz do labor que desenvolviam em benefício da cidade — dos conterrâneos, que na ânsia de explorá-los, nem de longe reconheciam os benefícios do caudal de ouro por eles remetido ao velho reino, a constituir mais tarde bálamo pela perda do Brasil.

Brás Carneiro Leão, nascido em Portugal em 1732 ou 1742, chegara ao Rio de Janeiro com dezesseis anos de idade, encontrando, portanto, a cidade em pleno regime colonial, pequeníssima, em princípio de desenvolvimento graças ao rudimentar comércio abastecedor das Minas Gerais. Inteligente, audacioso, dispondo de alguma instrução soube o jovem prevalecer-se daquela fase para lançar base de grande fortuna, composta, além da firma, de inúmeras propriedades imobiliárias dentro e fora da capital. Ao falecer em 1808 — outro momento culminante na vida carioca — deixou aos filhos a maior casa de comércio da cidade e quase toda a Freguezia da Candelária, centro dos negócios do sul do Brasil. Na chefia sucedeu-lhe o primogênito Fernando, nascido no Rio em 1782, ajudado pelo irmão mais moço José Alexandre, sob a razão comercial "*Carneiro Viuva e Filhos*". Compunha-se o resto da família de mais seis irmãs bem casadas pelos pais, que não regateavam dote para arranjar bons genros. Fernando fôra mandado a Lisboa praticar na grande firma Pedra daquela praça, com que o pai era aparentado, além de representa-la no Rio de Janeiro (86). Proporcionava o estágio várias con-

(86) Foi um de seus componentes que adeantou no Havre os meios necessários à Missão Artística de 1816 para vir ao Brasil.

veniências; familiarização com as transações usuais no reino; contato com o comércio internacional vedado aos elementos da colônia, que só podiam negociar com as praças da metrópole; aprimorar a educação na sede do Império Luso, e conseguir casamento condigno do herdeiro da casa. Os consórcios se efetivavam também na burguesia, quase sempre por combinação das respectivas famílias, que se norteavam por preferências a indivíduos de posses ou situação equivalentes. Contraiu, daí, Fernando, matrimônio com Gertrudes Angélica Pedra, filha do seu chefe e de D. Clara Carneiro Leão, prima de seu pai, assim como algumas de suas netas também se casaram com negociantes da praça do Rio, como João Francisco da Silva e Sousa; Comendador Eduardo de Faria e Geraldo Belens, seu companheiro na grande Comissão de mercadores que em 1816 apresentou ao Príncipe Regente subsídios para organizar uma Universidade no Rio de Janeiro.

O parentesco demonstra não figurar o velho Bras no nateiro imigrante, aportado no século 18 no Rio em tamanhos e fundilhos rotos. Pertencia o fundador da casa, já antes de vir ao Brasil, à prestante classe mercadora lisboeta, em que o filho agora ia ingressar, festejado, homenageado e galardoado no mesmo ano com o hábito de Cristo e foro de Cavaleiro Fidalgo. De volta casado à casa paterna recebeu Fernando sociedade na firma, e depois do falecimento do pai, continuou na tradição popularizada pelo rótulo "Conseituada Parceria", que lhe facultou os capitais para outro gênero de operações em escala muito maior e mais rendosa. Cunhado do Intendente Geral da Polícia, o desembargador Paulo Fernandes Viana, casado com uma irmã, pôde colocar à disposição do mesmo as quantias necessárias para adiantamento de obras públicas urgentes. Firmou-se, daí, o prestígio do parente, em condições de organizar a Polícia, dantes embrionária, melhorar vias de comunicação, iluminar e calçar ruas e muitas mais medidas imprescindíveis exigidas pela transferência da côrte, em que avultava a requisição de alojamentos para os cortsões. Possivelmente neste ponto surgiriam boas oportuni-

dades para os herdeiros de Bras Carneiro, grandes proprietários no Rio e a salvo pelo parentesco com o Intendente das prejudiciais “*aposentadorias*”, e pelo mesmo motivo, em condições de se aproveitar das rendosas.

A quadra prestava-se a toda sorte de negócios para quem dispusesse de linheiro líquido, também chamado “*masa de manobra*”, indispensável a especulações. De quando em quando surgem ecos na crônicas de Marrocos, o qual não escapariam tão importantes eventos no âmbito carioca: “*o conego Réo tem aqui ganhado hua ascendencia com toda a Corte, e a todos q. o conhecem faz espanto a excessiva profusão, com que tem espalhado somas exorbitantes em gratificações e presentes; o Negociante Fernando Carneiro Leão está continuamente remettendo-lhe aos contos de reis, com q. o d. conego tem prendido a todos pelo beijo*”. Tais atividades, do argentário e do cônego, não deviam ser muito católicas, como tampouco seriam os adiantamentos para toda especie de fins concedidos à Intendência Geral da Polícia, mediante juros e comissões irmanente divididas entre Intendente e cunhados.

E’ improvavel que a abnegação e patriotismo da firma chegassem a ponto dela se arruinar pelo sorriso do Príncipe Regente, tanto mais, que a prosperidade da casa, depõe contra a conjectura. Se concedesse empréstimos tão vultosos sem fortes compensações, paralisaria automaticamente suas transações, porquanto o sistema de negócios de importação e exportação, implicava a concessão de longos prazos aos clientes na vastíssima área em que operavam. Inda admitindo que os pagamentos normalmente se efetuassem, as distâncias e lentidão de comunicações por terra ou por cabotagem demoravam o afluxo de dinheiro. Assim sendo, o mais claro das disponibilidades da firma residia em créditos de longa solução, durante os quais tinha de acudir a imprevistos e a pesados encargos. Ora, não só a casa acelerava o ritmo de operações, como aumentavam cada vez mais os gastos e a ostentação suntuária dos membros da família sem prejuizo da solidez da firma.

Aos Carneiros devia referir-se um francês quando mencionava as pretensões dos naturais da cidade em choque com a fidalguia portuguesa. A luta feria-se entre privilégios de casta e de finança. Debret e outros patricios aludem com admiração às joias do elemento feminino da tribo em evidência: *“Le luxe des pierreries est quelques fois poussé à l’extrême chez les femmes; il suffit pour donner une idée, de citer la famille Carneiro Leão, à la vérité une des plus riches du pays: quand toutes les personnes qui la composent sont réunies, on n’estime pas à moins de six millions les diamans que portent les dames”*, e, da prosperidade, advinham ambições jactanciosas. Começava o enobrecimento de ricos comerciantes no Brasil, nos postos que assumiam nas forças armadas destinadas à defesa da colônia. Bras Carneiro, o velho, fôra coronel do regimento de Milícias da Freguesia da Candelária, seu feudo no Rio de Janeiro, onde estava a sede da firma. Fernando, seu filho, comandava o 1.º regimento de cavalaria da capitania, e caso não lhe aumentasse a eficiência militar, melhorava-lhe a aparência com generosos donativos aos milicianos, a poder de cavalos, equipamento, banda de música, etc. Com isto se limpavam os improvisados guerreiros da pecha de mercadores sedentários, barrigudos, ridículos, amolengados atrás do balcão de compra e venda, em confronto com nobres de sangue, esportivos, elegantes e marciais por pertencerem à fidalguia de espada. A viuva de Bras — por sua vez — pelas dádivas a instituições de caridades e outras iniciativas das Princesas, recebeu em 1812 o título de Baroneza de S. Salvador dos Campos de Goitacases, passando a viver coberta de joias e veneras, rodeada de escravos e serviçais numa casa da Praça da Glória, tão vasta, que depois da sua morte comportou o Ministério dos Estrangeiros.

O reinado de D. João VI, a firma se expandiu em todos os sentidos, inclusive transações internacionais permitidas com a abertura dos portos. O sócio José Alexandre fôra para esse fim educado em Londres, onde por certo tempo pertenceu à missão encarregada dos interesses do Tesouro

e correspondência do recém-fundado Banco do Brasil. Perfeito “gentleman”, casou-se com sua sobrinha Elisa Leopoldina, filha de Fernando, tornado o nosso Marialva, incumbido no Império de pedir oficialmente a mão de D. Teresa Cristina para o Imperador. A casa, se bem conservasse muitos dos antigos negócios, mudara por completo os processos de comércio. Não mais necessitava de dispendiosos navios para suprir as deficiências de comunicações entre o Rio e os portos do reino. A propósito, dizia-se que também eram empregados em tráficos menos inocentes — como o negreiro — e algum contrabando, mas os rumores nunca se comprovaram e devem ser levados à conta do mexerico que se adensa sobre todos que vencem na vida. Conhecida em todo o Brasil, em Portugal e na Europa, a firma Carneiro, Viuva e Filhos, rivalizava com as britânicas estabelecidas no Rio, além de especular com créditos fornecidos ao governo, amparada nessa atividade, como vimos, pelo Intendente de Polícia e por outro alto personagem da administração, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, mais tarde, no Império, Marquês de Baependy, casado com outra filha de Bras, o Fundador.

Era este genro figura da maior relevância no setor financeiro da monarquia. Rivalizava com Targini na orientação da política económica e medidas intentadas para a melhoria da situação do Tesouro. Em 1812 informava Marrocos: “*Os Planos de Manoel Jacinto não tiverão até hoje aceitação, porque o partido de Targini... he muito grande e poderoso: mas espero q. Deos ponha limite a esta desordem, satisfazendo os nossos desejos*”, o que nos dá medida da envergadura que Manuel Jacinto assumia na administração pública. Adversario de Targini!... Do mago das finanças joaninas, assessorado pelos mais poderosos negociantes ingleses da cidade, a alma do Tesouro durante anos! Era um titulo de glória, levando o futuro Baependy vantagem sobre o rival em ostentar nome limpo, cousa que o Visconde de S. Lourenço não dispunha. Nascido em Minas, formado em Coimbra em matemática e filosofia, cumprira Manuel carreira parte no magistério, parte na marinha,

parte no Erário. Devotara-se a estudos económicos e a muitas outras coisas em atividade deveras enciclopédica. Animado pelo desejo de ver aumentar a produção do Brasil, escreveu sobre aclimação de espécies úteis, como a quina, em memorial publicado quando ainda no século 18 era lente de matemática na Universidade em que se formara. Escreveu também sobre a matéria de sua cátedra e apresentou o projeto de Constituição do Império em companhia de colegas do Senado, desmerecedor por certo da raivosa apreciação de um diplomata francês, por ele casualmente contrariado, de que era "*Um mulâtre d'une prodigieuse ignorance*".

Bafejada pelas circunstâncias, continuava a crescer a firma Carneiro Leão a despeito de invejas e ódios. Presidiu o comendador Fernando o "*Corpo de Comércio*" do Rio de Janeiro, que, em 1816 como vimos, incorporado cumprimentou o Príncipe pela elevação do Brasil a reino e lhe ofereceu substídios para a instrução pública. O acontecimento equivalia a uma consagração, colocado na primeira plana da cidade o presidente do "*Corpo*", mormente depois do título nobiliárquico outorgado à viuva da firma. Mas não pararam aí os tributos a elevar a grei. Conseguiu a família unir-se à de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, descendente do primeiro governador geral do Brasil Tomé de Sousa, e, como se não bastasse semelhante incursão no *Faubourg Saint Germain* lisboeta, casava-se outra descendente do fundador com um Castelo Melhor, das mais arrogantes casas nobres de Portugal. Por tais meios aproximavam-se os Carneiro não só da fidalguia lusa, como da alta aristocracia europeia a poder de ramificações em côrtes da Alemanha, França, Espanha e Piemonte. Aparentava-se, daí, D. Guilhermina, futura Marquesa de Maceió, com os Asinari, San Marzano, Della Cisterna e outras casas ilustres do Reino da Sardenha, e mais linhagens que apareceram no palco mundano e político do segundo regime imperial francês, entre outras na pessoa da famosa Condessa de Castiglione.

Provocava a ascensão virulentas diatribes contra o leonino rebanho. Era um acinte, provocação, insolência, o luxo, a importância, a influência de tal gente! Instintivamente sentiam os agaloados cortesãos da Quinta da Boa Vista, os sucessores que despontavam e muito breve iriam substituí-los na classe dirigente do Império. Exasperavam-se invejas e despeitos contra os Carneiro, tanto mais irritantes pelo fato de serem pouco vulneráveis às más linguas. Culminou a fúria dos desafetos numa tragédia. A 8 de outubro de 1820, de volta à casa pelas onze horas da noite, foi D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão, esposa de Fernando, assassinada a tiros de bacamarte ao apejar da carruagem. O atentado poderia ser atribuído a muitas causas, num sítio como o Rio de Janeiro, em que assassinos assalariados nos princípios do século 19, passeavam à cata de fregueses pelas ruas. Provavelmente teria origens políticas, talvez causado o crime por confusão entre marido e mulher, vitimada a esposa por inimigos que na sombra da noite pensavam atirar no esposo. Propalou-se na conjuntura que o desembargador José Albano Fragoso, encarregado da devassa, exhibira a D. João provas apontando o mandante do crime e que el-Rei mandara fossem destruídas. O mexicano concluiu, mui simplesmente, que o motivo provinha da revelação de pecaminosas relações entre D. Carlota Joaquina e Fernando, provocado o delito pelos ciúmes da soberana. Outros, mais comedidos nos surtos de imaginação, reduzem as causas ao desejo de D. Carlota Joaquina de possuir a residência da ponte do Catete, e como a dona se recusasse cede-la o expediente mais cômodo para conseguí-la, teria sido a supressão do obstáculo. Inda, assim, falou-se em Messalina, entrando a desditosa Raina para o rol das Isabeau de Baviera e outras damas vezeiras de amores violentos, mas tudo sem provas, sem verossimilhança, apenas diz-que-diz de maldizentes. Em todo caso, concorriam para a notoriedade da casa pouco antes levantada pelo infatigável Bras e continuada por não menos ativos filhos. O pior, como dizem os simuladores de talento da nossa época, consiste no silêncio e não na publicidade. Mil vezes

preferível rumor em torno do nome, nem que seja à beira de tribunais, que o risco de esquecimento por falta de meios sucetíveis de prender a atenção de ociosos.

Recrescia, dai, a virulência dos desafetos de Fernando. Imaginem, aquele sujeito que varrerá em Lisboa a armazem Pedra e Ca. amante da Rainha!... Era o cúmulo! Igualmente os machucaria a possibilidade oferecida ao viuvo, abarrotado de dinheiro como estava, de casar novamente e com mulher mais moça e bonita. Ardiam de despeito, e como na ocorrência, era ele vítima e não algoz, inventaram outra aleivosia para atingí-lo conjuntamente com toda a família. Asseveravam improvisados peritos em linha-gens, haver copioso sangue negro naqueles ricaços, gente tida por mestiça segundo fama pública, diziam, desde tempos coloniais. O mesmo já se propalara no reinado de D. José I do valido Pombal, e mais tarde no Brasil de Nilo Peçanha e Otávio Mangabeira. Mas em se tratando dos Carneiros, de onde poderia vir corrente chamita tão abundante a ponto de ser visível e insofismável? De D. Ana da Costa? Era o único costado americano na árvore genealógica dos Carneiros, porém, a situação dos Maciéis, burgueses da governança local, num período em que a mestiçagem impedia o acesso a cargos de governo, invalida a perfídia. Tampouco o aspecto atual de seus descendentes autoriza a lenda, pois, de modo algum aparentam o mais leve indício daquilo que na côrte de D. João tão profusamente lhes emprestavam.

A alegação, como outras, manava unicamente do antagonismo gerado pela sua importância no modo em que viviam. Fossem de condição modesta, ninguém se lembraria de atribuir o moreno das filhas do meridional português Bras Carneiro e da carioca Ana Maciel a origem considerada infamante. Fraquezas do gênero humano explicam tais atritos, inevitáveis em sociedade em formação, de mais a mais, na circunstâncias do Rio de Janeiro, palco de exasperado snobismo em côrte européia, lastreada de todos os preconceitos possíveis imagináveis. Quiseram, destarte, os acontecimentos do estreito âmbito carioca, que a sua

maior tribo colidisse não só com vaidades palacianas, mas até com a família reinante. Sem contar o pretenso incidente entre D. Carlota Joaquina e a esposa de Fernando, há notícia de despautérios de D. Pedro I que indicam haver pouca simpatia no paço pelos representantes da grande firma.

Como é sabido, uma das falhas do Príncipe Herdeiro era a sua má educação. Neste ponto os depoimentos de contemporâneos são unânimes. Certa vez tivemos em mãos manuscrito descritivo da viagem de um oficial da marinha francesa, que foi copiado à revelia do dono por Tobias Monteiro⁽⁸⁷⁾, a qual relação reproduzia rumores a circular no Corpo Diplomático sobre as reuniões em palácio. Rodeado por ministros e altos dignitários, dirigia-se de quando em quando o Imperador a um deles em termos bastante impróprios: “*Anda cá seu F... da P...*” e outras expressões igualmente chulas, “*que les courtisans recevaient comme des marques de faveur*”. De outra feita, numa recepção nas Tulherias, no momento em que D. Pedro procurava obter o apoio da França contra D. Miguel, surpreendeu-o o seu tio ‘ávô Rei Luis Filipe — que entendia português — quando dava largas ao mau costume, com a agravante de se dirigir à ex-Imperatriz Amélia.

Muitos destemperos do Príncipe passaram despercebidos pelo fato de só terem pessoas íntimas por testemunhas, acostumadas aos excessos de linguagem do soberano. Infelizmente D. Pedro I não se constrangia na presença de estranhos, que logo diligenciavam em espalhar o que tinham ouvido, dando ensejo a toda sorte de incidentes. Um dos mais desairosos ocorreu em Minas, na visita a uma Câmara Municipal que ostentava no salão nobre retratos de vereadores. Toscamente pintados exibiam figurões bastante escuros de tez, ou enegrecidos pelo tempo, que tiveram condão de provocar a hilaridade do visitante. Em meio de gargalhadas proferia D. Pedro I, que pareciam “*paren-*

(87) Pedira Tobias emprestado o manuscrito ao livreiro Chamonal por nosso intermédio, devolvendo-o ao depois sem o comprar o que nos obrigou a adquirir obras várias sobre assuntos sem interesse para nós a fim de indemnizar o livreiro enfurecido pela desinvolvura do consulente.

tes de Maceió! A chalaça, vindo de cima, alastrava-se com surpreendente rapidez num tempo de lentas comunicações, aumentada, deturpada, agravada pelos bisbilhoiteiros, com resultado facil de imaginar.

Entre outras conseqüências concorriam para difundir lendas, enraizando-as na crônica soalheira carioca. Decorridos anos, ainda voltavam ecos, obedecendo ao princípio de que quanto mais absurda a invencionice, maior resistência disporá para enfrentar o tempo. A disparatada versão, tornou muito depois a surgir à tona por motivos fúteis. Desaveio-se em pleno segundo reinado certo jornalista com a sua vizinha, pertencente à família Carneiro Leão. A causa da discórdia provinha de árvore frutífera, que um desejava cortar e o outro a isto se opunha. A coisa em si insignificante, azedou-se por obra de pundonores, extravazada como era comum antes da benemérita lei da imprensa, nos *A Pedidos* das últimas folhas dos jornais, onde sem mais formalidades, além do pagamento, podia qualquer indivíduo injuriar a vontade seus desafetos. Aproveitou-se o jornalista da licença, prático como era de verrinas, e publicou quadrinha sobre a nobreza da adversaria, que no seu entender repousava sobre "*tres bichos, Carneiro, Leão e Bode*". Por versar pessoa em evidência alcançou a chufa tal repercussão, que para por termo ao escândalo, teve um parente da ofendida de nome Melo Matos, tomar desforço violento do atrevido.

Separado o Brasil de Portugal, foram os Carneiro Leão fartamente ressarcidos das impertinências sofridas no regime anterior. Derramou-se sobre a família a cornucópia de favores e honrarias do Império, necessitado de Ersatz para substituir a côrte de volta para Lisboa. Títulos, veneras, senatorias, cartas de Conselheiro, ministérios, embaixadas, missões, presidências e tudo mais que enaltece a condição social do indivíduo, foi-lhe ter às mãos. Colocada pela opulência e qualidades de seus componentes à testa da classe governativa do país, representou naquele momento, entre nós, o papel que na outra côrte desempenharam os Cadavais, Marialvas, Bellas e mais fidalgos lisboetas.

Bem merecia o grupo social, que tão desmedida parte teve na formação da sociedade genuinamente carioca, registassem historiadores da nossa Independência os vários aspectos de sua ação na época. Até hoje só existe a respeito a sucinta notícia elaborada pelo Marquês de Baependy sobre a genealogia da família Carneiro Leão. Que remos crer, provir a escassez de publicações a respeito de tão importante assunto (pois a história de uma "gens" preponderante nos primórdios da Independência é indispensável subsídio para o estudo dos fastos do nosso período inicial político), parte sempre do mesmo vezo, do fato de terminantemente se recusarem antigos cronistas, em concorrer para a celebridade de um família rica e poderosa. A mediania originária desses escrevinhadores, mais próximos do jornalismo que da historiografia, veda-lhes considerar sem esnobismos às avessas um grupo erradamente considerado como tão somente argentário. Esperamos, pois, venha um descendente dos Carneiro Leão, escrever a história da sua própria Casa, para maior proveito dos estudiosos do momento em que ela se confundiu com os fastos da elaboração da Independência e consolidação do Império.

BELAS ARTES

A música

FÔRA bem sucedido o Príncipe Regente ao intentar reconstituir no Rio de Janeiro as principais distrações que lhe amenizavam a vida no reino e em se tratando de um Bragança, o seu maior devaneio artístico seria a música. Vinha de longe a predileção dos representantes da ilustre Casa pela nobre arte, tendo revnido o fundador da dinastia D. João IV, em Vila Viçosa, no correr do século 17, esplêndida biblioteca sobre o assunto, citada com encômios pelo padre António Vieira. Infelizmente, ao depois transferida para Lisboa, desapareceu no grande terremoto como tantas preciosidades sepultadas pelos escombros. Continha enorme acervo em grande parte manuscrito do que até então se produzira nas Espanhas em música religiosa e profana. Do outro lado da fronteira, não menor era em Madrid a paixão pelo bel canto, objeto de louca prodigalidade por parte de Filipe V e Fernando VI. Gastavam-se fortunas com os maiores virtuose, entre os quais o castrado Farinelli, considerado a figura máxima da técnica canora. Para ter idéia da idolatria que cercava esses personagens e a vaidade que os caracterizava, é preciso ter visto no Conservatório de Bologna o magnífico retrato desse divo no ato de cantar para anjos que o escutam embevecidos...

A munificência do rei da Espanha estendia-se nos paços de Aranjuez, Buen Retiro e na Ópera de Madrid, a infini-

dade de compositores, cantores, libretistas, cenaristas, etc. Sobre versos de Metastásio — o ditador da poesia cesárea — mentor das côrtes católicas e do seu bom gosto, sucediam-se as óperas *Adriano*, *Semiramide Riconosciuta*, *Alessandro nelle Indie*, *Nitteti e l'Eroe Cinese*, e outras semelhantes, ou *La Forza del Genio*, *ossia Il Pastore Guerriero*, texto de Bonelli e música de Nicoló Conforto, especialmente para comemorar o aniversário do rei. Entre os intérpretes contavam-se o que havia de melhor na época, as sopranos Mingotti, Castellini, Mattei, Tesi; os castrados Caffarelli, Garducci, Giziello, Manzuoli, Amadori; o tenor Raaff e o baixo Montagnana, reunidos em brilhante coôrte para maior esplendor dos espetáculos do Alcacer Real. Em Lisboa, D. Mariana Vitória, irmã de Fernando VI, incentivava o culto da música dando ela mesma o exemplo quando executava ao cravo nas festas da côrte, tocatas e fugas encomendadas a Scarlatti, acompanhada do esposo D. José I, encarregado da rabeca, e das filhas com “becões” e outros vários instrumentos. Pelo lado Bourbon, tinha, pois, D. João, de quem se inspirar, o próprio sogro cultor de música de câmara na qualidade de flautista, lenitivo mais tarde para o exílio em que o atirara Napoleão. Contentava-se, porém, o genro em participar do canto dos frades de Mafra, sem mais pretensões, prescindindo como sucedia a Carlos IV, de um profissional a tocar flauta sentado a seu lado, tal qual hoje sucede nos filmes em que o herói representa o papel de virtuose, sem possuir a menor noção do que simula interpretar.

Aos gastos do esplendor da ópera temos de reunir os da pompa da capela régia. Segundo Wraxall, a despesa com música de D. José ultrapassava 40.000 libras esterlinas anuais. Na mesma época, na Espanha, o teatro lírico dirigido por Farinelli — aliás, Dom Carlos Broschi Farinelli, cavaleiro de Calatrava, ordem guerreira reservada à mais alta nobreza castelhana — era, segundo Schloesser, “*die glaenzendste Anstalt Europas*”, e o espanhol Pedrell julgava o entusiasmo por tais divertimentos “*verdadero delirium tremens*”. D. Bárbara de Bragança, rainha da Espa-

nha, demonstrava em Madrid amor pela música pelo menos igual ao da prima e cunhada Mariana Vitória, no reino vizinho. Dela existe, inserto como preito da gratidão à protetora, retrato à guisa de portada ao segundo volume da *História da Musica* do padre Martini, professor de Mozart, obra que obteve outrora grande repercussão na Europa. Pouco depois diria o famoso senhor de engenho da Jamaica William Bekford, que D. Maria I possuía o mais suntuoso conjunto de músicos da Cristandade, "*Sequer o papa disporia de superior na Capela Sixtina*", e quando a soberana depois da morte de D. Pedro III se afastou de divertimentos, o resto da côrte manteve-se fiel aos concertos de igreja e espetáculos de ópera. Por sinal, nos dois recintos pouco se diferenciavam os estilos de composição. Tanto as missas de David Peres como as de Marcos Portugal agradavam pelo feitio operístico à fidalguia, nas solenidades mais brilhantes que austeras do século 18.

Tampouco, as agruras financeiras das duas monarquias, logravam deter entusiasmos que descambava para o sensualismo. No tempo de Pombal acirrou-se a competição entre Lisboa e Madrid, importando os portugueses do reino das Duas Sicílias o maestro David Peres, corifeu da Escola Napolitana, especialista em escrever óperas para determinadas vozes de sucesso no momento. Contratado para mestre da Capela Real, ganhava 50.000 francos anuais, afora os proventos que podia alcançar no teatro. A nova sala do Paço da Ribeira foi inaugurada em 1755 com o seu *Alessandro nelle Indie*, mas não tardou a ser destruída pelo terremoto. Prosseguiram representações de óperas do maestro em Queluz, Ajuda e Salvaterra, enquanto se procedia aos trabalhos de edificação de outra sala de espetáculos em Lisboa. Este David Peres compoz no período da sua chegada a Portugal em 1753 à sua morte em 1778, além de música religiosa, cerca de 15 óperas, em que se destacavam algumas cuja execução requereu a presença a troco de enorme salário do célebre Caffarelli. Pode-se a respeito aventar que o trabalho fôra escrito, como fazia Jomelli,

especialmente para vozes consideradas de ouro e que só a poder de ouro era dado ouvir.

Disponha Peres na real capela em 1754 de não menos de 130 cantores, em maioria italianos, regimento — é caso de dizer — pagos pelo erário, sugerindo a situação do napolitano, comparações com a de Hendel em Londres. Segundo um contemporâneo alemão "*Nicht ohne Berechtigung vergleicht Dr. Platon von Waxel, Perez Stellung in Lissabon mit der Haendels in London*". Nesse período afluíram a Lisboa os mais ilustres castrados da cena lírica europeia, sucedendo a Farinelli ⁽⁸⁸⁾ os não menos ilustres Gizziello, Ângeli, Guadagni, Guarducci, Manzuoli e principalmente Caffarelli. O último recebeu juntamente com o primeiro — durante algum tempo seu protegido, depois seu inimigo — a desmedida soma de 72.000 francos por curta temporada de menos de um mês em Portugal. Nessa altura, em virtude dos escândalos da cantora Zamperini, profusamente narrados por Teofilo Braga, Waxell, Burney e Casanova, proibira a beata D. Maria I que subissem mulheres à cena lisboeta ⁽⁸⁹⁾. Daí por diante, até princípios do século 19, as cantoras foram substituída por castrados, que passaram a representar papéis masculinos e femininos, em companhia de tenores e baixos.

A história desses fenómenos sociais, produto de mórvido requinte nivelável às precauções do ciume mussulmano, justifica o dito de George Sand: "*Le vrai est souvent*

(88) Farinelli cantava conjuntamente com Tenesino, Pacchiarotti e Marchesi, todos considerados "*di primo cartello*".

(89) As medidas "moralizadoras" do teatro partiam do Intendente Pina Manique, poderoso Scárpia depositário da confiança absoluta da rainha D. Maria I. Em uma ordem de sua lavra, datada de fins de 1780, exarava o magistrado as normas necessárias, segundo seu parecer, à prática do teatro sem que daí se ofendessem o decoro e paz públicas. Divagando sobre a arte de representar — como escreve F. A. Oliveira Martins — ele lembrava que nos primeiros séculos da Igreja tinham sido proibidas as representações teatrais, e anatimizadas os que a elas comparecessem. Todavia, de espetáculos licenciosos, dizia Pina Manique, podia tirar-se escola de moral e repreensão dos vícios. Chegavam-lhe, até, ecos de que políticos "*mais celebrados da Europa*" julgavam útil o teatro, não só para divertimento como instrução do povo. Assim, consentia em que fosse praticado desde se evitassem distúrbios decorrentes da perigosa mistura dos dois sexos. As representações só seriam permitidas a homens, vedada a mulheres entrada nos bastidores, camarins e

invraisemblable". E' preciso, contudo, reconhecer o grau de perfeição a que os castrados atingiam e os conhecimentos musicais de que dispunham. Ainda assim, parece-nos excessivo o tributo de admiração prestado aos divos em sucessivas apoteoses através das capitais da Europa. De Viena descrevia escandalizado Metastácio, o arrebatamento de uns pela arte de Caffarelli e o aborrecimento de outros pelos seus caprichos e insolências. Os incidentes que o mesmo provocou em Paris, por se julgar mal pago na côrte de Luís XV, foram objeto de extensa crônica de Jules Janin, e no *Barbeiro de Sevilha* consta trecho recitado por D. Bartolo:

*"La musica ai miei tempi era un'altra cosa,
Quando Caffariello cantava quell'aria portentosa..."*

Não faltou na sequência o gênio de Balzac, também a se impressionar com a crônica fabulosa dos sopranistas, numa sociedade em vias de desaparecimento.

Em Portugal o bel canto a tudo resistia. Arrostava impávido vazão financeira e não menor perigo representado pelo crescente beatério da Rainha. Mandara D. Maria depois da sua viuvez, demolir em Queluz o teatro onde tinham soado gorjeios de Farinelli, para no lugar lhe construir novos aposentos. Só muito depois, sob a Regência de D. João, inaugurou-se o teatro S. Carlos. No meio

salas de espetáculos, e, para maior cuidado em evitar deslises contra os bons costumes, não se permitiam cortinas nos camarotes possivelmente cúmplices de excessos condenáveis. Para melhor chegar ao intento e à vista do péssimo estado do teatro da rua dos Condes, elevou-se nova sala em outro sítio, construída pelo arquiteto José da Costa e Silva, sob modelo do teatro S. Carlos de Nápoles, tido como dos mais suntuosos do gênero. Passando agora à América, existia, no reinado anterior, no Rio de Janeiro em princípio do século 18 teatrinho de bonifrates com orquestra que era a maior atração do cidade. Um oficial francês pertencente à esquadra mandada à Índia por Luís XV, julgava-o provido de bons violinos, com os quais se acompanhavam entremeses de carater edificante, em que sacerdotes pagãos eram convertidos por Santa Catarina à fé cristã. Os homens sentavam na plateia, reservados os camarotes às damas cariocas, semi-ocultas por cortinas, que pelo fato de não haver mistura de sexos nessas divisões, figuravam como impecilho, ou pelo menos, estorvo a namoros.

tempo, firmara-se o gênero de espetáculos líricos entremeados por recitativos, poemas em forma de odes, loas, etc., em louvor de Príncipes, bodas reais e mais acontecimentos — “*gepflegte Spezies der dramatischen Elogens*”, diz Haboeck, com sabor a Guarini e Metastásio. Dirigia-os o maestro Leal Moreira por volta de 1790, no teatro da rua dos Condes, à testa de companhia de cantores classificados Primeiras Damas, Segundas dito, Galans, Graziosos, etc. Interpretavam óperas do jovem, porém, já célebre maestro Marcos Portugal e óperas de Paisiello, Jomelli e mais compositores em moda. Uma das representações de sucesso era o *Dom Giovanni* de Gazzanige. A mesma companhia inaugurou em 1793 o Real Teatro de S. Carlos com a ópera de Cimarosa, *La Ballerina Amante*, seguida de várias outras, e de burletas muito ao gosto lisboeta, interpretadas pelo soprano Domênico Caporalini.

O último divo a se exhibir perante o público alfacinha, antes da ida da côrte para o Brasil, foi o festejadíssimo Crescentini. Noticiava Cornide a Lopez Ayllon, que ouvira o célebre soprano numa festa comemorativa “*Domingo obsequió el Superintendente de Policia Pina Manique, a su Principe, y mas familia Real... com una opera gratis para la que combidò a todas las personas visibles de esta corte, y como nuestro Embajador tenia camarote con los mas Diplomaticos nos convidó para el suio; la funcion estubo lucidissima, asistieron los Principes y Infantes con el señor D. Pedro, se les serviò refresco en su camarote que es muy gracioso, y lo mismo se hizo a los demas, y aun alcanzó a algunos bancos de la Platea. Crescentini cantó divinamente y el no oyrlò, es no haber oido cosa de provecho; tocó la Gerbini un concierto y se acabó a las onze y media*”.

Esse castrado, com a transferência da côrte lusa para a América e colapso de outras velhas monarquias, foi ter a Paris onde passou a ídolo do público francês. Antigos e novos nobres, inclusive Napoleão e marechais, se enlevavam com a sua arte perfeita. O sucesso lhe trouxe rios de dinheiro e a venera da Legião de Honra, distinção que

provocou reparos de caturras, pois lhes parecia caber a recompensa tão somente a feitos militares nos campos de batalha. Na realidade, fôra esta a origem daquela ordem de mérito, antes que o abuso do seu uso lhe malbaratasse o prestígio tal como hoje se encontra. Acresce ainda, que no momento das vitórias napoleônicas, quando o mundo era sacudido pelo estrondo de batalhas e ouvia o retinir de esporas e sabres de guerreiros embriagados de glória, afigurava-se estranho galardoar com símbolo belicoso a virtuose cultor de maviosas harmonias. Aos protestos, porém, invariavelmente respondia sua companheira de palco, a cantora Catalani, "*Vous oubliez cependant sa blessure...*".

No palácio de Queluz, durante o disfarçado exílio da então Princesa D. Maria e de seu esposo, fizeram-se ouvir nas brilhantes festas oferecidas pelos Príncipes, "*tiples*", que era — por exemplo — a classificação de Caffarelli, "*contraltos*", categoria de Gizziello e mais sopranistas como o português Policarpo José, que se exibiam sob a batuta do maestro da côrte Anastácio da Conceição. Segundo Oliveira Martins I, este castrado entoava igualmente, para delícia das damas fidalgas, modinhas brasileiras, difundidas naquela altura por Caldas Barbosa. O costume devia ser mesmo corrente, pelo que nos conta o Conde de Rocheschouart, escapo da revolução francesa, enlistado no regimento luso de "*emigrés*", nas vésperas da invasão de Junot. Fôra certa vez amavelmente convidado para cear na casa de família amiga: "*Après un excellent souper, un jeune abbé se mit au piano et nous fit entendre des ravissantes "modinhas", chansons populaires portugaises*". No evento sucedido em Santarem, é provavel que o tal "*abbé*" não fosse o Caldas de Cobre, residente na capital, mas um êmulo reinol. Reinava, portanto, epidemia que de Lisboa irresistivelmente se espalhara pelas províncias. E' no geral atribuída pelos autores que versam música brasileira, a introdução das modinhas no velho reino ao repentista mestiço, que recitava esta quadra ao seu conterrâneo Sousa Caldas, também padre e poeta, filho de negociante português do Rio:

*“Eu sou Caldas, tu és Caldas.
Tu és rico, eu sou pobre.
Tu és o Caldas de prata,
Eu sou o Caldas de cobre...”.*

Pensamos que a modinha tenha existência mais antiga do que se supõe. Possivelmente ocorresse a sua disseminação entre os lisboetas no século 18; entretanto, em narrativa de viagem efetuada por um francês na Itália no século 17, encontramos escravo preto de origem portuguesa em Gênova, o qual cantava e tocava no violão toadas semelhantes. Resta saber agora se a modinha se contaminou de influência africana em Portugal, transportada ao depois para o Brasil e de volta à metrópole aparecesse com aspeto de novidade que tanto agrada a todos os meios.

Por ocasião da investida francesa contra os Braganças, músicos, maestros, cantores, maquinistas, alfaias e mais pertences da ópera e da Capela Real, foram remetidos para o Rio de Janeiro. Com o mesmo destino seguiu em 1813 Pietro Colonna, professor de dança dos filhos do Príncipe Regente, recompondo-se aos poucos a música sacra e profana do outro lado do oceano, com nunca visto esplendor nas Américas. Uma obra inglesa aparecida na mesma época em Londres, imitante às excursões do Dr. Syntax de Rowlandson, menciona a suntuosidade das missas solenes da Capela Real e de outras igrejas da côrte. Compunha-se o coro e o corpo de solistas dos melhores castrados da Itália. Os vencimentos que recebiam, levavam o autor anónimo a rezear pecha de fantasioso se os divulgasse, alcançando ainda os sopranistas enormes somas para abrilhantar festas particulares. A notícia, concorda com a de fontes respeitáveis, que dizem provida a capela do Rio de recursos iguais à de Lisboa.

Disponham ambas de cônegos, presbíteros, chantres, diáconos, meios-cônegos e cantores que se apresentavam vestidos de roquete e rendas brancas, capas magnas roxas e murças escarlates. Incumbido em 1809 o Visconde do Rio Seco do adorno do recinto e mais cuidados suntuários, tudo

supriu com o maior cuidado, inclusive capas para a Nova Irmandade do Santíssimo da Capela, e armações, das quais uma roxa para o Advento e a Quaresma. Os castrados se evidenciavam na colorida cena pelo luxo com que se vestiam. Tal qual a personagem de *Sarrasine*, cobriam-se de joias e rendas de subido valor, graças à dinheirama que lhes pagavam e como a *Zambinella* — aliás *Caffarelli* — escandalosamente se pintavam. Uma francesa que apareceu no Rio de Janeiro na mesma época que Ender, e talvez, até, estivesse na igreja a seu lado, descreve o espetáculo que lhe foi dado presenciar em Santa Luzia, o templo revestido de panejamentos dourados, cujos reflexos se multiplicavam sob a luz de milhares de círios a fim de condignamente receber as damas da côrte "*parées et décolletées comme pour un bal*", enfeitadas de colares, plumas, diademas, recebidas por festivos repiques de sinos e espoucar de foguetes. Os rojões, de que se fazia enorme consumo, eram de primeiro preparados pelo boticário português Manuel da Luz, depois pelos chins importados para cultivar chá pelo Conde de Linhares. Sem muita luz, música, luxo e estrondo⁽⁹⁰⁾ solenidade alguma daqueles barulhentos ibéricos transportados para o trópico, pareceria completa.

Continuando a descrição, diz a viajante que foi surpreendida por estranho incidente. Aprestava-se para se retirar depois das preces rituais, quando lhe pareceu ouvir harmonias que desciam do ceu. Eram compostas de vozes demasiadamente melodiosas para pertencer a homens e excessivamente amplas e vigorosas para serem femininas.

(90) Um francês, morador no Rio, reparava a respeito "*On aime beaucoup les salves d'artillerie, et l'on a souvent occasion d'en entendre: la fête des grands saints* (as procissões magnas que se realizavam com o acompanhamento da família real, nobreza e clero, pormenorizadamente descritas por Debret), *et les jours de naissance des membres de la famille royale, sont célébrés par le bruit du canon des forts et des bâtimens de l'Etat. On attribue à ces fréquentes commotions un changement sensible qui c'est opéré dans l'état atmosphérique de cette ville. Avant l'arrivée du Roi, il y avait à Rio, presque chaque jour, l'après midi, un orage qui ne durait qu'une heure; on l'appelait "trévouada" qu'on ne saurait traduir que par ces mots: tonnerre, pluie et vent. On avait l'habitude de se donner rendez-vous après la "trouvouada": il n'en est plus ainsi; les orages à présent n'y sont guère plus frequens que dans la France*".

“*Je me croyais transporté dans le ciel au milieu des anges*”, exclama a francesa imersa em êxtase, que se findou quando o canto cedeu lugar a novas orações. Lembrou-se a viajante de pedir explicações a respeito do maravilhoso efeito do concerto, e muito se perturbou com a resposta que lhe deram. Igualmente se escandalizou com a desenvoltura dos oficiantes, que mais pareciam num salão a cumprimentar com sorrisos e amigáveis acenos as relações espalhadas na assistência, do que compenetrados de sua missão nos degraus do altar.

Algum tempo depois a mesma dama assistiu a outra solenidade, desta vez na régia capela, próxima do Paço. O templo era pequeno, exclusivamente destinado aos Príncipes e pessoas de sua casa. Introduzida, porém, pelo Consul francês Maler, pôde obter cômodo lugar, fronteiro à tribuna ocupada pela família real. À direita do altar-mor tronava D. José Caetano, bispo da cidade, suntuosamente vestido de alvo damasco, todo paramentado e dourado; sem o qual a cerimônia não podia ter início; resplandecente figura em meio de eclesiásticos de menor tomo, que hieraticamente assistiam à missa ⁽⁹¹⁾. Antes da descrição no período de 1815 a 1816, à vista dos preparativos de casamentos principescos, chegaram mais cantores e músicos italianos, que elevaram o número dos primeiros na capela real a cinquenta e dos segundos a cem. Podia gabar-se o Rio de Janeiro de possuir naquela altura conjunto musical digno de Queluz e de Lisboa nos seus melhores dias. Mandara também D. João em 1817, que o pintor carioca José Leandro de Carvalho e o dourador português António da Conceição Portugal, dourassem as paredes profusamente ornadas da capela, ajudados por duzentos artífices, que, segundo escritor coevo “*receberam grande salarios, excelente tratamento, tendo até bons refrescos durante o dia!*”, trazidos da vizinha ucharia real.

O resto da assistência era composta de personagens em trajas de gala, em que se destacavam vistosos uniformes da

(91) O mercenário Schlichthorst traça boa descrição das missas nessa capela, pág. 136 e seguintes.

côrte e das forças armadas, realçados pelo chamalote negro das togas dos desembargadores. No adro formavam guardas para apresentar armas na passagem dos Príncipes de modo a magnificar a solenidade do ato. Um inglês interpretou diferentemente aquele aparato, que atribuiu o receio inspirado a D. João pelo povo. A versão é incrível por parte de quem morava ali perto, na rua da Quitanda, e a toda hora podia certificar-se do quanto o Regente era adorado pelos súditos americanos. Ademais, a insignificante escolta que o acompanhava nos passeios; quatro homens segundo uma aguarela de Ender; bastaria para demonstrar a improcedência da hipótese. Contudo, reconhecia o inglês que a cerimônia decorria com munificência, ao som do orgam "*accompanied by a crowd of vocal performers, amongst whom are five or six eunuchs, gratify, with some of the finest music of the Brazil*", e acrescenta: "*Here the King will sometimes spend the whole day, and upon the celebration of some favourite saint's day, will remain till midnight. These holidays and festivities are usually attended by an immense consumption of gunpowder, in rockets, fireworks, etc.*".

O fato de o Príncipe passar horas a ouvir música sacra, ou intermináveis "*elogios*" nos intervalos de óperas, parece confirmação de dizeres da época, a afiançar que D. João nessas ocasiões dormia grande parte do tempo. Uma persistente tradição oral, atribuiu-lhe o inocente vezo de perguntar, quando acordava no fim de algum drama ou comédia: "*Já se casaram aqueles bêbados?*" Um outro súdito britânico admite igualmente ser a música da capela admirável, porém reparava com escândalo de protestante, num singular apetrecho anexo ao orgam. Consistia em cabeça de sarraceno, muito bem esculpida, que arregalava os olhos e torcia a boca numa careta de ódio quando no altar se procedia à elevação, "*which infidels must feel on such an occasion*". Havia também no fundo do altar-mor um painel do pintor José Leandro a representar a família real orante, rodeada pelos símbolos da realeza, carregados por querubins, que o inglês dá como afrontosa a brasileiros. Achava

a pintura, pôsto muito bem executada, “*disgusting*” pela sua intenção demasiadamente servil. Escrevia isto em 1818 e, por estranho pareça, tinha algum fundamento a notícia, pois, dizia-se a respeito, que um dos primeiros atos praticados mais tarde por nacionalistas exaltados durante os acontecimentos políticos da Independência, consistiu em mandar Debret cobrir com pintura as figuras reais. Tendo-se recusado o artista francês profanar a obra do colega carioca ainda vivo no Rio de Janeiro, recorreram a um caiador que pintou monte onde havia personagens. Ajunta a tradição, que tanto se ressentiu José Leandro do ultraje, que não tardou a morrer de melancolia. Alguns anos depois, por ocasião da restauração da capela imperial em 1850, João Caetano Ribeiro conseguiu a poder de reativos limpar o quadro e restituí-lo à primitiva condição, trabalho inútil, porém, porque no advento da república o painel foi estupidamente destruído.

A viajante francesa ao invés de reparar, como os ingleses, no que se não assemelhava aos templos protestantes, teve o acerto de observar atentamente família real no correr da missa. A descrição é longa, mas pelo seu interesse de flagrante fidedigno, vamos reproduzi-la: “*J’ai le plaisir d’être placée en face de la famille royale, que je vois tout à mon aise. Ma figure étrangère attire leur regard, mais ils savent qui je suis, le consul ayant averti Sa Majesté que j’assisterais à l’office. Le roi est bien, mais très peu magestueux. Le prince royal est grand avec une assez jolie figure, mes ses manières sont mauvaises et il a l’air commun. Il était en frac marron et pantalon de nankin, un peu ridicule, à 8 heures du soir, à une grande fête et pour paraître en public. Quoique le roi fût mis simplement, il était beaucoup mieux. D’ailleurs c’est un homme âgé, auquel on passe beaucoup. Je ne saurais trouver dans les manières de la princesse royale l’apparence si noble et si cérémonieuse de la cour d’Autriche, ici elle néglige fort sa toilette et sa tournure. Pour cette fête (que je ne puis comparer qu’à un concert spirituel donné à l’Opéra) tout le monde et les princesses elles-mêmes viennent en soie ou en tulle.*”

Notre pauvre autrichienne était vêtue d'un habit de cheval gris, d'un drap assez comun, avec une chemisette plissée; ses cheveux étaient en desordre et relevés avec un peigne d'écaille. Sa figure n'est pourtant pas laide et je suis persuadée qu'en toilette elle est très bien. Toutes les autres princesses étaient en velours ou en satin, avec des fleurs ou des plumes sur la tête. La princesse Isabelle Marie est maintenant l'ainée des princesses non mariées; elle a 18 ans et est plus jolie que les deux suivantes encore très jeunes. La dernière a l'air spirituel et très éveillé. Isabelle est très bonne, mais elle ne paraît pas avoir grands moyens. La princesse aînée est veuve d'un infant d'Espagne, c'est à mon gré la plus belle de toutes: elle a l'air noble et grand.

Quoique l'office fût un peu long, je ne m'ennuyai pas grâce à la bonne musique. Je fus enchantée des castros (sic) qui se surpassèrent ce soir-là.

Après l'office nous allâmes nous placer sur le passage du roi et de sa famille. Je leur fis des révérences jusqu'à terre et je reçus des saluts gracieux de chacun d'eux. La cérémonie finit à minuit".

Pena não estar presente D. Carlota Joaquina a fim de que a observadora a esmiuçasse com a argúcia das mulheres em geral e das parisienses em particular. Ficamos privados pela omissão, do retrato da Rainha a personificar muito mais que o Rei o espírito reacionário monárquico do século 19 transplantado na América. Absorvida por cálculos políticos, irritada pela sabotagem do esposo aos seus planos, traída por Ministros, Embaixadores e subalternos. D. Carlota não sentiria tanto deleite como o resto da família em permanecer horas a fio na igreja para ouvir música impropriamente qualificada sacra. Era mais um ponto em que ela divergia dos parentes, porquanto não conhecemos documento que a dê como grande apreciadora de música e de músicos. Inversamente, mostrava-se D. João VI apaixonado pelos concertos da capela, o seu maior e mais absorvente entretenimento no Rio de Janeiro. Demonstrava, até, zelo extremo pelas missas, rezas, cantadas e mais peças musicais que encomendava para aquele fim, e proibia

que as divulgassem fora do pequeno recinto reservado à família real e servidores do Paço vizinho.

No Rio ainda recresceu a principesca melomania pelo fato de haver no verão longas chuvas, durante as quais o folguedo favorito do Regente era deliciar-se com harmonias de seu agrado. O comportamento não deixa de ser curioso pelo muito que se assemelha à do bisavó Felipe V. Era também o fundador da dinastia bourbônica nas duas Penínsulas, incansável ouvinte de Farinelli e só encontrava lenitivo para os desastres da Sucessão da Espanha nos trinados e gorjeios do mais célebre cantor da época, talvez o maior de todos os tempos. Reaparece a mesma característica no descendente, com intensidade que se tornava pesadelo dos cônegos presbíteros da capela do Rio⁽⁹²⁾. Um deles se queixava em 1819, a um parente nosso de Lisboa, da obrigação de comparecer sob chuva torrencial a festas que para ele eram castigo. *“Aqui desde Setembro, pode se dizer que vivemos debaixo d’agua. Toda esta festa tem sido um dilúvio... He sempre incomodo a chuva, porém aqui he dobrado para quem he empregado na Capella, pois com o tempo não dá lugar a S. M. de passear; as tardes são passadas na igreja, mudão-se as horas, procura-se as musicas mais compridas para o entreter athe a noite; em nenhuma das oitavas sahimos ser de noite”*. Uma dobadoura, cruel purgatório, trabalho infernal, constante, desmedido, esse que se supunha sinecura destinada a recompensar os mais destacados elementos do clero.

Agravava os males dos eleitos de Gedeão o ciúme do Rei a respeito das missas originais, ou especialmente musicadas para ele. O cônego, muito amigo de Marcos Portugal, compositor, maestro, diretor efetivo da capela, transmitira-lhe os pedidos de um seu correspondente europeu, desejoso da cópia de músicas. Viu-se, porém, obrigado a informar, que S. M. não permitia fossem executadas as obras

(92) A fidelidade à tradição é verdadeiramente curiosa nos Braganças. Certa vez disse-nos D. Manuel II, que o seu maior desejo, não fosse rei, seria ser regente de orquestra.

destinadas à igreja, cujas harmonias só deviam repercutir naquela nave. Sequer para a festa da Irmandade de Santa Cecília, ele, presente, consentira no empréstimo de um trecho. Nessas condições, hesitava o maestro em infringir as reais ordens, porquanto o Rei, no geral bondoso, não admitia no caso infidelidades, em que vemos aparecer outro lado do seu carater, o mesmo que o levava a se desafeioçar de José Egídio porque no correr da travessia do oceano o deixara para ir ter em outro barco com a esposa doente.

No ano do falecimento de D. Maria I, compusera Marcos Portugal missa de defuntos para a exéquias de praça. Constará ao depois que a mesma fôra cantada em Lisboa: *“El-Rey soubeo-o e foi pellos ares, e dizem que mandou o Visconde de Santarem indagar se era verdade, protestando que mandaria para Angola quem a tivesse mandado daqui”*. Sucedia outro incidente naquele momento com a missa intitulada *da Conceição*, das melhores do maestro Portugal e onde há trechos notáveis, que se propalava cantada no Porto. Não fazia muito estivera no Rio um cônego de Guimarães, hóspede de António Pedro Guimarães, autor da carta, que muito apreciara uma ladainha do dito Marcos, composta para a novena do Carmo, que devia ser recitada alternada com o povo. Certo de obter permissão *“em se tratando de huma cousa tão pequena”*, dispunha-se o cônego a copia-la quando foi informado pelo maestro que el-Rei lhe dissera destinarem-se as músicas encomendadas exclusivamente para as funções da capela, e só alí poderiam ser executadas. *“O mesmo Marcos”*, continuava Guimarães, *“me disse que quanto a huma missa nova, elle não podia prometer pois estava occupado com as lições dos senhores (Infantes) e composições novas, agora com os resposços de S. Sebastião, e outros com a lettra commum, que já não servem pois S. M. requereu ao Pontifice resa propria para o bispado do Rio de Janeiro”*. Até preces em estilo diferentes queria o soberano para a real capela, num apaixonado critério que não admitia partilhas.

O grande triunfador, como vemos, daquele gênero tão ao gosto do Rei e da côrte, era Marcos Portugal. Discípulo de Sousa Carvalho, talentoso e ambicioso, aperfeiçoara-se na Itália de onde regressou em 1800 coroadado de louros. Pelo menos elle assi dizia, impando de imensa vaidade, que o levava a escrever uma partitura vista por Sampayo Ribeiro, "*Musica del celebre (sic) maestro Signor Marco Portogallo*. Sempre dominado pelo sestro foi dos que por puro interesse pessoal escandalosamente aderiram aos franceses invasores. Era, porém, tão intenso o gosto da côrte pelos seus trabalhos, que D. João tudo perdoou, e Marcos um belo dia reaparece sob régia proteção no Rio de Janeiro. Valeu-lhe não poder o soberano passar sem o músico que lhe compunha missas e árias tão do seu agrado.

Marrocos, sucetivel como era, pouco sympathizava com a desmedida empáfia do maestro. Doia-lhe vê-lo tão benquisto pelos figurões do momento e escrevia: "*elle (Portugal) tinha obtido (em 1811) hua sege effectiva, razão de Guarda Roupa, 600 \$ de ordenado, e do Real Bolsinho aquilo que S. A. julgasse lhe era proprio e conveniente*", além do cargo de diretor geral de todas as funções públicas, de igreja e de teatro. No ano seguinte escrevia o mesmo Marrocos: "*Hontem se cantarão huas magnificas matinas novas compostas por Marcos... por alma do defunto Infante D. Pedro Carlos*". O escriba, se bem antipatizasse com o músico, partilhava da admiração geral, até quando passou a queixar-se da sua impertinência, pois, tendo o "*rapsodista Marcos*", visitado a seção por ele Marrocos dirigida, dissera que o acervo estaria melhor na Torre do Tombo! Daí por diante, o maestro perdeu talento para o bibliotecário. Descobriu Marrocos que ele plagiava despudoradamente, porquanto um músico chegado de Pernambuco exhibia a toda gente trechos de autores célebres que Marcos copiava e publicava como seus... E, como ele fosse diretor geral dos espetáculos, o escândalo gerava indecentes desordens entre músicos e atores... Mas o pior era o modo como o mimavam: "*Marcos Antonio Portugal*", escrevia Marrocos em 1812, "*está feito um Lord, com fumos mui*

subidos. Por certa aria, que elle compoz para cantarem tres fidalgas em dia de annos de outra, fez-lhe o Conselheiro Joaquim José de Azevedo (então Barão do Rio Seco) hum magnifico presente que consistiu 12 duzias de garrafas de Champagne (cada garrafa no valor de 2.800 reis) e 12 duzias de vinho do Porto. Elle já quer ser commendador, e argumenta com Franzini e José Monteiro da Rocha”.

Aquilo era uma afronta! Perdoara-lhe o Regente a traição com magnanimidade que não quisera estender sobre o inocente filho do Conde de Ega, ao qual S. A. R. mal permitira lhe beijasse a mão, e, no entanto, sem mais detença relevava o músico que o trairá! Havia pior. Impingira Marcos o irmão Simão como organista da capela real com 300\$ de ordenado “e *appendices*”, não sendo, contudo, certo se também recebia ração. Por sinal, não necessitava do auxílio, pois a solicitude fraterna lhe granjeara inúmeros alunos, que chegavam ao disparate de mandá-lo buscar de sege para dar as lições. Imaginem! De sege... “*eu tenho-o visto mil vezes nas ditas, entre ellas a da duquesa de Cadaval*”. Tudo isto por causa de um indivíduo que plagiava música, cuja pretensão se tornava insuportavel a todos que dantes o obsequiavam... Um verdadeiro charlatão... Quando acabariam semelhantes absurdos? “*He riso ve-lo à janela, e em publico, todo empoado e emproado, como quem está governando o mundo, mas tem hum grande padrinho!...*”

A despeito da fúria olímpica do escriba, da inveja dos frades e dos incômodos que sofria, continuava Marcos cada vez mais bem visto. Da obra realizada no Rio de Janeiro destacavam-se o *Requiem* enaltecido por Marrocos no tempo de boas avenças, o quarteto e a ária de contralto (ou soprani-*nista*) *Tu, devicto mortis aculeo* do *Te Deum* das *Matinas da Conceição* e mais composições para igreja e teatro. Pensa Mário Sampayo Ribeiro que as suas obras religiosas são superiores ao rival Baldi, mas inferiores às do cunhado Leal Moreira. Onde não há dúvidas acerca do seu mérito é na ópera, em que se sobrepoz a todos concorrentes. Nenhum conseguiu melhor efeito que *Oro non compra amor*,

nem maior inspiração dramática que o comovente final de *Mélope*. Suas obras foram representadas além do Reino Unido, em varias capitais europeias, até na Rússia, alcançando em todas boa acolhida. Eram composições ao gosto do dia, que a despeito da espetaculosa aceitação, assumiriam carater de trabalhos sucetíveis de resistir ao tempo. Contudo, a música é uma das artes em que mais influi a moda e talvez um dia ainda voltem árias portugalescas a serem apreciadas, senão em totalidade, pelo menos as que forem escolhidas na imensa série deixada pelo autor. Velho, desvalido, falto da côrte protetora, que era o regime absolutista por ele combatido em 1808, morreu Marcos pobre e infeliz no Rio, na casa de um antigo rival brasileiro que dele se apiedara.

Chamava-se o bom Samaritano de última hora padre José Maurício Nunes Garcia, mulato de longinqua origem espanhola. Exemplo típico de autodidata, supria pela intuição o que lhe faltava em técnica, logrando impressionar não só a côrte desde a sua chegada, como a europeus de passagem, franceses e outros, que não lhe regateavam elogios: "*l'abbé José Mauricio . . . a du mérite*", assegurava um deles. Apaixonado por música desde menino, dedicou todos os seus recursos à aquisição de partituras, de que possuia grande cópia quando o Brasil se tornou independente. Nessa altura, ocupava o lugar de organista da catedral, além de ser bom cantor de coros. Não se conhece quem lhe teria inculcado o gosto e guiado os seus primeiros passos de compositor. Só se sabe que se impoz pelo mérito próprio, decorrente em grande parte de notavel capacidade de trabalho. Dizia o Visconde de Taunay, seu grande admirador, que adquirira para o Instituto de Música do Rio de Janeiro manuscritos seus, os quais empilhados, davam mais de um metro de altura! Logrou também, o mesmo escritor, a despeito da indiferença pública, que alguns desses trabalhos fossem impressos e executados. O êxito que tiveram justificava a impressão pelo menos dos melhores, para se não perderem como provavelmente aconteceu. Infeliz-

mente hoje é tarde para remediar a destruição entre outras da famosa missa de Santa Cecília, enaltecida por Porto Alegre.

De outros músicos existentes no Rio mais ou menos no tempo de Ender há referencia a Bernardo José de Sousa e Queiroz, diretor do Real Teatro de São João. Era mestre de empresas teatrais e músico, autor do acompanhamento do drama lírico *Juramento dos Numes* da lavra de D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, com que o dito teatro foi inaugurado em 1813. Esta sala de espetáculos substituiu a velha Casa de Ópera de Manuel Luís, antigo tocador de fagote na banda de tropa colonial. Resolvida a construção de novo recinto por iniciativa do outrora cabeleireiro do Vice-Rei, recorreu-se ao expediente de loterias, como fizera o Intendente Pina Manique em Lisboa para construir o S. Carlos. O mesmo processo adotou o seu confrade Paulo Fernandes Viana, ajudado pelo ex-barbeiro. Sem embargo de D. João mais pender, como diz Moreira Azevedo estribado em tradições orais, pela música de igreja, teve de aceitar o empreendimento à vista da necessidade de uma sala de acordo com a capital e o seu crescente número de habitantes, pois, as festas que se aproximavam exigiam aquele indispensável complemento ao seu brilho. Representou-se, daí, o dito drama com todo estardalhaço possível, na presença da família real, côrte, Corpo Diplomático, etc... acompanhado do *Combate do Vimieiro* e “*danças engraçadas*” nos intervalos.

A outra sala abandonada por Téspis teve destino inglório, transformada em alojamento dos criados do “Quarto da Rainha”, que o Visconde do Rio Seco adaptou para acomodar veadores, guarda-roupas e confessores, por se elevar nas vizinhanças do antigo convento do carmo. Conheceu, então, a nova casa, brilhantes serões de gala, em que a côrte teve por instantes impressão de noitadas lisboetas, quando antes da invasão se comemoravam aniversários ou bodas reais. Nesse momento, chegou a fama da música no Rio de Janeiro a distantes regiões do continente, em que pessoas desejosas de se aperfeiçoarem na arte musical

como o portenho Blas Parera, solicitavam em Buenos Aires autorização para estudar no Brasil. Mas, além do teatro oficial e principais igrejas da cidade, havia igualmente boa música em S. Cristovam e em Santa Cruz. Reza a tradição que o Príncipe Regente, ao chegar no Brasil, encontrou na fazenda dos jesuitas cantores e instrumentistas de côr, formados pelos inacinos com tal merecimento, que para não perder a boa sementeira instituiu no Paço aulas de música. O resultado teria sido animador, como se depreende do que nos dizem Golovnin e outros viajantes acerca de concertos religiosos ouvidos na Quinta da Boa Vista. Um francês alude à escola, citando a impressão causada à família real pela primeira missa ouvida em Santa Cruz, de que se seguiram revelações de talentos, "*dignes de figurer parmi les musiciens de la chapelle royale. On cite surtout deux négresses qui, par la beauté de leur voix, l'art et l'expression de leur chant, pourraient soutenir la lutte avec les premières virtuoses de l'Europe*".

Escreve Oliveira Lima que na época muito se beneficiaram os compositores do Rio de Janeiro com a chegada em 1816 de Neukomm, aluno de Haydn, professor do Príncipe D. Pedro, e os músicos em geral com a presença da banda alemã chegada em 1817 com D. Leopoldina. A não ser que à última hora tenham sido substituídos como foram as damas portuguesas por austríacas, da nau que devia transportar ao Brasil a Arquiduquesa, a banda que vinha a bordo era composta de estrangeiros moradores em Portugal auxiliados por portugueses. A lista constante na correspondência do mercador e patriota Enrique Teixeira de Sampaio, amigo particular de D. João, que em Lisboa representava o mesmo papel que Inácio Azevedo no Rio de Janeiro, subvencionador das despesas da viagem da Princesa Herdeira, enumera nomes pertencentes a várias nacionalidades, Catalão, Bulak, Manuel Inácio, Marçal José, Carretero, Croner, João Vieira, Smith, Florik, Monteanos, Ruffo, etc. Ocorre ainda "*O mesmo negociante Sampaio satisfará aqui (em Lisboa) às Famílias de cada hum dos musicos aquella parte de ordenados que elles lhes quizeram deixar para seu*

sustento". Logo, os parentes próximos dos elementos da banda, assistiam em Lisboa e não no exterior. Assim sendo, a sua presença na capital carioca não traria maior novidade que a dos músicos das bandas militares já existentes antes da sua chegada.

A respeito dos cantores fixados no Rio, temos em primeiro lugar os sopranistas que tão caro custavam ao erário. Sabemos os nomes de alguns: Faschiotti, Tanis, Mangianarini e Caprânica, a que se poderia talvez ajuntar os de Luis e Gerardo Ignácio, os quais sob a direção do seu patrício maestro Fortunato Maziotti, davam entre outras execuções, particular relevo ao *Miserere* de Pergolesi. Do sopranista Caprânica há alusões na correspondência de Marrocos. Em uma carta informa que a "*banquinha*" do italiano Abbiati — provavelmente se referia a alguma banquetta de altar particular — fôra entregue no Rio a Caprânica pelo padre João Mazzoni, confessor de Da. Carlota, pois não encontrara quem a comprasse visto o seu elevado preço, e essa informação pedia ao pai que a comunicasse a outro italiano em Lisboa, de nome Bartolini, amigo do dono do objeto à venda. Em carta posterior, de 1818, noticia Marrocos que "*O Musico Capranica morreo de repente quando estava em vespuras de ir para "su terra"; despejou-nos o beco por diferente modo; e nem assim nos ficou o muito que elle deixou; porque morreo ab intestato*". Deixara bons haveres, porém um tal Chiconi se apresentou como herdeiro, alegando que o cantor assim lho prometera, e "*por graça especial*", diz Marrocos, livrou-se das garras do Juizo dos Defuntos e Ausentes. Para intervir no caso a régia proteção, infere-se que o feliz herdeiro seria algum castrado colega do de cujus, igualmente benquisto por S. M. Foi mal vista, porém, a mercê pelo escriba bibliotecário: "*e lá o está comendo à saude do defunto, e de nós todos, de quem elle chupou. Grande circumstancia acompanha aos castrados que nem na vida nem na morte deitão chorume!*"

Eram, ademais, tão só apreciados no Rio de Janeiro pela côrte e em grande parte por causa do canto religioso. O povo não os via com bons olhos chamando-lhes "*capõe-*

zinhos” e reprovava os gastos que acarretavam ao tesouro. Contudo, além de cantores também exerciam a profissão de mestres de bel canto em casas particulares. Cita Marrocos a festa oferecida à D. Carlota Joaquina em que tomaram parte na inauguração do novo palácio do Visconde de Vila Nova da Rainha, evento causador de terríveis ciu-meiras entre cortesãos igualmente desejosos de homenagear a família real. Com eles o zelo mourisco professado pelos nobres portugueses podia considerar-se tranquilo e lhes confiar sem preocupações as esposas e filhas. Por esse motivo não havia reunião em casa digna de respeito que deixasse de os incluir no programa das suas tertúlias sociais, e estrangeiros moradores no Rio mencionam o requinte da arte sopránística exibido no correr de recepções. Refere-se o enigmático autor dos *Sketches of Portuguese Life*, impresso em 1826 em Londres, assinado A. P. D. G. — iniciais atribuídas por alguns à irmã do Consul Chamberlain — a reuniões onde figuram sopranistas descritos com segurança de pessoa presente, ou, pelo menos fidedignamente informada: *“Nunca assisti a uma “soirée” no Rio sem lá ver um ou dois destes castrados. O seu aspecto é verdadeiramente repelente; a pele branca e esqualida, o cabelo corredio, olhos encovados e queixo sem barba. Conversam em tom gritante”* — como a de um intrujão italiano que apareceu no Rio e tinha por alcunha “Capela Sixtina”, — *“andar efeminado”* — seria melhor dizer, amolengado — *“produzido por corpos impressionantes pela largura de ancas e extraordinário desenvolvimento do femur e da tíbia, de sorte que, ao sentar, lhes chegam os joelhos quase ao queixo. É fato curioso, o desproporcionado desenvolvimento fora do natural das extremidades inferiores, que também se nota no galo capão”*.

A informação mais curiosa e demorada a respeito de músicos no Rio em 1817, versa porém, um guitarrista. Exibiu-se perante franceses na casa de ricos mercadores espanhóis, representantes no Rio de firma uruguaia que tinham casa aberta e numerosas relações com outros estrangeiros. Dizia o viajante ao comentar a festa: *“Je fus passer la soirée*

chez M. Augustin de Lizaur... Nous entendimes... un mulâtre nommé Manoel (93), très habile guitariste, et dont le talent sur cet instrument est à peine croyable. On assure qu'il s'est formé lui même, et c'est pour cela sans doute que son jeu est si original. Excellent pour la pratique, on dit qu'il est hors d'état de lire et d'écrire une ligne de musique; mais il exécute les morceaux les plus difficiles et les varie de mille façons, pourvu qu'on les ait joués une seule fois devant lui. Son sens musical est si exquis, que je l'ai vu une fois prêt à prendre la fuite, parce qu'un enfant faisoit un peu de bruit dans une salle voisine de celle où il jouoit. Sous ses doigts la guitare n'est plus un instrument vulgaire, c'est une harmonie inaccoutumée et délicieuse qu'on diroit venir du ciel, et qu'il est impossible de concevoir sans l'avoir entendue. Je me rappelle l'habileté de quelques uns des plus fameux guitaristes qui ont visité Paris, et plus particulièrement celle du célèbre Sor; eh bien! je le jeu de Manoel est de beaucoup superior, et l'on peut dire a fait inimitable. Au reste ce mulâtre compose de fort jolies pièces. mais il faut qu'on les lui note. On en a publié il y a quelques années, un recueil intéressant à Paris". Aludia o viajante ao album de "modinhas", pouco antes divulgado na França por Sigismund Neukomm, geralmente executadas no Rio com acompanhamento de violão, entre outras razões, pela raridade de pianos.

A esses profissionais bafejava na capital o favor público de pessoas ricas ou afeiçoadas a qualquer gênero de música, porém, faltava o do soberano. De tudo que nos dizem viajantes e mais informadores da época, D. João VI só se interessava pela música sacra, principalmente do modo como os portugueses a compreendiam, pois abrangia desde o estilo gregoriano ao de Ópera Buffa; "Il y en avait pour tous les goûts". Já antes de deixar Mafra para o voluntário exílio, recomendara D. João ao guardião do mosteiro, que lhe mandasse quando fosse possível notícia das funções musi-

(93) O guitarrista Joaquim Manoel, figura obrigatória das reuniões realizadas em casas ricas do Rio de Janeiro, ao qual se atribue a invenção do Cavaquinho, instrumento de música semelhante à viola, com quatro cordas.

cais executadas pelos frades seus amigos. Cumprindo as ordens do Regente, descrevia pormenorizadamente Fr. Gaspar de Maria Santíssima as vésperas, “tresenas”, matinas, tércias, missas pequenas ou Eleutério, responsos, etc. . . do comum e das festividades. Serviu tanto apego ao gênero eclesiástico de pretexto para pouco depois, nas côrtes constituintes de 1822, em Lisboa, troar o deputado Borges Carneiro contra “o cancro que vivia à custa dos tributos do povo todo e que só servia para gáudio e regalo de meia duzia”. (94) Hoje muito se escandalizam autores modernos sobre a incompreensão dos constituintes, a combater o que devia ser motivo de ufania para o país, e, assim sendo, prestigiado pelo governo. Em região, assunto e escala diversa, sucedeu coisa algo parecida na Baviera, onde os contribuintes movidos pelo zelo do bem público estadeado por demagogos, insurgiam-se contra as despesas suntuárias de Luis II, que se tornaram pouco depois as maiores fontes de renda turística local, animadoras da indústria e do comércio de toda a Alemanha.

No Rio, o exclusivismo do Príncipe apresentou, contudo, o grave defeito de excluir a maior diversão da nata culta dos cariocas, ou seja o teatro, das boas graças do tesouro. Como vimos, fôra a casa do Campo de Sant’Ana construída por iniciativa do barbeiro Fernando José de Almeida, mulato provavelmente baiano, a poder de loterias e mais expedientes semelhantes aos de Pina Manique em Lisboa, por contar com minguido apoio no Paço. O favor do público recompensou o fígaro, segundo um alemão e o êxito dos espetáculos teatrais dera para pagar despesas atrasadas e garantir a independência do empresário. O teatro S. João impressionava favoravelmente aos habitantes da cidade, e até a estrangeiros inclinados, como bons turistas a tudo criticar no sítio onde viajam. Acerca das representações refere-se um deles a Madama Gabini: “*eine kleine, niedlich, sehr lebhaftige Frau, mit feuringen Augen, denjenigen der Madame Catalani aehnlich*”, a qual em com-

(94) Mario de Sampaio Ribeiro. “A música em Portugal”, Lisboa, 1938.

panhia da Senhorita Faschiotti, irmã e aluna do castrado de igual nome, cantava na ópera *Tancredi*. O mesmo mercenário gaba a boa aparência e os dotes vocais da rapariga, com apenas dezoito anos de idade, motivo de ainda lhe faltar desenvoltura de cena, mas o defeito havia de se corrigir com as lições do irmão. Mesmo assim, portava-se a contento na ópera "*Caccia de Enrico IV*", em que figurava mais tarde em companhia do soprano quando este substituiu Madama Gabini no *Tancredi*. O confronto era trabalhoso para o sucessor, porquanto a prima-dona desempenhava a sua parte com muito sentimento no recitativo "*O patria dolce!*"; todavia, outro alemão reconhece a superior qualidade de Faschiotti, que já ouvira antes na capela real: "*Die Discant Partien werden von Castraten ausgeführt worunter sich vorzueglich Fasciotti durch die Reinheit und Staerke seiner Stime auszeichnet*". Havia também tenor magrissimo, muito afetado, "*ueberhaupt franzoesische Gewandheit*", porém "*recht brav*", isto é, apreciável, que o tornava a coqueluche das damas cariocas.

A respeito de Faschiotti, sem dúvida a figura mais importante do conjunto musical importado por D. João VI, há mais notícias de diversas fontes, das quais o depoimento de oficial de marinha francês, que o ouvira cantar música religiosa e profana: "*La musique (da capela real) était excellente, et parmi les chantres s'en trouvait un de six pieds de haut pour le moins (que nous vimes plus tard au théâtre dans le rôle de Tancrede) dont la figure d'enfant de chœur et la voix de castrat contrastaient d'étrange manière avec les formes colossales*". Era o caso dos versinhos de Parini:

*"Aborro sulla scena
Un canoro elefante
Che si strascina appena
Sulle adipose piante,
E manda per gran foce
Di bocca un fil di voce".*

Desamparada pelo poder público, a orquestra não se comparava com a da capela real. Acresce a campanha movida segundo Marrocos contra o S. João por Marcos Portugal, pelo fato de o não quererem nomear diretor da casa, com 2.000\$000 de ordenado e o melhor “*camarote da bocca*”. Para se vingar “*tem-se empenhado em desviar os Actores, e para tal fim obriga-os a exigir grandes mezadas*”. Assim sendo, sofria o teatro altos e baixos. Alguns professores da orquestra demonstravam proficiência, como — por exemplo — o francês flautista. Os violinos, infelizmente, estavam aquém de toda crítica. Em compensação o mercenário alemão gaba o violoncelista que executava o adágio solo de *Tancredi* com tão impressionante sentimento: “*das ich erstaunte und ohne Uebertreibung den Kapellmeister Romberg zu hoeren glaubte*”. Que maior elogio possível? Interessado pelo portento, veio, porém, a saber o dito mercenário, depois de indagações, que o músico era algo tonto: “*er etwas wahnsinning sei*” mas o pior na sua opinião, era desandarem os maestros na prática de reprováveis liberdades com o texto das óperas, modificando-as quando as não mutilavam, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Neste ponto discordamos do paciente espírito germânico e damos razão aos mutiladores, pois, esses trabalhos, realizados ao gosto da Escola Napolitana, inçados de intermináveis recitativos, arrastando-se indefinidamente até surgir a esperada ária especialmente escrita para a voz de um Caffarelli ou Gizziello, a qual perfazia com o bailado, os únicos trechos interessantes de todo o espetáculo, podiam perfeitamente ser reduzidos sem prejuizo de suas qualidades, talvez com grande benefício. . .

O outro motivo de atração eram as danças. Pareciam de muito superiores à orquestra graças ao casal Lacombe, chegado ao Rio em 1811, ano em que anunciava oferecer aulas particulares a “*peessoas civilizadas*”, desejosas de aprender danças “*próprias de sociedade*”. Os Lacombe empre-saram o setor do baile de parceria com outro casal francês, Mr. et Mme. Toussaint, egresso do teatro da Porte Saint Martin. Não se arreceavam depois de organizar o conjunto

de dançarinas, em trazer à cena “*grosse Sachen*”, diz o mercenário, como a *Morte de Pirro, Paulo e Virginia*, etc... e também as tais danças qualificadas de “*engraçadas*”, que seriam de tipo regional ou chamadas “*exóticas*”. Acrescentava o alemão que os proventos do teatro, mais os das aulas particulares e festas da côrte como a de São Cristovam por ocasião do aniversário da Arquiduquesa, permitiam ao casal Lacombe auferir “*ein huebsches Stueck Geld*” com que em breve voltaria rico à França.

O mesmo informante descreve um ensaio a que assistiu, onde Mr. Lacombe e Mr. Toussaint ficaram alagados de tanto transpirar no calor carioca, agasalhando-se ao depois em cobertores e deitando-se a fim de evitar resfriados, ao invés de tomar um banho como hoje fariam mais asseadamente. Por sinal, elogiava a estética Madame Toussaint a despeito do seu exuberante “*embonpoint*”. Era uma “*schoene Frau, etwas stark*”, que nos seus primeiros tempos de Rio de Janeiro padecera muitas tentações — inevitáveis armadilhas dispostas ante graciosa parisiense no meio da negrada, cuja presença alvoroçava a fidalguia lisboeta privada das saloias com que antigamente se desfasiava — mas depois de algum tempo volvera ao bom caminho e vivia perfeitamente com o esposo, de modo a merecer a devida consideração “*der ganzen Stadt*”. Havia igualmente no corpo de baile, além de franceses, um jovem espanhol que dançava muito bem, “*recht brav*”, de parceria com sua irmã e uma trêfega mulatinha, a qual quando se exhibia num “*solo*”, parecia picada por tarântula de tanto saracotear.

Desta atividade, o que mais seguramente remanesceu por dilatado espaço no Brasil foi a música da capela, primeiro Real e em seguida Imperial. Herdara D. Pedro Primeiro a melomania dos Braganças, que nele se manifestava em veleidades de compositor. Escrevera o maestro Neukomm; especializado em arranjos de trechos “*a quatro mãos*” destinados ao Príncipe Herdeiro e D. Leopoldina; a *Marche Triomphale* oferecida à Princesa no dia de seu aniversário, e reduções da *Ouverture de Titus, Flauta*

Mágica, Targines ou *Califa de Bagdad*. São conhecidas as músicas que D. Pedro compos com auxílio do maestro-pianista. Enlevada pelo talento do esposo, sequiosa de o valorizar aos olhos da família, algo alarmada pela presença na côrte fluminense da então Viscondessa de Santos — pouco atraente, dizia um viajante que a vira no teatro, “*sa physionomie brésilienne n’avait rien de gracieux*” — mandara alguns exemplares desses trabalhos ao pai, sem grande êxito, porém, provavelmente porque S. M. Apostólica estava habituada a música de estilo mais sério do que as composições do genro. Não obstante, perdurou no Rio a tradição artística formada no tempo de D. João, porquanto verberava o acerbo pequeno gascão Gobineau — meão, moreno, saltitante e empafioso como autêntico meridional francês — a música da capela sob seu protetor D. Pedro II. O nosso segundo soberano era, destarte, protetor de ambos, da música e de Gobineau, que, segundo a Princesa Isabel, vivia “mordendo” seu pai. Talvez considerasse o irrequieto diplomata alta homenagem prestada ao Imperante aquela fúria mordedora, assim distinguido por ser filho de Arquiduquesa da Áustria, pertencente à loira raça superior germânica que ele tanto reverenciava e porisso se dignara elevar D. Pedro II a mecenas. . .

Neste período decorreu no Rio a evolução da arte musical e teatral, ainda reduzida a bonifrates no tempos dos primeiros Vice-Reis, com a sua pequena orquestra em que tocava “*un anglais qui jouait excellemment de la flûte traversière*”, ou nas Minas Geraes com o seu impressionante conjunto de compositores mestiços que antecedia José Maurício. Consistiu, pois, na música sacra, graças à predileção do Príncipe, o maior acontecimento artístico registado no Brasil em consequência da vinda da côrte portuguesa.

MALAS ARTES

Malogro da missão artística

O CORREU provavelmente no Brasil a maior sensação de Ender no domínio artístico durante a viagem, pelo fato de aí encontrar a missão francesa. Organizada um ano antes da sua vinda, era composta de pintores, escultores, arquitetos e outras profissões, escolhidos entre os artistas mais em vista de Paris no fim do Império. Dada a admiração do vienense pela arte francesa — mais tarde realizou um estágio para fins de aperfeiçoamento na capital da França — é lícito conjecturar a afobação do jovem ao saber da existência desse conjunto na mesma cidade em que aportara. O que faziam ou não faziam os seus componentes, deve ter sido a preocupação do ambicioso rapaz sendo lícito conjeturar que os tenha frequentado, ou, pelo menos, conhecido em festas da côrte ou concertos e igreja, posto aí se diferenciasse o católico bem pensante, protegido pelo reacionário Meternich, dos franceses bonapartistas, quiçá pedreiros-livres e ateus da missão.

Admittamos, porém, que os tenha visto na Aclamação de D. João, pois tanto Ender como Ipólito Taunay e Debret deixaram vistas da cerimônia, tomadas mais ou menos do mesmo ponto. Não é crível, num meio tão acaanhado como o do Rio de Janeiro daquele tempo, pudessem ignorar-se oficiais do mesmo ofício e de igual porte. Tanto mais, que os enfeites estilo império do casarão oferecido pelo

Intendente Paulo Fernandes ao Embaixador Especial Conde de Elz, visivelmente decorriam do pintor ou do arquiteto parisiense, ou de ambos, pouco antes de lá entrarem os austríacos. Nada encontramos a respeito na correspondência do vienense mas está longe de ser desarrazoada a suposição pelo fato de justamente nas festas da chegada da Arquiduquesa, logo seguida das cerimônias da Aclamação, mais se distinguirem os franceses, a levantar arcos de triunfo, armar galerias e arquibancadas de madeira para corridas de touros no Campo de Sant'Ana, e mais manifestações de atividade, em que se admirava a famosa alegoria no pano de boca pintado por Debret no Teatro São João, destinada às funções onde a Embaixada da Áustria tinha precedência sobre as demais.

Os missionários artísticos muito se agitaram naquele período, antes do cansaço, e principalmente, desânimo causado pela incompreensão do meio. A iniciativa de sua vinda pertencera mais ao Conde da Barca, ansioso "*comme tout le monde*" por incentivar o progresso do Brasil, que predileção da família real. Consentira D. João em posar para Debret, mas continuava fiel aos arquitetos portugueses nas obras da Quinta da Boa Vista, e se acaso recorria a um profissional estrangeiro; visto a incapacidade dos seus protegidos; chamava um medíocre mestre de obras inglês em vez do consagrado discípulo de Percier et Fontaine — Grandjean de Montigny — o qual antes de vir ao Brasil, reformara em Cassel para Jerónimo Bonaparte com gerais aplausos o castelo de Willemshohe.

No interior das régias habitações reinava igual mau gosto. Noticiam os viajantes que iam à Quinta cumprimentar D. João, a incrível ornamentação da sala do trono, onde el-Rei os recebia sentado entre dois enormes anjos prateados à guisa de suporte de cortinas brancas. Não admira esta orientação admitir a fachada néo-gótica na residência suburbana dos Príncipes, fruto do engenho de Mister Johnson, que para cá viera juntamente com o portão presenteado por um aristocrata inglês ao soberano do Reino Unido. Possivelmente a dádiva provocou a vinda daquele mestre

de obras, estabelecido em Portugal como especialista em cantaria. Ora, no momento dominava a moda dos castelos roqueiros, incentivada na Europa pelos romances de Walter Scott, às voltas moças românticas com *Ivanhoe* e rapazes com *Maria Stuart*, o que explica a aceitação do estilo. Mas o resultado no Rio foi tão medíocre que em pouco pareceu necessário reformar a fachada assim que se cogitou de novos aumentos no palácio.

Os personagens da côrte, pensionados como estavam pelo tesouro, escassa inclinação teriam por despesas e pouco encomendavam aos franceses. Os retratos que os Marqueses de Bellas pediram a Nicolau António Taunay, representam exceção. Correu rumor durante algum tempo de que o governo tencionava levantar na ponta do Caju um palácio, no custo de 17 milhões, para D. Carlota Joaquina e os filhos que em sua companhia viviam, porém não passou de projeto. A Duquesa de Cadaval, possuidora de grande fortuna na Europa e altos vencimentos no Rio de Janeiro, francesa de nascença, interessou-se também pela construção de uma residência digna da sua jerarquia, mas não passou da intenção, que era boa. Todos aqueles figurões se consideravam exilados, sem idéia de criarem raízes no Brasil, e o menosprezo ocorrido na Quinta, fôra muito sensível aos franceses por se tratar da ala nova do edificio destinada ao Príncipe Herdeiro e D. Leopoldina. Do mesmo modo feria-os não serem chamados para opinar a respeito da chamada "*Casa de D. Pedro*" levantada perto do principal corpo da construção.

Por certo atribuiriam os artistas preteridos aquela repetição de desaires à intrigas que já antes de sua chegada lavravam na côrte, pintando-os como adeptos do antigo Imperador dos franceses. De princípio, foram amigavelmente recebidos na residência do Conde da Barca e a seguir sustentados pela real casa até se formar a Academia⁽⁹⁵⁾. Depois da morte do seu principal protetor, embora conti-

(95) Escreve um dos beneficiados: "*Un sergent fut nommé pour nous servir d'interprète et nous procurer ce dont nous pourrions avoir besoin, surtout nos repas qui étalent apportés par des esclaves aux heures convenables*".

nuaassem com apoio de Targini e de algumas outras autoridades, viram-se quase abandonados por quem os devia razoavelmente amparar. Acresce que Targini, espírito nacionalista, protegia a Enrique José da Silva, pintor português de escasso talento, pôsto esforçado, que foi o mais tenaz e eficiente inimigo da missão francesa no Rio de Janeiro.

Nessas condições não tardou a se entenebrecer o ânimo dos expedicionários, a se desavirem entre si de modo deplorável. Houve além disso alguns abusos de sua parte. As agruras da época e falta de prudência do cavalheiro Lebreton, chefe da missão, cuja maior notoriedade provinha da campanha que na França encabeçara contra o famoso David, inspiraram-lhe a má idéia de trazer consigo à custa dos cofres públicos, um colaborador — ou cúmplice, diziam os franceses — na pessoa de um tal Dillon, cujas funções parecem enigmáticas. Documentos sobre a época aparecidos recentemente dão-no como negociante, a explicar a sua presença junto de compatriota ansioso por arranjar a vida. Nas folhas de pagamento auferia o mesmo que N. A. Taunay, pintor de nomeada, membro do Instituto de França, ao passo que ele, Dillon, era intruso nos meios artísticos. Não devia, entretanto, ser de todo destituído de qualidades, pois procedeu com acerto ao proteger o jovem pintor Ércules Florence, quanto este, à cata de aventuras, apareceu completamente desvalido no Rio de Janeiro.

Ender estava inteirado desses falatórios, que maior campo encontravam nos meios diplomáticos, se porventura ali não se originassem. A correspondência dos agentes oficiais da França no Brasil é muito elucidativa sobre a fonte de muitas malquerenças contra os missionários. Ocupava no momento o cargo de Consul Geral de Luis XVIII no Rio de Janeiro, o antigo “emigré” Maler, jactancioso gascão, particularmente infenso a Lebreton, o qual, além de egresso do clero, tivera participação nos recentes excessos revolucionários que tinham ensanguentado a França. Ad instar de muitos nas mesmas condições, o secretário do conjunto artístico tornara-se bonapartista ferrenho depois do ocaso da Revolução. A volta dos Bourbons de princípio

o esquecera, mas os “*Cem Dias*” desencadearam finalmente a ira dos reacionários e o que dantes era chamada longanimidade foi chamado fraqueza, e as perseguições começaram e perdeu em França Lebreton o cargo de secretário reorganizador da seção de Belas Artes do Instituto de Paris. Segundo corria na época, advertira o Imperador da Áustria — melhor diríamos Metternich — a D. João, acerca do perigo representado pelos franceses numa terra nova e indefesa como a América. Pois não pretendia um tal Huet-Perdoux ser nomeado diretor da Biblioteca Real, de onde poderia inundar o Brasil com panfletos subersivos! Energicamente a isto se opoz Maler e apesar das recomendações com que se apresentara o candidato conseguiu impedir a sua nomeação. Outro aventureiro perigoso era um Coronel Cailhé, ex-revolucionário de que mais adiante falaremos e uma suposta filha do general Pichegru, que logrou auxílios da família real sob falsas alegações, não faltando na lista Madame de Ranchoup, tida por ex-amante de Napoleão durante a campanha do Egito, onde o seu esposo desempenhava funções de oficial do exército.

D. João era facilmente impressionável, traço do seu carater que o levava a professar aversão a novidades em geral e políticas em particular, ponto em que se irmanava com o famoso Chanceler da Áustria e por completo se distanciava do filho D. Pedro. Não era preciso mais para ele se afligir com a presença dos partidários não só de Napoleão de horrída memória, como das idéias incendiárias que o curso deixara atras de si. Se bem o Príncipe nada praticasse contra os refugiados que surgiam na capital do Reino Unido, recomendou, ao que parece, vigiasse o Consul da França os seus indesejáveis compatriotas. Comunicava em 1818 D. João ao Núncio, que se encontrava pronta nos Estados Unidos uma flotilha destinada a libertar Napoleão, tendo também recebido igual aviso, o Conde de Elz, do Ministro do Exterior. A partir do restabelecimento da paz, começaram a aparecer no Rio europeus partidários de doutrinas políticas mal vistas pelos momentâneos senhores do Velho Mundo. Foi o caso de Pedro de Ângelis, fugido de

Nápoles para se tornar aráuto de Rosas em Buenos Aires, assim como muitos mais. Diariamente desembarcava um francês no cais do Paço na qualidade de comerciante, mestre de baile, cozinheiro-restaurador, pintor ou jornalista. Sucediã-se o Coronel bonapartista Cailhé, antigo revolucionário tornado batoteiro, que se propoz em companhia de sócios, indivíduos do mesmo naipe, estabelecer na capital do Reino Unido o jogo lícito, a troco do que, sustentaria organização de utilidade pública; o empreiteiro Bouch, que por ocasião das festas aclamatórias foi encarregado da iluminação e ornamentação da fachada da casa do Intendente da Polícia e levantou o arco do triunfo encomendado pelo comendador Sequeira frente à sua casa em Mata-Porcos; o miniaturista Grain que Ferdinand Denis encontrou em 1817 em casa dos Taunay; o mercador Gendrin, e os seus companheiros mencionados no livro de viagem; os dançarinos do teatro da Ópera; os comerciantes de que fala Marrocos que inundaram o Rio com as últimas criações da moda parisiense; o especulador Conde d'Armerval que se fixou no Brasil com a família e deixou numerosa descendência, e um antigo "planteur" de São Domingos, provavelmente de Scée, o mais importante fazendeiro dos subúrbios cariocas, o qual, segundo Golovnin, teria comprado extensa gleba na Tijuca, muitos escravos, e alí plantara, por volta de 1817, cinquenta mil pés de café. Não faltou sequer na lista um antigo general de Napoleão considerado dos mais destacados da recém-extinta *Grande Armée*.

A maior parte pertencia à imensa coórte dos marginais da sociedade europeia, produto das guerras do fim do século 18 e princípios do 19, que não tinham mais funções nem razão de ser. Procuravam os governos desvencilhar-se daqueles profissionais de arte bélica, de sorte que, premidos pela Restauração, os veteranos de Napoleão iam para os "*Champs d'Asile*" dos EE. UU. onde também se fixou o pirata Lafite; os portugueses para o Prata; os ex-marujos da frota inglesa se transformavam no Chile e na Argentina em corsários parecidos com meros flibusteiros, e os russos cogitavam de intervenções na América do Sul para entreter

fora de fronteiras legiões tornadas inúteis, quando não perigosas. Andava afobado o pobre Maler, sobre o qual pesava dupla responsabilidade — de súdito francês obrigado a se desvelar pela segurança do seu soberano e de pensionista do governo português temeroso da reaparição do fantasma corso fugido de Santa Elena. Situada a prisão do ex-Imperador entre o Brasil e possessões britânicas, na rota marítima da Europa para a Índia com escala no Rio de Janeiro, era mister observar atentamente as numerosas embarcações que iam e vinham entre os dois portos destinadas a abastecer com gêneros brasileiros a ilha-presídio do avantesma.

Costumavam pessoas do séquito do exilado encomendar aos capitães dos navios para lhes comprar no Rio o que porventura necessitassem na ilha. Vibravam de entusiasmo, os bonapartistas estabelecidos na rua do Ouvidor, com essas comunicações, tendo chegado um deles a beijar em público velho chinelo da Marechala Bertrand, meia irmã da famosa memorialista Marquesa de la Tour de Pin, que lhe viera ter às mãos como modelo. O logista autor dessas escandalosas expansões, segundo Mr. Maler, chamava à cliente "*La Grande Marechalle*" além de outros disparates de igual jaez. À vista disso, tomara o Consul cautelas de acordo com autoridades inglesas para que houvesse rigorosa vigilância a bordo, medida complementar do seu ativo serviço de informações na cidade, que lhe permitia, dizia em ofício datado de 1818, acompanhar de perto qualquer eventual tentativa de liberação do abominável inimigo de S. S. M. M. Cristianíssimas e Fidelíssimas.

A falta de correspondência do meio, que não compreendia a missão artística, e por ela não era compreendido, foi das maiores causas do escasso resultado que deu durante o longo tempo da sua estada no Rio. Chegavam, entretanto, cheios de entusiasmo, os missionários na Canaã que se lhes deparava. A época marcava o auge do movimento romântico, quando finalmente se expandiam no domínio das Belas Artes, os exotismos de Bernardin de Saint Pierre e de Parny, influenciados por sua vez pelo culto à natureza de Rousseau.

Bem pagos e bem dispostos, pretenderam logo trabalhar, mas aos poucos arrefeceram, não se compreendendo de outra maneira como tanta gente contratada para fomentar o gosto das artes através de sua atividade, colhesse tão escasso resultado. Daí por diante, participavam da balda comum aos artistas atraídos na Guanabara, a se queixarem do calor pouco convidativo para o trabalho em meio de gente ignara ou hostil. Ender também se carpia amargamente do clima e, no entanto, deixou em menos de um ano enorme acervo de grandes e pequenas paisagens a lapis, sépia, nanquim ou aguarela, em que anotava aspectos da natureza tropical até ínfimos pormenores. Causa espanto a paciência com que desenhou a vegetação de campos, capoeiras e florestas ou vistas do centro da cidade ou de subúrbios, com incansável aplicação. A “*chaleur carioc*” e depressão consequente não explicam o fracasso dos franceses; o mais provável seria acontecer com os seus componentes o mesmo que sucedeu aos imigrantes suíços de Nova Friburgo, de começo mui esperançados, a seguir desiludidos pela falta de esquadro para a sua produção.

Teoricamente, no pensamento dos idealizadores da grande empresa cultural, Humboldt, Barca e outros bem intencionados, incumbia aos missionários transformar o Rio de Janeiro de acanhada cidade dos tempos coloniais em grande capital moderna. Deveria ser a repetição de São Petersburgo e Odessa na Rússia, cidades que se desenvolveram norteadas por planos preconcebidos, obra a ser iniciada no Brasil pelos técnicos franceses e continuada pelos discípulos que deixariam atrás de si. Inoculado o vírus do culto ao belo na população — ou pelo menos, na sua elite — o resto se faria por si, de modo a levantar-se pouco a pouco, naquele rincão sul-americano, cópia de cidades francesas, obedientes aos mesmos cânones estéticos, sem embargo do clima, costume, tradições, necessidades e índole dos habitantes serem diversos. Um fato parecia querer auxiliar a realização do grandioso plano — o surto de atividades que então se manifestou incentivado pela chegada da côrte, centralização política no Rio e desenvolvimento

da produção caféeira local. Marrocos em 1816, um ano antes da chegada de Ender, escrevia: *“este porto vae se fazendo muito vistoso pelas immensas embarcações que se vão amontoando, alegrando as nossas vistas, todas as que vem da costa do Norte, Russas, Holandezas, Suecas, Dinamarquezas, Prussianas, Austriacas e todos mais reinos e principados. . . tudo, felices consequencias da alliança geral daquellas potencias comnosco”*.

O termo empregado pelo escriba no arroubo *“alegrando”*, diz bem da euforia que após o pesadelo guerreiro se estendeu sobre o mundo. Acrescentava o mesmo Marrocos notícias acerca do restabelecimento de relações comerciais com a França, de onde chegavam navios com muitas modas, enfeites e *“bugiarias”*, prestigiados pela fama do gosto parisiense. Podia-se, com alguma imaginação, reconstituir o passado quando os Mairs se entendiam com as tribos do litoral e conservavam ilusão de alí monopolizar o tráfico do pau de tinturaria.

A respeito, escrevia Saint-Hilaire na já citada carta ao Conde de Lescarene, *“On s’imagine en France que les richesses abondent dans ce pays et il est réellement pauvre. On croit les habitans livrés à la superstition, et ils vivent en matière de religion dans la plus complète indifférence, observent à peine quelques légers restes de pratiques extérieures. J’ai vu des artistes Français envier le sort de ceux que le gouvernement Portugais a fait venir à Rio Janeiro, mais comment ces derniers pouvoient-ils être appréciés et occupés dans un pays où l’on n’a pas la plus légère notion des arts. . . Permettez moi seulement de vous faire part d’un voeu que j’ai formé plus d’une fois. Comme je vous le disais tout à l’heure il arrive ici tous les jours une foule de Français qui, trompés par des rapports mensongers, se persuadent qu’il suffit de mettre le pied au Brésil pour y faire fortune, et qui ne tardent pas a se repentir d’avoir entrepris se voyage: tous apportent de fausse bijouterie, des montres, des papiers peints, et faute de débouchés ces articles que l’on plaçait il y a six mois 300 % de bénéfice ne se vendent plus en gros qu’au prix courant”*, e aconselhava à vista da

calamitosa situação para os especuladores seus patrícios, *“ce seroit rendre, il me semble, un très grand service que de faire faire quelques articles de journaux pour desabuser nos compatriotes de l'illusion qu'ils font sur ce pays”*.

Exigiam aquelas condições um grande esforço comercial por parte dos franceses, levando em conta a vantagem dos ingleses que, nos ajustes com Portugal, tinham imposto mais 15% “ad valorem” sobre as mercadorias de procedência não britânica importadas pelo Brasil. Escrevia sobre artigos da França, o bibliotecário à família em Lisboa: *“são mais baratas que as inglesas... ainda esta semana tive em minha casa 3 vestidos de seda, bordados de palheta de prata, para ajustar, mas achei muito caro o preço de cada hum, que era cinco doblas... Já vão apparecendo aqui muitos Francezes que são reconhecidos pelo tópe branco”*, mas o escriba lhes conservava tal aversão pelo que tinham cometido em sua terra, que a despeito da *“cocarde blanche”*, aparente preito de fidelidade a Luis XVIII, *“não posso olhar direito para elles; e para mim aquilo ficou sendo nação detestável”*.

Traduzia no seu final o pensar de muita gente no povo e na cõrte. Não admira, assim, depois de afastadas as possibilidades de o Príncipe e governo tornarem logo a Portugal, apparecesse para franceses trabalho nas habitações reais. Dava-se preferência ao medíocre José da Costa ou a Mister Johnson, que levava sobre os concorrentes a vantagem de pertencer a nação aliada. Por sinal, parece estranho ele empregar estilo gótico na reforma da Quinta da Boa Vista, pelo fato de o portão, presente do Duque de Northumberland ao nosso Regente provir de desenhos dos Adams para Sion House. Em dado momento os famosos arquitetos, também foram contagiados pelo medieval que campeava epidêmico, mas a casa de campo solar dos Dudley onde tinham levantado o portão modelo do erigido em São Cristovam, obedecia à linha de edificações realizadas em Kedleston, Osterley Park, Harewood ou em Londres no n. 20 de Regent Street e na residência de Lord Derby, considerados equivalentes na Inglaterra ao estilo Luis XVI na

França. A proposital omissão, era, destarte, motivo de recrescer o travo de Grandjean, Taunay e Debret, de mais a mais, convictos com razão de serem infinitamente superiores aos preferidos.

Tampouco, os particulares brasileiros ou portugueses radicados no Rio, os encarregavam de lhes planejar habitações. Noticiava Maler, em comunicação oficial, a construção de mais de 600 residências na cidade e 150 chácaras suburbanas no período de 1800 a 1818, sem alusão a obras particulares de elementos franceses, que estavam no Rio desde 1816. Começava pelo seu próprio protetor, o Conde da Barca, que preferia reformar casas velhas a levantar novas com auxílio de seus protegidos. Registrava-se também marcada preferência de pessoas ricas pelo barroco luso com forte influência extremo-oriental, ao Empire francês, e, se acaso recorriam a estilo estrangeiro, chamavam Mister Johnson, como sucedeu com o Visconde do Rio Seco no casarão do campo dos Ciganos ⁽⁹⁶⁾, ou a Dom Francisco de Almeida que, para a casa do filho noivo, encomendara móveis e mais pertences decorativos na Inglaterra. Vemos, assim, a nova burguesia e a velha aristocracia adotarem simultaneamente diretrizes artísticas emanadas de desafetos dos missionários.

Tampouco foram chamados a opinar sobre qualquer reforma do pequeno teatro que se adaptara "*no sitio de Botafogo*" para divertimento das filhas de D. Carlota Joaquina, pois esta os detestava. A situação dos artistas se tornaria crítica entre a campanha que lhes moviam os concorrentes portugueses e a preferência de pessoas endinheiradas pelas modas inglesas, se não intervisse António de Araujo a seu favor. Conseguiu o Conde da Barca que se lhes confiasse a construção da monumental Escola de Belas Artes sob planos e direção de Grandjean de Montigny. Fachada severa, revelavam as suas linhas clássicas o estâgio do arquiteto na Itália, onde estudara os valores

(96) Ao que parece, mais tarde sede, ou pelo menos, residência do Ministro do Interior depois da partida do titular para Portugal em 1821.

decorativos de palácios, igrejas, capelas e túmulos no afã de aprimorar os seus recursos. Infelizmente o edifício começado sob tão bons auspícios arrastou a sua terminação e como tivesse poucos alunos, cedeu lugar ao Tesouro, que dele para sempre se apossou. Outra obra do mesmo tempo e nas mesmas condições, foi a Casa da Bolsa, encomendada a Grandjean, juntamente com o mercado, erigido em 1820 em alfândega, construção que por largo espaço conservou traços do projeto primitivo.

Com os pintores sucedia cousa parecida. O decano Taunay, chefe de uma notavel família de artistas, hoje considerado corifeu dos "*petits maîtres*" parisienses do fim do século 18 e princípios do 19, pouco teve que fazer e os trabalhos que lhe encomendaram, como os retratos das infantas casadas em Espanha, passaram por Goyas. Alguns figurões, a pedido do Conde da Barca, pretenderam também retratos, mas acabaram indispondo-se com Nicolau António por este terminantemente se recusar a embelezalos. Os encomendados pelos Marqueses de Bellas seriam, talvez, mais provenientes do fato de serem vizinhos seus no outeiro da Glória, que inspirados pelo valor do retratista, mas não se sabe de todo se os fidalgos aproveitaram no interior da residência o talento decorativo de quem lhes estava à mão. Outro vizinho era a viuva do Conde de Linhares, possuidora de uma das melhores chácaras do Rio de Janeiro, cuja sede era digna do pincel taunésico, segundo nos diz a descrição de uma francesa viajante. Provida de "*appartements superbes*", dispunha, para mais "*d'un jardin immense rempli de fleurs et de fruits. Placés sur une petite éminence, la maison avait une vue magnifique: on voyait toute la rade et on dominait une grande partie de la ville*". Ali perto estava a capela da Glória, fundada em 1720 e reconstruída em 1818, tal como ainda hoje se encontra, por ordem de D. Carlota Joaquina. A viajante autora da notícia alugou a chácara para aí estabelecer o quartel-general das observações da missão científica de que fazia parte. Infelizmente o administrador da Condessa viuva, fosse por despeito por não ter sido ouvido, ou por qualquer outro

motivo, rompeu o contrato dando-o por prejudicial à cliente, o que forçou os cientistas a procurar outra casa. No momento não era fácil descobrir no Rio alojamento, prejudicada a cidade pelas “aposentadorias” que tinham retardado até 1818 a construção das habitações requeridas pelo contínuo afluxo de novos habitantes. Era mais um caso de nefasta ingerência do poder público na vida privada dos súditos de S. M. Graças, porém, aos esforços do Conde de Gestas, empenhado em conseguir pouso para os seus patrícios, foram ter a uma casinha próxima de propriedade de Nicolau Taunay, onde permaneceram até completar os trabalhos.

Os hospedeiros, Taunay pai e filhos, irmão e sobrinho, ocupavam-se com labores artísticos inspirados pela natureza tropical, ao depois remetidos à Europa por falta de quem os comprasse no Brasil. Dividia o chefe da família o seu tempo entre o bairro da Glória e a cascatinha da Tijuca, onde mandara levantar uma casa. Ender nos dá esboço do primitivo galpão que aí existia quando em 1817 o pintor comprou o sítio delimitado pela propriedade da Condessa de Roquefeuil, nas proximidades de um tal Lopes, do Conde de Scée e do vendedor de uma gleba ao futuro Marquês de Maceió, genro de Fernando Carneiro Leão. Os viajantes enaltecem o recanto digno de esteta europeu interessado em paisagem tropical, onde se via a cascatinha cair do alto sobre rochedos, sombreada por luxuriante vegetação num quadro de sonho. Menos feliz, ou menos sábio, o secretário Lebreton, desiludido e amargurado, vigiado por Maler, retirou-se numa modesta casinha da praia do Flamengo, onde vegetou obscuramente até morrer. Dele se sabe pouca coisa a justificar a sua presença na missão, pois conhecemos apenas uma pequena aguarela sua hoje na coleção Marcelino de Carvalho, representando bananais em Santos com data de 1817. Os menos importantes do conjunto, que seriam entre os artistas Debret e entre os artífices Ovide, foram os de maior préstimo. Grandjean pouco trabalhou para particulares no tempo de D. João VI. Só mais tarde recebeu algumas encomendas, atribuindo-se-lhe

magestosa vivenda no Passeio Público, com a particularidade de ter duas fachadas, a da frente em linhas clássicas muito simples e a posterior formada por colunata semi-circular de curioso efeito, em puro estilo Diretório, demolida não faz muito substituída por monstruosos arranha-céus. Foi perda deveras sensível o inglório fim daquele casarão típico do que se realizou de melhor na época da Independência.

Debret pintou alguns retratos de personagens, principalmente D. João, de quem deixou alguns horríveis, verdadeiras caricaturas, agravada a feiura do soberano pela malícia ou inabilidade do artista. Conhecemos, todavia, um pequeno quadro seu del-Rei a cavalo, em mata carioca, algo menos chocante. Seja pelo vizo de não lisonjear os modelos haja vista nos retratos das Princesas, ou desinteresse do público, o autor do *Brésil Pittoresque* levaria vida difícil, semelhante ao que os fascistas chamavam “*vivere pericolosamente*” não fosse a oportunidade que se lhe depa-rou de empregar-se como cenarista no teatro São João, onde já trabalhavam os Lacombe e os Toussaint. Passou então a sucessor do português engenheiro, maquinista, pintor decorador Manuel da Costa. As suas habilidades de *Lucca fá presto*, encontravam ali terreno indicado para se expandirem, capaz de em poucas horas pintar, com auxílio de servente preto, vistosa alegoria ou fundo de ópera. Igual ventura encontrou o mecânico Ovide, quando, depois de dispensado do cargo oficial de mestre de sua especialidade, empregou-se com grande proeficiência junto a fazendeiros e industriais para montar moinhos e mais máquinas inspirados pelos conselhos do *Patriota*.

O contemporâneo Ender talvez estivesse longe de supor a existência de tantos percalços e os invejava e procurava imitar-lhes a atividade. Anotou os arcos de triunfo e mais elementos decorativos levantados pelos missionários nas festas em que esteve presente. Depois saía em excursões com os demais austríacos pelas vizinhanças nos sítios que se tinham tornado visita obrigatória dos turistas daquela época. Desenhou sucessivamente a grande e pequena cas-

cata da Tijuca, quase ao mesmo tempo que os seus confrades das expedições russas surtas no porto — Karniev da Divisão Vasilev, e Tikhonof do *Kamtchatka* — que também deixaram vistas da maior das cachoeiras, não se sabendo se Paulo Mikhailov também não a teria desenhado.

No centro continuou a cidade como estava. Chegavam ou partiam estrangeiros; saíam decretos de S. M. a especificar o que os súditos deviam ou não podiam fazer em benefício da estética urbana; construíam-se novas casas; derrubavam-se velhas; entretanto, continuava no Rio o aspecto luso-africano que tinha antes da chegada da família real. Pesada e desgraciosa a arquitetura, legítimo produto do imigrante reinol, sequer adaptado às condições do clima, rebelde a qualquer melhoramento, mostrava-se hedionda antes de 1808 e assim se manteve até a guerra mundial de 1914. Foi só daí por diante, com o enfraquecimento da influência lusa e advento das lições do progresso de São Paulo; o pequeno burgo, em 1808 indicado para sede do Reino Unido, que se desenvolvera e se tornara cidade rival; é que o Rio pôde alcançar em meiado do século 20 aspecto algo mais civilizado.

Nessa fase, em poucas linhas resumidas, mas que merece longo estudo, a missão artística passou em branca nuvem. Esbarravam seus esforços na selvageria do comerciante luso enriquecido por um labor de animal de tiro, e do igualmente analfabeto empreiteiro pouco menos abrutalhado que o negro servente que misturava a argamassa das obras. Em tudo fracassou o esforço dos missionários. Hostilizados pela maioria de indivíduos de posse — os tais labregos dinheirosos e mestres de obras hostis a franceses — sem oportunidade de por em prática os conhecimentos, tinham os Taunays e companheiros de assistir não só à perpetuação de um lamentavel estado de cousas, como ainda ao seu criminoso alastramento. O bonito para o imigrante era pouco mais ou menos a reprodução da abominavel arquitetura, ou falta dela, do seu lugarejo de origem, gostosamente executado e ampliado no Rio pelo conterrâneo

mestre de obras. Desse quadro não sabemos como poudo Oliveira Lima concluir, que a missão logrou formar o bom gosto da população e o aprimoramento das artes!!!

Bem entendido, nem todas as inovações missionárias seriam aceitáveis, pois, arriscariam através cópia servil de cânones estéticos de outras latitudes, privar a cidade de originalidade e caráter próprio. Atenuava, contudo, o perigo do escolho, inspirar-se a moda francesa do momento no melhor classicismo, de certo modo, até, mais indicado para o Rio — alto pé direito, grandes portas e janelas, amplas escadarias e vestíbulos — do que cidade como Paris submetida a rigoroso inverno. Acresciam as vantagens oferecidas pelos artistas franceses, de se terem adaptado ao meio que amavam e compreendiam. Infelizmente, deixou de ser praticado o sistema em uso na França em casas nobres, a construção “*entre cour et jardin*”, muito preferível à portuguesa, semelhante à inglesa no dispor os salões e aposentos de casas residenciais diretamente sobre a mal odorante sarjeta. E, não havia meio de corrigir o grave defeito. Um dos principais motivos vinha do antigo ciúme ibérico a confiar o elemento feminino em gineceus, de modo a separá-lo de contato com estranhos. Do costume defluía a necessidade das sacadas sobre a rua, tornadas principal diversão do mulhério, que através de rótulas podia espreitar o movimento da vida urbana. Entretanto, depois da supressão dos “*mucharabies*” — de que Ender reproduz dois modelos, além dos que figuram nos seus desenhos abrangendo conjunto de construções — viam-se induzidas as cariocas a participarem de outro sistema de vida mais civilizado, composto de visitas, passeios, frequência de espetáculos e mais modificações introduzidas pela presença da cõrte.

Mantinhm-se, no entanto, os mestres de obras lusos, impermeáveis a qualquer alteração nos métodos de construção. Por sinal, o contato de artistas franceses com presumíveis clientes se reduzia a quase nada, porquanto a fidalguia palaciana, que seria pela cultura a principal interessada no aproveitamento da sua arte, mostrava-se mais

propensa a voltar para suas velhas residências lisboetas que construir no Rio de Janeiro. Continuavam nessas condições as cousas como estavam, os franceses persuadidos que "*cet mauvais système*" era imposto pela necessidade de construir o mais rapidamente possível residências para o afluxo de pessoas atraídas à Guanabara pela mudança do governo de Lisboa para o Rio de Janeiro. Tudo era improvisação naquele ambiente, cuja desordem apenas começara a serenar quando Ender desembarcou no cais do Paço. Inútil, pois, regulamentos com pretensões a obrigar construtores a um esforço acima de suas forças. Além do descontentamento que provocariam tais medidas, haviam de emperrar obras ou encarece-las.

As residências de comerciantes enriquecidos, construídas logo antes e depois da chegada de Ender, obedeciam a estilo tardio na evolução estética luso-colonial, cópia do que se fazia no reino e domínios no fim do século 18. Não era de todo destituído de gracioso pitoresco a reunião do barroco português com o imemorial decorativo das artes aplicadas nos presídios do Extremo Oriente. Nos desenhos de Ender ocorrem construções como a da chácara do Bispo, no Rio Comprido, depois Colégio Episcopal, até pouco tempo a mais antiga construção do gênero existente no Rio. Foi também desenhada por Debret no seu album, como espécime de arquitetura das habitações suburbanas no tempo de D. João VI. Ambos os trabalhos, do vienense e do francês, se assemelham na demonstração de que os dois artistas, eram cuidadosos ao reproduzir paisagem, sem ajuntar fantasias aos desenhos, o que vem a ser no caso mais um título de benemerência para ambos. Outra construção de vulto a impressionar o austríaco, foi a supracitada casa do Comendador Joaquim José de Sequeira, "*ricaço*" como aponta Ender, dono de várias empresas inclusive grande curtume. Ficava em Mata-Porcos, na estrada para S. Cristovam, que o russo Golovnin comprava pelas suas edificações "*à estrada de Peterhof, porque após sair da cidade e até as montanhas há dos dois lados casas de campo dos cortesãos e pessoas ricas*". Os desenhos de Ender

reproduzem além do palacete de Sequeira; com suas quinas de granito, telhado recurvo à moda chinesa, ornatos barrocos, frente a um terreiro, onde se vêem seges desatreladas e arreios atirados no chão, a rua feita pátio de serviço; outras construções igualmente interessantes, pelo aspecto e proporções. Em todo caso, ainda quando se nos afiguram um pouco menos ruins esses exemplares da arquitetura do tempo, é visível nos desenhos do vienense como eram mal acabados no seu feitiço mais de armazens pela espessura dos muros (evidente nos desenhos do interior da Embaixada Especial austríaca) e proporções do telhado, que residências de nobres e milionários.

Morto o Conde da Barca sentiram-se os franceses completamente isolados nos trabalhos planificadores. Sucedeu então fato mais grave. As relações entre os artistas da missão, que já não eram muito cordiais no porto de embarque, antes de iniciar a viagem, azedaram-se de vez nos meses seguintes. Existe fundada observação de que componentes de missões exploradoras, passam em pouco a se detestarem entre si quando se embrenham no sertão. Causa parecida sucedeu aos franceses, mergulhados em desalento depois de esquecidos no Rio, num incipiente meio artístico, que a contínua chegada de patrícios não podia melhorar. Exerciam os outros franceses profissões diferentes, de educação, cultura e índole muito diversas, e só podiam com eles manter relações superficiais. Os atuais ádvenas, chegados da Europa tangidos pelos últimos acontecimentos políticos, dão bem idéia do estado de espírito dos seus antecessores contemporâneos aos acontecimentos da Grande Revolução e guerras napoleônicas. O traumatismo moral padecido naquele tormentoso período, o desajustamento da transferência para novo habitat e mais incidentes empeçonhavam-lhes o ânimo com deploravel resultados para todos.

Antipatias desenvolvidas na viagem chegavam por momentos a parecer ódio. Uma carta de Debret, datada do Rio em 1816, dirigida ao "*camarada*" Lafontaine, amigo do pintor, demonstra o travo do missionários, expresso em

conflitos deprimentes. Apesar de longa, pedimos vênia para reproduzi-la por extenso de tão caraterística: *“Je commence par te dire que la nomination de Mr. Le Breton est confirmée par le Roy, et ne seroit qu’une chose connue à Rio Janeiro, à Paris, à Lisbonne, etc. . . . Mais te dire comment cela c’est fait, voila l’interessant, et qui n’est su ici que de quelques personnes. J’espère que je vais traiter en ami? Comme te voila assuré de connaître la catastrophe, je te ramène au hâvre pour te faire durer le plaisir longtems, et t’eclairer sur des particularités qui se rattachent au “Heros Porte Palette” qui figure en opposition avec notre Directeur. M. T. . . le père, qui n’etoit constamment que le Globe de Verre de la feuille invisible, à travers laquelle nous reconnaissons l’âge et le sexe du personnage qui partoit, irrité, desesperé tour à tour du retard et du silence de Mr. Le Breton, nous presentoit chaque jour après l’arrivé du Velocifer⁽⁹⁷⁾, un nouveau projet de lettre ou de conduite accompagné d’une longue serie de congectures alarmantes sur les pretendues opérations de Mr. Le Breton. Un jour que le vent devint bon, echauffé par le départ de vingt navires il fut arreté que l’on partiroit le lendemain. . . . on fit donc des preparatifs, un negociant Brazilien qui partoit avec nous offrit son cautionnement pour la somme dont Mr. Le Breton devoit être porteur: on avoit déjà porté les portemanteaux à bord lors que Mr. T. reflechit que malgré la lettre explicative que l’on devoit adresser a Mr. le Chevalier de Britot⁽⁹⁸⁾, il seroit prudent d’attendre encore, ou rapporter les portemanteaux a l’auberge. . . . on avoit déjà mis en avant que nous n’avions besoin d’être conduits par personne puisque les ordres etaient donnés par Mr. de Britot, que Mr. Taunay comme Doyen d’âge parleroit au nom de tous, lorque ce negociant nous obtiendrait une audience chez les ministres en arrivant à Rio-Janero. Ici commencent les dessins aussi “obscurs” que “sombres” et aussi “sombres”*

(97) Referência ao “Calpe”, ainda no Havre, nas vesperas de partir para o Brasil.

(98) Francisco José Maria de Brito. Encarregado de Negócios de D. João na Holanda e interino em Paris.

que "noirs" du nouveau Don Quichotte, monté sur un appui-main! Enfin Mr. Le Breton arrive, tout change de face; on part. Vers la fin de la traversée notre héros se rapproche de notre Directeur et l'ensemble se rétablit. Mr. Le Breton est reçu à son arrivée avec considération chez toutes les autorités. Mr. T. qui veut toujours écrire nous fait signer une lettre de remerciements à Mr. le Chevalier de Britot (dans laquelle il fait l'éloge de M. Le Breton). Premier clou qui s'enfoncé dans le pied, notre champion évincé! Ici la scène se rembrunit. Le soleil éclaire le jour funeste où jus l'honneur de faire les croquis d'après nature de la famille Royale pendant une revue qui se fit à Praya Grande. Deux heures après on apprit à Rio de Janeiro qu'un artiste français qui étoit à la revue avec Mr. Le Breton avoit fait en quelques minutes le portrait en pied de leurs Magestés. Oh douleur! Oh desespoir! Oh rage! La famille T. assemblé juge que cette protection exclusive que l'on ma accordé est une insulte faite à la personne de son chef comme membre de l'Institut de France et a son talent de peintre de genre. La lune seule a çu les complots de projets de vengeance que l'on a medité pendant la nuit qui a suivi cette fatale journée. Le lendemain on c'est mis en batterie, nous quittent la maison et se repandent dans la ville en eclaireurs pour y semer des petites confidences capables de lui faire beaucoup d'ennemis, enfin chacun travaille de son mieux. Pendant ce temps Mr. Le Breton finissoit son proget d'organisation, il le presenta, il fut lu et approuvé de tous les gens eclairés qui furent admis en entendre la lecture. Les ministres commencerent a entendre quelques rapports desavantageux sur Mr. L. B. mais accoutumés aux effets de la médисence, et de la calomnie même, cela ne fit aucun effet. L'arrivé du duc de Luxembourg enhardit la troupe prête a saisir tous les propôs. C'est alors que l'on fit circuler l'epithete de prête marié avec la certitude d'être soutennus, ce qui arriva, et fit infiniment de peine a Mr. Daraojeau (ministre qui aime beaucoup les arts et protege l'expedition) il sentoit la force du coup que cela portoit dans l'opinion du Roy, on suspendit notre

affaire. Mr. T. augura si bien de ce silence quil souvrit a la première visite que daigna lui faire Mr. Le Duc et lui demanda tout bonnement sa protection pour lui faire obtenir la place de Directeur et celle de secretaire pour un de ses fils, ce qui fit très mauvais effet dans l'esprit de Mr. L'Embassadeur. Cela se repandit bientôt et amena des éclaircissements. Le "Père Dom Bazile T..." trouvant que son antagoniste avait la vie dure, resolut pour le perdre tout a fait de faire repandre quil etoit un des regicides français. Cette dernière calomnie étai si forte que le Gouvernement fit prendre des informations même auprés de l'embassade. Il fut donc bien averé que c'étoit une atroce calomnie. Cela même rendit notre Directeur actuel plus interessant aux yeux des ministres qui le protegent. Mais comme ces bruits avoient passé par des bouches respectables l'affaire devenoit delicate. On ne precipita rien et deux mois après le ministre du Tresor Royal, homme plein d'esprit et de zele pour notre affaire ⁽⁹⁹⁾, calma les esprits et rassura toutes les consciences en prouvant que l'individu sur lequel on'avoit ces renseignements n'avoit de rapport avec notre Directeur que par le nom qu'il avoit reconnu que notre homme ne fesoit point partie de la Convention Nationale. Ainsi personne n'eut tort, la similitude de nom emmena un denouement assi prompt qu'inspiré qui termina le melodramme et renvoya tout le monde content exepté le D. Bazile qui alla se coucher avec un veritable accès de fièvre".

Tais conflitos poderiam provocar o aniquilamento da missão. Felizmente os preparativos das solenidades da Aclamação e mais festejos vieram desanuviar um tanto a atmosfera graças a algumas encomendas aos artistas. Ocupados como estavam, deixaram de se espiolhar para mui oportunamente se consagrarem a outros afazeres. Junta Debret um apêndice à longa carta dirigida ao camarada Lafontaine, intitulada "*Suite de Nouvelles*", em que descreve a animação de momento, com notícias mais interessantes: "*S. M. doit être Couronnée le 27 Nbre. Les esperances*

(99) Francisco Maria Targini, Diretor do Erário Régio.

des habitants du Brésil vont enfin se réaliser, car les opinions se partagent entre le retour du Roy au Portugal, ou son séjour au Brésil. Personne ne se détermine à prendre aucun parti pour former des grands établissements, les personnes qui ont suivi le Roy espèrent toujours au retour en Portugal ou elles ont laissé leur fortune et leurs propriétés. Les Brésiliens au contraire sentent que la résidence du Roy seroit un coup de fortune pour le pays qui a déjà l'avantage d'être élevé à l'Honneur du titre de Royaume Uni du Brésil ce qui lui donne des prerogatives pour le commerce et les manufactures dont il étoit privés comme colonie. Du reste aucun goût dominant comme Luxe que celui qu'ont apporté les portugais qui sont aux même dirigés par celui des anglais. En general très peu d'activité et point d'innovation. Comme on est habitué à savoir le prix de ce qu'on connaît aucun ouvrier oseroit faire autrement. Les Brésiliens redouteroit d'entreprendre de faire faire au d'acheter quelque chose de nouveau. Il n'y a ici que les portugais militaires que ayent idée de l'Europe et de ses avantages. Les Brésiliens en general preferent attendre l'arrivé des marchandises européennes pour acheter ce qui pourroit leur convenir que de se meler d'en faire l'importation".

Terminava as *Nouvelles* encarregando o camarada de transmitir seus cumprimentos ao Barão Gerard e aos arquitetos Percier e Fontaine, por si e por Mr. Grandjean de Montigny. Este começara "*d'assez beaux travaux dont les fondations son a peine ouvertes*", e aduzia um P. S., "*Alavoine a écrit a Taunay le sculpteur que Mr. Dédéban, Gay et un autre artiste se proposoient de venir ici. Je peut leur faire savoir qu'il ne faudroit que 24 heures de l'ardeur de notre soleil pour en faire trois fous. Je parle ici avec l'impartialité d'un bon camarade. Au reste qu'ils viennent. Je leurs promets d'employer le crédit du Directeur pour les faire entrer a l'hospital de suite*".

A "gens" literária e artística não varia através dos séculos. Quem lê a carta no seu acervo de intrigas e mexericos, tem impressão de que o Schmidt estava presente. Tamanha mixórdia poderia também criar noção menos exata

acerca de elementos do conjunto francês. A respeito escreveu Ipólito Taunay comentários, que de certo modo respondem às increpações de Debret, porta voz de Lebreton: *“Peu de temps avant la mort du ministre auquel nous avions dû la protection immédiate du roi, qui par lui-même est porté de bienveillance pour les étrangers, une académie des beaux-arts a été établie, mais sur le rapport passionné d’un Français qui en a été nommé le directeur. . . plusieurs personnes ont dû lui savoir un gré infini de leur nomination, e d’autres se consoler de n’y avoir pas été agréées”*. Elegantemente não acentua Ipólito as queixas de sua família contra quem se levantara a ambição de um medíocre simulador de talento. O resultado não se fez esperar; insuficiente para o cargo de que se apossara preterindo artistas de real valor, acabou lamentavelmente Lebreton sem ter alcançado os proventos que esperava da sua aleivosia.

Os doestos de Debret inspirados por Lebreton contra os companheiros de viagem, são evidentemente injustos, só atribuíveis à ambição e rivalidades. Nicolau António Taunay sempre causou a todos que com ele trataram a melhor das impressões. Vieira por conta própria, pois somente um membro da *“Tribu T. . .”* recebeu subsídios do governo português. O chefe da família teve de pagar a sua passagem, a da mulher, a dos filhos e a de uma criada. De todos os componentes da missão artística Nicolau António era o mais conhecido em França, talvez mais do que Grandjean, vantagem que auferia da idade e do fato de pertencer à família de consagrado nome nas Artes. O seu irmão, Augusto Maria, ganhara o grande prêmio de escultura de Roma em 1792; além disso, era primo por afinidade do arquiteto Moitte, muito reputado no tempo do Império, construtor do arco de triunfo do Caroussel, onde Augusto Taunay esculpira o couraceiro que lhe fica num dos ângulos. Antes disso o mesmo artista fizera os baixos relevos da fachada da colunata do Louvre. Nicolau António, membro do Instituto, de volta à França, recebeu do governo francês encomenda de quadros de batalha, tal o nome que

então desfrutava, e se mais tarde sofreu momentânea eclipse, depois de morto e algo esquecido, acompanhou o destino dos pintores do século 18, submetidos ao fluxo e refluxo da moda. Hoje em dia figura Nicolau António entre os *Petits Maîtres* da Escola Francesa daquela época, no mesmo grupo dos Boilly, Debucourt, Vernets e Hubert Robert, atingindo atualmente certas cenas campestres que pintou elevadíssimo preço em leilões. Não menos atraentes são as do Rio de Janeiro, como, por exemplo, a vista da baía doada ao Museu de Arte de S. Paulo pelo antiquário Wildenstein, a qual nada fica a dever às suas melhores paisagens europeias.

Os demais parentes também impressionavam favoravelmente aos viajantes que no Rio tiveram oportunidade de se encontrar com eles. A Felix Emílio Taunay se deve o panorama do Rio de Janeiro exposto com grande sucesso em Paris, no sítio que ficou conhecido por *Passage des Panoramas*, organizados por um tal Prevost. No prefácio desse trabalho escrevia o comentador Ipólito Taunay: "*Le Brésil, dans ce qu'il a de plus beau, se développe sous les yeux des spectateurs*". Mais tarde o mesmo Felix Emílio pintou varios quadros históricos, foi professor da Escola de Belas Artes, diretor desse estabelecimento e um dos retratistas e preceptores de D. Pedro II. Com o seu irmão Teodoro escreveu as "*Idylles Brésiliennes*" e colaborou em jornais em prol de obras públicas e estabelecimentos culturais. O outro irmão Adriano, pintor habilíssimo, um dos mais dotados dessa família de artistas, foi autor de um panorama de São Paulo e das magníficas ilustrações da viagem de circumnavegação em que tomou parte. Segundo o seu sobrinho Visconde de Taunay, pai do historiador nosso contemporâneo, a coleção remetida ao museu do Hermitage em São Petersburgo, continha inúmeros trabalhos de sua lavra, alguns dos quais reproduzidos no atlas histórico de Freycinet sob o seu nome e outros sob o de confrades "*avançadores*". Adriano morreu tragicamente no Guaporé, na desastrosa expedição do Consul Langsdorff, cujo nome parece lançar infelicidade sobre si e sobre os outros, como suce-

deu com ele ensandecido no Mato Grosso, com os seus auxiliares e parentes, um dos quais suicidou-se no Uruguai depois de afundar por ordem do sandeu Hitler o couraçado de bolso que comandava. Carlos Augusto Taunay, oficial do exército bonapartista, foi perseguido em França depois da queda do corso. Imigrado para o Brasil, ingressou no exército onde tomou parte nas campanhas da Bahia, Piauí e Maranhão. Tornou-se como Cincinato à vida civil, escreveu o oportuníssimo *Manual do Agricultor*, e depois o *Guia de Petrópolis*, *Manual do Plantador de Algodão*, etc. . . Na qualidade de um dos mais operosos membros da Imperial Sociedade de Agricultura, esforçou-se por incentivar a imigração europeia e a extinção do regime servil através inúmeros artigos de imprensa. O irmão de Adriano, de nome Ipólito, fôra aluno de pintura de Vauquelin em Paris e conquanto "*fraco em retratos*" como diz Ferdinand Denis, com ele colaborou nos seis volumes do *Brésil*. Finalmente, Augusto Maria Taunay, o supracitado irmão de Nicolau António, recebeu prêmio para aprimorar os conhecimentos artísticos dos melhores alunos das Belas Artes de Paris, representado por um estágio em Roma, na Vila Médici. Deixamos de mencionar mais méritos dessa ilustre família, que teve a particularidade de se mostrar a mais "*brasileira*" da missão, lacuna causada pela absoluta impossibilidade de decifrar os apontamentos que sobre os parentes nos ofereceu o Prof. Afonso d'Escragnolle Taunay, garranchos tão difíceis de entender que ele mesmo por fim não os compreendia.

Por sinal, que o apelido apostado ao de Nicolau António no patronímico do egrégio Mestre, merece menção por evocar outro nome notável nos fastos civis e militares brasileiros. Exilado o Conde d'Escragnolle, da França pela tormenta revolucionária, fez parte da Legião de "*emigrés*", a serviço de Portugal, com os Mortemart, Beaurepaire, Roquefeuil, Gestas, Rochechouart, Maler e outros, que aparecem na história do reinado de D. João VI no Brasil e em Portugal. A ele se refere Ferdinand Denis, quando na cidade de Salvador escrevia à família que estava em Paris,

os acontecimentos da revolução de 1817 em Pernambuco. Naquele tempo aquele nosso grande amigo procurava meios de vida no Recôncavo, confiante no auxílio de um compatriota Mr. Plasson, que não parecia muito propenso a torná-lo milionário. Pelo menos, é o que diz Ferdinand: *“Je suis plus convaincu que jamais, ce ne sont pas les richesses qui donnent la santé. Quoique je n’ai pas un sou dans la poche je me porte à merveille”*. Durante os inúmeros lazeres, desenhava, caçava ou tocava piano em casa do Consul Britânico. Naquela tranquilidade estourou a notícia dos acontecimentos de Pernambuco. A propósito do desenlace escrevia o jovem: *“un arc de triomphe c’est élevé dans Bahia pour recevoir les illustres Bahianais qui ont pris part à la bataille de Pernambuco. On ne laisse cependant pas que d’être inquiet sur le sort du bâtiment qui porte ces nouveaux argonautes. Ce vaisseau est presque pourri et on a pas eu de ses nouvelles depuis sa sortie de Pernambuc. Il y quinze jours qu’il devrait être arrivé. On présume qu’une tempête l’auroit geté sur paraiba. Ce n’est qu’une conjecture sans appui. Le General de Mello était embarqué sur ce vilain navire avec 700 hommes. Ce General c’est battu contre les français, et jouit d’une grande reputation. Dieu veuille quil ne soit pas allé livrer bataille aux requins. Ces habitans des mers sont plus terribles que ceux de Pernambouc. Si tu vois Mr. de St. Mars je te prie de me rappeler a son souvenir et de lui dire que le Comte d’Escragnolle, est, ou doit être aide de camp du Gouverneur de Pernambouc le General Rego”*.

Ao que parece a morte de Lebreton e a partida de Nicolau Antônio para a França apaziguaram os ânimos, absorvidos Debret e Ovide nas ocupações que tinham conseguido. Recebera também Grandjean gratificações pelos serviços que empreendera (2 contos de reis pagos pelo tesouro em 1820, equivalentes, segundo Pallière, a dez mil francos) e a família Taunay se via dispersa de cada lado do oceano como tantas daquela época, à procura de melhoria de vida numa quadra que muitos hoje imaginam amavelmente sentimental, exaltada, romântica, e em realidade,

paticularmente ingrata para artistas. O que mais deve ter pungido aos da missão, era o espetáculo da inutilidade de esforços no sentido de melhorar o aspecto do Rio de Janeiro. Continuava-se a construção de mostrengos cuja vista era uma ofensa a seus olhos. Deviam curtir em silêncio a afronta, desanimados e conformados com a bruteza do meio. Nada conseguia demover mestres de obras portuguesas e seus clientes da senda que antolhados percorriam. Faltavam encomendas aos componentes da missão, que lhes permitissem constituir termo de comparação entre edifícios de elegantes proporções e as abominações que em toda parte se levantavam. Durante décadas e décadas continuou-se a construir feiras de casas sem proporções, estilo ou sequer equilíbrio nos ornatos. Erros e faltas de gosto se perpetuavam a granel. Impávidos prosseguiram os construtores pelo século 19 afora com os seus abortos, inda depois que de São Paulo até o Prata — Santos excetuada, também submetida ao mau gosto do luso imigrante — recorria-se por influência de italianos, espanhóis, alemães e outros, a estilos melhores, mais recomendáveis ao clima da latitude.

O crescente predomínio do comerciante capitalista português — a maior força económica da capital do país, que somente agora começou a arrefecer — impedia qualquer esperança de melhoria. Caracterizava-se a época pela ausência de indústria, assim como variedade de origem no detentores do comércio, a praça completamente dominada pelo importador, atacadista e varejista oriundo dos mais atrasados lugarejos de Portugal, no meio dos quais se contavam inúmeros analfabetos, cuja maior façanha em matéria de cultura fôra aprender a desenhar o nome. Era tão desmedido o poder daqueles indivíduos unidos por vaidades e interesses comuns, que a imprensa carioca, astuta farejadora de valores sonantes, estabelecia como norma inflexível de atividade jornalística *“jamais melindrar clero, forças militares, e principalmente, a comunidade mercante lusa”*.

Os desenhos de Ender nos dão perfeitamente idéia da rústica singeleza de casas de ruas centrais, a alternar de quando em quando com construções maiores de berrante mau gosto. Na rua do Lavradio, feudo do Cônego Roque Pais Leme; na Candelária reduto dos Carneiro Leão; na Lapa pertencente aos Carvalho Monteiro; nos arredores de São Bento forados pelos beneditinos; multiplicavam-se horrores arquitetônicos. Embalde o viajante procuraria qualquer influência da missão destinada a fazer do Rio uma nova São Peterburgo nas fachadas que a sua vista descortinava de ponta a ponta das ruas. O que lhe era permitido contemplar não se avantajava ao pior do Porto ou de Lisboa, cidades consideradas, pelos próprios habitantes, como próximas no século 18 das marroquinas ⁽¹⁰⁰⁾.

Nos reinados seguintes ainda piorou. Com a inflação da guerra do Paraguai, alastrou-se irrefreável a fachada de azulejos, provenientes no geral da cidade de Porto, azuis, rosa, roxo, verde ou amarelo, com cimalha ornada de com-poteiras, portas e janelas com pesados caixilhos de madeira, enquadrados por granito rústico. Era o fiel espelho da incultura dos seus habitantes e do atraso que em torno de si difundiam. Onde encontrar a elegância proporcionada pela simplicidade do Diretório e do Consulado quando os Ferrez, Taunay, Pradier, Grandjean e Debret na França e na Itália amadureciam o seu gosto artístico? Em vão pesquisaria o forasteiro pela cidade afora, curioso por ver os resultados da permanência da missão na Guanabara, qual o fruto do ensino de mestres tão reputados. Não fossem alguns desenhos e o monumental *Brésil Pittoresque*, precioso repositório de informações para a época, pouco restaria do conjunto em que o Conde da Barca depositara ilimitadas esperanças.

(100) A. Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, II. Lisboa, 1880, págs. 182-3.

RUAS E TRANSEUNTES

ENCONTROU o album de Debret inesperada continuação em nossos dias pelo recém-aparecido acervo de Viena. O segundo, como foi dito, inteira o primeiro para o estudioso de história da arte e da sociedade no reinado de D. João VI. Mais do que qualquer autor do mesmo período, dão-nos o francês e o austríaco, dados fieis e pormenorizados sobre o que alcançaram ver e anotar nas ruas e nas casas, na capital e nas chácaras dos arredores. Senhores e escravos, embaixadas e choças, cenas do porto e do centro da cidade, sucedem-se com tal abundância evocados pelo lapis de Ender, que fomos obrigados a reduzir nossos comentários tão só aos principais assuntos indicados pelo pintor.

A profusão de desenhos demonstra cedo se levantava o artista no casarão do Embaixador Especial Conde de Elz, para sair à rua à caça de cenas da vida urbana. Na segunda fase de sua estada no Rio, enquanto os antigos companheiros prosseguiram na incursão por Minas, Bahia e norte do Brasil, dedicou-se Ender em tomar notas, que depois pensava aproveitar na confecção de um album. Precedido de de dedicatoria ao protetor Metternich, exhibiria aspectos brasileiros gravados pelos melhores profissionais de Viena, em formato in-fólio, sobre bom papel, para gáudio da família Imperial e alta aristocracia, interessados em conhecer o Reino de que a Arquiduquesa Leopoldina se tornara herdeira. Infelizmente dificuldades económicas turbaram o

projeto, postergando a realização para tempos melhores que nunca vieram e atiraram com os desenhos no *Brasilien Kabinet* e depois no arquivo da Akademie onde permaneceram em sono que durou por mais de um século.

Antes da ida à Pauliceia não conseguira Ender dedicar-se como desejava, aos aspectos interessantes para os futuros adquirentes do album. Martius sôfrego por herborizar nos arredores do Rio, não lhe dava folga, ansioso por tudo catalogar, em constantes excursões, que, por vezes, alcançavam bastante longe, além da fazenda *Mandioca* do Consul Langsdorff. Nas ruas do Rio de Janeiro encontraria agora assuntos mais interessantes do que na monótona sequência de aldeias do vale do Paraíba, percorridas na ida e volta de São Paulo. Muito superior era a majestosa Guanabara, que ele não se cansava de observar em todos os ângulos, de terra, do mar, do alto de montanhas.

Até então estivera sob as ordens do chefe, desejoso de que o pintor adjunto à expedição fixasse o habitat das plantas que recolhia. Ia Ender se dedicar daí por diante ao seu projeto, palmilhando ruas da cidade e terrenos baldios suburbanos com a desenvoltura de antigo Schlamperei da Imperial Viena, como no tempo em que aluno de pintura de Moessmer e Steinfeld, ia quase diariamente desenhar aspetos do Prater e barrancas do Danúbio. Começou pelas paisagens de Botafogo, onde reproduz o casarão de D. Carlota Joaquina com o seu mirante na cumieira de alto telhado, seguido da residência do Barão Teille von Serskerken, ministro plenipotenciário da Rússia, substituto de Balk Poleff, que não pôde suportar a vizinhança da criação da rainha e teve de se mudar. Depois chegava a vez da Glória, dominada pela igreja do outeiro em meio das casas de artistas, fidalgos, e ricos mercadores ingleses. Alí moravam na encosta Mister May, durante algum tempo Mr. Alexandre Crouthers e à beira-mar Mister Fry e o Capitão Bridgeman, além de muitos outros por volta de 1817. No Flamengo, onde residiu o Hon. Mrs. Thornton, Encarregado de Negócios da Grã Bretanha, sucessor de Strangford, também predominavam súditos britânicos, que

tinham organizado um prado de corridas de cavalos na parte plana da enseada. Na volta para a cidade chegava Ender ao Passeio Público, de que nos dá vista confrangedora. Passara a moda da sua frequência pelos habitantes remediados dos arredores, que alí faziam ponto de reunião em noites calmosas, amenizadas por modinhas e merendas ao ar livre. O repentino aumento de população e necessidades da mesma, que aproveitava o anoitecer para despejar no mar o vasilhame "*de la vidange*", como dizia uma francesa, empestava os ares nas proximidades do logradouro. A consequência fôra quedar-se aos poucos abandonado, os ornatos com que o enfeitara o mestre Valentim vítima de vandalismos e intempéries, os parapeitos em ruínas, o parque sem trato, apenas visto por algum estrangeiro atraído pelo panorama alí abrangido, ou pretos aguadeiros à roda do menino-fonte com o seu dístico "*Sou util inda brincando*".

Continuando pela orla marítima, chegava Ender à Misericórdia; Santa Luzia; Ponta do Calabouço, praia de Dom Manuel, naquele tempo porto de gêneros que atravessavam a baía em canoas, saveiros e alvarengas; passava depois defronte à ilha das Cobras e continuava a descer para o fundo do recôncavo, pela Prainha dos Mineiros, onde se armazenavam as mercadorias dos naturais daquela capitania. Prosseguindo, enveredava entre a alfândega e o Valonguinho, de onde ia ter ao sinistro entreposto de negros do Valongo, a seguir ao Trapiche de António Leite, à Saude, à Gamboa, até chegar ao Saco do Alferes, último bairro portuário da cidade. Na série paisagística, não enxertava o escrupuloso Ender frutos de sua imaginação. Cingia-se rigorosamente ao que via sem nada lhe acrescentar, seguindo sua própria índole e talvez recomendações dos dirigentes da missão científica. Através de pequenos indícios, podemos aquilatar-lhe essa fidelidade aos modelos. Não há, por exemplo, diferença entre a sua reprodução da escuna *Monte de Ouro* ancorada ao pé do arsenal e o desenho de Pellion do mesmo barco, que servia de hiate recreativo nas excursões que D. João realizava na baía. Em ambos lá está em forma de galera, todo enfei-

tado com molduras douradas que lhe valeram o nome, pouco antes restauradas nas oficinas da ilha das Cobras, onde Golovnin ainda viu restos de peças substituídas. A comparação entre um e outro documento, de autores completamente diversos, serve para certificar o cuidado de ambos em anotar sem alterações o que mais tarde, na Europa, lhes serviria para maiores desenhos. Nos esboços não falta sequer o estandarte de S. M., imenso retângulo branco com as armas reais douradas, a se arrastar na água no mesmo ponto do ancoradouro.

Vivendo no meio de compatriotas, escassas oportunidades encontraria Ender para praticar português. Por sinal vivia o elemento estrangeiro no Rio segregado dos naturais da cidade, fosse pelo ciume mourisco luso-brasílico, ou pelo misto de arrogância e provincianismo lisboeta da aristocracia, a um tempo néscia e presumida. Continuava o luso como no tempo de Clenardo e de Sasseti, empafioso, merecedor do que o florentino lhe atribuía: “... gente que pouco sabe, e soberba em demasia: tão cabeçudos que ninguém os demove da opinião que tenham formado. Tudo sabem, tudo fazem, deles tudo depende; não há terra no mundo como a sua”. Compunham, assim, os nobres agregados aos soberanos, de quem viviam e para quem viviam, a casta alta funcionária, viveiro de cabos de guerra, governadores e vice-reis, numa reunião de clãs inteiramente dedicados ao serviço da monarquia. Porfiavam outrora, Sousa, Menezes, Barretos, Almeidas, Albuquerque, decantados pelos poetas que celebraram a epopéia do Oriente, na defesa do trono e do Império Português, mas no correr do tempo, de princípio esteios do governo, tornaram-se cada vez mais parasitas da coroa, empregados por fim em meras funções palacianas. O advento da realeza absoluta a partir do século 17 na França de Richelieu, sistematizada na Áustria sob Maria Teresa por um médico holandês, por sua vez copiada pelo Embaixador de D. João V e valido de D. José I, Sebastião de Carvalho e Melo, e por ele instilada em Portugal, despojou os grandes no reino

das suas principais prerrogativas para transformá-los em funcionários próximos à condição de criados de libré.

No Rio de Janeiro esses representantes da fidalguia decadente levantavam-se às nove horas, almoçavam às dez, iam ao meio dia ao paço, fardavam-se às oito — hora do beija-mão — para entrar novamente de serviço no paço. De volta à casa ceavam e eventualmente se preparavam para ir a alguma festa ou reunião. Segundo testemunho de estrangeiros, os representantes da elite carioca eram *“envieux a l'excès des talents des étrangers, la plupart de habitants de Rio de Janeiro saisissent volontiers les occasions que se presentent de leur temoigner, par toutes sortes de tracasseries, les sentiments de malveillance dont ils sont animés contre eux”*. Em se tratando de depoimento sobre o reinado de D. João VI, referia-se muito provavelmente a portugueses natos, pois, no momento, o séquito real e o comércio do Rio era composto quase todo de indivíduos dessa origem. Acresce o fato de ele aludir a *“tracasseries”* que só podiam ser exercidas por elementos do funcionalismo público gênero Marrocos. Encontramos a confirmação da nossa conjectura nos dizeres de um comerciante inglês da época: *“The fidalgos, and those who may be denominated the higher orders of society here, are in the knoledge and practice of civilized life. The pleasures and refinements of oficial intercourse are alike unknown to them: jealous of foreingners, their conduct towards them is not marked by that attention or hospitality so conspicuous in other countries, where the cultivation of a liberal system of society prevails”*.

Não era apenas contra franceses, antigos inimigos, que se voltava o jacobinismo luso, também abrangia outras nacionalidades, inclusive a ingleses aliados. Convém, todavia, notar que quanto mais elevada a categoria do fidalgo menos prejuizo padeceria a sua mentalidade. Uma Duquesa de Cadaval, nascida em França, irmã do Duque de Luxemburgo, primeiro Embaixador francês no Rio de Janeiro, por certo não se divertiria em aborrecer conterrâneos na falta de outro passatempo. O Grão-Vizir de D. José I, cujo filho

desempenhava funções de Camarista da Casa Real, era aparentado com a melhor nobreza austríaca, assim como os mais ilustres Ministros de D. João VI, Conde de Linhares e de Palmela, tinham parentesco fora do reino. A grande nobreza se assemelhava aos representantes de grupos superiores hebráicos — com quem frequentemente se mistura — igualmente internacional, poliglota e habil em se aproveitar de snobismos burgueses para melhorar de vida, se bem intransigente em se tratando de seus privilégios. Pôsto não sofresse dos mesmos prejuizos da nobreza secundária — patrioteira, nativista, avessa a tudo que parecesse estrangeiro — fazia questão das marcas de sua superioridade sobre as demais classes da sociedade. Pertenciam-lhe, pela tradição monárquica, os maiores cargos da côrte, do exército, do clero, da diplomacia e alta administração das colônias. Os mais cobiçados eram os que aproximavam da família real e davam direito a agaloar de ouro em Lisboa e no Rio de Janeiro as mangas dos lacaios. Os fidalgos de menos tomo, os burgueses recém-enobrecidos, só dispunham da escolha de librés mais simples, por onde na rua se lhe podia medir a importância.

Outros preconceitos eram por todos partilhados, por exemplo, não tolerar serviçais pretos nos salões elegantes, em que só era permitido criadagem branca, insolente, exigente, aproveitadora, afligida dos defeitos dos amos, que copiavam, sem possuir as qualidades. O caso do mordomo de Marefoschi não era isolado num ambiente onde o europeu se considerava pertencente à casta privilegiada em meio de elementos de côr que constituíam a massa proletária. Nem a casa real escapava à insubordinação de indivíduos humildes no reino, insuportáveis no Rio, mencionados no epistolário de Marrocos no trecho relativo aos distúrbios provocados por José Lopes Saraiva entre a famulagem de D. Carlota Joaquina. Todo branco se tornava nobre e se julgava senhor da terra ao transpor a linha equinocial, segundo já diziam autores quinhentistas, vezo que se perpetuava através dos séculos. Facil aquilatar a atitude dos mais graduados pelo que praticavam os mais

ínfimos, a compor o que já não era a antiga sociedade e ainda não constituia a nova destinada a presidir os destinos do Brasil.

Soberanos e cortesãos procuravam embalde se iludir, esforçando-se por não verem a realidade a renunciar a futura separação dia a dia mais patente aos olhos do mais desprevenido. Nos acontecimentos que a partir de 1817 iam se precipitar, certos indícios anunciavam claramente o inevitável: ideias avançadas nos corifeus de novas levas sociais que despontavam como as difundidas pela maçonaria, partilhadas pela juventude na qual formava até o Príncipe Herdeiro, e a crescente animosidade da burguesia nativa, composta de filhos de ricos mercadores na cidade e de senhores de engenho no Interior, contra os reinos, “pela primeira vez considerados estrangeiros no Brasil”.

Ender não podia nas condições em que vivia entender a fatalidade e descreve-la para os seus correspondentes em Viena. No momento ainda reinava na Guanabara, para um observador superficial, o enlevo pelos soberanos milagrosamente aportados na antiga colônia. Depois viria a reação, avessa a maior parte desse organismo em voltar atrás, ao primitivo estado de cousas, na hora em que todo o continente de norte a sul sacudia antigos grilhões⁽¹⁰¹⁾. Assim sendo, ao artista só era dado perceber o quadro ao alcance de todos na sociedade carioca, de que um dos principais aspectos era a separação entre lusos e demais estrangeiros. A nobreza mantinha as práticas usuais no reino, continuando o entrosamento de uniões matrimoniais entre aristocratas da mesma situação financeira, a fim de conservar o lustre dos brasões. “*Dinheiro e santidade, metade, metade*”, rezava velho prolóquio peninsular, pois só nobreza ou

(101) Verificara Pallière a completa mudança dos espíritos durante sua viagem a S. Paulo e Minas: “*Je me suis aperçu dans le voyage que je fit dans l'interieur du Brésil, tous les peuples sont sous les armes et on entend partout le chant national, comme on entendait en France “Allons enfans de la Patrie” en 1793. On nomme des députés, les Gouvernemens ne sont plus rien, on crie vive la patrie, a bas les abus, et on ne parle pas du Roi*”. Isto sucedia em 1821, verdadeiro triunfo da campanha envidade entre outros, pela ativa maçonaria contra o regime absoluto, que encontrava no Brasil terreno propício para sua propaganda na repulsa à “recolonização”.

só dinheiro não apresentariam situação tão invejável quanto uma sábia mistura de ambos. Daí a procedencia do brocardo seguido à risca pelos Camaristas de S. M. que, de quando em quando, iam mais longe, ao condescender contrair matrimônio com mercadores excepcionalmente opulentos, tanto mais ricos quanto mais infamada lhe fosse a origem. Não se alçara recentemente o Marquês de Pombal à mais alta nobreza lusa a poder de consórcios, dinheiro e valimento? Mas de modo geral, delimitadas pelo caso fortuíto das necessidades, paravam as relações com as chamadas classes inferiores, e com estrangeiros ainda mais rigoroso se mostrava o apartamento, agravado muitas vezes pela sensação de inferioridade experimentada por fidalgoes perante ádvenas mais instruidos e apresentáveis em sociedade. O preconceito ia até a novos ricos como Joaquim de Azevedo, o qual relutava receber por genro o Barão de Neveu, Plenipotenciário da Áustria, e foi preciso que D. João lhe mostrasse as qualidades do pretendente, nada menos que primo do poderoso Metternich para o antigo moço do Paço aceitá-lo.

No acanhado e atrasadíssimo ambiente lisboeta, mais provinciano em Portugal que a cidade do Porto em contato com ingleses mercadores de vinhos, o estúpido Sicrano filho do titular Fulano, que só entendia de corridas de touros, afigurava-se a um mercador partido matrimonial muito mais elevado que um diplomata. Acaso fosse o tauromano parente de figurões locais . . . *“isto è que convém a minha” filha*” exclamaria qualquer cavaleiro de Cristo de fresca data. *“Com o casamento poderá frequentar até a côrte!* Lembrava essa mentalidade os mercadores de Cuiabá encontrados por Luccock em Minas que só conheciam a existência de duas nações: Portugal e Espanha. Do mesmo modo pensavam os filhos de indivíduos de posses da sucursal de Lisboa chamada Rio de Janeiro depois da transferência da côrte, para os quais, segundo o rifão, *“O belo para o sapo é a sapa”*. Entretanto, como eram julgados por viajantes de passagem os portentos cegamente admirados pelos luso-cariocas? Uma francesa narra que

durante sua estada no Rio, a despeito da posição social de seu marido, não teve oportunidade de frequentar família alguma da aristocracia. Mas pelo que a seu respeito ouvira de Diplomatas, a começar pelos encantadores Sumter, imaginava tivessem costumes singulares, quando não desagradáveis: *“La saleté est générale et porté a son comble chez les Hidalgos (nobles). On m’a cité vingt traits à cet égard: je n’en rapporterai que deux; une dame noble portugaise, qui venait de prendre une femme de chambre française, faillit la mettre à la porte parce qu’elle lui offrait un vase pour se laver les mains. Elle lui dit fort en colère, qu’une personne de sa qualité, n’avait jamais besoin de se laver les mains, parce qu’elle ne touchait rien de malpropre et que c’était bon pour le peuple et les domestiques de se laver! A l’une des personnes des plus puissantes du royaume il vint un mal assez grave à la jambe. Plusieurs médecins portugais, après avoir épuisé leur savoir sans produire aucun effet, furent remplacés par un ecclésiastique français qui se mêlait un peu de médecine et surtout de guérir les plaies. Il engagea l’illustre personnage à laver sa jambe. On eut beaucoup de peine à l’y décider, ce remède paraissant extraordinaire. Il réussit, et, moyennant quelque bagatelles pour fermer la plaie, de mal disparut en quelques jours. Mas une fois guérie, on cessa de laver la jambe et le mal reparut. Le moine fut alors rappelé. Il recommanda le même remède, qui parut si désagréable qu’on envoya promener ce docteur avec ses singuliers remèdes. Et, au moment où nous étions à Rio, le grand personnage ne pouvait encore sortir immobilisé par ce même mal à la jambe. Dans les maisons que je fréquentais au Brésil, je n’eus aucune occasion de voir des Portugaises. Elle ne peuvent sortir de chez elles que pour aller à l’église; aussi y vont elles souvent. Il semble du reste que l’église se prête à leur donner de fréquentes occasions, car il y a des fêtes presque tous les jours, surtout le soir. Les femmes se parent alors suivant l’importance de la fête”*.

Os seus dizeres correspondem, exetnado na parte referente a D. João VI, aos de Laura Permon, esposa de Junot,

ao aludir à dama da mais alta gerarquia lisboeta refugiada em Paris depois da derrota dos franceses na península. Trata-se provavelmente da Condessa da Ega, pertencente à fracção afrancesada de Portugal, obrigada a abandonar o seu palácio acima da Junqueira e acompanhar os exércitos invasores em retirada. Era “*charmante*”, diz Madame d’Abrantes, provida de linda cabeleira loira, a qual teve, no entanto, de sacrificar, pois, estava de tal modo infectada de sevandijas que o cabelereiro receava transmití-los às demais clientes. Nas mesmas condições chegaram ao Rio de Janeiro as damas do séquito real, obrigadas a permanecer durante algum tempo de cabeça rapada, parecida com as revolucionárias francesas quando se apresentavam em Paris penteadas “*à la Titus*”.

Os *Sketches of Portuguese Life* trazem no início da sua descrição da vida lisboeta da mesma época estampa em que se vê numa sacada mulher da burguesia atarefadíssima em espiolhar uma parenta. A alusão da francesa à sujidade das damas portuguesas seria, assim, talvez procedente, se bem recebessem as Camaristas da Real Casa, ao chegar no Rio de Janeiro, lições de asseio por parte da população carioca, as quais poderiam beneficiar até a franceses. O habito de banhos frequentes era comum na antiga colónia, de modo a haver sempre nas melhores casas uma espécie de estabelecimento balneario no quintal, para uso dos donos. O desenho de Ender anexo nos reproduz um deles no jardim do casarão do Estácio onde se aboletara o Conde de Elz. Os que não podiam desfrutar tanto requinte, contentavam-se com as bacias de cobre, deslumbrantemente area-das, em que toda tarde tomavam o seu banho quente. Começava ao anoitecer, na cidade ou nas fazendas, o azafamado desfile das mucamas e muleques a carrear água da cozinha para os quartos, a fim de que os senhores realizassem as suas habituais abluções. O hábito remontava longe, imposto pelo clima litorâneo e talvez demonstrasse influência hebráica nos hábitos da sociedade por causa das prescrições dos sábados (¹⁰²).

(102) V. do autor *A Bahia e as Capitâneas do Centro do Brasil*, III, 202.

Tanto asseio escandizava o francês Mr. Gaymard, que a respeito das mães brasileiras escrevia com grande dose de asneirice: *“Si l’aptitude à devenir mères est plus hative chez les femmes du Brésil, elles sont au contraire en général moins fécondes que dans les climats, tempérés d’Europe. L’usage quotidien des bains tièdes et une extreme propension à l’amour physique (sic), les énervent: d’ailleurs l’état habituel de transpiration où les tient la haute température de l’athmosphère est bien peu favorable à la conception. Les mêmes causes déterminent la mollesse des organes, rendent les accouchements plus faciles; et par une consequence naturelle; l’hémorragie utérine est plus dangereuse et a souvent des suites funestes”*. Impossível reunir tanta bobagem em tão pouco espaço como as do membro da mesma expedição a que pertencia a francesa nossa benévola informante.

Ainda menos procedente seria a outra informação que ela nos oferece a respeito da perna de D. João VI. A moléstia que affligiu no Rio o Príncipe Regente, prestou-se a toda sorte de lendas gostosamente aceitas e propaladas por autores como Tobias Monteiro, que chegou a atribuí-la, baseado em suspeitíssimo depoimento de Henderson, à ferroadada de irreverente carrapato. A realidade é muito diversa. Estava o temperamento sanguíneo de D. João sujeito a crises de erisipela de carater crônico, e ao chegar de Lisboa ao Rio de Janeiro, já trazia o Príncipe o incômodo. Invalida também a versão de Tobias Monteiro, de que o Regente mandara fazer à beira-mar um engradado ou coxo para tomar banhos, por temer caranguejos, muito capazes de repetir a façanha dos outros bicharocos. . . . Infelizmente esses pormenores são assunto em extremo sedutor para jornalistas de sensacionalismo — a pior espécie de jornalismo — que teimosamente perpetuaram histórias como a do carrapato; a lenda da gula de D. João e depravação de D. Carlota Joaquina.

Entretanto, pouco se molestavam os estrangeiros gradados de passagem pelo Rio da inospitalidade portuguesa, mantendo entre si exemplar cordialidade. Velhas quizílias,

antigos choques nacionalísticos, rivalidades e competições européias, desapareciam no ambiente carioca numa sucessão de reuniões, festas e tertúlias. Num dia havia excursão à Tijuca, na quinta da Condessa de Roquefeuil, em outro grande almoço na chácara do seu sobrinho Conde Aymar de Gestas ou em casa dos Sumter; a seguir, baile promovido por alguma embaixada para homenagear divisão naval em visita, ou banquete e danças a bordo de vasos de guerra em retribuição à precedente homenagem, terminada a semana numa visita à fazenda Mandioca do Consul Langdorff, competidor da Condessa fazendeira em abrigar estrangeiros. Nessa atividade festiva o elemento luso brilhava pela ausência, por sinal, raramente notada. O depoimento do Golovnin é um dos muitos a respeito, quando noticia a amabilidade dos comandantes de duas fragatas austríacas, em que pouco antes tinham chegado Ender e companheiros, surtas no porto, os quais se prontificaram em auxiliá-lo no que necessitasse.

Continuaram as gentilezas nos passeios de praxe na cidade, consistentes naquele momento pela visita a alguns pontos pitorescos; mais a obrigatória audiência de D. João em São Cristovam e incursão no Valongo, sinistro mercado de pretos, os quais pelo aspecto de torva aglomeração constituía monstruoso espetáculo. Foram também excursionar até a cascata grande da Tijuca, no sítio do Conde de Gestas, parente e administrador da Condessa de Roquefeuil, onde almoçaram. Não menos gentís se mostraram os norte-americanos. Veio o comandante da corveta dessa nacionalidade, presente no estuário, cumprimentar Golovnin e convidá-lo para almoçar em Companhia dos Sumter. No ágape havia convivas pertencentes a nove nacionalidades — russos, norte-americanos, ingleses, austríacos, holandeses, “italianos do papa”, venezianos, ilírios e franceses, “mas não havia portugueses nem brasileiros, donos daquele país”, escreve o comandante moscovita e acrescenta: “Encontrei também no Rio de Janeiro uma senhora de origem tcheca, esposa de um cientista austríaco, que tinha chegado há pouco tempo. Essa pessoa morava muito tempo em Mos-

cou quando fôra governante de uma família da alta nobreza e falava russo fluentemente. Era agradável encontrar t.o longe da pátria gente que conhecia e falava russo, lingua tão pouco conhecida nos países estrangeiros”.

Coisa semelhante também dizia a senhora francesa companheira de seu marido na expedição científica já algumas vezes citada. Como de costume receberam a bordo visitas de ingleses e outros comandantes de navios e foram excursionar no sítio da Condessa de Roquefeuil. No passeio iam senhoras de várias nacionalidades, inclusive a Sra. Sumter e a do Ministro Plenipotenciário da Holanda, e como de costume lá almoçaram. No Rio visitou a dama francesa uma espanhola. Madame Gi. . . , para a qual tinha uma carta de recomendação, visita efetuada graças à caruagem que os Sumter amavelmente lhe emprestaram. Jantou depois em casa do Abade Boiret, professor dos Infantes e Capelão de Madame de Roquefeuil a quem ajudava a manter ordem e disciplina entre os escravos, através de bons exemplos e de educação religiosa. No dia seguinte o esposo da nossa informante almoçou em casa do Ministro da Prússia, o Conde Flemming, muito amigo dos austríacos em que figurava Ender, refeição onde se contavam agentes diplomáticos então no Rio de Janeiro, a saber: Marquês de Grimaldi, representante da Sardenha; dal Borgo di Primo, da Dinamarca; Barão de Mollerus, da Holanda; Marquês de Casa Irujo, da Espanha, etc. . . . Nos outros dias da permanência no Rio, jantavam com o Conde d'Escragnoille ou com o Abade Boiret que oferecia a compatriotas excelente cozinha. Entre as excursões figurava visita ao General Hogendorp, fiel sequaz de Napoleão, o qual, como bom holandês, fabricava vinho de laranja e manteiga, coisa rara de se encontrar na Capital do Reino Unido, além de possuir alguns milhares de pés de café. Este ilustre guerreiro servira com fidelidade a Napoleão; que o mencionou no testamento de Santa Helena; depois de ter servido Frederico o Grande na Prússia, onde desposara uma Princesa alemã. O antigo governador de Vilna recebia também visitas no seu eremitério do Corcovado, das quais as

mais lisonjeiras tinham sido a do sábio von Martius e a do Príncipe Herdeiro D. Pedro, e a mais dramática a do Almirante francês Jurien de La Gravière.

No tempo em que governara Java, socorrera Hogen-dorp ao jovem "*enseigne de vaisseau*" que lá aparecera partidário de Luís XVI, num navio cuja tripulação se revoltara. Ao chegar vinte e cinco anos depois ao Rio de Janeiro, no vaso de guerra *Le Colosse*, festejado pela colónia francesa, solícita em homenagear longe da pátria um Almirante de Luís XVIII, veio a saber La Gravière no decurso de um banquete, da existência num desvão carioca, de antigo general de Bonaparte, a respeito de quem, circulavam os mais diversos rumores na França e no Brasil. Propalava-se que saqueara um Banco na desordem dos últimos dias do Império e fugira com o dinheiro para o Rio, onde possuía vasta fazenda cultivada por trezentos negros. Outras informações mais graves emanavam de agentes oficiais de S. M. Cristianíssima e do Regente da Grã-Bretanha, suspeitosos das razões que levavam o oficial do exército napoleônico a escolher tal sítio para descansar.

O Almirante, alheio aos dizeres, foi ter com o eremita do Corcovado, efetivamente adepto do Imperador mas em condições de quase pobreza, a desmentir pela mediania as lendas que sobre ele pairavam em França. Cortesmente recebeu La Gravière, que mais tarde se recusou endossar as desconfianças do Consul Maler e colegas ingleses, e apoiar os relatórios que provocariam por parte do governo francês pedido de expulsão do indesejável. Os receios dos governos europeus autorizavam a medida, pois, boatos e mais boatos se sucediam com anúncios de tentativas bonapartistas para libertar o índolo caído. Um autor francês, Mellon, reproduz o que então se afirmava: "*Tout autour de l'Atlantique, les fidèles du grand Empereur se sont éparpillés, véritable chaines d'hommes devoués, prêts a subtiliser le "petit caporal" à la moindre faute d'attention des gardes chiourmes d'Hudson Lowe et à le faire disparaître, en retraites sûres en asiles impénétrables, l'emmener en tout lieu où Sa Majesté jugera bom d'aller. Le rêve de l'île*

d'Aix, s'en aller vivre libre en Amérique sou le nom de l'aide de camp tué en le couvrant de son corps, le brave colonel Muiron, fut à diverses reprises présenté a nouveau à l'exilé de Longwood comme une réalité possible. Toujours il a refusé, craignant un piège ou se sentant trop gravement touché dans sa santé pour reprendre le cours de son fabuleux destin. De tous les irréconciliables, à part la suite que le "general Bonaparte" a été autorisé à emmener à Sainte Hélène, c'est Hogendorp qui c'est rapproché le plus de l'île maudite, à l'entrée de ce port de Rio où les coureurs de mer aux allures furtives viennent prendre leurs derniers ordres et faire ultime escale avant de risquer l'aventure.

"Le surlendemain de la mort de Napoléon, la première lettre qu'écrira Hudson Lowe sera pour aviser ses agents do Rio que les tentatives des "miserables" sont désormais sans objet".

A conjectura não é desarrazoada. Por que teria Hogendorp escolhido a longínqua capital do Reino Unido para se estabelecer? Desejo de se distanciar de inimigos odiosos? Reminiscências da natureza de Java onde passara a mocidade? Esperança na conhecida magnanimidade de D. João, o qual, se bem fortemente incomodado pela sua presença, nunca o molestou, conhecida a solícita maneira com que toda a família real bragantina socorria a infelizes estrangeiros! Não deixa, todavia, de ser estranha a preferência do general por um sítio onde não tinha raizes, nem motivo plausível para justificar a sua presença em meio de antigos inimigos, no porto mais próximo de Santa Elena. Aí fica mais um mistério dos muitos daquela turbada época (103).

Mas os rumores de conluios e a presença de cúmplices de Bonaparte não conseguiam empanar o brilho dos divertimentos de seus adversários no Rio de Janeiro. Entre as muitas festas oferecidas à oficialidade de navios de guerra em visita, além da particularmente suntuosa do Embaixa-

(103) Sobre Hogendorp no Rio de Janeiro a mais extensa e melhor notícia é a de Theodor von Leithold "*Meine ausflucht nach Brasilien*", págs. 164-170, que nos parece de muito preferível à demasiado fantasiosa de Arago.

dor britânico, de que fala Marrocos, muito se comentou a do Consul Langsdorff na chácara do Rio por ocasião da chegada de Golovnin. Pelas suas relações oficiais e particulares com elementos de várias nacionalidades, ele mesmo, alemão a serviço do Tzar, reuniu num baile russos, prussianos, austríacos, ingleses, franceses, espanhois, portugueses e . . . brasileiros. Ao lado de oficiais do *Áustria* ou *Augusta* podia-se ver a filha do Consul Chamberlain com seu noivo oficial da marinha britânica, perto de titulares lusos e a raridade em festas oficiais, de algum argentário carioca. Entretanto, o que os boatos não alcançaram foi conseguido pelo indiscreto pernيلongo, que em grande número, ocorreu atraído pelas luzes. Insetos voracíssimos, picavam cruelmente os presentes, as damas nos decotes e os homens através das meias de seda nas pernas, pois tinham comparecido vestidos com calções curtos e calçados com peais de fivela, que eram baixos e abertos.

Perdurava, porém de modo geral, desconfiança entre portugueses e estrangeiros, consideradas excepcionais a presença de titulares da côrte a recepções como as que Sydney Smith ofereceu à família real na então Braganza, ou Armação de São Domingos, na atual Niteroi, ou de Embaixadores onde se admiravam gregos e troianos. Só em excepcionais ocasiões isto acontecia, continuando a separação, causa de haver tão poucos depoimentos a respeito do modo de vida das altas classes sob D. João VI. Para um artista como Ender, algo afastado de festas aristocráticas pelas suas ocupações, o acesso junto de portugueses se tornou ainda mais custoso que o de estrangeiros de passagem revestidos de cargos oficiais. No entanto, poderia ter sabido de alguns pormenores da sua intimidade pelo Ministro Neveu, o qual, quando noivo de uma filha de Joaquim de Azevedo, então Visconde do Rio Seco, diariamente a visitava na casa dos futuros sogros. Mesmo sem ser em caracter de confidências havia de ouvir algum reparo provocado pela diferença de usos e costumes entre lusos e outros europeus, pôsto, na sua autobiografia nada diga a respeito senão queixas contra o clima. Felizmente a simplicidade de mestiços e

negros fôrros deu ensejo ao pintor, não sabemos se a poder de sinais ou da comunicativa correspondência de que a mocidade possui segredo, para conhecer a vida das classes menos favorecidas.

Ademais, obteve melhora na saúde depois dos dois banhos que tomou numa excursão na Serra dos Órgãos, milagre parecido com o alcançado pela Condessa Golovnin quando proporcionou um à filha no trajeto entre a França e a Rússia, com efeito tão benéfico que a salvou da morte. Na viagem a São Paulo visitara Ender em N. Sra. da Aparecida a choça de caboclos, de que nos deixou cuidadoso relato em desenho. E' dos raros do gênero conhecidos na iconografia geral brasileira, pois antes só se conhecia a estampa de viagem de circunavegação do mundo de Langsdorff, realizada em 1803, onde consta o interior de cabana provavelmente nos arredores do Rio de Janeiro. Igualmente interessantes e da maior utilidade para o estudioso da história das comunicações no Brasil, são os de ranchos de tropeiros de que Ender tratou exaustivamente, porém estes também foram reproduzidos por outros desenhistas europeus, ao passo que desenhos de lares proletários devem ser raríssimos, pelo fato de não interessarem os ilustradores de expedições que nos visitaram. Do Rio o vienense reproduz vários de pretas e mestiças, doceiras ou costureiras, em que as vemos sentadas no chão em meio de sumária mobília, composta de mochos, bancos de pau, arca também de madeira para guardar trastes na falta de armários, mui pouco usados, redes para dormir ou catres cobertos de couro para o mesmo fim, os quais eram mais comuns nas cidades. De mistura, vemos nos interiores proletários de Ender relativos ao Rio, cadeiras de assento e encosto de sola e pregaria, evidentemente do fim do século 17 ou começo do 18, que por constituirem refugio — bons tempos aqueles! — tinham encajado no tugúrio de pretas. Perto ocorre o contraste de uma mesa leve de linhas modernas — entenda-se Sheraton — que então deviam ser encontradas em toda parte, pois, todo movel novo era copiado pelos marceneiros locais, feitos com madeira superior a do modelo, depen-

dente o preço unicamente de maior ou menor número de enfeites ⁽¹⁰⁴⁾.

Uma das mobílias que para isso poderia servir, seria justamente a do Gross Botschafter Conde de Elz, de que Ender, ao passar do proletário ao altíssimamente graduado personagem da côrte, anotou os salões e o gabinete de trabalho. Iniciara-se a importação em larga escala de objetos europeus, naturalmente de preferência ingleses por pagarem menos direitos alfandegários. Acrescia, ainda, para o seu predomínio na moda o prestígio da Inglaterra vitoriosa e estreitamente ligada por negócios e tradições a Portugal. Procuravam, entretanto, os franceses imiscuir-se no mercado, depois das pazes por eles celebrada com o resto do mundo. Escrevia sobre o assunto um viajante: *“L'ameublement et le décor des maisons se rapprochent beaucoup des modes européennes: ils consistent en meubles, rideaux, corniches, etc. etc., en peintures de mauvais goût, en dorures mais en petite quantité; on n'y voit point de chambranles de cheminé; rarement des teintures, à moins qu'elles ne soient en papier, dont on a commencé à faire usage depuis que la France en envoie à bas prix. Quoiqu'on ai ici beaucoup de nos meubles, la plupart y sont encore inconnus. Presque tous les gens du commun se servent d'une espèce de canapé appelé Marquesa. Les pauvres recouvrent de bois ou en cuir; les gens aisés, en rotin ou en marroquin: c'est un siège le jour et un lit le soir. On a peu de fauteuils et de tapis, mais beaucoup de lits de camp, des nattes, sur lesquelles les femmes des classes inférieures s'asseient, et des tabourets assez élevés appelés mochos”*. Pallière no afã de tudo deprimir, como bom francês do período napoleônico, acompanha os reparos do viajante e não fala nas cadeiras, arcas, mesas, armários, biombos, caixas etc. . . do Extremo Oriente, móveis ornados com marfim e madrepérola, e os de charão preto e ouro, ou policrômicos, bas-

(104) Leithold se refere a um tal Roche, banqueiro, possuidor de casas bem montadas e bem “guarnecidas”. Resta saber se o nome está certo: *“Die Zimmer in seinen Hausern sin sehr schoen dekorirt und moebliert und zu seiniem Vergnuegen haelt er sich vier Maitressen”* . . .

tante comuns nas casas portuguesas, que tantos funcionários notáveis pela rapacidade tinham enviado dos presídios de Goa, Macau ou Timor. Conclui o viajante seu conterrâneo dizendo que os marceneiros locais faziam móveis geralmente guarnecidos com embutidos de mau gosto ⁽¹⁰⁵⁾.

Esse elemento plástico era acentuadamente inglês — Sheraton ou Hepplewhite — estilos incomparavelmente superiores em leveza e elegância aos horríveis móveis Império e Restauração que no momento assolavam Paris, por sinal, admirados pela côrte joanina, estilos que hoje os próprios franceses, a despeito do seu incurável nacionalismo, abominam. As madeiras mais empregadas no Brasil eram

(105) No seu *Diário Intimo* escreve Pallière a respeito dos aposentos de um personagem carioca: *“La manière indifferente avec laquelle j'ai remarqué que l'on construit les maisons et en même temps tout le reste. Je n'ai vu ni la recherche du gracieux ni de l'utile, et je dirait même, du nécessaire à peine si les mêmes maisons sont fermées. Les trois quarts des maisons même à Rio de J. sont sans vitres, mais elles ne sont pas sans rottes, espèce de grille en bois, voyez mon dessin n. il vous donnera une idée de ce goût de voir sans être vu. Il est vrai que c'est en général si sale dans un interieur, qu'il font bien d'avoir honte et de se cacher. J'ai connu un Mr... assez longtemps, toujours mis avec une recherche et une élégance extrême. Je fus un jour obligé d'aller chez lui, il avait une de ces chambre à Rotte (rótula), et dans l'interieur de la pièce était une marquise (canapé) sans matelas, une natte, dessus la natte deux draps de toile de coton, et traversin de toile rose avec de grandes garnitures transparentes, et le restant de l'ameublement était deux chaises et un petite table avec un encrier fait d'une petite bouteille et des plumes et beaucoup pétitions tant pour lui que pour les autres. Ici chacun est censé de savoir faire de pétition et sitôt que le G...t vient de vous accorder quelque grâce, on achette du papier, pour demander autre chose. Je vis ainsi un chapeau a corne à un clou et deux chemises sur une petite planche. Dans l'alcove ou il n'y avait pas de lit parceque la marquise servait de chaise quand il venait du monde et de lit in y mettant cette natte. L'alcove était aussi garnie de quelques saints gravés et collé avec des pains a cacheter. Voila l'interieur général des habitations des villes. Je laisse a penser comment doivent étre les campagnes. Elles ne sont pas pire, vous n'y trouvez plus de marquises ni de chaises, mais toujours la natte par terre, et un ou 2 tabourets. J'avais oublié de dire que tel pauvres qu'il puissent étre ils ont toujours une mandoline ou guitare et une grande capote et ils prennent tout de soin a cacher leur chez eux, a bien dire je n'ai point encore vu ni ici ni en Portugal ceux que l'on dit riches. Voila le luxe que j'ai vu chez ceux qu'on appelle riche; une grande quantité de chaises toutes pareilles et en jonc (com assento de palhinha) et le canapé. Pas de tableaux ni de gravures, ni de tapis si se n'est de paille, point de glaces, et s'il y a une elle est ronde... Les Palais du Roi sont tout aussi ridicules que les maisons des particuliers. La galerie de S. M. le roi du Portugal où les pretendants vont lui laisser les pétitions est remplie de tableaux les uns plus ridicules que les austres”*. Estes flagrantes de Pallière são tão saborosos e indubitavelmente verídicos que não nos furtamos à tentação de aqui os reproduzir.

jacarandá; cabiuna para leitos, cômodas e cadeiras; óleo para poltronas e marquêsas, e vinhático para mesas "*de sala de jantar*". Também esta essência era empregada para forro de gavetas, antes que o seu progressivo desaparecimento obrigasse os modernos marceneiros a recorrer ao cedro e pinho muito inferiores em qualidade. Dá-nos impressão o exposto de que eram as casas no período anterior à chegada de D. João, mobiliadas muito mais de acordo com o clima e necessidades da população, que depois da chegada da côrte com o seu cortejo de "snobs". Imaginem "*des chambranles de cheminé*" no Rio de Janeiro! Basta a lembrança de semelhante cousa nas margens da Guanabara nos meses de janeiro a abril e de outubro a dezembro, para nos fazer transpirar!

Uma cousa que o viajante não sabia é que as marquêsas também serviam para a "*toilette*" dos defuntos, por não terem travessas dos lados, e, assim, facilitavam os movimentos dos encarregados da fúnebre operação. Não alude, tampouco, à quantidade de porcelanas em mor parte provenientes de Macau, outrora consideradas secundárias por terem passado de moda e sofrerem a vitoriosa competição de manufaturas inglesas adoptadas pela casa real. Assinadas Jacob Petit e outras firmas da região parisiense, figuravam nas casas burguesas e nos altares das capelas onde os fieis costumavam ofertar flores aos santos de sua devoção. São encantadoras com pinturas e graciosos dourados em jarras, vasos, jardineiras, estatuetas e aparelhos de mesa, que bem desejaríamos atualmente possuir como se fossem jóias preciosas, tornadas, porém, inacháveis. A pesada mão de escravos descuidados e a displicência de senhores indiferentes ao belo se encarregaram de transformá-las em supinas raridades.

A informação do viajante é de 1817, quando os benefícios da paz geral favoreciam o comércio a despeito de tratados e de preferências oficiais. Desenvolvia-se o gosto do luxo entre brasileiros, de quem Martius, chefe e cronista da missão em que viajava Ender, escrevia: "*A concessão de títulos e cargos pelo rei atraía alguns à capital,*

onde assimilavam o modo de vida do europeu e influíam sobre as classes populares. Os habitantes das capitâneas afastadas também se acostumavam a considerar o Rio como capital, que visitavam para tratar de negócios ou por curiosidade, passando a adotar os costumes e modos de ver dos europeus". Em uma palavra, resumindo o que ele queria exprimir, cada vez mais nitidamente se manifestavam os efeitos da centralização política, obrigando os habitantes das capitâneas antigamente dispersos — alguns, como os do extremo Norte, na Região Amazônica incluindo o Maranhão, mais em contacto com Lisboa que o Rio de Janeiro — se dirigirem ao centro carioca da administração pública.

As principais inovações manifestadas na capital a partir do grande impulso dado ao luxo pelo casamento de D. Pedro, consistiam em carruajens, espelhos, lustres e pianos. Estava incluído nas incumbências da Esmbaixada Especial negociar tratados de commercio favoráveis ao intercâmbio económico entre o Reino Unido e a Áustria. Não tardou a verificar o infeliz von Elz que só lograria o escopo se pudesse apresentar condições mais vantajosas que as oferecidas pela Grã-Bretanha e garantir ao Brasil a continuação do caudal de negros indispensáveis à lavoura a despeito do cruzeiro inglês. Fora disso era inútil qualquer tentativa. O significativo diálogo entre Gladstone e o negreiro norte-americano José Cliffe, naturalizado brasileiro, que reproduzimos em outro trabalho⁽¹⁰⁶⁾, esclarece por completo a atitude da "foreign policy" dos insulares, em que não intervinham apenas razões humanitárias.

Do surto do café e outros gêneros a desenvolver a prosperidade brasileira graças à franquia do comércio, manavam proventos que permitiam sustentar a côrte e custear as guerras do Sul. O destino nesse ponto mostrou-se amigo de D. João VI, quando generosamente lhe proporcionou imediato resultado da abertura dos portos. Nunca simples penada em baixo de um decreto trouxe mais

(106) "As Relações entre a Bahia e o Daomé", in vol. V da ed. especial comemorativa do IV Centenário da Bahia a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

prodigiosa transfiguração que a sucedida no Brasil depois de 1808. O afluxo contínuo de navios, comerciantes, fazendeiros, capitalistas, artifices, cientistas, artistas e mais elementos depois dessa data, em pouco compunha uma nação onde pouco antes dormitava organismo sufocado por proteccionismo metropolitano. Até então, vegetara a mirrada comunidade de brancos do Rio no maior primitivismo; os interiores mais “*fashionables*” como diziam os ingleses, mobilados principalmente por pesados sofás de forma antiga, e cadeiras pintadas de branco e vermelho, com flores como as mobílias campesinas do Minho e do Além Tejo. As mulheres sentavam no chão em esteiras, mais por hábito tradicional, que motivo peculiar ao sítio. O costume, considerado de origem semita, era simultaneamente praticado nas Espanhas e nos seus domínios ultramarinos, das mais altas classes às mais ínfimas, da côrte a alojamento de ciganos. Os enfeites para fins decorativos consistiam quase exclusivamente em imagens sacras, dependuradas nas paredes ou espalhadas por mesinhas de encosto, consolos, mísolas, etc. . . Os leitos, apesar de antiquados, chegavam às vezes, em residências de personagens, a suntuosos, com altas colunas para sustento de veus contra mosquitos e duro colchão — o mais condizente com o clima — e lençóis de linho, agradáveis no calor, de boa qualidade, “*excellent sheets*”, comentavam ingleses. Mas onde a rudeza do meio surgia em todo seu horror era na cozinha. Comia-se mal com a agravante de passadio impróprio ao clima. A ausência de manteiga fresca impossibilitava boa pastelaria e inúmeros pratos usuais europeus. Carne-seca, porém cheia de sebo, lombo de porco demasiado gorduroso, frangos musculosos (¹⁰⁷), conservas europeias geralmente deterioradas (¹⁰⁸), feijões nadando em gordura que a farinha-de-pau não conseguia absorver, e doces nadando em assucar, perfaziam com maior ou menor profusão, segundo as posses do indivíduo, o cardápio habitual do rico e do pobre na colônia.

(107) V. *A Bahia e as Capitâneas do Centro do Brasil*, do autor.

(108) Id. id.

No dizer do francês Fabré, "*Les Brésiliens ne font ordinairement que deux repas, où l'abondance des mets a coutume de régner plutôt que l'élégance du service. J'allai une fois dîner chez l'évêque (D. José Caetano de Sousa Coutinho), et fus d'abord un peu surpris de voir que nous étions placés autour d'une table fort grande, quoique le nombre des convives fût peu considérable; mon étonnement redoubla lorsque, sans m'offrir d'aucun mets bientôt ainsi entouré de huit à dix assiettes remplies, dont on me laissa le choix d'user selon mon goût et ma volonté. Cet usage, qui seroit déplacé et peu agréable dans un climat froid, navoit réellement ici aucun autre inconvénient que d'exiger plus de place autour de chaque convive: il paroît être général dans les familles portugaises*". Efetivamente, o hábito de tudo servir à mesa ao mesmo tempo, sem a divisão norte e centro européia, que dizem remontar ao poeta Sírriab no califado de Córdoba, no esplendor da civilização mosárabe, só podia aplicar-se onde o clima fosse cálido bastante para que se não esfriassem rapidamente os alimentos depois de colocados à frente dos convivas. O costume tinha a vantagem de permitir às pessoas de diverso gosto, servirem-se como melhor entendessem, do que mais lhes apetecesse, precaução contra o feitio indigesto de alguns quitutes. Marrocos reproduz conflitos culinários entre cariocas e reinois, na carta a respeito de alimentos "*exdruxulos, isto he, q. não podem acostumar o seu paladar e estomago à diversidade economica de comeres, q. nausea e enfastia, como he o trivial quitute de carne secca de Minas com feijão negro e farinha de páo, tudo cosido e amassado com os dedos que depois são lambidos. Entre esta gente chamase quitute ao que entre nós se dá o nome de acepipe ou piteo*".

Infelizmente não era apenas quanto às comidas que o regime carioca se mostrava excessivo e impróprio ao clima. Debret alude ao costume dos habitantes ricos da capital de passarem o Natal em fazendas não muito distantes da cidade. Essas reuniões, realizadas em pleno Verão, eram pretexto a banquetes em que, além da abundância de "*quitutes*", havia demasiado consumo de bebidas. "*Lá, toutes*

les journées commencent pour les hommes, par une partie de chasse, de pêche, ou de promenade à cheval; les femmes s'occupent de leur toilette pou paraître à dix heures au déjeuner. A une heure tout le monde se réunit, et l'on se remet à table; après avoir savouré, pendant quatre ou cinq heures, à laide des vins de Porto, de Madeira et de Ténériffe, les différentes chairs de volailles, gibier, poissons et reptiles q'offre la contrée on passe aux vins les plus fins d'Europe. C'est alors que le champagne échauffe la verve du poete, anime le musicien⁽¹⁰⁹⁾, et que les plaisirs de la table se confondent avec ceux de l'esprit, à travers les parfuns du café et des liqueurs. De lá on passe aux tables de jeu; à minuit, on sert le thé, à la suite duquel chacun se retire dans sa chambre, où il n'est pas rare de trouver parfaitement conservés des meubles que appartiennent à la fin du siècle de Louis XIV".

Convém notar que tais abusos somente se registavam poucas vezes no correr do ano, pois, de modo geral, quanto mais se elevava nas classes sociais mais sóbrio se mostrava o indivíduo. Havia muitos, até, que raríssimamente e em pequena quantidade provavam bebidas, daí, mal vistos os que das mesmas abusavam. O apreciador de alcool era tido por modelo do que se não deve fazer, inda não chegasse a bêbado, e, se acaso lá chegasse, tornava-se a vergonha de uma família, uma desgraça pública, um indivíduo cujo nome não devia ser mencionado ante pessoas de bem. Descia sobre ele silêncio cheio de subentendidos caridosos, hoje disparatados para uma geração amadora de uisque, "cette boisson", como dizia Ambroise Vollard, "au goût pharmaceutique". No povo, apesar de haver igualmente forte preconceito contra o alcoolismo, notava-se maior número de alcoólatras, logo reparados pelos viajantes catadores de nugas alheias, principalmente quando esquecidos dos defeitos próprios. Mr. Fabré, por exemplo, pertencente a uma nacionalidade cultora de vinho, e porisso mesmo

(109) Debret noticiava o modo como compunha o fazendeiro o número de seus convidados, incluindo mocidade, pessoas graves, poetas repentistas e tocadores de violão.

pródiga de beberrões, comentava com severidade: *“L’abus des liqueurs fortes, dans un pays où il n’est pas rare de voir régner tous les genres d’excès, est fort répandu; les personnes les moins aisées usent surtout d’une eau de vie de canne appelée ici cachaça (tafia), qui abrutit et change le moral de l’homme plus encore que les autres liqueurs spiriteuses”*.

Para o serviço da casa aparecia na mesa louça azul de Macau, barata naquele tempo em que servia de lastro para navios de volta do Extremo Oriente. Havia também outras mais enfeitadas como a da Companhia das Índias Portuguesas, profusamente vista no Paço da cidade e na Quinta da Boa Vista, que nem de longe lembrava a perfeição e requinte decorativo das similares com o mesmo nome “Companhia das Índias” de outras feitorias européias. Os pitéus, acepipes, quitutes, ou que nome tivessem, eram apresentados em pratos grandes de latão ou de prata. A farinha de mandioca — o pão nacional — vinha em cestinhos trançados com técnica a remontar até os Tupís da primeira catequese. Nos grandes balaios ou congas, copiados pelos portugueses dos africanos, traziam as frutas aos montes, laranjas, tangerinas, abacaxis, mangas, cajús. Foram reproduzidos por Debret na estampa que serve de indício para demonstrar que ele jamais coloriu o seu album de litografias. Pensava o Dr. Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, que os exemplares pertencentes aos soberanos guardados naquele estabelecimento, fossem coloridos pelo próprio autor. Serviu-nos aquela exibição de frutas tropicais para lhe demonstrar nunca ter Debret colorido livro algum da Biblioteca, porquanto não é admissível que, depois de morar tanto tempo no Brasil, o pintor ignorasse a côr da manga ou da banana. No povo em geral, e muitas vezes na pequena burguesia — funcionários públicos, pequenos comerciantes, professores, etc. . . — os homens comiam à mesa sem as mulheres, que preferiam sentar no chão sobre esteiras à moda oriental, por causa dos filhos pequenos que traziam ao colo nessas ocasiões. Garfos figuravam pouco porque as facas serviam para cortar e

também para enfumar alimentos na boca. Os demais convivias, mulheres e crianças, comiam com os dedos, cena singela pelo fato de as refeições se efetuarem na mais estrita intimidade, quando o funcionário público, liberto da farda que envergava na repartição, se punha à frescata, de ceroulas, chinelos e camisa, estendido na marquesa de palhinha, entre mulheres apenas vestidas de camisolões, crianças nuas e o indefectível violão, que dedilhava enquanto a mucama lhe extraia bichos-de-pé.

Um viajante menciona o carioca que fazia a barba acompanhado pela música tocada por escravos para lhe amenizar o enfado do diário sacrifício. Descreve também os casais respeitáveis, quando saíam à rua à testa de longa feira de filhos e crias para o passeio vespertino, invariavelmente dirigido para o Largo do Paço, à procura de novidades e de noivos para as filhas. Outros mais jovens, mas de modestas posses e possibilidades menores de divertimento, não querendo ou não podendo ir a espetáculos caros, em vez de assistir à ópera, deixavam-se ficar em casa em noites calmosas, ele com a cabeça no colo da mulher, ela de pernas cruzadas no chão como Scheherazada, a lhe coçar com as unhas a raiz dos cabelos. O costume representava o famoso “*cafuné*”, dizem de origem tupi, tão só para proporcionar sensação agradável, nada tendo que vem com o espiolhar praticado pelos reinois, pois o asseio colonial prescindia desse cuidado.

A mesma singeleza continuava no convívio dos grandes, pôstos menos aparentes. Acaso houvesse reunião de burgueses abastados, fazendeiros habitantes do Rio, filhos de comerciantes enriquecidos ou os próprios comerciantes, as visitas batiam palmas para se anunciarem, ou algum solteiro mais desenvolvido emitia silvo agudo entre os dentes, hábitos — dizia um francês — herdados dos árabes. Sentavam-se as damas à mesa junto de seus esposos, à sombra da proteção conjugal, sem o apartamento em uso nos países do Ocidente europeu, e se o dono de casa se lembrava de alguma saúde, era invariavelmente em louvor da própria esposa, porque a citação de outro nome poderia ser con-

siderada insolência passível de facadas. Evitado este equívoco, depois do café traziam escravos bacias de prata e toalha para os presentes lavarem as mãos, às vezes a boca, o rosto e até os braços, comentando, ingleses, serem tais cuidados pouco decorativos, porém louváveis pelo asseio que denunciavam *"these ablutions... exhibit one of the cleanliest and best customs of the country"*, de muito preferíveis à sujeira dos reinos. Jantares com senhoras eram, porém, raros. Os mais comuns consistiam em refeições exclusivas de homens, os quais, aquecidos pelos vinhos, a tantas desandavam em discussões acaloradas, todos falando e gesticulando ao mesmo tempo, estimulados pela praxe copiada dos ingleses de beberem hospedeiro e hóspede juntos o vinho do Porto, esvaziando o copo de um trago, de sorte que, *"before the conclusion of the repast, the company become boisterous, their common gesticulation in talking is increased, and they throw their arms about, with knives and forks, in such a way that a stranger feels no little surprise, how eyes, noses and cheeks escape from injury"*.

A chegada da côrte alterou os hábitos da burguesia carioca, aumentando-lhe entre outras cousas a sociabilidade e a necessidade de maior número de objetos na composição de suas casas. De qualquer maneira, viria mais a transformação do impulso dado a todas as cousas pela abertura dos portos e conseqüente atividade geral, que propriamente de exemplo de mundanidades hauridos no séquito real. Apresentava de começo a fidalguia lisboeta no Rio de Janeiro grande simplicidade, para não dizer indigência, longe do seu habitat, do seu quadro e das suas molduras familiares. Ademais, pouco frequentaria a classe burguesa da ex-colônia. Foi somente depois de algum tempo no Brasil, patente a intenção do Príncipe em se demorar na terra, que a gens cortesã resolveu melhorar de vida, organizar-se, e, até, ostentar algum luxo. Mais influente do que eles neste terreno seriam os mercadores ingleses, no fastígio da sua aura financeiro-econômica, onde se viam os Youg, Finie, Freese, o faceiro judeu Samuel Phillips,

representante de Rothschild & Co., credores do erário régio, donos dos maiores negócios da praça, a dar lições de vida mundana através das suas habitações, festas, mobílias, baixelas, criadagem, cavalos, etc. . . , inclusive, até, na localização das residências, antigamente concentrados os comerciantes e ricos locais na rua Direita e imediações da Candelária, inconfortavelmente alojados sobre os seus sombrios armazens.

No momento da chegada de Ender os fidalgos a exemplo das festas da Quinta, exibiam algum luxo, aparentando graças ao erário público certa ostentação em batisados e casamentos ⁽¹¹⁰⁾. Novo alento então cobravam as tendas de profissionais que se infileiravam pela rua dos Ourives, de que se destacava o notável artífice português trazido do reino pela côrte António Gomes da Silva, incumbido do trato e conservação das joias e baixelas da família real. Outro divertimento da gente grada da cidade, além de festas familiares, era jogo. O antigo gamão dantes indefectível nas lojas de comerciantes que a ele recorriam enquanto esperavam fregueses, fôra substituído por outros em que se arriscavam fortes somas. Comentava um francês: "*L'amour du jeu est très en vogue au Brésil, mais c'est le jour surtout qu'on s'y livre*". Era, pois, o contrário do que sucedia em Paris onde a jogatina estuava à noite nas galerias do Palais Royal, parte importante da vida noturna da capital francesa. No Rio os costumes invertiam as horas de lazer assim como a localização das bancas de jogo. "*C'est chez les barbiers, véritables Figaros du Brésil, que se tiennent les tri-pots; les étrangers n'y sont pas admis. Tous les peuples*

(110) Narra Leithold, de suas lembranças "*Bei meiner Anwesenheit in Rio de Janeiro verheirathete sich der junge siebzehnjährigen Graf Belmonte, mit der sechstehnjährigen Graefin Bellas. Man gewährte am Hochzeitstage eine grosse Menge Equipagen, worunter sich einige sehr schoene englische Wagen befanden; der groeste Theil war aber antik mit vier kleinen Pferden oder Muleseln, bespannt, welche zur Hochzeitsfeier lange blaue und weisse Federbuesche auf dem Kopf tragen, wie bei uns die Schlittenpferde; die Maehnen der Pferde waren mit bunt seidenen Baendern eingefast. Auf jedem Wagen der Hochzeitsgaeste standen zwei gut gekleidete Neger, mit grossen driekigen innerhalb mit seinen weissen franzoesischen Federn belegten Hueten auf dem Kopf, welche zu den schwarzen Gesichtern einen sondenbaren Kontrast bildeten*".

devraient avoir ce genre de philanthropie; ce serait exercer négativement les devoirs de l'hospitalité". Os franceses refinavam no caso. Ofereciam-se até para arrendar o monopólio do jogo, como propoz o Coronel de que já tratamos, antigo soldado da revolução, espia de Bonaparte junto a Carlos IV, jogador e aventureiro. No Rio, montou roleta, que precisou fechar ante as reclamações dos pais de família, se bem ele e seus sócios, propuzessem mandar vir um corpo de bombeiros de França e o manterem a sua custa. Indeferido na pretensão enveredou o tal Coronel espião pela política, publicando folhetos em que chegou a interpretar o pensamento do governo na delicada questão da partida da família real para o velho reino. Todo o setor de usos e costumes cariocas da obra de Ender parece, entretanto, copiosamente sorvido na do desenhista português Guillobel, igualmente saqueado por outros ilustradores estrangeiros. Do vienense são, contudo, os numerosos apontamentos sobre transeuntes de vária côr, que ocorrem nos desenhos de ruas e trabalho portuário, e, pôsto o artista mais se interessasse por paisagens; tarefa que lhe cabia na missão austro-alemã; os flagrantes de sua lavra, vivos como snap-shoots de nossos dias, são utilíssimos entre outras cousas para o importante capítulo do negro no Rio de Janeiro.

A CONGÉRIE AFRICANA

DESDE que desembarcara e conseguira algum tempo para anotar aspectos de atividade urbana na capital do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, apaixonara-se o artista pelo pitoresco das ruas. Que espetáculo para jovem europeu à procura de sensações mais tarde reproduzidas em album de viagem! Nunca imaginaria tamanho contraste entre amostras da requintada civilização européia ao lado de pretos oriundos dos selvagens sertões da Guiné e Angola! Rodavam seges do Paço precedidas por batedores, que sem dó batiam nos que tardavam a se arredar da passagem. Desfilavam enfeitadas traquitanas de aluguel com estrangeiros a caminho de S. Cristovam. Sucediám-lhes cadeirinhas apeteçadas, a resumir veículos do século 18, suspensas em travessões dourados carregados por escravos em vistosa libré e descalços. Surgiam negociantes ingleses a cavalo, que antes de sair de casa calculavam o tempo do trajeto até o trapiche para não cruzarem os “*toma larguras*” riais, porquanto desejavam sem dúvida ganhar dinheiro no Império Luso, mas não a poder de humilhações como exigia D. Carlota Joaquina de estrangeiros. Na conjuntura, intervinha o prático espírito de insulares, e enquanto o americano Sumpter não punha termo à prepotência da Rainha, conciliavam através de precauções a sua dignidade, com o ditame “*customers are always right*”.

Outros se conformavam com os “*vesos da terra*”, seges e cavaleiros a ultrapassar no calçamento sonoro antiquísimos carros de boi, cujo chiado produzia o som da gaita de foles no rumoroso concerto carioca. No tempo de Ender, frequentemente as vias que davam para o porto, eram alvo-voçadas para mais, pelo aparato militar de cerimônias guerreiras consagradas ao embarque de tropas para o Sul, os soldados em uniforme de gala, acompanhados de bandas de música e mais fatores de estardalhaço. Maior contraste, porém, era oferecido pela oposição da fachada do Império Luso e a turbamulta que lhe ficava ao redor, como negra moldura destinada a realçar quadro de cores vivas. Verificavam abismados estrangeiros, reinar durante certas horas tamanha desproporção nas ruas, de escravos para gente livre, que o Rio mais parecia cidade da costa d’África. Logo após a alvorada começavam a aparecer negros de de ganho, aguadeiros, leiteiros, carregadores, estivadores, remeiros, canoeiros, quituteiras vendedoras de angú, vendedores de capim, sapé e mais gêneros⁽¹¹¹⁾. Aglomeravam-se de preferência às esquinas os que dependiam de fregueses ocasionais. Os restantes permaneciam nas portas de igrejas, junto de quitandeiras que armavam espécie de

(111) Antigo morador da cidade muito relacionado com portugueses e estrangeiros, escrevia um francês a respeito de pretos obreiros: “*Les jours ouvrables, interrompus par nombre de fêtes religieuses, on se livre à la fabrication et au commerce. Il y a des rues affectées en totalité à tel ou tel autre état; la rue des ferblantiers, la rue des cordonniers, etc. . . La plupart des arts mécaniques s’y exercent avec plus au moins de perfection. Le maître n’est le plus souvent qu’inspecteur ou correcteur; les ouvriers sont des noirs ou des mulâtres esclaves, soit du patron lui-même, soit d’une autre maître qui les loue à raison de tant par semaine, ou enfim des affranchis: tel ouvrier rapporte dix francs et plus par jour; aussi une profession très-lucrative est-elle d’acheter des noirs et de les mettre en apprentissage. Comme on leur inculque à coup de nerfs de boeuf l’état qu’ils doivent apprendre, ils en connaissent bientôt toute la manipulation; et comme ils sont en général adroits, le maître définitivement les envoie en journée, et vit du gain qu’ils lui procurent; s’ils sont inepes et forts, il les fait travailler à la douane ou à conduire des pirogues.*”

“*Un de leur attributs, à la chute du jour, est de vider dans la mer les immondices de chaque maison. Malheureusement ces commissionaires ne sont pas inodores, et les parfums lu soir n’invitent pas à la promenade; aussi n’est-ce que la nuit (quando não mais se viam pretos nas ruas), que les dames brésiliennes se livrent à cet exercice salutaire: alors elles plaisantent avec leurs maris et leurs parens jusqu’à la disparition de cet astre*”.

balcão de venda sob rudimentar toldo protetor da mercadoria. Desses indivíduos, deixaram coevos americanos do Norte pormenorizada descrição: cada africano encontrado na cidade trazia marcada por escarificações no rosto e no corpo indicações da tribo a que pertencia. Provinham muitos da costa de Mina (fig. 1), região belicosa por excelência, de onde os prisioneiros de guerra iam abastecer os navios negreiros ⁽¹¹²⁾. Também eram encontrados em profusão por todas as redondezas até nativos de Bornu ou Tombocotum no coração da África. No Congo se dava o mesmo, porquanto pombeiros subiam na caça de



Fig. 1 — Mina

“peças” até a região dos grandes lagos. Mister Agate, misto de escritor, comissário de bordo e pintor, teve a pachorra de anotar em princípio do século passado as marcas ostentadas pelos escravos no Rio de Janeiro. Juntamente com o americano Hale, de quem reproduzimos algumas notas, chegou à conclusão de que os africanos mais inteligentes, de cultura mais desenvolvida, eram os embarcados em Ajudá, pouco acima do equador ⁽¹¹³⁾. Tintos de civilização mussulmana, transportados para a América, aqui não tardavam a adquirir a liberdade e a progredir nas aglomerações urbanas, graças ao espírito de iniciativa e persistência de que dispunham.

Os do grupo Aussá, da região de Guebere, traziam três pequenos riscos curvos de cada lado da boca, convergindo



Fig. 2

(112) V. do Autor “*As relações entre a Bahia e o Daomé*”, in loc. cit.

(113) Id. id.

alto para a comissura dos lábios (fig. 2). Os de Caxua, Labe e Quenu, populações em que havia muitos mercadores, exibiam quatro pequenos traços a convergir horizontalmente



Fig. 3



Fig. 4

para os lábios de modo a formar como que um bigode (fig. 3). Os Dauara traçavam duas curvas descendo, como a Sensitiva, ou outra espécie miudinha (fig. 4). Os Nagôs,

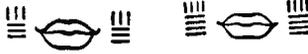


Fig. 5



Fig. 6

da margem oeste do Níger ou Quorra, abaixo dos Aussás, enquadravam a boca por três pequenos grupos de riscos perpendiculares de cada lado sobre três outros horizontais



Fig. 7

(fig. 5). Os das mulheres complicavam-se com raminhos curvos com pequenos grupos de riscos perpendiculares ao ramo (fig. 6). Os Taques, também chamados Naufis, ou Naifis, da margem oposta aos precedentes arvoravam ornatos parecidos com os dos Canôs, somente, reduzidos os riscos para dois ou três apenas (fig. 7). Os Fantis e Achantis ornavam a testa e as maçãs do rosto com vários traços perpendiculares e paralelos formando grupos (fig. 8). Os Calabares, próximos da foz do Quorra, marcavam o peito e o estomago com ornato composto de dois losangos cheios de tracinhos e pon-

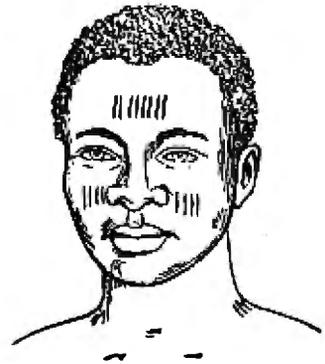


Fig. 8 - Achanti

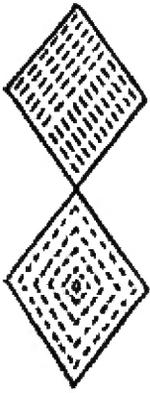


Fig. 9

tinhos (fig. 9). Os das povoações de Ebo desenhavam duas flechinhas sobre as têmporas acompanhando as sobrancelhas, com a ponta dirigida para cima (fig. 10).

As na es do sul do Equador, culturalmente inferiores e de traços fision micos mais grosseiros, eram maioria no Brasil meridional:



Fig. 10

“the slaves at Rio de Janeiro, are, in general, short, badly formed, or clumsy, with narrow foreheads, flat nose, protruding jaws and teeth, and prominent cheek-bones, with the chin sloping backwards. They are indolent, thoughtless, and licentious”. A descri o n o parte de autoridade na matéria que pretende tratar, participa da , do comum equ voco dos viajantes da  poca, a confundir defeitos cong nitos com males da miséria. Assim sendo n o admira continuar — *“the are to be found stretched out on the sidewalk, under the porticoes, or on the steps of churches, enjoying themselves as mere animals, basking in the sun or sleeping in the shade”*, se bem reconheça que não eram de todo *“deficient in intelligence”*.

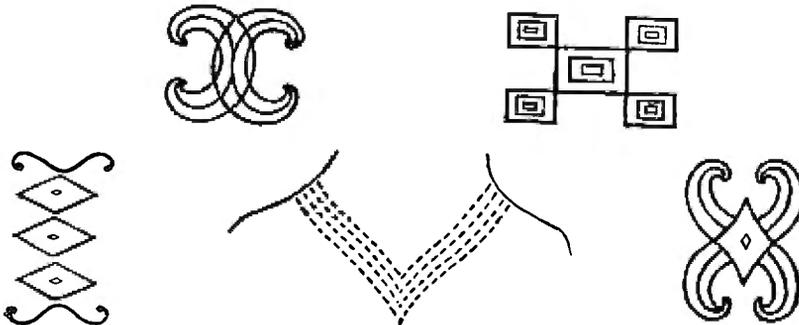


Fig. 11

Os originários do sul do equador apresentavam menos marcas de origem, principalmente no rosto. Os Cabindas ou Cambindas, provenientes de localidade com este nome logo abaixo dos Minas, no rio Laire ou Congo, traziam, contudo, no corpo numerosos desenhos mais com propó-

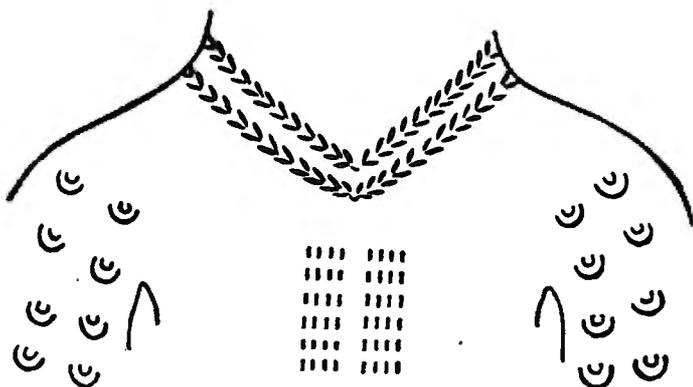


Fig. 12

sito ornamental que marcas de origem (fig. 11). Alguns eram bem engendrados. Formavam colares, ou espécie de cruzes gamadas, compostas de retângulos e curvas, isolados ou em combinação decorativa, a denotar curiosa imaginação. Principalmente os Sundis ou Maiombas, do norte de Loango, assim como os Bualís, se destacavam nos ornatos espalhados pelo corpo (fig. 12). Algumas mulheres Angoiôs também assim se apresentavam, modo de enfeite preferível aos dentes em serra ou imitantes a tubarão dos indígenas

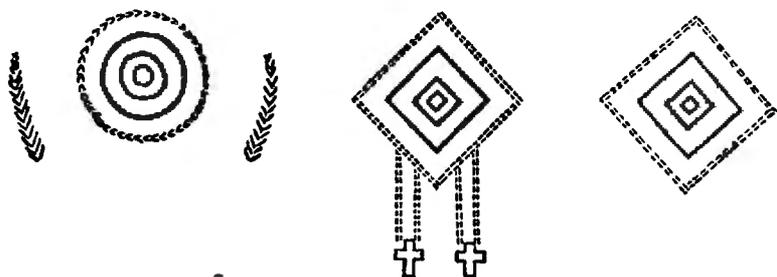


Fig. 13

da mesma zona (fig. 13). Os recortes variavam, como sucedia aos de Embona, da margem norte do rio Congo, cujos dentes, "*being filed so that each tooth form as a point*" (fig. 14).

Os Monjolos (fig. 15) representavam ao sul do equador o que os Daomeanos eram para o norte. População guerreira,



Fig. 14

tinha-se especializado em arrebanhar captivos ao depois remetidos para o Brasil. Envolto em toda sorte de versões por causa do procedimento, eram na África acusados de às vezes se alimentarem com prisioneiros. Distinguiam-se dos vizinhos pelos grupos de pequenos traços paralelos riscados longitudinalmente de cada lado da testa e nas maçãs do rosto. Inversamente os de Benguela (fig. 16) eram tidos como possuidores de melhores qualidades que os outros nativos do sul do Equador. Mais inteligentes e industriosos que os de regiões limítrofes, tinham traços menos grosseiros e maior estatura. Talvez por esse motivo fossem menores suas preocupações decorativas por meio de riscos na pele



Fig. 15 — Monjolo



Fig. 16 — Benguela

e no aguçar dentes. Os Congos (fig. 17), por outra, repetiam o mesmo costume de alterar a dentadura como os Angoíôs, e acrescentavam grupo de pontas de cada lado do rosto (fig. 18), nas têmporas, semelhantes às cinco chagas de Cristo que os soberanos da Casa Bragança desenhavam no fim da assinatura. Os Angolas e Cassanges (fig. 19) eram



Fig. 17 - Congo

considerados no Rio povos diferentes entre si, pôsto a língua fosse semelhante, caracterizada pela arrastada moleza da pronúncia. Quando falavam português diziam *balada* por *barba* e *cibali* por *cidade*. As suas estropeiações eram de tal ordem que a mor parte das falas de negros de folhetos satíricos portugueses do século 18, no gênero de *Preto e o Bugio*, etc., foram por eles inspirados e o termo Cassange passou a significar no Brasil o mesmo que bunda, ou seja do território Quibunda em África.

Dividimos *grosso modo* a classificação dos pretos escravos em tres proveniências, os da Costa de Mina, os de Angola e Congo e os de Moçambique, bastante numerosos nas

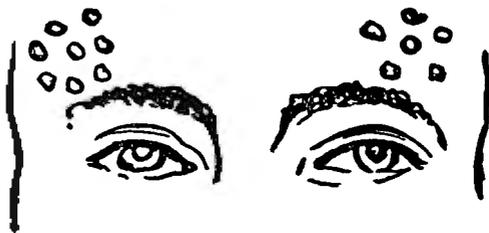


Fig. 18

capitanias meridionais no período em que os holandeses no século 17 ocuparam os outros viveiros da escravidão. Dessa terceira região os que mais braços nos remeteram foram os Macuas (fig. 20), que traziam horizontalmente na testa numerosos ornatos feitos de curvas e riscos, exibindo às vezes uma espécie de ferradura. Os Tacuanis do

rio Zambese preferiam ornatos feitos com pontos na testa e no peito, a alternar com cruces gamadas cujas pontas terminavam em grupos formados por tracinhos (fig. 21). Os de Sena, Mesena e reino de Motapa pouco variavam do precedente, cabendo, no entanto, a palma, em matéria de ornatos

Fig. 19 — *Cassange*Fig. 20 — *Macua*

escarificados (fig. 24), aos Niambanas (fig. 22), que usavam fieira de bolinhas salientes da raiz dos cabelos até a ponta do nariz. Mais ainda pertenceria aos Mudjanas (fig. 23), que estrejavam o rosto e ornavam o alto do peito, na altura do esterno, com uma série de grupos de tracinhos horizontais

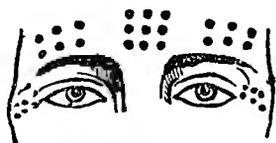


Fig. 21

sobrepostos de comprido, terminando o conjunto com e estrelas colocadas no meio das extremidades da composição. Com estes e os Mocondes chegamos à região dos Cafres (fig. 25), medíocres trabalhadores mas que fôra preciso aceitar na falta de melhores em certos momentos de crise no tráfico de negros.

Um fator de espanto para forasteiros era a ausência de mendigos na multidão negra. A explicação era simples, vinha do decreto rigidamente observado no Rio, ordenando fossem recolhidos os pretos que por qualquer motivo estivessem inválidos, sem amparo de senhores, como, por



Fig. 22 - Niambana

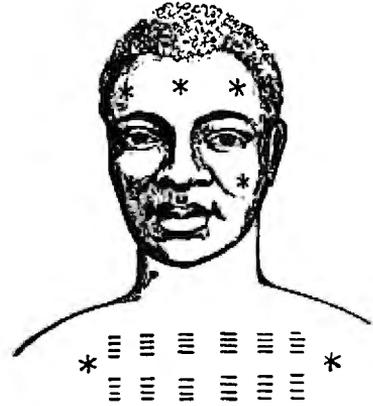


Fig. 23 - Mudjana

exemplo, os forros por desventura inutilizados pelo alcoolismo. O cuidado era exercido por várias instituições de caridade, particularmente pela Santa Casa de Misericórdia. Mas nem todo preto que recuperava a liberdade caía na perdição: *“those who receive their freedom in reward*



Fig. 24 - Tacuani



Fig. 25 - Cafre

for faithful services, or purchase it", diziam os americanos, "*conduct themselves well; their descendents are much superior in point of intelligence*". Muitos seguiam a profissão adquirida no Brasil, comprando por sua vez servos, que tratavam com muito mais severidade que os seus antigos senhores brancos os tinham tratado. Era comum escravos conseguirem de brasileiros a liberdade, nunca, porém, alcançava um africano libertar-se de outro africano.

A chegada dos captivos da África era espetáculo lamentável, geralmente oculto ao público. Apressadamente desembarcados, passavam no Valongo por um estágio recuperador antes de expostos à venda. Era preciso dissimular defeitos ou moléstias aos olhos dos compradores, pois daí dependia o preço. Nesse mister ninguém superava os ciganos, antigamente vendedores de cavalos e no tempo de D. João VI quase monopolizadores do negócio de escravos. Na África passava a carga por severo exame selectivo antes de embarcar, de sorte que, os maiores defeitos dos cativos (114), aportados no Rio provinham de males contraídos na pavorosa travessia. Houve períodos, logo após a celebração das pazes na Europa, em que o surto do café exigiu braços em quantidade. Negociantes gananciosos chegaram a embarcar mais de mil "*peças*" num barco com risco de enorme mortandade. Passaram, depois, os interessados a metodizar a técnica do transporte no sentido de melhora-la e evitar demasiadas perdas. Reduziram o número de pretos, melhoraram o passadio, exigiram da tripulação maior cuidado no trato da carga. Não obstante, a viagem representava o maior número de horrores concentrados no menor espaço, dizia Channing. Na extraordinária entrevista entre o negreiro norte-americano Cliffe e Gladstone, citou o mercador de escravos o fato de muitos navios terem sido abandonados nos portos por não haver quem se atrevesse a limpá-los. "*Eu poderia fazer menção*", disse Cliffe, "*de um navio de origem austríaca, por sinal "a very fine vessel", abandonado ao sabor das ondas pela tripulação francesa,*

(114) Dizemos cativos para os prisioneiros de guerra remetidos da África para a América, onde se tornavam escravos depois de comprados aos negreiros e adaptados ao trabalho.

que as autoridades brasileiras tinham recuperado depois de o mandar limpar por galés". Dera, porém, tal lucro a viagem aos empresários franceses que estes podiam oferecer-se o luxo de perder o barco, se bem valesse 9.000 libras esterlinas!

Os males maiores contraídos na promiscuidade de bordo eram tracoma, varíola, sarna e disenteria. Depois de chegar no Valongo ainda morriam cativos no correr das semanas seguintes, nos depósitos intensamente contaminados durante a travessia e até, nas casas dos seus compradores. Uma das piores calamidades acarretadas pelo tráfico negreiro, que ceifou vidas sem conta em portos sul-europeus e americanos como vingança galardoadá pelo destino aos míseros sacrificados, foi a terrível febre amarela. Por essa razão envidavam, os vendedores, todos os ardís possíveis imagináveis para disfarçar o mau estado dos pretos oferecidos, um dos quais, em certos casos bastante difícil de descobrir, consistia em unta-los com ingredientes momentaneamente abrandadores da sarna. A epiderme assim engraxada muitas vezes não mostrava os estragos causados pelo parasita e suspendia por momentos o prurido.

Nos desvelos aplicados aos cativos antes de oferecê-los aos compradores, haviam-se os ciganos com diligência e perícia superiores às do mais habil profissional dos atuais salões de beleza, às voltas com freguesa exigente. Outros muitos eram ainda postos em prática para intrujar clientes, facilitados por decisões judiciais, que estatuíam não reconhecer a justiça validez nas reclamações depois de pago e retirado o escravo do barracão negreiro. A sentença protegia às vezes fraudes, mas era mal necessário a fim de salvar braços indispensáveis ao país, em risco de se perderem se continuassem por mais tempo nos barracões de venda.

Segundo estes informantes norte-americanos, ao chegar à casa dos senhores brasileiros, recebiam os novos escravos o batismo, devendo daí por diante assistir a missas, confessar e comungar, "*but they are never thought to become entirely civilised*". No patriarcal regime a que eram submetidos, acostumavam-se aos senhores aos quais

demonstravam fidelidade, acrescentando o americano, mais por “*clannish*”, ou seja, espécie de espírito de “*clã*” ou de grupo social, que propriamente por gratidão: “*In general they are kindly treated, and become firmly attached to their masters more however, from a clannish feeling than from gratitude, of which virtue they seem to possess little*”. Óbvio dizer, quanto mais familiar o ambiente em que o escravo vivia, melhor se tornava o seu comportamento.

Infelizmente, muitos compradores de escravos do Rio de Janeiro visavam apenas transforma-los em fonte de renda. Grande parte dos pretos a a vender gêneros nas ruas, deviam à noite prestar aos donos contas das vendas efetuadas durante o dia. Na roça a contaminação moral dos escravos era menor, quando isolados nas fazendas onde sobre eles influa benéfico exemplo dos fazendeiros. Estes, no geral, católicos praticantes, exemplares pais de família além de dedicados servidores da coletividade, porventura escolhidos para exercerem cargos públicos. Gabavam viajantes franceses a fazenda de café e engenho de assucar do Coronel Ferreira nas margens do rio Macacú, onde havia, além da habitual capela de toda propriedade rural, um capelão efetivo, que celebrava à noite rezas conjuntamente assistidas pelos senhores e escravos. Não menos bem organizada se apresentava a fazenda de café de “*Monsieur Lorenzo*”, em Aguas Compridas, hospitaleira para os viajantes que se destinavam à colônia de Nova Friburgo — “*Cette habitation, remarquable par des cultures très soignées, possède surtout en café, des plantations d'une magnifique venue*”. A admiração do francês pelas condições da propriedade é tanto mais significativa pelo fato de o mesmo informante, ou algum seu companheiro dizer em diverso passo que só estrangeiros — naturalmente em primeiro lugar franceses do tomo de Mr. Scée, antigo fazendeiro em S. Domingos — entendiam de café, dada a ignorância dos naturais do país no mister. Entretanto, havia fazendas em pleno rendimento na capitania do Rio de Janeiro, não muito distante da capital, antes da chegada de “*planteurs*” de S. Domingos e dos Roquefeuil, Gestas, Chamberlain, Mowke, etc., que,

destarte, prescindiam das luzes de Mr. Scée. Mas o interessante no caso em apreço é a maneira como os brasileiros tratavam a escravatura, causa maior da eficácia do trabalho no Brasil, situação muito diferente das outras colónias européias. O próprio crítico reconhece a nocividade dos levantes ocorridos nas possessões francesas, assim como notou mais tarde em Ile-de-France, no prosseguimento de sua viagem, o criminoso abandono em que se encontravam os escravos em assunto religioso.

O mesmo viajante observara no Rio de Janeiro, quando hóspede do coronel Ferreira e do fazendeiro Lourenço: “*En général il nous a semblé que les nègres étoient traités dans les campagnes avec plus de bonté qu'à la ville*”, ou seja, por senhores brasileiros em vez de reinois e outros, onde pareciam “*prendre beaucoup de soin de leurs esclaves. Les négrillons sont très bien vêtus, et vivent familièrement dans la maison du maître*”, atitude a demonstrar soberana ação do exemplo vindo de cima. Na cidade, entre donos da mais variada origem e condição social, desde fidalgos civilizados de índole superior, até artífices gananciosos, não era possível registrar iguais benefícios. Longe de elevarem a moralidade dos escravos, a maioria dos habitantes pequeno-burgueses, principalmente os quase-proletários, não só viam nos negros meios de ganho lícito como também ilícito. As suas vítimas, soltas pelas ruas à procura de dinheiro para os donos, contagiavam-se com más frequentações e praticavam toda sorte de malfeitos. Muitos se tornavam não raro autênticos facínoras, perigosos até para os culpados de sua desdita, “*souvent abandonnés a eux-mêmes, il faut qu'ils trouvent à tout prix la somme qu'ils doivent rapporter chaque soir à leur maître, sous peine des plus rudes châtiments: aussi y en trouve-t-on souvent d'insolens, de voleurs, quelque fois même d'assassins, il faut constamment se tenir sur ses gardes*”, apreciação que em 1817 nada tinha de exagerado.

Destacavam-se como focos corruptores as bicas de água em roda das quais se estabelecia inevitável aglomeração de escravos. Obrigados a se colocarem em fila, por

longo tempo à espera de vez ⁽¹¹⁵⁾, misturavam-se bons e ruins, normais e anormais, na pior mistura. Ipolito Taunay descreve a cena no seu pitoresco aspecto precursor de males atuais: *“Un soldat de la police veille avec une courroie, dont il distribue largement à droite et à gauche, à ce qu’il ne se fasse pas de passe-droits pour le rang... il s’y fait ordinairement un tapage extraordinaire: dans le temps de sècheresse l’eau est très chère”!* Ainda bem quando os aguadeiros procuravam distrair o ócio com danças e instrumentos de música da África. Formavam improvisados concertos a poder do bombo urucungo dos angolanos, do urucujú dos congolezes, mais canzás reco-reco e marimbas atribuída aos cafres cujo som incitava à dança. Infelizmente também às vezes surgiam jogos menos apreciáveis em que passavam a meneios acrobáticos conhecidos por *“capoeira”*. Não é bem conhecida a origem desse sistema de defesa e de ataque, introduzido por cativos negros no Brasil. Supõe-se decorra de ritos em que práticas religiosas se relacionam com manifestações de ânimo guerreiro, ou coisa parecida. Certo é, que se alastrou por todo o litoral onde havia grande número de pretos, aglomerados por necessidade de serviço de transporte, carga e descarga nos desvãos de portos.

Baseava-se a capoeira em fintas e golpes repentinos, que permitiam a homem franzino enfrentar um gigante, e a desordeiro contumaz resistir a meia dúzia de policiais. Era, em suma, o mais perfeito sistema de defesa pessoal que existiu até o aparecimento do Judo. Por esse e outros

(115) Outras descrições ocorrem a respeito de desordens em torno de fontes públicas, agravadas pelo costume de aproveitar presos de direito comum no transporte de água. Competia aos delinquentes recolhidos à cadeira abastecer duas vezes por dia as repartições civis e militares do Rio de Janeiro. Entretanto, apesar de devidamente acorrentados e escoltados, ao chegarem a uma bica, atropelavam brutalmente os aguadeiros, muitos dos quais estavam havia muito tempo na fila. Um francês comenta o indecoroso espectáculo dessas ocasiões com vivacidade própria de quem teve, como o desenhista Steimann, muitas oportunidades de as presenciar: *“Aussi, le moment de triomphe de cette canaille enchaînée s’annonce-t-il aussitôt par les clameurs des mécontents qui les entourent. Le soldat de police qui les conduit est toujours muni d’un rotin, dont il se sert pour activer leur marche, ou écarter, chemin faisant, les amis un peu trop loquaces”*.

motivos alastrou-se no Rio de Janeiro, feito epidemia no decurso do século 19. Mais ainda se desenvolveu quando nele se aninhou politicagem, que chegou a constituir mazela vergonhosa. Principiou o costume de se recorrer a capangas capoeiras — em mor parte mulatos delinquentes — nas campanhas políticas assim que o regime absoluto foi substituído pelo liberal. Os Andradas empregaram o “*Orelha*”, rival do “*Miquelino*” e outros conhecidos arruaceiros, verdadeira praga para os cariocas. Durante desfiles marciais, capoeiras gingando à frente de bandas de música divertiam-se em desferir navalhadas em respeitáveis comerciantes portugueses, que mal aconselhados pela curiosidade, à porta do negócio exibiam volumosa pança. Um dos grandes empresários da desordem organizada, o politiquero Duque Estrada, com ambições de chefe eleitor, arrebanhou logo depois da guerra do Paraguai maltas de desordeiros a serviço de suas ambições. Durante algum tempo conseguiu notáveis resultados pelo terror que infundia, mas a tantas resolveram os adversários empregar contra ele o mesmo feitiço, e a poder de rasteiras, cocadas, rabos-de-arraia e navalhadas, derrotaram-no fragorosamente. Indignado, Duque Estrada foi queixar-se ao imperador D. Pedro II, que lhe lembrou o preceito da Bíblia: “*Não façás a outrem o que não queres que te façam*”, e voltou-lhe as costas.

Os abusos dos capoeiras, entretanto, desde cedo começaram a incomodar a população carioca. A vinda da côrte e a maré de gente de vária espécie que aportou à cidade, imprimiu impulso à desordem, com grave prejuízo do socego dos pacatos súditos de S. M. De uma feita, perdeu D. Pedro I paciência, e escreveu a 6 de fevereiro de 1822 ao brigadeiro Carlos Frederico Bernardo de Caula:

“Meu Caula.

Mande passar uma Portaria ao Comandante da Guarda da Polícia em que se lhe estranhe muito da minha parte, o pouco cuidado que tem

tomado, em prevenir as capoeiragens pelas ruas que tem chegado a ponto de quebrarem vidros das janellas e na mesma Portaria authorizallo para que logo se agarre qualquer capoeira que seja escravo na acção de capoeirar seja logo conduzido immediatamente ao moirão mais proximo, e ahí surrado com 100 açoithes, e depois entregue ao Senhor se não tiver feito mais nada que capoeirar, e na mesma ordenar ao comandante que todo o Soldado que apanhar hum capoeira terá quatro dias de licença, e assim na proporção de quantos agarrarem capoeirando.

Deste seu amo e amigo

Pedro”.

Reproduzimos na íntegra o documento por se nos afigurar conter pela primeira vez oficialmente os termos capoeiras e capoeirar com acepção de desordeiro e de desordem. Mais tarde ficou circunscrito ao tal “jogo”, como era designado, composto de rápidos movimentos em que o capoeira desferia golpes com a cabeça ou as pernas, utilizando apenas as mãos para se apoiar no chão quando atirava os pés na direção do adversário. O “*rabo-de-arraia*” assim aplicado era precedido de movimento de rotação do tronco, de maneira a acertar com os dois pés ao mesmo tempo no rosto ou corpo do antagonista, o qual, se não dispuzesse da técnica defensiva e agilidade do adversário, era violentamente atirado ao solo. Os saltos, fintas e mais maneios do “jogo”, permitiam também ao desordeiro resistir com vantagem a vários contrários e só podia ser agarrado pela polícia depois de muita correria, quando cercado e exausto.

Não tardou muito, destarte, a se tornar a capoeira um título de ufanía. O perito no jogo era temido, respeitado e invejado. Muitos brancos passaram a praticá-lo, à testa

de bandos de patifes lendários nos anais da cidade. Pena ter intervindo no caso um absurdo puritanismo, que vedou historiar o período capoeirístico do Rio de Janeiro, causa da perda de sem número de elementos do maior interesse para a história política, social e esportiva da capital. Considerada reprovavel, peculiar da ralé, característica de crime, seu registro parecia mais próprio de mero arquivo policial, que de menção em trabalhos respeitáveis de historiografia. No entanto, constituiu assunto dominante na crônica urbana em todo o Brasil, principalmente no reinado de Pedro II.

Incrementada pela inflação decorrente do conflito no Paraguai, verificou-se na década posterior intensa imigração portuguesa para o Brasil. Levas e mais leves de camponiões afluíam do reino em busca da "*arvore das patacas*". Alguns logravam efetivamente encontrá-la, ingressando na luzida coorte de Barões e Comendadores de fresca data, monopolizadores do alto, médio e baixo comércio da capital do Império. A arrogância e atrevimento de que davam mostras sob o paternal governo do morgado braganção ultrapassa tudo que se possa imaginar. Nem a imprensa dependente da sua publicidade, nem os políticos de olho no seu auxílio pecuniário, nem o governo movido por estas duas forças, ousavam contrariá-los inda nas mais estultas pretensões. Desferravam-se, todavia, os cortejadores desses ricaços, quando na intimidade propalavam anedotas sobre a estupidez do ex-cavouqueiro arvorado em fidalgo-aprendiz, mas em público desfaziavam-se em zumbaias para lhe conquistar os favores.

Os rebentos cariocas dos poderosos argentários, desconheciam à sombra paterna, limites aos mais desatinados abusos. No fim do Império mandava e desmandava sobre a "*Uprósa Culónia*", um respeitavel comerciante de nome Reis, mais tarde feito por D. Luis de Portugal, Conde de São Salvador de Matosinhos, cujo filho mais velho fundara o *O Paiz*, jornal que apoiava o propagandista republicano Quintino Bocaiuva. Outro filho, mais moço, chamado José, embora não fosse capoeira, era protetor do gênero, sem-

pre escoltado pela fina flor do rufianismo capoeirístico quando aparecia nos centros da boêmia galante. Untado de pomada, perfumado, envernizado, exibindo colarinhos ortopédicos, roupas do Raunier, botas terminadas em ponta de lança — “*flor no peito, burro perfeito*”, como afiançava popular jogo de palavras da época — era o avantesma das pensões “*para artistas*” da zona alegre. Não há melhor referência para sua mentalidade, que a dos antigos estudantes de Coimbra, cujo maior divertimento nas tascas dos arredores da velha universidade era provocar estupidamente os infelizes inermes que encontravam ⁽¹¹⁶⁾.

Certa vez, por mútua infelicidade, encontrou-se com o filho de fazendeiro de Campinas, que muito elegante chegara da Europa e exibia a bizzarria em lugares “*chics*”. Foi o quanto bastou para o Juca Reis mandar provoca-lo pelos capangas, divertindo-se extraordinariamente com os tomboos que lhe deram. Por essas e outras a presença de tais desordeiros se tornara tão intoleravel ao público como outrora parecera a D. Pedro I. Um dos principais atos da República foi acabar graças a energia de Sampaio Ferraz, com as maltas de capoeiras, fossem quais fossem os componentes, remetendo-os o Chefe de Polícia para a ilha Fernando de Noronha, onde sob sol de chumbo tinham de trabalhar de picareta e enxada. O bairro da Saúde, considerado reduto da malandragem capoeirística, ficou sob policiamento do engenheiro João Batista de Castro, amigo de Sampaio, que deu cabal desempenho à missão de expurgo. Porém, ressentiu não pequeno espanto ao ver affluir no posto procissão de negras espetaculosamente vestidas, candidatas em eclipsar a lendária Susana Castera; a denotar graças ao português carioca invejavel condição económica; que lhe vinham oferecer joias e mais haveres numa tentativa improfícua de salvar rufiões da deportação.

Cena correspondente ocorreu no Palácio Itamarati, onde a Condessa de São Salvador de Matosinhos, acompanhada do filho mais velho, procurava alcançar de Deodoro o livramento do outro filho. Ameaçou nessa altura

(116) F. Gorani “*Portugal. A côrte e o país de 1765 a 1767*”.

Sampaio Ferraz com a sua demissão se lhe ordenassem a soltura do estúrdio e continuou implacável a campanha, apoiado o Chefe de Polícia pela opinião pública. Tempos depois apareceu em Campinas Juca Reis, decadente, sem dinheiro, na direção de companhia de variedades mais erótica que propriamente artística. Deplorável inspiração teve ele. Reconhecido por I. P., sua antiga vítima nas "*pensões chics*" do Rio de Janeiro, este não teve dúvidas em retribuir as rasteiras sofridas, mandando o cocheiro mulato Honório aplicar-lhe vigorosas relhadas. Fugido para São Paulo, lamentava o malogrado empresário da "*tournée*" teatral, a falta da escolta, que outrora o garantia contra o revide de pessoas ofendidas.

Outros imigrantes menos destros em conseguir rápida fortuna, ou submetidos ao estágio preparatório da opulência, absorvidos em misteres humildes, entravam em inevitável contacto com a escuma carioca. Vinham não raro a sofrer dissabores como o do jovem Inácio em outro setor da cidade. Dispunham, porém, de número às vezes superior ao dos adversários, e, acima de tudo, de efficacíssima arma contra a capoeira representada pelo "*jogo do varapau*". Desde séculos era conhecida em Portugal a esgrima com vara comprida e resistente, com que os habitantes do campo procuravam proteção contra "*navalha de ponta*". Armado de varapau, ou ocasionalmente de um fuero de carro de bois, ninguém se aproximava do minhoto ou alentejano, cujos robustos punhos faziam girar em torno de si a arma improvisada. Infelizmente servia para desordeiros — lá também os havia — armarem reboliços nas feiras, varrendo-as, como diziam, de ponta a ponta. Camilo Castelo Branco, escritor intraduzível de tão luso no espírito, no estilo e nos assuntos, deixou no *Amor de Perdição* um desses quadros tumultuários. Não tardaram, nessas condições, a se digladiarem no Rio os acróbatas da capoeira com os malabaristas do varapau. Outro escritor, Aluísio de Azevedo, traçou com notável veracidade um desses encontros na obra intitulada "*O cortiço*". Sempre ouvimos dizer,

por contemporâneos aos fatos descritos, e entendidos em capoeira, que a movimentada descrição é fidelíssima até nos mais ínfimos pormenores, precioso documento sobre a vida proletária do antigo Rio de Janeiro.

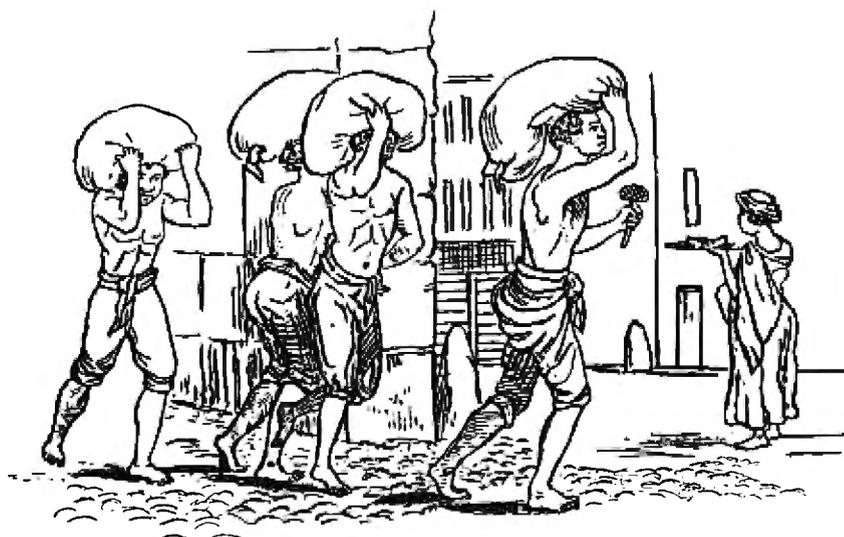
Remontando agora a D. João VI, ocorriam para mais, por volta de 1817, desagradáveis incidentes provocados pelas tripulações estrangeiras de navios de guerra surtos no porto. Em geral ancoravam entre as ilhas das Cobras, Villegaignon e o cais do Paço. O resultado da localização era ocorrer desordens às vezes sob as janelas das habitações reais como a relatada por Luccock, em que um jovem midshipman de faca em punho ameaçara o corpo de guarda do Palácio. Indignado com a cena, um velho português interpelava os soldados, por que não espaldeiravam os provocador como era seu costume, a que respondiam dizendo que se tratava de inglês e como tal não permitia D. João lhe tocassem. Outros exemplos acrescenta o mesmo autor do interesse do Príncipe Regente pelos seus aliados, aos quais conservava imorredora gratidão lembrado do auxílio que lhe tinham oferecido em trágica emergência. A respeito das exações que os insolentes insulares praticavam à guisa de reconhecimento pelo regime de exceção, ocorre conhecida caricatura do famoso Cruikshank, que representa um grupo de marujos, reforçado por britânicos residentes na cidade, a manifestar contra os cadetes da escolta real em consequência deles terem obrigado um oficial inglês a se aprear do cavalo ante D. Carlota Joaquina. Os comentários à ilustração ajuntam que houve tanta exaltação de ânimos de parte a parte, que tiveram altas patentes lusas e britânicas e autoridades civís de intervir, subindo o caso até os ouvidos do Regente e do almirante Sydney Smith.

Os pretos que em maioria se viam pelas ruas centrais, eram empregados no transporte de mercadorias, escravos que à noite deviam prestar conta aos senhores, os quais eram em maioria compostos de funcionários da alfândega. Bem alimentados e tratados, arcavam sem prejuízo da saúde com o mister, que era para eles saudavel exercício. Vesti-

Repetido



Variante



Repetido



Variante



CARREGADORES DE CAFÉ

dos com pouca roupa mostravam notável desenvolvimento muscular, modelos de estatuária antiga para um mercador inglês dado a esportes e às artes; *“the lineaments and swelling muscles of their naked bodies, reminded me of some fine antique models”*. De permeio, havia forros que trabalhavam para si, todos, porém, se apresentavam pouco mais ou menos do mesmo modo, reproduzindo os desenhos de Ender desses trabalhadores em atividade, ou em repouso pelas esquinas, as cestas e longos paus de que se serviam para a remoção da carga, encostados nas paredes das casas comerciais, alimentados pelos “quitutes”, geralmente a base de milho oferecidos pelas negras quituteiras, ou sonolentos em descanso, à espera de clientes.

Outro inglês alude à impressão que ao forasteiro causavam pelo número e singularidade de seus processos de trabalho. A sua técnica pela diferença que apresentava da habitual européia, denotava velhos usos ancestrais africanos. Preferiam carregar fardos pousados sobre a cabeça a trazê-los às costas como fariam carregadores europeus. Quando se tratava de volumes de demasiado porte para um só carregador, prendiam-n’os ao poste e com auxílio de outro levantavam-n’os do solo e os transportavam para qualquer sítio da cidade, um carregador à frente e outro atrás, pelo mesmo processo das cadeirinhas ou serpentinhas. Sendo de grandes dimensões o fardo — fosse piano, peças de maquinismos, ou pipas de vinho — mais longo e forte era o poste-suporte e maior o número de carregadores. Multiplicavam-se em cada ponta sob a direção de um chefe ou “capitão” até poderem com a carga, os esforços da operação regulados com cantos africanos de mistura com palavras portuguesas — *“Ve na ca-a man man-ia a. Para cantar Senhora”* repetido muitas vezes, tornando as ruas em extremo rumorosas, pois *“as a stimulus under their burdens, resound through the streets and suburbs all day”* (117).

(117) Um francês noticiava mais uma consequência dessa concentração de pretos nas principais ruas comerciais, *“une odeur tenant du musc de l’ambre et de la fourmi; elle s’exhale de la nombreuse population noire qui circule dans les rues”*, dominante na cidade e que imediatamente feria o forasteiro.

Tinham tentado comerciantes ingleses introduzir carrinhos mais práticos para transporte de carga, mas fracassaram pela eficiente sabotagem dos tais funcionários da alfândega, donos dos pretos empregados no serviço de distribuição de mercadorias importadas. A exceção ao processo do “poste”, consistia em uma rudimentar carreta, baixa, quadrada, sobre pequenas rodas, de construção tão rudimentar quanto um carro de bois, e que também produzia desagradavel chiado além do inevitavel barulho quando arrastada e empurrada sobre o lajedo das ruas. Ender reproduz apud Guillobel, pitoresco magote de negros carregadores, vestidos com trapos de alta fantasia, restos de uniformes ou trajes de gala de algum dignitário catados no lixo, e chapéus de semelhante origem, alguns até com plumas⁽¹¹⁸⁾. Certas guaches do português, datadas e assinadas muito antes da chegada do pintor austríaco, não deixam

(118) Debret traz a melhor descrição dos personagens de Ender-Guillobel no texto do seu album, *“La profession distincte des Cangueiros, ou porteurs de cangalhas, doit son nom aux cordes à chochets dont on sert au Brésil pour suspendre les charges des bêtes de somme aux chochets de leur bât, appelés cangalhas.*

“Ces porteurs employent effectivement ces mêmes cordes pour suspendre les fardeaux à un enorme bâton appuyé sur leur épaule; et cette méthode, regardée à juste titre comme la meilleure pour transporter les meubles pesants et fragiles tels que commodes, pianos, glaces, etc... s’emploie aussi pour le transport des pipes d’eau de vie et des caisses de sucre. La pesanteur du fardeau détermine le nombre des porteurs, qui varie depuis deux jusqu’à huit. Ils marchent à très petits pas et toujours obliquement, afin de modifier l’effet du balancement de la charge qui, sans cette précaution, entrainerait tous les hommes, et les empêcherait de dégager le pied qui doit se porter en avant. Du reste la cadence du refrain qui règle leur pas avertit de loin, les cochers ou les cavaliers distraits de respecter leur marche pénible et entravée. Le plus court et le plus simple transport, fait à deux hommes, se paye de 16 à 20 vintems (deux francs et 10 sous de France). Un esclave cangueiro doit chaque soir rapporter à son maître de 6 à 8 francs; taxe exigée sous peine de correction. On est assuré de trouver de ces porteurs à certaines places de la ville où lon voit de loin, adossé à la muraille, l’ enorme bâton cerclé de fer aux deux extrémités, et au sommet duquel est attachée une grosse corde pelotonée avec soin. Cette classe de porteurs, si utile au négociant ne l’est pas moins à l’artiste qui y rencontre les formes athlétiques les plus pures, pour lui si précieuses à étudier... Porteur des plus pesants fardeaux, et par cela même obligé, pendant l’ excessive chaleur du jour, de découvrir au moins la partie supérieure du corps, le Cangueiro met une certaine coquetterie à grouper autour de ses reins le reste de son vêtement. On le voit fier de sa force, orner sa tête de quelque vieux débris de coiffure militaire, pour rehausser l’originalité de son costume: mais c’est surtout dans la pièce indispensable, dans le bourrelet collier qu’il porte en sautoir, que brille de luxe de sa parure”.

dúvidas de que despertaram a atenção do confrade, o qual cuidadosamente os copiou a fim de nada desperdiçar do chiste. O mesmo praticaram ingleses e provavelmente muitos outros de que não temos notícia.

O rumor da atividade das principais ruas cariocas — Direita, da Alfândega, do Sabão, do Cano, dos Ourives, dos Pescadores ou do Ouvidor — era, entretanto, considerado por britânicos quase providencial. Sem ele arriscaria a “*Brazilian metropolis*” parecer funérea aos visitantes. Contrariamente ao que se poderia supor numa cidade sob o trópico, habitada por gente tida por barulhenta e amiga de estardalhaço, o Rio de Janeiro era triste e seus habitantes reservados a ponto de causar má impressão. Vários fatores concorriam para o estranho paradoxo, entre os quais ressumar do antigo regime colonial, vigência do regime servil e malquerença entre os habitantes que excluía cordialidade e despreocupação. O canto de trabalho dos carregadores cortava, destarte, a modorra de ruas onde ninguém passeava, os homens atarefados em repartições públicas ou a sestar durante o dia, as mulheres presas em casa, invisíveis atrás de rótulas. O ciume ibérico não permitia o variegado movimento citadino encontrado na Europa setentrional, em que no século 19 toda gente saía à rua para tratar da vida ⁽¹¹⁹⁾. Até as crianças, buliçosas e rumoroso-

(119) “*Je n’ai vu*”, escreve a propósito Pallière, “*le Portugais du Brésil n’être sensible qu’au plaisir que peut donner une femme, et a une jalousie outrée. Voilà sa vie, et ce goût n’est modifié que lorsqu’ils ont le goût du jeu, défaut que j’ai remarqué a un point extrême dans les petites villes où j’ai passé dans ce voyage. J’ai encore moins vu des femmes ici qu’en aucune autre part*”. De volta de S. Paulo ao Rio continuava o pintor, “*Généralment les femmes même des maisons comme il faut, ne savent ni lire ni écrire, et, au fait, la chose est presque inutile. Elles vivent jusqu’à l’âge d’être mariées, qui est ordinairement de très bonne heure car elles le sont de 13 a 14 ans. Jusqu’à cet âge elles passent le temps avec les négresses de la maison et pire, avec les mulâtresses qui presque toujours sont debauchées a un point incroyable. Ensuite on les marie assez ordinairement à un vieux*”. Este pormenor demonstra participar Pallière da maioria turista afeiçoada a juízos temerários e generalizações apressadas. Contudo, ainda não fosse habitual o casamento de moças com velhos, vamos somente à título de curiosidade ao resto da descrição: “*elles passent alors de l’état d’enfance, très mal élevées a celui de mère. Sans se douter de devoir qui leur reste a remplir, elles sont très retenues par leurs maris, et très détachées d’elles mêmes, et ce qu’il y a de très drôle, c’est de voir l’espèce de hauteur musulmane avec laquelle les maris*

samente manhosas no lar — no gineceu materno onde seu maior divertimento, segundo um francês, em vez de brincar como as crianças européias, “avec des jouets”, era romper o que lhes caísse ao alcance da mão na mais insuportável algazarra — ao sair à rua quedavam-se silenciosas como os turbulentos Infantes D. Pedro e D. Miguel quando apareciam em público em companhia dos pais.

A respeito da diversão produzida pelo canto do preto, escrevia um insular: “*It is certain that their songs gave a cheeriness to the streets which they would otherwise have wanted, for the wole population seemed tongue-tied; there was no playfulness of boyhood, no springhtliness of youth, no obstreperous shouting of the more advanced in years. In this respect Rio differed from every other place which I have visited. The first general shout, uttered by the people by my hearing, was in the birth-day of the Queen, in 1810. It followed the feu-de-joie fired on that occasion, and was a suppressed huzza, not cold, but timid; id seemed to ask whether it might be repeated*”. Era de certo modo inevitável que assim acontecesse, numa população dividida por fossos sociais intransponíveis. Os Camaristas del-Rei não frequentavam os portugueses comerciantes; os naturais da terra fazendeiros nas capitánias ou proprietários no Rio, afastavam-se de reinóis com quem não se entendiam; tam-

traitent leurs femmes. Jamais ils ne leur donnerait le bras. Lorsqu'ils sortent ils vont en espèce de procession, le mari toujours le premier, ensuite les enfants, après la femme, puis la queue en file de nègres et de mulâtrèsses. Ces braves gens trouvent très ridicule la place que tiennent les femmes dans les autres nations. Ils disent comment une femme peut être fidèle, si elle n'est pas surveillée. Par son mari et sous la clef. Et je le dis franchement, je n'ai pas trouvé da pays où les femmes agissent plus sans façon avec le matrimoine, qu'en Portugal. La même femme qui ne vous a pas regardé devant que son mari, vous envoie un billet doux et un rendez vous avant que vous vous soyez douté que vous avez fait la conquête, et une fois que la place est rendue de bonne volonté et sans effort, le lendemain la dame vous dira “fais mot, oh! mon bien aimé, le plaisir de remettre au porteur de la presente de deux ou trois doublons, plus elles sont chères”. Explica, porém, logo adiante, a razão de tanta sem cerimônia ao escrever: “J'ai vu un couple dont le mari et la femme (horriblement sang melés, pour ne pas dire mulâtres) être père de trois enfants”, cada qual de matiz diferente, ocioso acrescentar, que os elementos observados deviam pertencer às mais baixas classes de habitantes livres. No Rio Pallière passa a tratar dos efeitos do ciume português decorrente da predileção das mulheres por estrangeiros, as quais, através das rótulas, examinavam o movi-

pouco, súditos de S. M. F. se compraziam com estrangeiros, e, para rematar, imigrantes franceses eram espezinhadados por mercadores ingleses ⁽¹²⁰⁾ e assim por diante, num ambiente onde tudo concorria para evitar desinteresseira convivência entre os diversos elementos da população.

Não era igualmente possível haver semblante alegre entre pretos de ganho preocupados com a fêria do dia, aborrecidos, para mais, pelos outros pretos. A antipatia existente entre eles estava ao alcance do menos observador. Um coevo escreveu: "*All these blaks are from different parts of the coast, and having been hostile tribes, retain much of their antipathy to each other*". O apartamento representava mais uma garantia de ordem no campo e nas cidades para os indivíduos livres de qualquer côr, pois, dificultavam levantares irresistíveis como houve nas colônias francesas e as que se esboçaram na Bahia. A pro-

mento das ruas sem ser vistas. Gente de fora e em trânsito lhes parecia menos perigosa por não ser tão comprometedora ante o ciúme do marido. De uma feita, um negrinho procurou Pallière no rês-do-chão onde ele habitava, na rua dos Barbonos, para lhe transmitir amavel convite de sua senhora, desejosa de o conhecer em sua casa. Lembrado o pintor do assassinio em condições semelhantes de um amigo antigo morador na mesma casa em que ele habitava, recusou a oferta. Voltou o preto a insistir por ordem da dona, tornando à carga até o convencer. A tal beldade "*aux grands yeux noirs*" na primeira e furtiva entrevista que tiveram, "*me fit promettre d'y aller le lendemain car son mari étant employé à la douanne il ne pouvait sortir qu'à 4 heures. Nous aurions alor le temps de nous voir a notre aise, et le lendemain j'arrivai a une heure ou elle était sur une marquise (canapé). La conversation ne fut pas longue et les grands yeux noirs prirent une expression qui finissait la conversation, et nous passâmes à la fornication* — "Mas qual foi meu espanto", continua Pallière em português, "*de achar os p...s todos cortados. Parece que os índios não tinham p...s e os portugueses gostam que as suas mulheres sejam o mesmo. Fiquei muito espantado. Era como uma menina de dez anos... je continuais cette connaissance mais autant pour moi que pour elle je la laissais. Elle en fut assez peinée. Son mari étant un espèce de sauvage mal léché. J'avais 30 (ans?), elle voyait souvent les équipages du Roi venir me chercher. Elle avait le coeur haut placé, quelque éducation et les passions jalouses quoique Portugaise d'Europe. Occupé à la cour a faire le portait des Princesses, absorbaient tout mon temps*". Há outros trechos que não podem ser reproduzidos, por sinal, sem o mesmo interesse, para etnólogos e antropólogos que os acima reproduzidos.

(120) A cordialidade entre estrangeiros no Brasil se limitava a relações entre personagens oficiais. Os particulares conservavam malquerenças de fundo nacionalístico de que o *Diário* de Pallière é divertido exemplo. Não há insulto que deixe o pintor de prodigalizar a um companheiro de viagem inglês no trajeto do Rio a São Paulo.

gressiva organização das forças militares em todo o país — milícias e exército profissional — e acima de tudo, o ambiente familiar católico, conseguiram conter antigos guerreiros em meio da coletividade composta de elementos sociais e culturais europeus, americanos e africanos. A propósito Marrocos se refere a notícias vindas da Bahia: “*soubemos de hum grande tumulto de Negros... matarão muitos brancos, e alguns são Negociantes, alguns soldados também foram mortos, assim como outros Negros querião se associar ao tumulto. Lançarão fogo a muitos Engenhos, aos Armazens da pesca da Baléa, e a mil outras partes, de maneira que se affirma que só a Fazenda Real perdera mais de trezentos mil cruzados*”. Atribuía o bibliotecário, fazendo-se eco da voz geral na côrte, a ocorrência ⁽¹²¹⁾ ao des caso do governador local, desatento em dividir os pretos segundo sábia separação em nações diferentes, “*porque tem os Negros a boa circunstância de não se unirem nas suas senzalas e ranchos, se não os filhos da sua mesma terra, e não acompanhão, nem contraem amizade com outros; e como hé immensa a variedade de Nações delles, vem a ser os ranchos (grupos) de cada huma pouco numerosos*”. No Rio de Janeiro entravam cativos de toda proveniência para serem vendidos como escravos, da Costa de Mina, Angola, Congo e Moçambique, “*e porisso inimigos huns dos outros*”.

Acontecia que na Bahia, “*por hua inclinação natural dos habitantes*”, predominavam os Minas, de cultura fortemente marcada pelos mussulmanos através de trato mercante imemorial ⁽¹²²⁾, que lhes conferia caráter acentuadamente belicoso. Eram mais cultos e aproveitáveis no trabalho que os negros do sul do equador, mas traziam consigo germes de descontentamento e rebeldia: “*e em qualquer desordem*”, rematava o escriba, “*todos são unânimes como neste se acharão, e só matarão os pretos que não são seus Patrícios. A muita liberdade que o Gover-*

(121) Cf. na obr. cit. do Autor *Relações entre a Bahia e o Daomé* a atitude dos revoltosos de volta à África.

(122) Cf. na obr. cit. do Autor *Relações entre a Bahia e o Daomé*.

nador lhes tem dado, e o pouco caso que fez de suas desordens, julgando-os incapazes de empresas grandes, produzirão talvez esta explosão que ha de ficar em lembrança”, e continuava muito apreensivo Marrocos pelo fato de constar que mor parte dos amotinados fugira para os matos a fim de escapar à repressão, o que parecia ameaça de novos quilombos.

Os tempos, porém, eram outros. Os “*Capitães-do-Mato*”, compostos de caboclos e mulatos, implacáveis inimigos dos pretos e auxiliados pelas forças regulares, recapturavam muitos e continham os demais, de modo a vedar a continuação das desordens. Mas a inimizade latente entre elementos de côr também concorria para incentivar a delinquência no Rio. Os escravos de gente opulenta ou possuidora de destacada situação administrativa, como Rio Seco, José Egídio, Manuel Jacinto, Fernando Carneiro Leão e outros, situavam-se além do contágio de maus elementos, no recesso caseiro adornado por virtudes cristãs. Mas os que viviam na rua a fim de angariar meios para os senhores, inevitavelmente se contagiavam com os piores elementos de congêrie afro-carioca.

Havia de permeio com os escravos pertencentes a funcionários de alfândega e outros empregados em transportar mercadorias, indivíduos saídos não se sabia bem de onde, como cães sem dono, servos de gente mofina, a vaguear pelas fontes e cais do porto, que simulavam profissões, assistiam procissões e diversões, apareciam em tudo que fôsse festa de negros — e havia muitas — no correr das quais gafavam os semelhantes. Ender deixou quadros curiosos de pretos na faina de carregar e descarregar mercadorias na Praia dos Mineiros com água até o peito, e vadios à volta de barbeiros sangradores, quituteiras e mais atividades de forros e negros de ganho. De quando em quando estourava uma desordem em que nem sempre figuravam as tais estátuas de bronze a lembrar atletas da Hélade mencionadas pelo viajante, porém esguios molecotes, providos de simiesca agilidade, que a poder de rasteiras e cabeçadas espalhavam em polvorosa a negra da das.

bicas. Felizes os soldados de guarda quando conseguiam debelar o tumulto com algumas correadas; às vèzes, era preciso reforço de tropa para dominar a matula ou dispersa-la não raro sem a captura dos provocadores do conflito.

Premido pelas circunstâncias, às voltas com reclamações indignadas, tinha o braço direito do Intendente Paulo Fernandes Viana, o famoso Major Vidigal, de rondar à noite os pontos mal afamados do Rio. Alí se reuniam os contraventores das posturas policiais e municipais, em reuniões escandalosas com mulheres do baixo meretrício, em que danças se misturavam com capoeiragens, rematadas por pancadas e navalhadas. A figura desse personagem tornou-se lendária graças ao romance *Memórias de um Sargento de Milícias*; contudo, a despeito da enorme chibata que êle trazia consigo e das coronhadas aplicadas pela sua escolta no dorso dos recalcitrantes, a matulagem continuou a crescer e a se desenvolver. Ainda bem quando se reduzia a pancadaria entre os seus componentes. Do paul escorrido do cárcere (de que há desenho de Ender) e das senzalas para as ruas saíam os capangas que se alugavam a quem mais desse dara agressões, vinganças ou proteção de aventuras confessáveis e inconfessáveis.

Um dos piores característicos da vida portuguesa, em que pouco se diferenciava da suburra romana e "bas-fonds" dos antigos pequenos Estados italianos, era a praga dos assassinos de aluguel. No Rio de Janeiro como no Trans-têvere do século 16, era facil encontrar quem, mediante espórtula, se encarregasse de desforços, indo da sova de pau ou relho à punhalada sem salvação. Eram reflexos da índole dos grandes da época, da tradição lusa e da sociedade ainda com resquícios de feudalismo. Todo personagem de alguma importância devia obrigatoriamente dispor de quem o fizesse respeitar, ou castigasse a quem não o reverenciasse como ele supunha fosse devido. Os romances sentimentais de Camilo Castelo Branco estão cheios desses "*bravi*" ainda encontrados em Lisboa e províncias no século 19, a figurar sob a designação geral de

“criados” no séquito de fidalgos de alta prosápia. Também “brasileiros” de torna-viagem da América, onde tinham encontrado a “Árvore das Patacas”, com a riqueza pretendiam imitar os figurões ainda presentes nas suas lembranças de infância, do sítio onde residiam antes de transpor o oceano à procura de melhoria de vida.

Do velho reino a calamidade passara, muito antes do aparecimento da côrte na Guanabara, nas vielas do centro, nos subúrbios, no Catete, Glória, Campo dos Ciganos e adjacências, a figura principalmente em casos passionais. Um Henry Beyle, amador desse gênero de tragédias, poderia fartar-se de assuntos semelhantes na crônica das cidades litorâneas brasileiras. Em toda parte sobejavam assassinos de aluguel, de preferência mulatos, mais espertos e destros que negros, pouco exigentes quanto ao salário desde se lhes protegesse a fuga (123). Acontecia, porém, muitas vezes, que o mandante depois de empregar capangas nos seus criminosos intentos, empregava outros para se livrar dos primeiros, pois a justiça se mostrava muito mais ativa em descobrir os autores de agressões contra brancos do que a respeito de gente de côr. Ademais, havia atitude generalizada e muito peculiar acerca delitos passionais nos domínios ibéricos. Matar a esposa infiel e o seu amante, era um direito do esposo ultrajado e não havia maior insulto que a injúria “cornô”, marcada de tal ressonância infamante, que até solteiros se ofendiam quando alvo do impróprio. O assassinio de Duclerc; pouco respeitador de lares alheios pretexto para Duguay-Trouin assaltar o Rio de Janeiro; provavelmente não teve outra origem.

Contara a Henderson “*An English gentleman, who as resided in the Brazil nearly forty years*”, e assim bem conhecia os costumes da terra, episódios relacionados com o perigo do ciúme para estrangeiros demasiadamente desenvoltos em matéria amorosa. Certa vez em pleno Largo do

123) Escreveu Pallière com referência a um marido de senhora acessível, “quoique Mr... ne me parut peu effrayant, on a des esclaves qui au plaisir donnent une facada et comme la police est très mal faite le crime reste impuni”.

Paço, junto à habitação real, recebera um oficial britânico facadas desferidas por um embuçado: "*It was said that this wretch had unjustly encouraged a feeling of jealousy against the British officer in regard to his wife, or some part of his family*", numa reedição do que sucedera ao corsário francês. Horrorizava-se, daí, Henderson com as amostras que presenciara de facas especialmente manufaturadas na Inglaterra para o fim, "*manufactured expressly for this purpose*". Acrescentava pormenor, que demonstra outra influência ibérica no uso à noite de punhal e capote, sucedâneo das antigas capa e espada, pois nas brigas "*amongst themselves*", os habitantes brancos e mulatos do Rio enrolavam o manto num braço como escudo "*for a sort of shield*", e com o outro manejavam faca ou navalha de ponta.

Aos crimes passionais outros se enxertavam depois da chegada da côrte, em extensão nunca vista no período anterior. Escrevia um viajante que a vida de indivíduo mesquinho não valia mais que dois dolares, e por menor quantia um covarde podia alugar contra adversários um "*Bravo to tak it away*". Multiplicavam-se também roubos e assaltos a mão armada, de dia e de noite, a ponto de obrigar estrangeiros a andarem de pistola à cinta e disporem de armas ao alcance da mão quando dormiam⁽¹²⁴⁾. Perseguir um delinquente era perigosíssimo, porquanto acoitados não hesitavam em golpear o primeiro afoito que tentasse segura-los. Havia postos policiais em vários sítios da cidade, mas demoravam tanto os milicianos no ajustar cinturões, pistolas e reflex, que, antes de prontos, o criminoso estava longe.

Descontado o que há de exagero ou erro de informação nos viajantes, tudo leva a crer, que o súbito aumento de população e dificuldades em estabelecer organismo tão complexo e delicado como o da segurança pública, superou as possibilidades do govêrno de D. João VI. A começar

(124) Um cronista de expedição francesa à volta do mundo, assevera que no Rio de Janeiro era arriscadíssimo para estrangeiro atravessar a baía em barcos de pretos, "*aussi recommande-t-on de se défier de ces conducteurs de bateaux... Plusieurs passagers trop confiants ont payé de leur vie une telle imprudence*".

pelo Intendente da Polícia, Desembargador Fernandes Viana, homem já velho e cansado quando assumira essas funções, o organismo policial deixava bastante a desejar. Fugiam, por outra, os habitantes da cidade, de testemunhar ocorrências delituosas sucedidas sob suas vistas, tantos os aborrecimentos que os processos em uso lhes acarretavam. Um negociante inglês encontrou na praia de Botafogo marujo morto, que pelos cabelos "*auburn*" lhe pareceu pertencer a vaso britânico surto no ancoradouro. Foi, entretanto, desaconselhado a depor, pois poderiam até o acusar do crime. Em outra ocasião acompanhou um compatriota vítima de roubo, desejoso de dar queixa à magistratura. Na Intendência de Polícia, situada no Campo de Santana, longe do centro comercial, vieram a saber que S. Excia. o Intendente repousava e não consentia em ser incomodado antes das cinco da tarde. Às dilações causadas por tais incidentes, procurava-se remediar com tratos dignos da Idade Média, pelo que, muitos estrangeiros renunciavam à queixa.

Do exposto é lícito concluir que casos de desídia, como aconteceu com os aparelhos de precisão roubados à missão científica francesa, sucediam atividades como a do Major Vidigal, à noite de chibata em punho, de sorte a oscilar a eficiência da polícia naquele tempo como hoje, incapaz de resolver certos casos simples, e, contrariamente ao esperado, efficacíssima em outros em que se revelava superior em argúcia a qualquer polícia do mundo. Nada de novo, por conseguinte, neste setor. Em outras ocorrências entrava em cena o arbítrio régio. Narrava um inglês o episódio, em que aparecera num sítio deserto o corpo despido e decapitado de um indivíduo de côr branca. Todas as investigações deram resultado negativo. Por certos indícios houve suspeita de que a vítima fosse um frade de convento não muito distante do local onde o corpo fora encontrado. Receoso de escândalo, o superior tergiversava à procura de pretextos para não depor. Finalmente esclareceu-se o mistério, pela confissão de fidalgo luso, o qual esperançoso da clemência real, justificada pela conhecida bondade de

D. João VI, revelou ter mandado tres negros degolarem o eclesiástico e despi-lo para confundir pesquisas, por simples suspeita de que lhe cortejara a esposa.

Infelizmente o mau procedimento de alguns sacerdotes, que vinham a ser minoria, mas cujos atos desfrutavam de grande evidência pelo carater religioso, davam aso a toda sorte de fúteis generalizações. Estrangeiros, em que se destacavam os protestantes, não perdiam oportunidade para criticar acerbamente o clero português. Embora mencionassem o exemplar comportamento das freiras de Santa Teresa, o maior convento feminino do Rio de Janeiro, e viajantes franceses apregoassem a virtude do Arcebispo da cidade ou a erudição e eloquência de Frei Francisco Sampaio, "*Le Massillon brésilien*"; gabado em S. Paulo pelos cientistas austro-alemães o erudito Padre Ildefonso Xavier Ferreira, no geral, expediam estrangeiros acerbos reparos contra a cleresia, juntando inocentes a pecadores. No entanto, esses mesmos ádvenas fruía, como os demais habitantes do Reino Unido sob cetro de D. João VI, as vantagens — imensas vantagens — proporcionadas pelo desvelado ensino religioso nas cidades e no campo, a elevar o nivel moral de senhores e de escravos, com que padres anónimos durante tres séculos impediam exações de uns e revoltas de outros. Sem eles não teria figurado o motim dos negros minas na Bahia como acontecimento singular, nem tampouco se caracterizaria o empolgante movimento da abolição como rojo irresistível, movido em parte pela maçonaria e idéias do século, mas indubitavelmente gerado no próprio seio das classes dirigentes.

A fatalidade da escravidão negra é lamentavel como todos os imperativos que presidiram às grandes civilizações desde a noite dos tempos, desde os alvares da Hélade, quando se levantava na Grécia antiga o mais prodigioso monumento cultural da história. Que seria da América colonial sem o negro? Como reunir braços em número suficiente no sertão bruto, mais agreste pelo ermo que o litoral africano? Como organizar nessas condições o trabalho sem carater compulsório? A atenuante do regime escravagista

no Brasil reside na orientação compreensiva e caridosa criada entre nós pela Igreja. Nas relações entre senhores e escravos, jamais se perdeu a semente de entendimento sob a égide cristã impressa principalmente pelos jesuitas na incipiente sociedade colonial. A índole lusa também concorreu para minorar os males da escravidão, constituindo terreno em que frutificou a semente espiritual plantada pelos padres da Companhia de Jesus e numerosos religiosos de outras ordens que souberam imita-los.

O elemento propriamente brasileiro dos súditos de D. João VI mostrava-se ainda mais brando no trato dos negros que o luso, já admirável nesse ponto entre europeus. Viajantes, comerciantes, negreiros estrangeiros como José Cliffe, oficiais da marinha britânica incumbidos da repressão ao tráfico⁽¹²⁵⁾, pastores protestantes inclinados a tudo condenar em sociedade católica, eram no entanto, obrigados a reconhecer o procedimento humano do brasileiro para com os seus escravos. O imigrante português ou de qualquer outra nacionalidade, aportado para melhorar de condição no Brasil, acabava, a despeito das intenções, da ganância congênita e da sofreguidão de enriquecer no mais curto espaço possível, por se contagiar, e, se bem, fosse mais rude no trato do negro que o branco crioulo, nem de longe praticava as brutalidades que cometeria se estivesse num meio composto somente de compatriotas. Era toda a favor de fluminenses a comparação feita por viajantes com o regime servil nas antigas colônias européias, onde continuava disfarçada a pior das escravidões⁽¹²⁶⁾, ou a revoltante situação dos pretos nas fazendas sulistas da América do Norte.

Sobre o abrandamento do conceito de escravidão em portugueses do Rio de Janeiro, proporciona-nos Marrocos curiosas informações no seu epistolário íntimo com a fami-

(125) V. na tese *As Relações entre a Bahia e o Daomé* do autor, in loc. cit. o depoimento do oficial da marinha da guerra britânica William O' Bryen Hoare. Este pouco varia do comerciante J. B. Moore e outros quanto ao trato dos negros.

(126) Id. id o depoimento do fazendeiro nas Antilhas Macgregor, confirmado pelo fazendeiro em Demerara D. J. Higgins.

lia. Escrevia em 1811 ao pai: *“Tem havido grandes recrutamentos não só afim de aumentar os regimentos daqui, e socorrer os que forão para as fronteiras; mas para desbastar os muitos ladrões e matadores, que atacão sem medo algum: de Minas Geraes e outras terras tem vindo aos 200 e mais facinorosos. Destes foi ha tempo enforcado em patibulo hum Preto, que matara seu Senhor, Senhora, hum filho, e violentara hua Sobrinha a quem matou depois: desses casos acontece frequentemente, assim como Pretas matarem seus Senhores com veneno”*. Havia, por desventura, muitos casos de revides de escravos, justificados ou injustificados pelo procedimento dos donos, devendo figurar entre tantos pretos, alguns hipersensíveis, hiperemocionais, francamente anormais, que não era necessário muito atenazar para levá-los a tragédias. Sem referências à subversão ocorrida na ilha de S. Domingos, os requintes de sadismo ocorridos durante a Revolução Francesa, praticados pelo povo, ou melhor, pela burguesia culta de uma das mais adiantadas nações modernas, dão bem idéia do resultado de compressões sociais. Se isto acontecia na Europa, quanto mais nas suas colónias por parte de pretos semi-selvagens! Por sinal, que se vislumbra facilmente exagero nas notícias do escriba, porquanto os rumores de envenenamentos praticados por escravas são evidentemente sujeitos a caução, levando em conta a farmacopéia tóxica da época à disposição de pretas boçais.

Dado este desconto, vamos prosseguir na narrativa de Marrocos: *“o terror he muito necessario para esta canalha, aliás está tudo perdido”*, o que reproduz o sentir de muito reinol imigrado. Mas como não se alvoroçariam pretos insubmissos ao ouvirem diariamente casos da mais incrível audácia cometidos por policrônicos meliantes? Em outra carta de 1813, refere-se o bibliotecário com indignados comentários a excessos de bandidos de todos os matizes: *“Nesta Cidade e seus suburbios tem havido muito insulto de ladrões, accommettendo estes e roubado sem vergonha (!!!) e logo ao principio da noute; de sorte que tem horrosado as muitas e barbaras mortes, que tem feito; em 5*

dias contarão-se em pequeno circunto 22 assassinos, e há noute mesmo defronte da minha porta fez hum ladrão duas mortes e ferio 3.º gravemente. Tem sido tal seu descaramento, que athe assaltão a pessoas mais distinctas e conhecidas, como foi o proprio Chefe de Divisão da Policia José Maria Dantas recebeu por grande favor duas tremendíssimas bofetadas, por cahir no erro de trazer pouco dinheiro, depois de lhe roubarem o relógio Etc. Alem disto tem degolado varias mulheres, depois de soffrerem outros insultos; o que tudo tem dado que fazer ao Corpo da Policia, e não sendo este suficiente para as rondas e patrulhas multiplicadas em todas as ruas, o Intendente mandou armar e aprontar todas as Justiças de paisanos para ajudarem os da Policia; mas os pobres Aguazis até já forão acommetidos e insultados pelas grandes quadrilhas de ladrões, que lhe tem dado coças. Com effeito grande numero delles forão já prezos, e estão bastante sentenciado a pena ultima, dos quaes já vão amanhã 3 para o Oratório. Faz-se agora um novo recrutamento mui rigoroso em consequencia daquelles successos, e para se aumentar o Corpo da Policia e outros Regimentos; pois o caso está muito sério, por não poder-se andar na rua mais tarde. Eu recolho às 8 horas da noute, e nunca as minhas disgressões se extendem para longe, mas só se limitão a Casa de Feliciano palestrar com meu Velho Padre Mazzoni”.

Marrocos era o tipo de burguês luso, bem pensante e praticante do Rio de Janeiro joanino. Era o mesmo digno funcionário descrito por estrangeiros na rua, e por Guillobel nas suas guaches, engalado, empoado, envergando trajes fora de moda, solene, mesureiro com os superiores, ácido com os semelhantes, impertinente com os inferiores, facilmente apreensivo com notícias sensacionais, adepto de peitas e gratificações extra-escrituradas. O caso dos imponentes amanuenses da alfândega, há pouco referido, empresários de transportes e mais atividades imprevistas no seu estatuto, é típico da administração portuguesa que veio com a côrte para o Brasil e não tardou a criar raizes até hoje viçosas entre nós. Mas o mais interessante da sua

narrativa para íntimos, muito mais que as idéias, opiniões e procedimento de funcionário público, "*deplorable engeance*" que de admirável só deu a imortal obra de Courteline, é o que nos diz a respeito de um escravo comprado para o seu serviço caseiro. Aí temos ao vivo os hábitos domésticos de lar burguês comum no tempo do Príncipe Regente, nas vésperas da chegada de Ender na missão científica auto-alemã.

Tendo Marrocos prosperado na situação material, com intenções de definitivamente se fixar no Rio de Janeiro, resolveu fazer como toda gente e organizar a sua vida na melhor base possível. Possuir servos pretos era corriqueiro entre portugueses, particularmente lisboetas. Parecia, até, elegantíssimo na fidalguia dispor de "maître-d'hotel" francês e de pajenzitos negros, pois se popularizara o retrato de Madame Du Barry servida por molecote encarregado do café, que a favorita oferecia a Luis XV segundo a conhecida anedota. O exemplo vinha de cima e todos queriam possuir o seu Zamore, ou coisa mais prática, quituteira qualificada "*Cordon Noir*". Marrocos ao que parece foi feliz na aquisição, como, ademais, o Marquês de Borba e seus parentes no Rio, o qual escrevia ao filho "*D. Antonia . . . me ama como Mãe, e agora me mandou de Presente hum Moleque por vinte Pessas. He pequeno mas dá-me as melhores esperanças de ser excellente, e o estou criando para o Guarda Ropa. Para lh'o mandar (de presente ao filho), comprei huma Preta lindissima por 18 Pessas. Está em casa de Antonia aprendendo a cozer, bordar, engomar . . . me parece que acertei bem . . . Estão aprendendo a doutrina cristã para se baptisarem. A Pretinha da Margarida se vai criando. He tareco lindissimo . . .*"

E deviam ser deveras graciosas as pretinhas, em que no rosto retinto brilhavam dentes alvos, de corpo esbelto, bem tratadas, bem vestidas, cutis lisa, acetinada, os pés livres de deformações produzidas por sapatos, sempre no gineceu de onde saíam somente para acompanhar as donas. Marrocos elogiava a sua aquisição, tão bem sucedido quanto o fidalgo na loteria representada pela compra de

um escravo: “O meu Preto se recomenda a todos que delle se lenbrão; só tem levado hua duzia de palmatoadas por teimoso, mas quebrei-lhe o vicio. He muito meu amigo, e eu não sou menos delle. He muito habilidoso e tem muito tino. Serve à meza muito bem. Tem muito cuidado e asseio do meu vestido e calçado, escovando-o &c. He muito capricioso em andar asseiado; e já tem muita roupa. He muito fiel, sadio, e de grandes forças. Tem hum grande rancor a mulheres e a gatos. Quando eu o puder dispensar hei de mandar ensiná-lo a rezar e Doutrina; que disse pouco sabe; eu não tenho paxorra e aqui ha Clerigos inhabilitados (sic) que vivem de ensinar Doutrina aos escravos (127). Como elle he de Cabinda, e tomou o nome de Manoel no Baptismo compuz-lhe todo o seu nome Manuel Luis Cabinda. Tem elle a singularidade de fazer-me sentinella ao pé de mim, quando eu estou dormindo a sesta, só com o fim de enxotar as moscas para me não acordarem. Em fim, se elle não mudar, ou não tenha molestia grave que o rape, espero que elle venha a ser hum bom escravo sem pancada, e levado só pelo brio e amizade”, conclusão notavel que encerra em poucas palavras sábio programa, adaptado à época, digno dos mestres em pedagogia que foram os jesuitas, cujo vinco talvez remanescesse mais do que se pensa no seio das famílias portuguezas ainda em princípio do século 19.

Repousava, destarte, a atividade carioca sob D. João VI quase inteiramente no trabalho do negro. Em casa, na rua, no campo, nos transportes terrestres e marítimos, no abastecimento de mercadorias, gêneros e água — estes dos principais para os habitantes de qualquer sítio urbano ou rural — em toda parte era o escravo a máquina de que dependia a existência e a produção dos súditos americanos do Reino Unido. Pôsto o rendimento do seu trabalho fosse inferior ao do forro e este ao do salariado branco, pro-

(127) O preço dos escravos variou muito de ano para ano (v. nossa tese sobre o Daomé). No tempo de Ender devia regular mais ou menos o que noticia um francês: “Moyennant la somme de mille ou douze cents francs, vous avez un nègre constitué, ou une nègresse et sa posterité”.

vido em geral de melhor experiência técnica, e por sua vez este inferior ao obreiro empreiteiro por conta própria, era indispensável o africano onde não havia máquina nem imigrantes europeus. Tardos, madraços, inábeis e descuidados, trabalhavam pouco e mal, porém, na falta de outros, tinham os portugueses do Rio não só de com eles se contentar, como procurar por todos os meios ativar o tráfico para abastecer de mais braços o Brasil. A grande tragédia nacional do século 19 foi a fatalidade que obrigava a manter a escravidão contra os ditames da Inglaterra; desejosa de livrar as suas colônias de incômodo concorrente; assim como ferir idéias do tempo e contrariar anseios dos dirigentes e mais camadas superiores empenhadas em elevar a antiga colônia a grande nação.

Havia, pois, várias maneiras de encarar a turbamulta negra das ruas. Uns a consideravam lamentável, maltrapilha como estava, imunda, asselvajada, conquanto o aspecto robusto de homens e mulheres e a ausência de mendigos e de aleijados atenuassem a má impressão. Outros viam no seu número motivo de conforto, pelo que significava na população, e, mais houvesse! . . . O ideal para esses observadores seria ainda maior desproporção entre brancos e pretos. Finalmente havia os que se entusiasmavam pelo variegado e extraordinário pitoresco das quitandeiras, negras e negros de ganho, barbeiros e cozinheiros ao ar livre, moleques atrevidos, vagabundos forros ou escravos encontrados pelas esquinas, mercados e chafarizes, a levantar algazarra confusa de gritos, cantos e improperios do Rio de Janeiro de D. João VI. Nestes últimos formava Ender, interessadíssimo em tudo ver e anotar para maior interesse de seu futuro album.

Surgiram, daí, os personagens da coleção por tanto tempo sepulta nos arquivos da "Akademie", preciosos documentos pelo que desvendam sobre o modo de vida do fim do período colonial e princípio da Independência. Entretanto, por extraordinário pareça, os mais interessantes personagens pelo gênero, aspecto e atitudes do acervo, são copiados das "figurinhas" do habil cartógrafo português

Joaquim Cândido Guillobel (¹²⁸), chegado muito antes da missão austro-alemã. Depara-se-nos logo no confronto dos modelos de Ender, flagrante diferença entre os que ele reproduziu do vivo, e os que decalcou do confrade. Os austríacos são espontâneos, muito mais fieis aos originais na fisionomia e atitude, algo descuidados no traço e na apresentação como sói a rápidos esboços apanhados na rua, na estrada de São Paulo, em ranchos de tropeiros, onde houvesse uma cena considerada curiosa para as notas do artista. O cartógrafo, pelo contrário, é amaneirado, artificial, estereotipado e estilizado, como, no geral, os ilustradores do século 18 e princípios de 19; brancos e pretos com o mesmo aspecto, cara, tamanho, gestos, assim como incomparavelmente mais graciosos que os do austríaco, porquanto Ender desenhou os seus ao ar livre, no acaso de caminhadas, ao passo que Guillobel aguarelava em casa, de memória, há tanto tempo entre os habitantes do Rio que lhes conhecia todos os aspectos e os evocava quando bem entendia com a maior facilidade.

Dessa razão decorria o seu interesse para visitantes estrangeiros em busca de pitoresco. Familiarizado com negros de ganho, militares ou funcionários civis, conhecendo-os fora e intra-muros, reproduzia Guillobel com saborosa observação transeuntes e vizinhos no trabalho ou no recesso caseiro. Tanto podia desenhar negra de ganho, quituteira — por exemplo — figura de que Ender, Henderson e Chamberlain se apoderaram e publicaram, talvez sem pedir licença ao autor, ou portugueses a examinar escravos no Valongo, ou em cenas íntimas, no correr da ceia, o modelo em camisa e ceroulas, dando de comer a pretinhos, ou ainda estendido em marquesas para facilitar à mucama a extração de bichos-de-pé.

Daí também o saque às “*figurinhas*” de Guillobel. Encontrava o desenhista estrangeiro aportado no Rio o

(128) Veio de Lisboa em 1811 para trabalhar na Casa da Moeda com máquina de laminar. No Rio entrou para o Corpo de Engenheiros e mais tarde se diplomou em Arquitetura Civil e foi professor de desenho na Academia Militar.

prato feito no trabalho do português, que possivelmente pouco importância desse aqueles cobiçados “*passatempos*”. As pequenas guaches que possuímos de sua lavra pertenceram ao Encarregado de Negócios da Inglaterra no Rio de Janeiro, Henry Chamberlain, ex-oficial de marinha, diplomata e habil paisagista, autor de conhecido album, hoje encarniçadamente disputado em leilões por amadores de livros sobre o Brasil. Mas o enigma, no caso, consiste em terem sido igualmente utilizadas as figurinhas do Consul pelo pintor oficial da missão austro-alemã. Não poucas vistas do Rio de sua lavra, que foram gravadas e publicadas no atlas de Pohl ocorrem pretos delinquentes, punidos com a tarefa de transportar barris de limpeza, ou “tigres”, acorrentados e vigiados por um miliciano no primeiro plano do panorama da cidade. O mesmo grupo também figura numa aguarela do vienense representando o chafariz do largo da Carioca. Em outros personagens, entre os apontamentos que ora divulgamos, alternam cópias de Guillobel, com observações indubitavelmente de Ender, como sucede a respeito dos uniformes de forças armadas portuguesas.

Uma peculiaridade da antiga cartografia era o excesso de adornos em mapas mais artísticos que científicos. Vinha de longe o costume, a espalhar guerreiros, indígenas e bichos nas terras e barcos, rosas-dos-ventos ou monstros marinhos no mar ⁽¹²⁹⁾. Na Península Ibérica continuou o hábito, além do desuso em outras regiões, esmerando-se os cartógrafos no traço de figurinhas, quase sempre com fito informativo ou simbólico. Fizemos alusão na viagem de Ender a São Paulo, no parágrafo dos trajes populares, ao album de aguarelas intitulado “Figurinhas”, pintadas no século 18 no Rio de Janeiro e no Oriente que tivemos em mãos no sórdido depósito do velho Chadenat em Paris. Guillobel participava da escola graças à sua habilidade em compor figuras, com certa queda à caricatura, indício de dons superiores de observação. Serviu, nessas condições, para

(129) V. do Autor *Primeiros Povoadores no Brasil*.

nos deixar quantidade de tipos do Rio de Janeiro joanino, homens e mulheres, brancos e pretos, civís e militares, dignitários da cõrte e seus fámulos, além das cenas de rua, pretos a carregar fardos, cadeirinhas de sinhàzinhas, seges de aluguel ou carros rústicos, aproveitadas pelos desenhistas estrangeiros por comodismo ou por considera-las suceptíveis de valorizar os seus albuns sobre regiões “*exóticas*” (130).

A ausência na época de direitos autorais incitava outrora a cada um “*prendre son bien ou il le trouvait*”. Desde o século 16 os livros bem ou mal ilustrados a respeito do Brasil, fossem de Lery, ou de Hans Staden, vinham sendo sistematicamente aproveitados por De Brys, Van der Aa e muitos outros. Na época em que Ender esteve no Rio de Janeiro não é possível enumerar o uso e abuso da obra alheia. Ferdinand Denis, no seu *Paraguai*, reproduziu com a maior desfaçatez as estampas do album de E. E. Vidal intitulado *Montevideu e Buenos Aires*, pouco antes impresso em Londres por Ackermann. Novamente Denis, desta vez de parceria com Ipólito Taunay, applicou nos seis volumes do *Le Brésil*, reduções de estampas dos atlas de Martius, Príncipe de Wied, Lery, etc., inculcando-se modestamente Ipólito como seu autor. A viagem de Darwin reproduz sem menção de origem o quadro de Taunay representando o Terreiro do Paço. Inversamente Martius honestamente indica o autor das paisagens de Post ou de Rugendas insertas nos tres volumes da *História Naturalis Palmarum*. Não menos correto foi Rugendas incluindo, com indicação certa de autor, desenhos de Debret e a magnífica entrada da barra do Rio de Janeiro por Bonnington, no “*Le Brésil*”, assim como as figuras feitas por Victor Adam para o primeiro plano de suas litografias. Eugênio Rodrigues serviu-se de Planitz no relato da viagem em que acompanhou D. Teresa Cristina de Nápoles ao Rio de Janeiro e de Ender no atlas do suntuoso *Guida Generale*, em que lhes menciona os nomes, mas esquece de citar os autores

(130) As mesmas figurinhas de Guillobel tornam a aparecer em reproduções de estampas de Henderson e outros.

das demais estampas. Outro “avançador” típico de seara alheia em que figura Guillobel através seus “avançadores”, foi um tal Lopes, que desenhou figuras populares do Rio de Janeiro, reproduzidas em album pela primeira oficina litográfica do inglês Briggs. Não faltou também na série quem depredasse Ipólito Taunay, com a agravante de modificar-lhe um pouco o desenho a fim de que parecesse original, como praticou Jacques Arago ao evocar um fantástico “gaoutcho” quando a cavalo laçava ferocíssima onça.

Segundo o Visconde de Taunay, o seu tio Adriano fôra copiosamente espoliado sem indicação de autoria nos desenhos do atlas histórico da viagem de circunavegação do mundo em que tomou parte. Antes de impresso o trabalho de um artista já era aproveitado por outros! Bastava tivesse valor decorativo ou aspecto curioso para despertar cobiça alheia. Outras vezes, por motivos de ordem técnica, para maior nitidez das gravações, recorria-se a profissionais europeus que nunca estiveram no Brasil, a poder de desenhos em ponto grande ou quadros a óleo, como os encomendados em Coblenz pelo príncipe de Wied ao pintor Bercher, no intuito de facilitar em seguida o trabalho do gravador. Nos arquivos de velhas firmas editoras encontravam-se antigamente documentos desse gênero que nem sempre foram publicados. Na versão original ocorriam frequentemente falhas ou acréscimos, de que temos divertido exemplo na estampa de Choris, onde se vê danças de caboclos onde nada havia no desenho original. O próprio Ender juntou na estampa de Goiaz do atlas de Pohl um carro de bois que desenhara do Rio de Janeiro alguns anos antes da impressão em Viena. Fato semelhante ocorre com a famosa cena de Rugendas intitulada “*costumes paulistas*” — a única do seu album referente a habitantes da capitania de S. Paulo — amaneirada e desvirtuada pelos assalariados de Engelmann a ponto de a tornarem quase irreconhecível. Ao invés de reproduzir o desenho do autor, notavel, por sinal, desandam em alterações que transformam o caboclo e o mulato da cena em personagens iguazinhos ao “*Negrier*” de Deveria, a lembrar indumentária e

atitudes de atores do *Ambigu*, ou de outro qualquer teatrinho de Boulevard, vezo característico dos franceses da época (131).

Havia, contudo, exceções quando entrava em cena a probidade de holandeses, patente nas reduções das estampas da viagem do Príncipe de Wied por Jobard, Hoogkamer e principalmente Velys, cuja vista dos expedicionários, numa aldeia de índios, reúne a fidelidade do desenho à perfeição da gravura. O costume de querer melhorar o decorativo das anotações de viagens segundo o gosto do lugar e da época, quando as passavam a estampas, dava-lhes cunho acentuadamente parisiense se feitas na França, suíço se em Basileia na oficina de Steinmann, londrino se na Inglaterra ou vienense em Viena. Imaginamos facilmente a transformação de aguarelas como as inéditas e desconhecidas de Adriano Taunay — do Proh das ilhas Carolinas ou da rede de transporte de chefes indígenas aculturados, encartolados, protegidos por sombrinhas, a fumar charuto, novidade para a Europa daquele tempo — depois de Choubard ou Coutant as gravarem à moda ppointillé em chapa de cobre. O mesmo ainda aconteceu faz pouco com interessante lote de rápidos apontamentos de Debret, que pouco antes da guerra nos foi oferecido por antiquário parisiense. Relativamente baratos — 75.000 francos, o franco a 500 réis — estavam, entretanto, irremediavelmente alterados pela absurda idéia do vendedor, que mandou colorir e completar simples rabiscos por um pintamonos a fim de lhe aumentar o interesse... e o preço! Tornaram-se lindas aguarelas de ótimo efeito decorativo colocadas num “passe-partout” e dependuradas na parede, mas prejudiciais ao estudioso desprevenido que pretendesse utilizá-las para o estudo etnográfico e histórico dos reinados de D. João VI e Pedro I no Brasil.

(131) Houve casos também de alterações por economia. O panorama do Rio de Janeiro de Ender provocou reparos do gravador Axmann, o qual julgava o céu muito complicado. Mandou então Metternich que o pintor o simplificasse para a gravura sair mais barata.

Sobrevinham igualmente coincidências de todo inocentes em trabalhos de dois artistas inspirados pelo mesmo assunto ou paisagem. Publicou certo Fruehbeck, empregado como "courrier" da Embaixada especial, folheto intitulado "*Schizze meiner Reise nach Brasilien*", comentário de vistas panorâmicas do Rio de Janeiro, que parecem de autoria de Ender, mais tarde expostas pelo "courrier" em Viena. Uma das mais belas vistas da Guanabara foi desenhada pelo inglês E. E. Vidal, oficial da marinha de guerra britânica, sucessivamente destacado na Bahia, Rio e margens do Prata, de onde deixou magníficas lembranças a óleo ou aguarela. Consiste a paisagem a que nos referimos na vista da chácara doada pelo Regente ao Almirante Sydney Smith, mais "*seis escravos e um barco*", como diz um documento. Representa a casa de habitação, rodeada de pomar e culturas várias, mirando-se nas plácidas águas da Armação de São Domingos. Antigamente azafamadas pela pesca da baleia, tornaram-se as vizinhanças quase desertas, apenas distraídas por algum barco de vela do espanhol detentor do monopólio da pesca naquelas paragens. A dádiva real parece ter sido de grego, sita a chácara num dos pontos mais quentes da tórrida baía, descrita por um súdito britânico, "*The house on it is small, and the situation oppressively hot; the land rocky and of little value. At the point itself are some large warehouses, originally constructed for the extraction of oil from the whale, when that fish rolled his enormous bulk in the harbour of Rio*". A razão, porém, do presente, era o esplêndido panorama descortinado do ponto, a cavaleiro sobre a baía da Praia Grande, naquele momento acesso à região leste da capitania do Rio de Janeiro e comunicações terrestres com Espírito Santo e Porto Seguro. Tanto era apreciada a paisagem, que o Consul Chamberlain, sucesor do Almirante com amor desenhou vistas da chácara tomadas na praia fronteira, mais tarde publicadas no livro *Views & Costumes of Rio de Janeiro*. As aguarelas, do Consul e de Vidal, são idênticas, traçadas no mesmo ponto, com igual barco no primeiro plano, porém, na coincidência, provavelmente não

haveria apropriação indébita, pois, tanto um como outro, apesar de amadores, eram habilíssimos paisagistas e prescindiam de copiar-se.

Mas uma coisa é ser habilidoso em paisagens e outra em retratos, caso, por ex. do oficial de marinha francesa de La Touanne, que teve no seu atlas de viagem a roda do mundo de recorrer a Bichebois, que nunca saíra de Paris. Nesta diferença reside talvez o motivo da presença das figurinhas de Guillobel no album dos ingleses Henderson e Chamberlain, ou nos desenhos de Ender destinados ao projeto que o vienense não logrou realizar a despeito da proteção dispensada pelo todo-poderoso Metternich. Em todo caso lá figuram em particular destaque nos desenhos da *Akademie* os pretos do Valongo, ao depois distribuídos pelo Rio. Por ironia do destino, encarregou-se um russo, sob cores indignadas, da descrição do abjeto mercado negreiro. Em realidade, compunha-se de muitos depósitos, pertencentes a diversos traficantes, onde os pretendentes a escravos podiam procurá-los. Num desses antros, depararam-se a Bellinghausen negros magros, deprimidos escrofulosos, revelando os sofrimentos da viagem a despeito dos esforços dos donos para refazê-los após desembarque. Nos renques de negros expostos, os menores ficavam à frente e os maiores atrás. Os compradores eram quase sempre recebidos por um português — ou melhor, cigano — armado de bengala ou chibata, e na sua ausência, pelo negro forro ou “ladino”, afeito ao mister, que apresentava a mercadoria.

Com auxílio do instrumento que empunhava, como domador em circo, obrigava o cigano as “peças” a entoarem uma espécie de toada de dança africana, a fim de acompanhar trejeitos no saltar ora um pé ora no outro. Aquele que não demonstrasse bastante atividade arriscava os cumprimentos do bastão estimulante do lojista, recebendo logo o captivo aportado dos viveiros da África, substancial noção da disciplina exigida em sua nova condição de escravo. Quem desejava examinar alguma peça indicava-a ao encarregado que a trazia à sua presença. Submetido a cuidadosa inspeção, desde a dentadura até as partes mais íntimas do

corpo, acaso satisfizesse ao comprador efetuava-se o negócio, tendo o russo presenciado em 1817 uma dessas aquisições pela elevada quantia de duzentos dolares espanhóis!

No separado das mulheres procedia-se de modo semelhante, com a diferença que as negras dispunham de pequeno saiote e muitas vezes traziam o peito recoberto com um pano. As cores das tangas e mais pedaços de tecido, variavam segundo o traficante. Nesse ponto os pretos que os *Sketches of Portuguese Life* nos mostram num barracão de cigano mineiro, também ensaiariam o antegosto do uniforme, que lhes seria imposto ao depois — por exemplo — nas minas inglesas de Morro Velho ou Corrego Seco pertencentes a súditos anti-esclavagistas de S. M. Britânica. Encontramos na coleção Marcelino de Carvalho interessantíssimo documento desenhado por um dos funcionários dessas empresas, que representa a lavagem de minério procedida por pretas em uniforme, composto de saia e corpete preto e vermelho e touca branca, elegante remate que lhes dava aspecto algo de “*farmer maid*” em alguma leiteria da Inglaterra. Impressionado, porém, pelo deplorável espetáculo da antecâmara da escravidão, insurgia-se Bellinghousen — cujo país, a Rússia, em 1817 estava em pleno regime servil — contra a pretensão dos portugueses de manter inalterada a escravidão negra. Diziam-lhe alguns lusocariocas a esperança de que o governo conseguiria mais uma vez adiar a abolição tão desejada pelos ingleses. Familiarizados desde a infância com a mazela, não viam mal algum no indefinido prologamento do torvo regime, tanto mais, que no momento, intervinha fator favorável a respeito representado pela rendosa lavoura cafeeira. O surto de produção, incentivado pela chegada da côrte, provocava a vinda de numerosos agricultores, muitos lastreados de capitais, mas que se viam às voltas com o problema de adquirir braços por preço razoável.

Contavam-se, no Rio de Janeiro e subúrbios no tempo de Ender, agricultores de café de todas as nacionalidades possíveis, imagináveis. Ingleses com Chamberlain ou

Mowke, franceses com a Condessa de Roquefeuil, Gestas, Scee, etc., russo-alemão com Langsdorff, holandeses com Hogendorp, chineses importados para plantar chá, mas que se dedicavam a café "*comme tout le monde*", além de portugueses e brasileiros. A respeito do produto fluminense, noticiava o tratado contemporâneo de d'Aulnay: "*Ce café encore nouveau dans le commerce, ressemble assez au Café Bourbon; comme lui il présente les nuances vertes ou jaunes. Sa féve, assez grosse, est régulière peu alongée, peu pelliculée, et possède une odeur assez forte. Il vient en futailles et en sacs de toile*". O fato de não ser incluído entre os melhores cafés da América, encabeçados pelo da Martinica, é compreensível, porquanto, cultivado em zona imprópria, como a capitania do Rio de Janeiro, estava longe de possuir as qualidades que depois demonstraram os cafés dos limites de Minas e São Paulo, em Franca do Imperador, São João da Boa Vita, além de certas manchas de Araraquara, Ribeirão Preto e São Simão. Mas se era inferior aos da América Central, nem por isso deixava de alcançar bom preço. Contara o Consul Langsdorff aos russos, que pouco antes se registrara no Rio afluxo de numerosos lavradores europeus⁽¹³²⁾, e durante a permanência dos oficiais moscovitas no Rio, apreceram dois franceses com intuito de abrir fazendas, atraídos pela perspectiva de compensadora aplicação de capitais. Outro russo, de outra expedição, porém, da mesma época, noticiava a chegada de antigo e rico fazendeiro de São Domingos, que logo comprara grande extensão de terras e muitos escravos. O próprio Consul, como foi dito, era também caféicultor, pois o fim das guerras revolucionárias e napoleônicas favorecia atividade económicas pelo mundo afora de que o Brasil largamente se aproveitava.

(132) Escrevia Langsdorff em 1819 que "*Le Brésil a l'air d'un paradis; le sol y est fertile, riche et l'on y vit bien mieux que plusieurs personnes ne le croient peut-être. Je suis un grand admirateur de ce pays... Le caféyer y réussit mieux que dans son sol natal. Cet arbre ne fournit aux Antilles qu'une livre par pied, tandis qu'ici l'on en récolte quatre pour le moins*".

No reinado de D. João VI o surto agrícola fluminense constituia riqueza tão apreciavel quanto jazidas de Minas Gerais no tempo de D. João V. Infelizmente entre as manifestações do progresso surdiam nojentos intermediários do tráfico constituídos pelos famosos ciganos. Expulsos de Portugal apareceram em várias datas nas suas colónias em toda sorte de improvisadas profissões. No reino tinham-se especializado caldeiros quando não exibiam animais adestrados e roubavam as populações onde transitavam. De uma feita mandou Martinho de Melo Castro, quatrocentos ciganos, homens e mulheres para o Brasil, arrebanhados em Extremoz. A providência foi julgada infeliz por Pina Manique em Ofício de 1793, em que apontava o quanto os ciganos eram prejudiciais onde estivessem. Nos domínios ultramarinos continuavam a roubar e na impossibilidade de exhibir bichos amestrados em feiras, adotavam outros misteres, revendedores e vendedores de animais que furtavam, caldeiros, funileiros e paradoxalmente carcereiros⁽¹³³⁾, etc... e com o crescimento da população e consequente aumento de atividade económica, passaram quase exclusivamente a intermediários em negócios de cavalos e muares. Continuando o progresso da terra, intensificada a lavoura do café simultaneamente com a do assucar, incrementado de modo espantoso o tráfico de escravos, substituíram o mercadejar de animais pelo mais rendoso de pretos, em que applicavam os mesmos métodos de comércio, baseado em ludibriar o próximo.

E' misteriosa a origem dos ciganos, tidos por tribos nómades da Índia, que mantinham intatos, através dos tempos como os judeus, costumes, tradições e hábitos ancestrais. Apesar do unânime desprezo que os cercava, a sua última atividade trouxe-lhes bastante importância para atrair a atenção de estrangeiros de passagem pelo Rio. Segundo um francês "*ils se plaisent communément au milieu de la débauche crapuleuse et de la fainéantise. Fourbes et menteurs, ils volent tant qu'ils peuvent dans le com-*

(133) V. do Autor o III vol. da *Bahia e as Capitanias do Centro do Brasil*.

merce; ils sont aussi des subtils contrebandiers. Ici comme partout (principalmente na Alsácia e mais ainda na Lorena acrescenta o comentarista), où 'on rencontre cette abominable race d'hommes, leurs alliances n'ont jamais lieu qu'entre eux. Ils ont un accent et même un jargon particuliers. Par une bizarrerie tout-à-fait inconcevable, le gouvernement tolère cette peste publique: deux rues particulières leur sont même affectées dans le voisinage du Campo de Santa Anna; elles portent le nom de rua et de travessa dos Ciganos".

Não sabia o informante que o próprio Campo também antigamente se chamava dos Ciganos, a designar quase todo um bairro por eles habitado. Nesse recinto, espécie de judiaria, a fortuna lhes aumentara a dissolução de costumes, prejudicial à reputação dos demais habitantes da cidade perante forasteiros. O mesmo francês há pouco citado, assegurava que muitos possuíam "*des grandes richesses, étalant un luxe considérable en habillements et en chevaux, particulièrement à l'époque de leurs noces qui sont très-somptueuses*", prosperidade, no entanto, ineficiente para os limpar de "*l'habitude de tous les vices, une propension a tous les crimes*". Debret traz a propósito vista do interior de residência cigana nas vizinhanças da Lampadosa, cujo pátio cheio de escravos é teatro de castigos aplicados a pretos, ante os olhos indiferentes da esposa e filha do dono, sentadas no chão, à moda oriental.

Traficantes, ciganos, régulos do litoral negro, desfrutadores desde séculos da escravidão, marujos sedentos de riquezas e de aventuras, astutos crioulos brancos e mestiços com o célebre Xaxa de Ajudá, o maior empresário do tráfico africano de todos os tempos ⁽¹³⁴⁾, formavam as pedras angulares do sinistro comércio, que tanta tinta fez correr da pena de viajantes e quadros extraordinários proporcionou a artistas, de que Ender foi dos mais aplicados em registrar os pormenores. No caso, quase nos felicitamos da inexistência do seu projetado album, pois a falta de

(134) V. do Autor, tese citada *As Relações entre a Bahia e o Daomé*.

meios para a publicação, os resguardou de alterações como sucedeu a confrades de outras nacionalidades, de modo a mante-los intátos na sua inteira espontaneidade e capacidade informadora.

A recusa de Metternich em custear a publicação de Ender, teve assim a virtude de evitar que os gravadores e mais artífices chamados e reproduzir os seus apontamentos, propositalmente os deturpassem ou os confundissem com as figurinhas de Guillobel. Onde não havia o mesmo risco era nos aspectos da cidade, que Ender desenhou atento em evocar casas, casarões, casebres, capelas e igrejas, sem recorrer a temperos alheios para realce de sua obra, que vem a ser a parte melhor, de mais interesse informativo e valor artístico, do acervo da *Akademie* de Viena, escapo por milagre da destruição em 1848 do *Brasilien Kabinet*.

A ARQUITETURA NO RIO DE JANEIRO

Espelho do homem e da sua cultura

DEPOIS de um passeio pela orla marítima para mostrar a atividade reinante em praias e trapiches, Ender nos leva aos antigos bastidores do porto chamados Cidade Nova, Campo de Santa Ana e adjacências (135), onde, apesar das prejudiciais aposentadorias construía-se grande número de casas. No primeiro bairro, separado de Mata-Porcos pela ponte de madeira de São Diogo, muitas obras, segundo Debret, tinham ficado paralisadas por longo tempo por causa do temor de requisições. Começara-se mas não se terminara, segundo o princípio, “*dos males o menor*”. Somente no tempo de Ender encon-

(135) Descreve Ipólito Taunay aquele sitio: “*Le nommé champ de Saint’Anne sous l’invocation de laquelle est une église dans la partie septentrionale, divise la ville en deux quartiers; celui qui se trouve à l’occident est la ville neuve; des rues en sont en général plus larges, et les maisons de plus d’apparence.*”

Des rues parallèles qui débouchent dans la place que nous venons de parler celles de Savon et de Saint Pierre, dont le commencement est au pied de la montagne de Saint Benoit, se prolongent jusqu’au fond de la ville neuve et se terminent au pont de S. Diogo, qui sert de communication avec le quartier de “mata-porcos” (tue porcs); se côte de Rio aboutit à un lac presque à sec, où l’eau n’arrive que dans les hautes marées. On y construit des chaussées, et des faubourgs s’augmentent à leurs dépens. La est un plaine d’une lieu et demie que la ville finira par envahir; à present elle sert de retraite à des myriades de crabes et à des herons blancs appelés “garças”, dont on tire un duvet recherché, connu sous le nom “d’esprit”.

trou fim a anômala situação, quando D. João foi aclamado rei, figurando o termo das aposentadorias nos decretos expedidos para comemorar a data, à guisa de régio presente ao proprietário carioca.

Veio a alforria sob designação de "*Privilégio de aposentadoria Passiva*" concedido a 6 de fevereiro de 1818 aos habitantes do Rio de Janeiro. No período que durou dez anos, tiveram os moradores antigos de recorrer a toda sorte de ardis caso tencionassem habitar a cidade em cômodos decentes. Informa Moreira Azevedo: "*Quando algum fidalgo ou criado do paço desejava uma casa ia ter com o juís aposentador que mandava um meirinho intimar o dono ou inquilino a sair do prédio escolhido, intimação completada por inscrição a giz no ingresso de duas letras, P. R. ou seja Príncipe Regente, que o povo traduzia "Ponha-se na rua". E ai de quem no fim de tres dias não desocupasse a casa!*". A essas requisições ajuntavam-se as do Intendente de Polícia, a fim de atender desde repartições públicas, como a Relação; que passou para a residência de João Marcos Vieira; até pouso para técnicos importados como sucedeu com os componentes da Missão Francesa.

Continuando a descrever a situação, relata Moreira Azevedo: "*Debaixo do nome do Principe Regente cometterão-se então grandes abusos e despotismos. Os proprietários assim violentados raras vezes recebiam os alugueis estipulados pela cessão da casa, e alguns eram até obrigados a deixar a mobilia da sala!*"

Outros tinham de ceder os serviçais, sege, arreios e animais, em suma, a habitação montada. Não conhecia limites o arbítrio dos encarregados das requisições e a respeito nos conta Luccok ter presenciado uma dessas cenas ao almoçar em modesta estalagem nas vizinhanças de São Cristovam. Estava em meio da refeição quando bateu à porta um capitão uniformizado, que ordenou remessa de forragens para as cavaliças da Quinta, "*without even speaking of payment*". O coitado do hospedeiro lamentava-se, porque já fornecera, "*so many articles as nearly*

to ruin himself”, sem esperanças — não falava em pagamento — mas de recompensa pelo sacrifício. Toda a circunvizinhança estava na mesma, submetida a saque em regra, não autorizado pelo Príncipe Regente, mas custava tanto a um mesquinho desvalido, entender-se nos meandros administrativos do poder absoluto com os responsáveis pelas espoliações, a não ser protegido por influentes ou a poder de peitas, que, no general, era irremediavel o prejuizo.

Contava-se, a propósito, a história de uma senhora de nome Isabela Maria, a qual já tinha cedido duas casas para os fidalgos del-Rei, e se via tão perseguida delos amadores pe residências alheias, que se foi refugiar num desvão da rua dos Barbonos. Lá mandou fazer alguns cômodos para a família, mas com receio de requisições, só concluiu os fundos. Alguns beneficiados, de mais posses ou melhor caráter, espontaneamente renunciavam a tão odiosa vantagens, como o Visconde do Rio Seco ou o Marquês do Lavradio, assim escrupuloso talvez por não querer marear, pelo mau procedimento de um neto, a lembrança deixada pelo avô na cidade que tanto lembrava o seu notavel vice-reinado. Outros, porém, procuravam aproveitar-se ao máximo da situação, com desfaçatez sem precedentes. O Conde de Belmonte, por exemplo, depois de aboletado na recém-acabada e ainda não habitada residência do Patrão-Mor do porto, deixou-se alí ficar pelo espaço de dez anos, apoderando-se também dos escravos, que o imprudente funcionário num momento de entusiasmo lhe cedera por ocasião da chegada da côrte e que por mais reclamasse, não conseguia reaver.

Não menos escandaloso foi o procedimento da Duquesa de Cadaval, cabeça da fidalguia do reino, irmã do Embaixador francês Duque de Luxemburgo, cujos filhos, naquele mesmo momento, padeciam pruridos de ambição a ponto de se candidatarem à sucessão de D. João VI no trono. Alojada em casa de abastado proprietário, o qual também movido por momentâneo arroubo, lhe cedera de boa vontade, até prazerosamente, confortavel chácara sita da Lapa, alí permanecera a fidalga irremovivel para maior deses-

pero do infeliz proprietário. De quando em quando os Cadavais manifestavam vaga intenção de se mudarem. De uma feita, constou para maior alegria do dito proprietário que iam construir palácio no Rio de Janeiro, delineado pelos artistas franceses. Tudo, porém, ficou como estava e ao cabo de dez ou doze anos, resolvida a volta da Duquesa para o reino, dignou-se a família Cadaval oferecer 600\$000 reis por ano de compensação ao dono, que sobranceiro recusou.

De permeio com pessoas realmente necessitadas de abrigo, pelo fato de terem acompanhado a côrte no exílio, abandonando repentinamente a pátria, lar e haveres, especulavam certos indivíduos com os problemas criados pela situação, passando a alugar residências requisitadas quando não mais delas necessitavam. Comentou Tobias Monteiro o disparate, escrevendo: *“houve até quem sublocasse aos proprietários lojas de casas que lhes tinham tomado. Tudo isso era possível por ter-se fixado por alugueis de accordo com o ultimo imposto predial pago, quando entretanto o valor locativo dos immoveis tinha triplicado pelos simples facto da abertura dos portos ao commercio estrangeiro, segundo informa Horace Say”*. A tamanha incongruência attribuia Soriano a malquerença que então começou a medrar entre cariocas contra reinóis, incomodados como se viam, muito além do necessário e do admissível, não só pelas espoliações das casas, como ainda pelo aumento de impostos destinados a manter gastos da côrte.

A despeito de tais dificuldades, viam-se em toda parte construções novas, residências, armazens, lojas, edifícios públicos, de que no centro comercial se destacavam os alicerces dos dois casarões encomendados nessa época a Grandjean de Montigny, a saber: Escola de Belas Artes e o mercado da rua Direita. Esse centro, que não devemos confundir com os depósitos e trapiches à beira-mar das sessenta firmas importadoras inglesas, situadas mais baixo, em direção à Saude e Gamboa, era composto, no dizer unânime dos viajantes, principalmente dos armazens sitos na dita rua Direita e vias transversais. Henderson descreve

a primeira como espinha dorsal da cidade, correndo de norte a sul, do morro de São Bento ao largo do Palácio. Era também a mais larga, antiga e importante, com melhores edificações, onde antes da chegada da côrte habitavam os comerciantes sobre os seus armazens, de que Ender nos refere curiosa versão, mui diversa nos pormenores a todas as outras vistas do mesmo sítio de pintores que então estiveram no Rio de Janeiro. Nenhum observou e reproduziu a via-mestra com tanto proveito para o estudioso da época como o vienense. A aguarela que damos junto, escolheu o paisagista da missão austro-alemã grupo de casas do maior interesse para quem queira documentar-se sobre a arquitetura da capital do Brasil sob D. João VI. Nem de propósito acertaria com maior felicidade o alcance deste documentário, pois, guiado pela intuição de artista e desejo de informar o publico do futuro album, atendeu exatamente aquilo que hoje mais poderíamos desejar, resumindo em poucos traços primordial depoimento sobre a arte de construir e o modo de viver de outrora.

No primeiro plano encontramos personagens invariáveis em toda vista do Rio: pretos de ganho a trabalhar ou à espera do freguês, quituteiras rodeadas de comadres e da respectiva prole, e mais profissionais de misteres inevitáveis onde havia aglomeração de trabalhadores necessitados de se alimentares perto do sítio onde labutavam. As figuras são indubitavelmente do vienense, como em geral as que ocorrem nos seus rápidos apontamentos. Lá estão pretos, pretas e pretinhos debaixo do rústico toldo armado para resguardar os quitutes ou a mercadoria do sol de chumbo carioca, junto de abrigos semelhantes, cobrindo no meio da rua barricadas e caixotes retirados pelos atacadistas da rua da Alfândega ou de trapiches vizinhos. O principal interesse do desenho, porém, reside nos prédios do sítio. Compunha-se de sobrados de um, dois ou tres andares, com ou sem remate de coruchéu no meio do telhado. No rés-do-chão apresentavam na frente da loja alpendre formado por colunas, onde os quitandeiros dispunham as

mercadorias daquele mercado ao ar livre, conhecido por *da Alfândega*, antes que nas proximidades elevassem o edifício de Grandjean para esse fim.

Reproduz Ender bananas, alhos, cebolas, cestas, jacás, etc. dos mercadores, separado cada negócio por caixotes sobre os quais se amontoavam gêneros menores expostos aos transeuntes. Nos andares superiores também ocorriam alpendres com platibandas, colunas e arcos de madeira, onde havia rótulas. Já no tempo do Conde do Lavradio uma disposição governativa ordenava a remoção de urupemas, grupemas ou gurupemas, espécie de peneiras de palha que guarneciam as janelas e ingressos de casas térreas, colocadas à noite pelos habitantes e retiradas pela manhã. Com a chegada da côrte, ordenou-se a substituição de rótulas por vidraças e venezianas, e, como muitos não pudessem de súbito atender à exigência, o resultado era ficar a ordem obedecida pelo meio como nos mostra a aguarela do pintor, os alvéolos vazios aproveitados pelos moradores para neles dependurar roupas lavadas.

Tornava-se estranho o aspecto daqueles renques de curiosos alpendres nas fachadas aos olhos de viajantes. Quem estivesse desprevenido quanto às disposições urbanísticas contrárias aos antigos gradeados destinados a arejar as habitações e antigamente utilizados pelas mulheres portuguesas para espreitar sem ser vistas o movimento das ruas, não compreendia a razão de tantos espaços vazios. Escreveu um inglês: *"The effect was curious; fom suddenly exposed; most felt ashmed of their appearence, some strove to improve it, and some, as usual, imitated what seemed fashionable, if not, in their view, an improvement"*. Uma das casas do desenho ainda conservava o *"laticed work"* no último andar, porém, mais à guisa de ventilador do que muxarabiê árabe debruçado sobre a rua. Coroando o casario, sobrevinha o telhado com beiral saliente a fim de proteger os muros. Nas construções mais pretensiosas, a cobertura era recurva, levantada nas pontas em estilo chinês, terminada por telha espalmada, às vezes de ponta triangular, ou com buzinotes para escoamento das águas,

que nos dias chuvosos deveriam jorrar para o meio da rua pôsto, não raro, esguichassem em outras direções. Daí, a necessidade no andar térreo disporem as lojas de toldos, não só para se protegerem do sol, como de aguaceiros naturais e artificiais.

Continuando, agora, a caminhar direção ao Paço, chegamos em companhia do vienense aos domínios dos comerciantes fornecedores da família real, em mor parte portugueses, responsáveis pelos abusos, descaminhos e gastos excessivos da Casa Real. Abusavam esses futuros aristocratas, não só no serviço do soberano, porém, mais ainda, na incumbência de prover às necessidades de centenas de áulicos parasitas. As imediações do Paço lhes pertenciam, perto da Ucharia Real situada atrás do Carmo, antro de corrupção e foco de intrigas — escreveu um historiador Em direção da Praia de D. Manuel estavam as cocheiras, outra fonte de despesas e custosa desordem, a completar o malfadado recinto. Alí se elevavam muitas casas de recente construção, pelos mesmos processos coloniais peculiares ao lugar. Entre essas havia pouca taipa com a empregada em São Paulo, onde Ender pouco antes estivera, sistema ao que parece introduzido pelos jesuitas, cuja ação no Rio de Janeiro, séde do vice-rei, foi muito menor que na capitania de São Vicente, base do império espiritual e da penetração inacina no sul do continente. Luccok excepcionalmente menciona na propriedade de um seu compatriota nos subúrbios do Rio banhado pelo Iguazú, perto da baía, onde vira muros de barro, “*of Taipé*” (sic) *the Paysan of Southern Europe, before unknown in this part of Brazil, though long used in St. Paul’s*”. Outro inglês noticiava que a maior parte das casas cariocas eram feitas de pedra, por sinal, fácil de extrair das inúmeras pedreiras dos arredores, recurso nem sempre ao alcance de povoações do interior do Reino Unido.

Entretanto, no tempo de Ender predominava nas construções comuns o tijolo de argila “cota” graças ao progresso das olarias. Eram reunidos nos muros por argamassa chamada reboco e revestido por outra mais cuidada,

ou estuque à italiana, espalhado nas paredes com espátula de pedreiro, existindo outro ainda mais fino para formar tetos, processo novo no Rio, preconizado pelos artistas da missão francesa e mais estrangeiros, como Johnson ou Bouch. Chegados a este ponto temos de distinguir tres categorias principais de edificações, a saber: casas térreas e sobradinhos de habitação às vezes com loja à frente; sobrados maiores em ruas centrais — Direita, Ouvidor, Ourives, etc. — cujo rés-do-chão era sempre destinado ao comércio, a não ser alguma construção mais luxuosa ocupada por figuras como Targini, Núncio Apostólico ou Conde de Anadia; e finalmente monumentos civís, eclesiásticos, militares ou de uso da Casa Real. Naturalmente o estilo, proporções, materiais diferiam, uma coisa a provocar outra, se bem a invasão francesa impedisse o processo por muitos anos vigente no regime colonial, que era importar fachadas inteiras de pedra ou mármore de Liós de Portugal, preparadas de modo a favorecer a montagem onde fossem projetadas.

A argamassa também obedecia a recursos regionais, tanto para edifícios consideráveis como prédios de um ou mais pavimentos semi ou completamente mercantes, em que se empregavam ingredientes suscetíveis de lhe aumentar as propriedades incorporadoras. Nos processos de construção de regiões oriundas da civilização do Mediterrâneo — já vimos que Portugal a esta pertencia, se bem voltado para o Atlântico — misturavam-se processos herdados dos romanos com outros recebidos posteriormente dos árabes. Quem viaja na Itália meridional, no antigo reino das Duas Sicílias, encontra nas aldeias da costa tirrena o casario erguido por processos próximos dos empregados na outra margem, na "*sponda mussulmana*", do grande mar interno. Nessas construções, desde a noite dos tempos, procurou-se incrementar a resistência da alvenaria, expediente da maior importância económica, pois, quanto mais forte fôr, maior duração assegurava à casa num sítio assolado por tremores de terra. Os romanos empregavam no desígnio sangue de animais, menos práticos que os daomeanos, useiros quando

morria um dos seus déspotas, em lhe elevar a tumba com taipa de barro amassada com o sangue das suas inúmeras concubinas. No Rio de Janeiro permaneceu a tradição de reforçar a cal e areia com extraordinário resultado segundo dizem, a poder de produtos das baleias, arpoadas nas vizinhanças do porto. Havia a lenda de que, graças ao óleo extraído do cetáceo, gozavam templos e fortalezas cariocas de longevidade impar, muito superior à de congêneres de outras nacionalidades. Efetivamente, muros antigos houve na cidade que tiveram de ser modernamente demolidos com dinamite de tão compactos, tornados no correr do tempo impenetráveis ao camartelo do mais robusto demolidor. Pensamos, porém, provirem tais características, mais de subprodutos da baleia, como por ex. o espermacete, caso não haja alguma confusão a respeito desta notícia.

Outro elemento primordial na construção, consistir na madeira, largamente usada quando ainda era facil conseguiu-la ao sul da capitania e região vizinha. Transportada em chatas ou jangadas como nos mostra E. E. Vidal no magnífico panorama do Rio de Janeiro existente no Museu de Arte de São Paulo, desembarcava na praia de D. Manuel de onde a removiam para as serrarias da rua da Misericórdia não muito distante, ou baixos da igreja da Saude, em toda parte em que era hábito localizar materiais de construção. No Saco do Alferes havia, para mais, depósitos de ripas de palmeiras muito empregadas em vários misteres, às vezes misturada com argamassa para facilitar a confecção de camadas de estuque destinadas a tetos e paredes. Parece estranho fossem tão longe, a dias de viagem, buscar madeiras carregadas por terra, via fluvial e marítima, quando ainda era facil encontrar copadas arvores nos morros cariocas. O motivo da diversidade vinha da aplicação de cada essência segundo o empírico ensinamento decorrente do uso. Preferiam os construtores a canela parda, preta ou cinzenta, para soalhos; óleo e cabiúna em competição com o jacarandá em superfícies em que se requeria madeira forte e decorativa, magnificadas pelos veios escuros sobre

fundo laranja amarelado; aipê, "*bois rouge incorruptible dans l'eau, comme l'ont prouvé des pilotis retrouvés à Venise*", escrevia um francês; guarabu violeta e amarelo para caixilhos e armações de rótulas e batentes; garapiapunha, "*árvore de 50 palmos e mais de altura, com três de grossura . . . serve para vigas e frechais*". Ocorre ainda, nesta enumeração de Baltasar da Silva Lisboa, caixete para tabuado de forro das casas e portas interiores; vinhático para os mesmos fins; copaiba de várias espécies, id., id., também usadas para vigotas, etc. . . . Em suma, segundo viajantes franceses, acumulava-se madeiramento nas casas com grande inutilidade e desperdício, a poder das mesmas essências que na Europa ciosamente se aplicavam na marcenaria de alto luxo. Um dos espantos dos europeus era ver o emprego de madeiras das mais finas e raras qualidades em pisos e telhados com perdulária profusão.

Até pouco antes da chegada de Ender havia disposições oficiais proibindo o uso de pinho europeu na construção de casas por ser considerado demasiado combustivel. Vira-se o governo obrigado a tais providências, a indicar ou vedar certos materiais por causa da ânsia de rápido enriquecimento manifestada pelos que apareciam na colônia à procura da "*árvore das patacas*". Caso não encontrassem peias à ambição, fariam do Rio uma nova Constantinopla, amontoado de casebres a mercê do primeiro incêndio que se deflagrasse. Entretanto, o pendor dos construtores reinóis quando julgados por regulamentos oficiais, em maioria oriundos de sítios onde havia abundância de pedra e de granito, era elevar casas pesadamente construídas. Pôsto as do primeiro quartel do século 19 se diferenciasssem das do último do século anterior, por número maior de portas e janelas na fachada, o aspecto geral ainda parecia macisso; muros espessos; madeiramento excessivo; prejudicial ao fim; duríssimo e pesadíssimo, sobre alicerces profundos; mui procedentes no solo carioca, úmido nas proximidades de lençóis de água; de sorte que, as casas da pequena e média burguesia do Rio de Janeiro eram

quase invariavelmente feias com a agravante de longevias ⁽¹³⁶⁾ quando encontravam terreno estavel para os seus alicerces.

A mão de obra que reformara o casarão onde se hospedou Ender, compunha-se de pretos forros e escravos cedidos pelo Arsenal de Marinha para o trabalho de particulares. Alguns pareciam razoavelmente hábeis, adestrados por artífices europeus do estabelecimento militar e convívio com carpinteiros e mais artífices dos navios mercantes ou de guerra, que frequentemente compareciam nas oficinas do porto. O pior elemento da construção civil não seria, portanto, o obreiro da mais humilde condição, porém, o mestre de obras português. Apegado a sistemas pouco diversos dos que nas colónias datavam dos alvares da conquista, rotineiro na técnica e na atividade, sem veicidade alguma de melhorar velhos métodos extenuantes, quiçá, perigosos para os operários. A técnica ou a sua ausência — dos pedreiros, e principalmente carpinteiros, quando assentavam tabuados e forros, suscitou críticas fundadas a viajantes como Debret, abismados acerca daquela maneira de trabalhar. Só em construção de maior vulto como o paço dos Vice-Reis, ou templo de irmandade rica, alçava-se em qualidade a construção, pelo fato de virem do reino preparadas e numeradas as pedras e o madeiramento. “*Voilà où en était l’art de la Charpente à Rio de Janeiro en 1816*”, escrevia um francês ante o disparate que se lhe deparava. Felizmente não tardaram a aparecer alguns carpinteiros e outros profissionais estrangeiros que nas décadas seguintes iam melhorar um pouco a situação.

Tijolos e telhas também se ressentiam na mesma época de graves imperfeições. Nem sempre procediam de boa dosagem de seus ingredientes, havendo em muitos excesso

(136) Em tese deveriam ser. No entanto, a inflação decorrente da guerra do Paraguai e outras causas, em que entra também o fator moda, deram cabo em pouco espaço do casario anterior à vinda da côrte, assim como da maior parte das casas construídas sob D. João VI, as quais, em principios do século 20, já eram raridades no Rio de Janeiro.

de areia e lhes diminuir a resistência à manipulação e às intempéries, além de insuficientemente cozidos. Contudo, como a necessidade cria o orgam, a procura provocada pelo grande número de construções em curto espaço elevou a a qualidade, suscitando o aparecimento de olarias geralmente sitas na embocadura dos riachos que desaguavam na baía, para aproveitarem a argila ali encontrada e o transporte por água. Em terra, a remoção era feita em pequenas carroças atreladas a mulas especialmente adquiridas para o fim na capitania de São Paulo, onde as preparavam ao mister. Acarretava, no entanto, esse processo, alguma perda de material, pois as telhas, bastante frágeis, rachavam ou trincavam no ato da carga e descarga. Reservaram-no, daí, mais para tijolos passando o transporte da telha de forma côncava, estreita e comprida, a ser feito por escravos. Era espetáculo comum no Rio de D. João VI, ver-se filas intermináveis com mais de trinta ou quarenta escravos a atravancar as ruas da cidade, cada um com nove telhas encaixadas umas nas outras a formar volume colocado sobre a cabeça. Desse modo, a transportavam, assim como grandes vigas e pesadas tábuas, equilibradas sobre tantas cabeças quanto era possível juntar. Inútil dizer o defeito desse processo responsável pela demora e encarecimento das obras.

Consagrados pelo costume, resistiam tais métodos a modificações, contrários os empreiteiros a qualquer inovação por benéfica parecesse. Contra a sua teima embotaram-se depois da vinda do Rei, todos os esforços e argumentos dos componentes da missão francesa e outros profissionais europeus, a despeito do bafejo oficial co que se apre-se ntavam. Provavelmente, também esbarraram outrora neste óbice, os antigos arquitetos portugueses encarregados das maiores construções da cidade no tempo colonial. Os principais saíam de escolas militares, única condição capaz de lhes dar noções requeridas pela arte, ao mesmo tempo que permitia trabalhar na colónia como funcionário de Estado destacado além-mar.

Alguns ficaram célebres pelo vulto da obra que dirigiam. O Brigadeiro Pinto Alpoim construiu armazens no largo do Paço, onde se acha o Arco do Teles, assim como o primeiro chafariz do lugar, os conventos da Ajuda e dos capuchinos, e, acima de tudo, o monumental aqueduto da Carioca, o maior empreendimento no Brasil Colônia, gigantesca mole de pedra, digna de romanos antigos, glória da cantaria portuguesa, que por longos anos caracterizava a paisagem do Rio, como a cúpula de São Pedro em Roma ou as torres das catedrais nas cidades do Reno. Outros militares colaboraram no delinear ou terminar essas e mais fábricas. José Custódio de Sá e Faria construiu a graciosa igreja de Santa Cruz dos Militares, tomando-se também conhecido pelos seus trabalhos em Montevidéu e Buenos Aires. O brigadeiro Francisco João Róscio traçou a majestosa fachada da Candelária, infelizmente mais tarde muito modificada e danificada. Outro Brigadeiro, José Velasco Molina, reedificou a velha igreja de Sant'Ana, e o Marechal João Manuel da Silva traçou o risco do teatro São João, destruído passados apenas alguns anos por violento incêndio.

Iríamos longe se quiséssemos enumerar todas as construções levadas a cabo por militares, pertencentes ao sistema de importar profissionais e materiais do reino, com os quais competiram sábios eclesiásticos de ordens religiosas incumbidos da elevação de templos e conventos⁽¹³⁷⁾. José da Costa e Silva parece ter sido o preferido do Príncipe Regente. Mestre de debuxo no Real Colégio dos Nobres, aluno em Bolonha e Veneza de Carlos Bianconi e outros reputados arquitetos, traçou em Lisboa o risco do teatro São Carlos, do hospital de Runa e decorou igrejas e palácios reais, chamado ao Rio em 1812, quatro anos antes dos franceses da missão Lebreton, depois de ter servido Junot em Queluz. Possuía numerosos desenhos de mestres italianos, que foram adquiridos pelo governo depois da sua morte em 1819 e hoje se encontram profusamente bichados na calamitosa Biblioteca Nacional.

(137) V. *O Mosteiro de S. Bento*, por D. Clemente da Silva Nigra.

Veio igualmente de Lisboa na mesma época, seu companheiro Manuel da Costa, que também trabalhara como pintor na decoração de Queluz antes e durante os franceses, o que muito o comprometeu. Era considerado dos melhores artistas lusos no gênero, pôsto alvo dos remoques de W. Beckford, que tinha os arabescos por ele pintados em Queluz, como "*the most supreme and ridiculous ugliness*". Refratário aos modelos vindos do exterior da elegante arte decorativa do fim do século 18, ainda preso a mandarínicas fora de moda, impermeável aos trabalhos do ilustre Pillement, naquela mesma época empenhado em várias encomendas de enfeites em que se destacavam os da Quinta dos Seteais, gozava, entretanto, Manuel da Costa de lisonjeiro conceito junto à côrte. Valeu-lhe a fama, que o inocentou da pecha de traidor e o reconduziu ao valimento do bondoso Regente, ser indicado para socorrer a cidade do Salvador assolada pelas chuvas de 1913. Escrevia Marrocos ao pai: "*S. A. R. Mandou daqui a toda pressa o Architecto José da Costa com hum grande numero de outros Architectos e Engenheiros, para alinharem huma cidade nova fora da eminencia dos morros e montanhas, de que ainda agora continuão a despejar-se pedaços que arrazão tudo que encontrão*".

Provavelmente foi limitada a sua atividade na Bahia, pela falta de recursos do Tesouro. Mais ponderável parece a que desenvolveu na Fazenda de Santa Cruz, no Teatro Real e na Quinta da Boa Vista, onde demoliu em 1821 a fachada estilo gótico da lavra do canteiro João Johnson. Menos feliz que o inglês, morreu Manuel da Costa no Rio de Janeiro, ao passo que o outro voltava com D. João VI para o reino, na qualidade de arquiteto em palácios reais. Conjuntamente com as obras ordenadas diretamente pelo soberano, havia as do Senado da Câmara da cidade, a qual criou em 1809 o cargo de Mestre Geral das Obras Públicas, de que foi primeiro titular José Joaquim de Santa Ana, que ocupava o cargo quando Ender aqui chegou e nele permaneceu até ser substituído por Grandjean de Monti-

gny. Antes desses nomes temos notícia, em situação correspondente do capitão de Engenheiros José Rangel de Bulhões, que se ocupou da urbanização do centro do Rio de Janeiro nos governos dos Vice-Reis Vasconcelos e Sousa e Conde de Rezende, fase de notáveis melhoramentos para a cidade, verificados utilísimos quando pouco depois chegou a côrte. O cais do Paço, a rua Direita, a mais larga de todas, e as transversais cortando-se em ângulo reto por ele delineadas, retificadas ou alongadas, concorriam para facilitar a circulação e conferir melhor impressão da capital. Mesmo assim, os estrangeiros em trânsito fartaram-se em censurar a aparência da cidade; ocioso imaginar o que diriam se não existissem as tais tentativas de melhoras. . .

Mestres de obras improvisados arquitetos havia muitos de capacidade mais que variável. O francês Bouch foi um deles, e como os demais, desvaneceu-se-lhe a obra no anonimato da produção puramente económica, sem outra intenção que satisfazer monetariamente a gregos e troianos, aos profissionais e aos clientes, em que eram completamente banidas quaisquer outras preocupações. Os portugueses; dos quais um deles João António Turco, chegara a ser famoso, protetor que foi dos artistas semi-artífices do fim do século 18; apegavam-se a invencível rotina decorrente do escopo, levantando barreiras aos mestres da missão francesa. Alegavam o encarecimento provocado pelas "*absurdas exigências*" de Grandjean de Montigny, responsáveis pelo excessivo custo dos seus orçamentos, desejoso de substituir os ronceiros processos lusô-africanos, tais como "*pregar*" as tábuas do soalho, caso encontrassem dificuldades em ajusta-las. O mesmo sucedia com os forros quando intentavam substituir a madeira por estuque que daria maior perfeição às pinturas alí aplicadas. Para o velho mestre de obras, os estrangeiros eram incontentáveis, além de ofensivos a brios profissionais. Desagradava-lhes o pesado trabalho de cantaria português e inversamente julgavam frágeis, mal manufaturadas, as telhas e tijolos das olarias fluminenses. Dificilmente podia nessas condições Grandjean de Montigny realizar trabalhos para

rições da cidade, sem embargo revestido do cargo de Arquitecto Real e professor de arquitectura, prestigiado pelas sucessivas encomendas de obras governamentais. Os particulares nele ouviam falar, mas quando necessitavam de casas procuravam o mestre de obra analfabeto, desastrado e caro, sem espírito prático nem lastro técnico, sob cuja direção até os carpinteiros do Arsenal de Marinha trabalhavam mal, obrigados a métodos contraproducentes.

Não admira nessas condições o desalento dos missionários e o fato de continuar abaixo do medíocre o aspecto da edificações cariocas (138). No preparo da argamassa também surgiam quizílias entre franceses e portugueses. No dizer de Debret, conheciam-se poucas caieiras na região fluminense, menos bem aquinhoado o carioca que o paulista, o qual dispunha de abundante jazida de cal numa extremidade do planalto em que se elevava a sede da capitania. No Rio, viam-se obrigados os construtores, pelo súbito aumento de encomendas a aproveitar os recursos locais, que consistiam em cascas de ostras e mariscos, queimadas e moidas, de sorte que, depois da chegada da côrte, via-se mul-

(138) Narra Pallière episódio ilustrativo de como funcionavam as belas artes no Rio de Janeiro sob D. João VI, particularmente nos palácios reais: *“Le seul soin qu'on a pris est dans la grandeur des cadres, il est vrai que le choix de l'homme chargé de l'emploi de decorateur des appartemens du Roi est d'une ignorance crasse pour tout ce qui est art, et connaissance du monde de l'ancien. C'est un barbouilleur de maisons qui a comme les autres intrigants parvenu a surprendre la bonne foi du Roi. Il fait les choses les plus ridicules. Et personne n'est plus mal servi même dans les desirs que le pauvre Roi. Je fus un jour appelé par Sa Magesté pour un tableau de sa Chapelle et comme le Roi me chargeait de faire une oeuvre nouvelle, il voulut aussi jouir de voir l'ouvrage entièrement complet, et chargea l'architecte de remettre la chapelle a neuf, mais comme il n'y avait qu'un mois pour ce travail, l'architecte qui n'avait pas besoin de travailler pour gagner son argent, montra, ou voulut persuader au Roi que cela ne se pouvait pas. Le Roi impatienté de voir toujours des obstacles a ses moindres desirs, me dit, Pallière, croyez vous que cela puisse se faire? Qui Sire, lui repondis-je. Si Mons... trouve la chose impossible je m'en charge, mais a la condition que V. M. me permettra de mettre les ouvriers que je payerai. En effet je fis executer la chapelle... et je reussis complètement a être agréable au Roi et a toute sa cour. Je sais depuis tout le bien qu'il dit des Français”*. Recompensou-o D. João com a comenda de Cristo, o cargo de “Pintor da Princesa Herdeira” D. Leopoldina e professor das Infantas. Conclui, Pallière, que ao Rei deixara de acompanhar na volta a Portugal por motivo de saude e principalmente por causa dos seus projetos de casamento com a filha de Grandjean de Montigny.

tiplicarem-se colunas de fumaça nas ilhas da baía, a constituir parte do panorama da Guanabara. Julgavam os arquitetos franceses o resultado desse processo superior à pedra calcária que os mestres de obras costumavam importar de Lisboa segundo antigo costume. Misturado com um pouco de argila ferruginosa, também empregada em olarias, davam apreciável produto nas obras ordenadas pelo governo. Entretanto, preferiam os portugueses — e pelo seu exemplo os brasileiros — aplicar nos arrabaldes ou no interior, em construções comuns, mistura com barro, pintado depois com duas mãos de cal branca, e, na sua falta, com tabatinga de preferência clara.

Cuidavam, assim, os rústicos mestres de obras e pseudo arquitetos, compensar o péssimo acabamento das casas a poder de solidez aparentemente digna de catedrais. Muros enormes, altos telhados, prodigalidade de vigas e travessas, grosseiros caixilhos nas janelas, concorriam para este aspecto. Dizemos “aparentemente”, porque, como vimos, julgavam os franceses defeituoso o material cerâmico, justamente o mais importante para a proteção da obra, cujas falhas provocavam perigosas infiltrações de água. No entender de técnicos europeus, a taipa paulista, quando bem resguardada de umidade na cobertura e nos alicerces, nada deixava a desejar a outros processos de construção, talvez, até, se avantajasse às macissas e pétreas moles cariocas de feitiço luso. A propósito escrevia Golovnin: *“As casas da cidade são geralmente feitas de tijolos e caiadas de branco”*. No dizer do russo, a maior parte delas, *“tem dois andares, mas há também muitas de um andar. Raras são as de três pois não se constroem casas grandes, porque o governo logo aproveita para nelas alojar os funcionários e quase as confisca aos proprietários. Em muitas, além de um ou dois andares há “acrescimos” ou superestruturas, uma em forma de áticos, outras de mirantes. Os moradores gostam em geral de adornar as suas habitações. Em redor das portas e janelas há madeiras ou molduras de várias cores; nas quintas colocam vasos e estatuetas. Isto tudo confere estranha confusão de côres e aspectos às ruas, quase sempre muito*

estreitas, pavimentadas com blocos de pedra e providas de passeios insuficientes”.

Referia-se o moscovita ao centro mercante da cidade, cuja população total avaliava em 120.000 almas. O desenvolvimento que adquiriu a partir de 1808, ia provocar intensa valorização de terrenos, conferindo-lhe o aspecto até hoje aparente, de lotes estreitos e compridos. No período anterior, a insignificância de meios dos habitantes, compostos de “*vendideiros*” e outros tantos funcionários públicos — a não ser algum privilegiado fornecedor de gêneros ao governo — reduzia o tamanho das residências, limitadas às poucas necessidades dos moradores. A maior parte dos brancos estava de passagem, sem interesse por intercâmbio social e despesas suntuárias. O repentino aumento de população registrado com a chegada da côrte, as aposentadorias mais a decidida resolução dos cortesãos em volta para a sua terra, não modificaram muito o aspecto desgracioso e rústico herdado do período colonial.

Estendia-se o Rio de Janeiro no tempo da missão austro-alemã, na superfície que nos mostram os mapas insertos nas relações contemporâneas de Debret ou Luccock. Começava na igreja da Lapa, fielmente descrita com seus arredores por Ender, continuava pela rua dos Barbonos, até a da Guarda Velha, passava diante do convento de Santo António, pela rua com o mesmo nome, também reproduzida em vários desenhos do vienense, chegando, sempre ilustrado pelo artista, ao termo do perímetro comercial pouco além do convento de Santo António a abranger o Campo de Santa-Ana, que o paisagista nos reproduz antes das transformações ocasionadas pelo recinto de touradas e subsequente circo de um inglês e de sua companhia de variedades equestres, acrobáticas e funambulescas⁽¹³⁹⁾. De volta ao mar pelas ruas de São Joaquim e do Valongo e imediações do mosteiro de São Bento, concluía Luccock: “*All the ground of that narrow compass was not covered with buildings; there were some open patches of conside-*

(139) Escrevia Leithold a respeito: “*Auf der inin Seite, nicht ganz inder Mitte, ist en grosser von Holz abgeschlagener Circus*”.

nable size, the principal of which were the hill of St. Sebastian, the Largo dos Seganos (sic, aliás Campo de Santa-Ana), a large plot near the Campo, the rocks on which the Bishop's palace is built, and the morro and gardens of St. Bento". Uma descrição completa a outra; Ender traçou cuidadoso panorama do palácio episcopal no morro da Conceição e vista de seus arredores, que dá perfeita idéia de como era sob D. João VI aquele importante setor carioca. Tinha ainda a particularidade de ostentar velhos nomes de ruas coloniais, tais como rua do Escorrega, Jogo da Bola, Funda, do Mato Grosso, da Pedra do Sal, de João de Gatinhas. Porém a rua que mais nomes antigos teve foi a da Quitanda, aberta em 1636 com apelido de Mateus de Freitas e mais tarde do Marisco e de Sucussará.

Além do perímetro descrito havia morros cobertos de matas que não raro ocultavam escravos fugidos que as tornavam extremamente perigosas. Ainda anos depois aludia a viajante Ida Pfeiffer a esses quilombolas, terror das adjacências, resistentes a esforços de capitães-de-mato e da polícia comum. De permeio contavam-se poucas habitações e largos tratos de brejos de cada lado de riachos que o Intendente Viana projetava canalizar, e que serviam para os escravos atirarem a esmo lixo e animais mortos. Da Glória e Botafogo serpenteava uma antiga picada para mulas, que o uso alargara e transformara em caminho para carruagens. Leithold se refere a outra que do Catete infletia mais para o interior. *"Die Stadt hat kein Thore"*, a cidade não tinha portas, *"aber ansehnliche Vorstaedte, wodurch sie einen grossen Umfang erhaelt. Cathede (sic), wo mein Schwager (Manuel Fernandes Tomás "ehemaliger Geschaefstraeger des portugiesischen Hofes zu Berlin") und mehrere fremde Gesandten und Consuls wohnen, ist weit gesuender als die Stadt... Auch die Koenigin hat deselbst einen Landsiz, Orangeiros (resic) gennant"*. Essa residência de D. Carlota Joaquina provavelmente aparece num dos desenhos de Ender a representar o bairro das Laranjeiras; sugestão para historiografos cariocas, como Gilberto Ferrez e Marque dos Santos, identificarem-n'a.

Os subúrbios do Rio se afiguravam em extremo pitorescos a estrangeiros como Leithold, bom alemão sentimental apesar de oficial de cavalaria, que exclamava: *Die Umgebungen von Rio de Janeiro sind von mehreren Seiten Hoechst romantisch. Hinter Cathede nach Botafogo...*” sucediam morros e praias muito visitadas principalmente aos domingos por pedestres, cavaleiros e carruagens. Diariamente ali também apareciam membros da família real, o rei no seu cabriolé tirado por duas parelhas de bonitas mulas baias, ou D. Carlota com os filhos “*hinaus zum Bassin* (praia de Botafogo), *und von da wieder zurueck*”, se bem o caminho, “*tiefer in Inneren, schmaeler und nicht bequem zu befahren sind*”. Nesses passeios é que ocorriam os incidentes entre os batedores da Rainha e europeus desprevenidos ou rebeldes às praxes da côrte bragantina. Na cidade podia-se escapar por alguma rua transversal do inoportuno encontro, mas no descampado entre a praia e morros, não havia outra alternativa, ou o infeliz se apeava e se descobria, ou entrava em pânico!

O circuito que tentamos traçar, abusando talvez de citações de estrangeiros, porém uteis na circunstância, era extremamente reduzido para uma cidade americana de mais de cem mil habitantes, desprovida de muros e com espaço ilimitado diante de si. Acabavam de súbito as casas à roda do centro comercial, com largos tratos baldios entre os chamados subúrbios. No tempo de Ender, havia verdadeiro matagal debaixo dos morros de Santa Teresa e de Santo António, tão alto e denso que sómente era possível distinguir os arcos centrais do aqueduto da Carioca. Na mesma época as estradas através dos subúrbios de Catumbí e Mata Cavalos, eram constantemente transitadas por tropas de mulas, o que forçara o Intendente Viana a melhorá-las, assim como para facilitar as visitas da família real à fazenda de Santa Cruz. Antes disso, além de Mata Porcos — antiga mata de porcos bravios, à esquerda quando se ia para a Quinta da Boa Vista — era às vezes impraticável até para cavaleiros, e, à direita, o terreno era brejo invadido pelo mar. Em direção a Gamboa e Saco do Alferes, existia ape-

nas uma picada através denso e pitoresco arvoredo, onde, em pleno dia, segundo Luccock, o ruído "*made by frogs, grasshoppers, crickets and cigarras, was truly astonishing*".

No Engenho Velho entre Mata Porcos e Santo André, contavam-se apenas uma ou duas habitações à roda da chácara do Intendente Viana, de que Ender provavelmente nos dá reprodução nos seus desenhos do lugar; novo problema para os Srs. Ferrez e Marques dos Santos, talvez já resolvido pelo primeiro no seu esperado livro sobre Ender. Também reproduziu o artista vistas de Engenho Novo e Bom Engenho nas mesmas condições, adornados com chácaras de personagens a ser identificados. Em São Cristovam, a despeito da presença da côrte, havia uma ponte para dar passagem ao gado remetido para o matadouro, cujos pilares ainda se viam abaixo da nova. No geral os transeuntes tinham, na falta de pinguelas, de esperar para transporem os riachos que as águas baixassem com a maré, operação às vezes arriscada. O campo de São Cristovam ainda estava tão coberto de matas quando o Príncipe Regente lá foi habitar, que inúmeros caçadores, como o inglês narrador do fato, podiam desgarrar dos companheiros e perder-se no matagal. Na praia próxima encontravam-se em serviço apenas dois botes e uma dúzia de canoas, à disposição de quem necessitasse atravessar a baía para ir a São Domingos e Praia Grande, onde os cariocas queriam oferecer uma quinta projetada por Palliere à família real. "*All round the bay of Rio de Janeiro*", escrevia o mesmo inglês, "*appeared one interminable forest, every hill was clothed with lofty trees, and every valley filled with fire-wood; little cultivated land was discernible in the wide extented landscape. It was found generally in small patches, near to the farm and frequently acessibly by water*", que foi admiravelmente reproduzida pelo vienense.

Continuando em direção a São Cristovam, reproduzem as vistas de Ender, provavelmente desenhadas em caminhadas além da antiga residência de D. Carlota no citado Mata-Porcos, a baixada toda invadida pelo mangue, cor-

tada pelo canal por onde navegavam barcas carregadas de gêneros alimentícios, ou materiais para construção destinados às obras da Quinta da Boa Vista, descritas por Nicolau António Taunay, que dá bem idéia do intenso tráfico que por ali se processava. Não tardaria a se elevarem no mesmo setor da cidade centenas de casas, abismados no tempo de Ender os cariocas pelo desenvolvimento da capital. O porto situava-se entre inúmeras novas construções e crescente cardume de navios surtos entre a ilha das Cobras e cais do Paço. Mencionou o vienense o mais importante edifício do setor portuário, que no seu tempo ainda continuava a ser o palácio dos Vice-Reis, tal como aparece nas suas vistas. Seguiam-se em escala de importância as quarenta igrejas e capelas por ali espalhadas, em que se evidenciava a igreja da Candelária em construção. Gabavam-na insulares britânicos, "*a noble pile of building*", que lhes parecia "*the best specimen of taste and magnificence which Rio can boast*". Perto na rua Direita via-se igualmente em obras a igreja de Santa Cruz dos Militares, dotada de elegantes proporções e profusamente ornada no interior pelo engenhoso mestre Valentim. Não distante, elevava-se a da Lapa dos Mascates, coberta com telhas holandesas, mole branca e azul reproduzida no desenho de Ender, que no primeiro plano coloca o mesmo grupo de quitandeiras de Guillobel, também reproduzido por Henderson, Chamberlain, Lopes e outros que não sabemos.

Na rua de São Pedro, distante dessas, estava a do Apóstolo Orago da paróquia, atribuída ao Coronel José Cardoso Ramalho, presumido autor do risco. Tinha forma circular, bem ornamentada, azul e creme, coberta por zimbório ao gosto das capelas do século 18 com algum influxo jesuítico. A graciosa capela foi destruída pela abertura da Avenida Getúlio Vargas, a despeito dos louváveis esforços do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, Rodrigo M. F. de Andrade, desejoso de reconstruí-la em sítio onde estivesse segura mas não houve meio de salvá-la. O sinistro nome da via teve como sempre sestro de a cobrir de infelicidade letal. Havia, mais, no alto da rua

da Alfândega também a decorativa igreja da Mãe dos Homens, entregue ao culto, pôsto não estivesse terminada. A construção dependia da generosidade dos devotos parquianos, motivo de se arrastarem as obras a lembrar o caso de Santa Engrácia. A igreja carioca trazia disposições consideradas "*modernas*" na entrada, diferente de velhos templos coloniais, inovação consistente em alguns degraus no ingresso da rua ao invés de permanecer no mesmo nível, como em S. Rita ou na do Rosário, o que provocava invasões de água em dias de chuvas. A luz era também mais abundante e bem distribuída, com particular realce no altar, o qual além de bem proporcionado adquiria destaque graças à claridade que o envolvia, recurso decorativo nem sempre comum em construções religiosas vizinhas.

No largo de São Francisco de Paula havia a igreja do mesmo nome, também provida de escadaria na fachada. Terminava com felicidade a vista da rua do Fogo, no lado oposto do forte da Conceição, e pelo vulto que adquiriu com o tempo a caridade dos Irmãos Terceiros da ordem de São Francisco, veio a ser dos mais importantes edifícios da cidade. As obras seguiram o fadário de toda grande construção religiosa dependente de donativos, a se arrastarem anos afora antes de concluídas. Durante muito tempo ali esteve em atividade de modo permanente, o habil carpinteiro Florêncio Machado, junto do mestre Valentim da Fonseca e Silva, encarregados da talha decorativa da capela-mor. Mais tarde, nas inúmeras remodelações sofridas pelo edifício, tanto na parte interna como na externa, foram os balaustres de mármore que cercavam o adro substituídos por grades de ferro desenhadas pelo artista Francisco Pedro do Amaral, assente em pesadas lages de granito. O pórtico da fachada também foi substituído por outro em mármore de Líos, proveniente de Lisboa; ampliadas as esculturas do mestre Valentim, que meio século depois, 1855, tentou o entalhador António de Pádua e Castro infrutiveramente resguardar na medida do possível. Perdeu assim São Francisco, em modificações sucessivas, o seu primitivo caráter,

como muitas mais obras de arte, cujas deturpações hoje em dia são amargamente carpidas.

No mesmo largo começaram-se as obras da Sé, que não foram por diante, ficando abandonados, segundo nos mostra Ender, no meio da praça os blocos de pedra e de granito mais tarde aproveitados em outras construções ⁽¹⁴⁰⁾. Deveria ser monumental, a maior de todas as igrejas do Rio, o que não significa a mais bela. As duas mais citadas por estrangeiros, às vezes laudativamente, eram justamente as menores: a Capela Régia no largo do Paço, e a de Santa Luzia, perto da Misericórdia, menos adornada que a primeira no interior, mas muito mais feliz na fachada, simples, porém, provida de boas proporções, "*a small and plain one*" escrevia Luccock, defronte ao mar, que lhe chegava quase aos fundamentos, "*in a delightful spot*". Essas duas igrejas, foram visitadas pela francesa nossa informante, assim como alemães e ingleses, que deixaram coloridas e curiosas descrições das cerimônias aí celebradas, que em outro passo citamos.

Mencionavam também os turistas daquele tempo a igreja da Glória do Desterro, desenhada pelos pintores que nos visitaram, de Adriano Taunay a Ender, seduzidos pela sua situação a dominar o Flamengo e a baía. Vista do mar, era como sentinela da cidade, destacada pela sua forma original do casario circunstante, em meio da vegetação de quintais, tal nos descrevem as aguarelas do vienense e as do malgrado participante da missão francesa. Outras menos acessíveis a estrangeiros, se bem muito frequentadas pelo elemento luso-brasílico, eram a de Santa Ana no campo do mesmo nome, paróquia da família do Rio Seco e do comerciante Anacleto Dias, cuja chácara — mais tarde ocupada pelo palácio do Conde dos Arcos — ficava próxima, e os conventos de São Bento e de Santo António. As igrejas dessas duas ordens eram consideradas

(140) Uma delas foi o vizinho teatro São João, economicamente construído, como vimos, a poder de loterias, etc... O aproveitamento das pedras causou escândalo, pelo que, diziam mais tarde os fiéis ver o incêndio destruidor daquela sala de espetáculos profanos como manifestação de castigo divino.

como das mais ricamente ornadas da cidade, em que por longo tempo tinham colaborado no seu esplendor os melhores artistas leigos e eclesiásticos do Rio de Janeiro colonial. Forradas de ouro, iluminadas por suntuosos lampadários de prata batida, enfeitada por pinturas sacras sobre a rica banquetta dos altares, continham igualmente o maior repositório de tradições locais, erigidas sob D. João VI, a segunda, em Panteon de Príncipes, ao passo que a primeira continuava as suas vicissitudes militares, obrigado o mosteiro a albergar tropas, nos muros onde ainda se percebiam cicatrizes do bombardeio de Duguay-Trouin.

Constava haver mais de quarenta igrejas e capelas no Rio de Janeiro e, não obstante, devotos como o Almirante Conde de Viana, morador no subúrbio no Catete, punham a capela particular à disposição dos vizinhos, "*mit saemmtlicher Dienerschaft Theil nehmen*", escrevia Leithold. Não é nosso intento descreve-las todas, apenas mencionamos as principais, com algum interesse arquitetônico, ou porque ostentassem trabalhos de artistas nacionais. Deixamos também de mencionar grande número de edifícios desaparecidos como a igreja do morro do Castelo, considerada catedral de São Sebastião de ilustre e gloriosa memória nos fastos históricos da cidade, demolida quando o morro em que se elevava foi arrasado. Outro tanto sucedeu a de Mata Porcos, paróquia da residência de D. Carlota Joaquina no bairro, mas provavelmente desconhecida à mesma, pois a família real só excepcionalmente, em algum dia de festa do padroeiro, ou qualquer outro acontecimento, deixava de ir à capela do Paço. Outras, como São Francisco de Paula, continha câta-cumbas onde se enterravam fiéis, assim como as Ordens Terceiras sepultavam os irmãos de opa. Mas o que de momento nos interessa é conhecer pormenores da arquitetura carioca e os elementos em atividade de 1817 a 1818 na engenharia civil.

O teatro de São João, hospitais, conventos e o calabouço, perfaziam o resto arquitetônico da capital do Reino Unido. Menores em vulto mas nem por isso sem valor, eram os 10 chafarizes que havia no Rio no tempo de Ender.

O maior era o da Carioca, com doze bicas; o mais antigo, o das Marrecas perto do Passeio Público e o mais conhecido dos viajantes o do Largo do Paço, onde se abasteciam de água os navios do porto. As casas particulares "*espelho do homem e da sua cultura*", apresentavam o aspecto de que nos fala Golovnin, berrantes de côres ao mesmo tempo que rústicas em extremo, afligidas de ornatos de mau gosto, defeitos de construção, linhas e pormenores infelizes, em uma palavra, quase sempre feias por fora e pobres por dentro. Diziam franceses serem os construtores tão ineptos que houvesse casos de edifícios quase terminados em que de repente se verificava falta de escada para subir ao piso superior.

Não era só o lar dos pequenos burgueses retratados por Guillobel, que apresentavam aparência incômoda e rústica, tampouco os fidalgos cortesãos disporiam de melhores acomodações nos prédios de que tinham expulso os donos. Informa Debret serem tão exíguos os portais de entrada das suas residências e haver tão reduzido espaço para guardar cadeirinhas de passeio, que as dependuravam no teto abaulado da entrada. Coberta por um pano protetor, desprovida das cortinas de seda e mais enfeites, aí ficava o veículo preferido das damas e senhorinhas cariocas nas suas peregrinações pela cidade, limitadas, no geral, à ida e volta da igreja ou visitas a parentes. O sistema se impunha por falta de acomodações, assim como pela obrigação de deixar livre a passagem dos escravos carregadores de água e dos resíduos que deviam ser atirados fora. Outro costume peculiar daquele recinto era o das palmas batidas pelo visitantes, "*à moda asiática*", comenta Debret, por causa da ausência de campainhas, "*usage encore inconnu*". Junto às paredes internas do ingresso havia na casa de Ministros bancos em que os visitantes — candidatos a cargos e mercês — esperavam pacientemente a vez de serem atendidos... ou desatendidos.

As moradias do Rio dividiam-se em aposentos previstos numa espécie de modelo para uso da população colonial, que se prolongou pelo reinado de D. João VI, e mesmo

além. Tivessem um, dois ou tres andares, a mesma disposição interna presidia os pisos, iluminados na parte da rua por tres janelas, duas para a sala principal e uma para o cubículo junto. Havendo dimensões mais folgadas contava-se mais uma janela na fachada, continuando na mesma o resto do andar, composto de corredores e alcovas escuras. Atribuiam os estrangeiros tão viciosa disposição, herdadas de tempos coloniais muito anteriores à chegada da côrte, a duas causas, o hábito de mulheres passarem o dia à espreita do que ocorria nas ruas e à sesta diurna, carecedora de escuridão e sossego para assegurar repouso durante as longas horas soalheiras do dia carioca. A pouca atividade social, emperrada pelo ciume inimigo de intercâmbio entre homens e mulheres como sucedia em países norte europeus, e o preço exagerado dos terrenos, concorriam para o incômodo costume de casas construidas sobre terrenos estreitos e longos.

Óbvio dizer, que a distribuição prejudicava em extremo a ventilação e iluminação dos interiores, pela falta de brisa vespertina e luz do dia. Para levantar residência agradável, dizia um viajante, era necessário no Rio de Janeiro somar tres casas comuns para se aproximar de uma vivenda europeia, e, no entanto, o valor locativo aumentaria apenas o dobro de tão acostumados estavam os portugueses à nociva divisão. Igual defeito abrangia as ruas, estreitas e abafadas, porque se supunha, quanto mais exíguas, menos banhadas de sol, portanto, menos quentes. Foi preciso mais de um século para o ronceiro urbanismo carioca compreender que vias largas bem arborizadas e varridas de vento, eram de muito preferíveis em todos os sentidos. Assim sendo, embora as construções do período seguinte, já no regime imperial, dispusessem de largas portas e janelas, alto pé direito e não raro balcões, continuou incompreensível ausência de venezianas, sobre ruas abafadas no verão e úmidas no inverno.

Não era, porém, a ventilação defeituosa o único defeito das casas coloniais. Reparavam estrangeiros que, se bem construidas com a abundante pedra, facil de obter nas

pedreiras vizinhas, argamassa à base de areia do mar, argila pegajosa e cal de crustáceos, também abundantes na baía, causava espanto os contrassensos da edificação, turbada por demasiada ingerência dos proprietários, a intervir junto dos mestres de obra a fim de que economizassem o máximo possível. O maior prejuizo se registrava no delicado cálculo presidindo a disposição das escadas, escuras e demasiadamente íngremes, com que se prejudicavam as construções. Além disso, deviam ser os muros muito mais grossos que o necessário em casas de poucos pavimentos, por causa do peso representado pelas enormes vigas de pesada madeira, quase uma ao lado da outra, numa absurda ostentação de solidez, não menos prejudicial que a espessura das tábuas do piso e dos tetos. Igualmente pesadíssimo a ponto de constituir sério perigo, figurava o telhado, de telhas e argamassa tão grossas quanto de má qualidade. O resultado se manifestava por goteiras de todos os lados assim que começava a chuva, transformadas em torrentes durante os aguaceiros do interminável verão fluminense. Não menos catastrófico era o acabamento, ou melhor, a falta dele. Portas, janelas, caixilhos, fechaduras, porfiavam em péssimo serviço, principalmente as últimas, que pelas desmedidas proporções pareciam pertencer à soturna prisão ou convento.

Motejava Ipólito Taunay a ciência dos construtores cariocas, talvez por desconhecer os lisboetas, "*Les architectes de Rio, d'ailleurs très-habiles, sont brouillés avec l'angle droit positif. Tous les montans des portes et des fenêtrés en forment un insensiblement obtus, mais toujours le même. Il n'y a pas d'appartement qui soit un carré exact; c'est un losange dont les angles ont la même valeur que celui de la coupe des pierres; il n'existe assurément pas deux villes au monde sur ce modèle*".

Em tão graves inconvenientes ainda se vinham enxertar os males da desídia. Poderíamos dizer com mais propriedade, de voluntário desleixo, dadas as anormais condições em que se viam os proprietários depois da chegada da côrte. Significativa a respeito é a carta do Marquês de

Borba a seu filho, em que o fidalgo Camarista se queixa — *“as cazas onde vivo, não obstante serem muito modernas estão caindo, e me faz isto o maior desarranjo possível, não obstante pagar quatrocentos mil reis em cada hum anno, isto hé não haver couza alguma que deixe de morteficar”*. A quantia indubitavelmente elevada à chegada do Príncipe Regente, tornou-se em pouco razoavel e ao seguir deficiente ante a continua ascensão do curso da vida. Compreende-se, nestas condições, o escasso entusiasmo do legítimo dono da casa em consertar o que era por outros ocupado, tanto mais que a péssima construção tornava dispendiosa a conservação dos prédios. Neste ponto Marrocos nos esclarece o “quantus satis” na seguinte missiva a seu *“Pay e Senhor do Coração”*; *“A pouca estabelidade e firmeza com que forão feitas e hoje se achão as Casas antigas desta Cidade, tem sido a origem de muitas desgraças succedidas”*, confirmação das críticas de estrangeiros, *“ora cahindo subitamente as paredes, ora as Casas inteiras sobre os seus habitantes”*.

O terreno movediço do subsolo de grande parte do Rio de Janeiro, sujeito a infiltrações de água marinha e dos inúmeros regatos a serpentear entre escarpados morros, mais as copiosas chuvas do regime tropical, criavam problemas difficilmente resolvidos pelos mestres de obras do tempo, daí, continuava Marrocos, *“julgão os entendedores que a irregularidade das estações, que aqui se experimenta, passando de hum calor excessivo a hum frio igual com tormenta espantosa de chuvas grossas e pesadas, he o unico motivo destes tristes acontecimentos”*. À vista da calamidade teve de intervir o governo, principalmente por ocasião do desabamento de paredes e teto das obras de adaptação no Paço da cidade, nos quartos de algumas criadas de D. Maria I. Embora ninguém soffesse danos na conjuntura, projetou-se vistoria geral das casas urbanas pelo Arquitecto Chefe de S. M., José da Costa, a fim de obrigar os proprietários ricos a demolir casas arruinadas e reconstruí-las *“de novo; e aos Proprietários sem maiores cabedaes, a escorar as suas”*. A providência feria em cheio capitalistas

no gênero de Fernando Carneiro Leão e parentes, tidos como os maiores donos de casas do Rio. Para se livrarem do prejuizo, experientes do funcionalismo público e costumes vigentes, trataram os prejudicados de se defender. *“He incrível o cabedal que occultamente se teem offerecido e dado aos individuos da dita Inspeção, para os Proprietários se livrarem dessas Obras, e para que o Intendente os não obrigue”*. Releva notar, de passagem, que Paulo Fernandes Viana era cunhado de grandes proprietários, situação favoravel à *“defesa”*. Pelo exposto vemos que certos arranjos entre funcionários e contribuintes hoje correntes, recrescidos depois do lamentável período ditatorial varguense, são bastante antigos, porquanto foram ensaiados em outro período semelhante e igualmente nocivo à moral e às instituições públicas.

Deveríamos, depois disto, concluir pela total incapacidade técnica e decorativa de arquitetos; proprietários; mestres de obras; artífices e operários do Rio de Janeiro no fim do século 18 e princípios do 19? Pensamos, como sempre, que nunca se deve generalizar. De permeio a muitas aberrações provenientes da época, lugar e condição sócia, encontramos de quando em quando clarões a marcar exceção em deploravel regra. A fachada do teatro São João, por exemplo, merecia gabos pela originalidade, diferente do que se fazia na Europa, verdadeira síntese de elementos culturais vindos dos quatro ângulos do Império Colonial Luso. Nas suas linhas sóbrias apresentava conjunto difícil de encontrar em outro sítio, nem mesmo em Lisboa. Mas justamente por se diferenciar do modelo europeu, afigurava-se inferior a franceses pequeno-burgueses como Grandjean de Montigny, hábil técnico, desprovido, porém, da elevação de espirito necessária para compreender o mérito de um estilo gerado como todos os estilos, da confluência de recursos plásticos-decorativos das mais variadas origens, reunidos num determinado lugar onde constituíam novo estilo, com diferentes características dos geradores, pela mistura e por se adaptarem às condições locais. Uma casa de espetáculos no Rio não devia ser idêntica a uma lon-

drina ou lisboeta; assim sendo, a sua aparência também deveria ser diversa, fato elementar que parece ter escapado dos componentes da missão francesa, pois, os seus trabalhos na Guanabara, sempre obedeceram à reprodução servil do estilo dominante em França sob Napoleão I.

Passando agora do teatro às outras construções de importância da cidade, representadas pelas igrejas, nelas se notava, ditado pelo caráter religioso, tendência em reproduzir fielmente os estilos de edifícios semelhantes no reino. A cópia não obstava a procura, requinte e curiosidade no terreno decorativo, alcançando igrejas como São Francisco de Paula, a nova Candelária e principalmente Santa Luzia — elegante esta, graças à sobriedade ditada pela sua mediania de templo desprovido dos recursos das paróquias mais ricas — efeito digno de qualquer cidade peninsular. Na elaboração desses edifícios brilhavam artífices — quase artistas, se acaso não o eram — como se podia verificar nas esculturas das portas externas de certas igrejas, no mais puro barroco setecentista e nas obras de talha em madeira no interior, espalhadas por púlpitos, janelas, forros e altares. Acrescia ainda, a feliz contribuição de trabalhos de metal forjado vistos nas capelas, como os do pai do impressor Paula Brito, autor de lampadários desenhados pelo Mestre Valentim, em que se nota perfeição digna de oficina européia.

Nunca nos faltaram talentosos autodidatas, com irresistível vocação artística, capazes de se abeirarem de profissionais de velhos países da Europa. Assim como hoje temos o músico Vila Lobos, dispusemos outrora de Maurício Nunes Garcia, e numerosos toreutas, entalhadores, desenhistas, fundidores, êmulos felizes do Mestre Valentim, figura máxima do artífice-artista do Rio de Janeiro durante o reinado de D. João. O que sempre nos colocou em inferioridade artística ante europeus, foi a ausência de um dirigente superior, bastante culto para reunir sob sua direção habilidades esparsas, como regente de orquestra à testa de competentes professores.

Nas moradias campestres havia pouca ou nenhuma preocupação decorativa. Invariavelmente providas da tradicional varanda na fachada, composta de grossas colunas de alvenaria grosseiramente torneadas, o critério da construção evidenciava ainda mais acentuado o objetivo de alcançar o máximo de proventos da exploração agrícola com o mínimo de despesa. De início ficavam excluídos gastos “*inúteis*”, como seriam os decorativos, para só levar em consideração o que a propriedade pudesse render. A procura de água próxima, localizava a sede da fazenda em grotões, ou fundo de talvegues, rodeados de morros, úmidos e sombrios. O mesmo objetivo amontoava senzalas, capelas, paióis, tulhas, cocheiras, pocilgas e mais anexos à Casa Grande, formando conjunto confuso, antiestético, de feição rigorosamente utilitária. Raras seriam as empresas agrícolas adornadas de jardimzinho, por minúsculo fosse, para deleite dos donos. Elegância, conforto, comodidade ou flores eram preocupações que sequer de longe ocorriam à mente do fazendeiro. Neste passo residia uma das maiores diferenças entre a existência colonial e a metropolitana. Para o brasileiro a roça era a necessidade, o purgatório que se afrontava tão só para conseguir os meios de afrontar a procela da vida. De modo oposto, para o europeu, principalmente o inglês que tanta influência tinha sobre certos setores da nossa vida e na dos portugueses da metrópole, o campo significava a suprema expressão da ventura, em tudo o contrário da atribulada existência nas cidades, muito mais cuidadas as residências campestres que as dos centros comerciais.

Opulentos Lords britânicos construíam mansões do porte de Wilton house, Wentworth Woodhouse ou Castle Howard, “*in the country*”, para fugir do nevoeiro de Londres e espaiar-se junto de vizinhos com a mesma mentalidade, avessos à vida citadina e apreciadores da largueza campestre. Dispunham, daí, de castelos suntuosos, e apenas de modesto alojamento na capital, raros os imitadores de Lord Derby, cuja residência londrina era, entretanto, qualificada insignificante por franceses contemporâneos.

Inversamente no Rio, a vaidade ainda conseguia provocar despesas na residência urbana de gente de posses, porquanto paisagem alguma do interior, por pitoresca fosse — e geralmente não era — alcançava levar o fazendeiro a despesas suntuárias. De modo geral, o critério para nacionais e estrangeiros era considerar o Brasil sítio para se ganhar dinheiro e a Europa para gasta-lo, erigida em meta dos prazeres, onde quem tivesse bom gosto devia alegremente despende o produto do café ou da cana. Caso estivesse disposto a dissipar soma em condenáveis futilidades, pensavam eles, seria invariavelmente onde amigos e clientes pudessem comentar aqueles gastos. O Brasil era enorme. As mesmas despesas no interior seriam apenas conhecidas de uns poucos viandantes levados pelo acaso até as suas proximidades, ao passo que, na capital, eram suscetíveis de alargar o crédito e prestígio social do perdulário. Além disso, intervinha o costume. Se ninguém gastava na Casa Grande campesina, quem o fizesse perderia o latim e ainda arriscava fama de parvo.

Concentradas nas residências da cidade as veleidades ostentatórias dos donos, nelas às vezes apareciam, em certos pormenores, amostras da arte inventiva dos artífices locais. Externava-se em balaustres, pinhas douradas ⁽¹⁴¹⁾, grades, frisos, ornatos de pedra, mármore, ferro ou gesso nas edificações de casas do período imediatamente pós-colonial. No conjunto temos algumas amostras de talento inato, verificáveis em estampas antigas e velhas fotografias, pois, a falta de apreço dos nacionais junto à população unicamente deslumbrada pelo que vinha do exterior, incentivou a sua rápida destruição. No interior das casas, reuniu-se à falta de cuidado dos habitantes os estragos do pavoroso cupim, devorador de madeira. Termita de aspecto mole, aparentemente facil de destruir, multiplica-se aos milhões debaixo da terra para depois espalhar a desolação

(141) Um francês com pretensões a entender de arte, contemporâneo de Ender, escrevia: "*Les maisons de Rio ont de un à quatre étages. . . La plupart ont des balcons en fer, ornés de deux boules ou pommes en plomb doré*". Notava também que ainda restavam "*treillis à la mode des Orientaux*".

na superfície. Antigamente destruiu livros, móveis, quadros, rodapés, pisos, forros e madeiramento do telhado das construções joaninas por defendidas fossem. No tempo de Ender, quando não se dispunha dos atuais materiais de construção, nem tampouco de infinitos inseticidas, tornou-se o cupim o avantesma dos habitantes do Rio de Janeiro. Para combater o estrago colocavam os cariocas os pés dos móveis em pires com água e fumo, e espalhavam arsênico nos desvãos preferidos pelos insetos. Preconizava-se também misturar sabão de Beccher no grude empregado no empapelamento de paredes, além de outros venenos contra lacraias, escorpiões, centopeias venenosas, lagartixas, formigas e principalmente as inumeráveis baratas de que se conheciam várias espécies.

Conjugavam-se assim, para infelicitar o Rio, duas calamidades principais logo visíveis aos olhos dos estrangeiros — a bicharada no interior das casas e o mau gosto do imigrante luso no exterior. A segunda parte só encontraria melhoria no tempo quando o próprio filho do lugar, liberto da tutela colonial, que de certo modo continuou sob o guante econômico do mercador luso inda depois da Independência, obtivesse meios de resolver problemas que pareciam insanáveis, neutralizando a ação nefasta do capitalista comerciante do Rio de Janeiro. Quem detinha o dinheiro mau emprego fazia dele, e ainda bem quando não se abalançava a rasgos ostentatórios, porquanto invariavelmente redundavam em desacatos à estética urbana. O obstáculo assim oposto ao desenvolvimento do gosto e interesse pelas belas artes, teve ainda sestro de impedir que o nativo, em última análise o único capaz de realmente beneficiar a sua própria terra, pudesse aprimorar-se convenientemente nas artes. A cultura não depende tão só de ensino; respira-se onde lhe é favorável o ambiente, nas ruas, nas redações de revistas e jornais, nas casas, em suma, em toda parte onde há convivência de pessoas cultas. É mais fácil receber, ao acaso de palestras ou encontro ocasional, incentivo para empreendimentos estéticos, do que no confinamento de bibliotecas. Mas onde poderia o carioca do

século 19, encontrar estímulo, em sítio que parecia reunir tudo para desanimá-lo, inclusive a esmagadora natureza à sua roda, enfeada para mais pelos mostrengos saídos da algibeira do imigrante enriquecido!

Na época em que Ender esteve no Rio de Janeiro, despontava o modelo do novo-rico luso que ainda por largo espaço dominaria a capital. Economizava, trabalhava, amealhava ceutil por ceutil, até chegar ao milhão, além de se valer de sutilezas nem sempre inocentes, ao enveredar principalmente pelo tráfico negreiro. Na hora da morte, à guisa de último negócio, ou seja conseguir lugar no céu, legava gordas quantias a agremiações religiosas. Durante a vida promovia-se a poder de dinheiro a Cavaleiro de Cristo, cortejado por grandes, invejado pelos semelhantes, temido pelos pequenos que dele dependiam. Por esse motivo, desejava depois de morto prolongar repercussões de seu nome, com missas e inscrições bem à vista do público em templos e associações beneficentes. Havia, entretanto, por estranho pareça, os que procediam sómente por anseio religioso — mais por efeito de crença profundamente enraizada, haurida no seio da família, no lugarejo natal — que propriamente por rebates de consciência. Vimos, em outro trabalho nosso, como os feitores peninsulares destacados no século 16 nas Flandres, notáveis pela rapacidade e senso utilitário, sentiam tal obsessão em salvar a alma, que não mais satisfeitos de clérigos comuns para confessores, ansiavam por mestre jesuitas que se lhes afiguravam, com razão, muito superiores ⁽¹⁴²⁾.

No Rio de D. João VI, tres séculos depois da epopeia mercante dos Afaitadi, Vinet, Marchione, Giraldi e outros, repetia-se o caso com o capitão-mor João de Siqueira Costa, um dos muitos Siqueiras sem parentesco entre si, argentários de vulto do Rio. Este prestante ornato da Ordem Terceira de São Francisco, tido por honrado mercador, era conhecido negreiro, proprietário de vários navios empenhados no sinistro tráfico. Durante muitos anos foi Sí-

(142) V., do Autor, Prefácio do III vol. da *Bahia e Capitánias do Centro do Brasil*.

dico da Irmandade, sempre generoso, a multiplicar louváveis pretextos para socorrer-la nas aperturas causadas pelo vulto das obras da grande igreja em construção. De uma feita, estatuiu que em cada barco seu houvesse um marujo fictício de nome Francisco de Paula, cujo soldo era religiosamente pago à confraria. Deixou-lhe ainda em testamento doze contos de reis, soma elevadíssima para a época e lugar, de sorte que, a irmandade reconhecida por tantas dádivas, mandou por o seu retrato na ante-câmara da nova sacristia, daí por diante batisada sala do Siqueira, e todos os anos ia incorporada assistir a Memento dito junto à urna onde descansavam os ossos daquele "*homem humanitário e virtuoso*", como lhe chama um bem intencionado cronista da época.

O maior mérito de Ender consiste em ilustrar essas particularidades da vida carioca de 1817. Nenhum melhor depoimento inconográfico poderíamos desejar que as vistas do largo de São Francisco de Paula, do solar do rico Sequeira, do Campo de Santa Ana ou da rua de Santo António com seu movimento de pedestres e remate de casas, provavelmente habitadas por dignitários e diplomatas do aristocrático bairro compreendido entre os dois conventos, de Santo António e dos Barbonos, onde as janelas das casas ostentavam toldos contra o sol a denunciar moradores com hábitos europeus, e mais vistas que nos levam pelo Rio de Janeiro afora, resumo ilustrativo dos comentários supra a sugerir o passado, não só com todas as falhas, mas também com suas grandezas.

CONCLUSÃO

VINHAM de longe as deficiências verificadas por portugueses e estrangeiros nas manifestações artísticas brasileiras. Remontavam nada menos que à própria metrópole, às voltas os mais suntuosos monarcas lusos com a falta de bons artistas locais. Disse um perito alemão Adolfo Feulner, no seu monumental tratado sobre origens de estilos, "*Portugal ist in der Kunst ein unbedeutendes Land*", o que não deixa de representar alguma verdade. As pinturas de santos e retratos de Príncipes das dinastias lusas que se sucederam no trono, foram de primeiro solicitados a artistas italianos, depois a flamengos, a seguir novamente a italianos. Vieram no século 18 franceses e profissionais de mais nacionalidades, e se por acaso lembravam os governantes dos súditos, não era por entusiasmo mas tão só para intentar cultivo de artes em região sáfara. O mesmo se repetia com relativo resultado em toda a escala de atividades do luso artesanato, desde desenho de jardins até baixelas de mesa e corte de alfaiataria.

No interior de casa nobre portuguesa no período que medeia entre o esplendor da epopeia mercante — alcunhado o soberano de Portugal "*Rei das Drogas*" — à transferência da côrte para o Brasil, viam-se poucos móveis nacionais, e esses, com forte influxo do vizinho espanhol. O resto era de importação de países com que o Império Luso mantinha relações, a alternar o inglês graças a Shipendale, Sheraton e Hepplewhite com franceses valorizados pelo prestígio das

vitórias de Luís XVI ou Napoleão I. De permeio, contavam-se objetos dos presídios do Oriente e Extremo-Oriente representados por alfombras, porcelanas ou metais tauxiados, de mistura com arandelas de cristal e panos de rás vindo da Itália, França ou Flandres, trazidos por funcionários de feitorias mercantes, ou na bagagem de diplomatas de volta de missões em côrtes estrangeiras.

Nas fachadas notabilizavam-se geralmente as casas portuguesas — pesadas, feias, acaçapadas — pelo absurdo de suas proporções, agravadas por péssimo acabamento. Portas e janelas se apresentavam com horríveis caixilhos⁽¹⁴³⁾, telhados pesados, muros enormes, cores berrantes, de que sómente a arte de cantaria se salvava quando dirigida por alienígenas. A falta de gosto e de técnica também produziu sacadas com rústica grade de ferro peculiar à Península Ibérica, sem de longe lembrar os monumentais balcões que na Itália, e mais ainda na Alemanha barroca, eram o principal adorno de fachada de edifícios nobres. Pouco ensinamento haviam de encontrar nessas condições os artífices da colônia, admirável a existência no Rio de um Mestre Valentim, autor do portão e mais ornatos do Passeio Público, dos chafarizes e dos enfeites das igrejas do seu tempo.

Infelizmente muitos trabalhos seus desapareceram destruídos pela fúria iconoclasta com que o desprezo pelas artes assolava no século 19 e princípios do 20 o Brasil. Um administrador timbrava em obliterar o trabalho do antecessor, além da colaboração devastadora prestada por todas as classes da inculta sociedade. Abandonados às intempéries e selvageria do público, desapareceram entre outros, quase todos os ornatos do Passeio Público. Foi-se o coqueiro de bronze, foram-se as aves dos rochedos artificiais ao gosto das “fábricas” dos jardins setecentistas, mudaram os lampeões desenhados por Valentim do parque para os arredores do Paço, deram sumiço ao menino de mármore prestadio “*inda brincando*” até pouco restar dos atavios com tanto amor planejados pelo Vice-Rei Vasconcelos

(143) Os dados são de autores portugueses, Oliveira Martins e outros.

Sousa protetor do artista. Onde antigamente o carioca se comprazia em espairecer à noite — o antigo paul da Ajuda substituído pelos saneamentos que sugeriam,

“... jardins amenos,
Que adornando os fresquíssimos lugares
Dêm sombra à terra e dêm perfume aos ares!”

segundo almejava Silva Alvarenga — tornou-se infrequentável pela exalação dos “tigres” despejados nas vizinhanças depois do por do sol. Igual sorte teve o chafariz vizinho das Marrecas, assim conhecido por causa das aves que o enfeitavam, sucedendo o mesmo na chegada de Ender aos pavilhões do terraço, decorados por Francisco Xavier — o das conchas — e pelo pintor Leandro Joaquim.

Nas proximidades do Paço Real, no coração da cidade, também sofreu brutais depredações o chafariz conhecido de todas as tripulações de navios que tocavam no Rio de Janeiro, arrancadas, não se sabe por que, em 1842, as armas reais em mármore, esculpidas por um hábil preto de nome João, para dar lugar à infeliz esfera de metal com as armas do Império. Destarte, de destruição em destruição, perdeu-se a herança deixada pelo Mestre Valentim, o mais notável artista carioca do século 18, o que mais contribuiu ao embelezamento da capital do Vice-Rei Vasconcelos Sousa, fidalgo notável pelo mérito de ter sabido compreendê-lo e protegê-lo.

O vandalismo não se limitou aí. Estendeu-se a tudo, casas, palácios, jardins. Quando um arquiteto começava obra de vulto para o governo e por qualquer motivo não a concluía, o continuador se apressava a mudar o plano primitivo, ou emendava novas e nem sempre felizes elucubrações no que já estava feito. Uma das principais encomendas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro sofreu semelhantes vicissitudes. Iniciado o Mercado por Granjean de Montigny, nos melhores cânones do estilo neo-clássico epi-

dêmico em França sob Napoleão I, chegou a concluir-se a primeira parte, mas, com o falecimento do arquiteto, a construção foi continuada pelo engenheiro João Vicente Gomes, autor de segunda parte, muito diversa da primeira. A incompreensão de obreiros e mestres de obras perfazia a calamidade, de sorte que resolveram alguns beneméritos vereadores da cidade criar o Liceu de Artes e Ofícios, “reconhecida”, dizia um cronista da época, “a ignorância dos nossos operários”. Por desventura, não eram apenas subalternos a necessitarem ensino, muito outros indivíduos, em que se incluíam personagens da “Governança”, também dele precisavam; daí, o pano de boca do teatro São Pedro, de autoria de Pôrto Alegre recém-chegado de Paris, em que se viam no cenário da Guanabara as figuras da ignorância e a da rotina afungentadas barra afora pelo gênio das Belas Artes!

A sádica satisfação, muito desenvolvida nos mediócrs, de arrasar o trabalho de antecessores, sem contar a de contemporâneos empenhados em mutuamente se molestarem, alastrava-se graças à incultura dos principais responsáveis pela administração. Caprichos e desconfianças também entravam em cena. Delinearam-se em 1815 melhoramentos no “*passeio do Campo de Santa Ana*”, por ordem do Príncipe Regente. Entretanto, com a volta da côrte para o reino, mandou D. Pedro suprimir o que lá havia, por suspeita de que o Intendente Paulo Fernandes Viana, cuja repartição ficava defronte, quisesse transformar o logradouro em recreio privado. Derrubada a cerca que o protegia, tornou-se em pouco o antigo passeio, lavadouro público perto da ponte, e depósito de lixo das casas das adjacências no resto do sítio feito lodaçal e “*lugar de infecção*”. Havia quem suspeitasse provir a fúria destruidora, da antipatia que o futuro Imperador votava a tudo que de perto ou de longe cheirasse a Carneiro Leão.

Assim sendo, por mais se esforçassem alguns elementos particulares continuava atrazadíssimo o Brasil em matéria artística-cultural, e nestas deploráveis condições por muito

tempo se manteve. Hoje se evidencia grande atividade nos meios cultos nacionais, particularmente na arquitetura; falta-lhe, contudo, o amadurecimento que só a sequência das gerações pode facultar. O resultado do atraso anterior, a empecer a formação de ambiente propício à expansão da arte, acarretou a catastrófica destruição da paisagem do Rio de Janeiro. Ainda alcançamos o morro de Santa Teresa revestido de jardins de onde se descortinava a grandiosidade do recôncavo fluminense. Foi por assim dizer ontem, e, no entanto, hoje o mesmo morro exhibe monturo de edificações destinadas à renda, hediondos cortiços de cimento armado, que para todo sempre o infelicitaram. O resto da cidade se vê em idênticas condições, medeando, entre a visita de Ender e o atual fim de governo Vargas, a obra devastadora de indivíduos piamente convictos de que elevavam monumento ao progresso. Seria hilariante tanta candura não fossem os efeitos que produz, sequiosos estes “progressistas” em aterrar a baía de Guanabara para obter mais espaço para arranha-ceus. Certa vez testemunhamos palestra entre o arquiteto Le Corbusier e o Prefeito do Distrito Federal António Prado Júnior, em que o suíço se esforçava por persuadir ao Governador da cidade de só licenciar a construção de arranha-céus o quanto possível junto a morros, a fim de não tolher a vista da baía aos demais habitantes dos bairros litorâneos.

Julgamos tão acertada a sugestão que, a nosso ver, a altura dos outros prédios deveria limitar-se a cinco pavimentos no máximo. Acontece, porém, ante as exigências do “PROGRESSO” com *P* grande, o único meio de se evitar a construção de altos edifícios seria limitar o crescimento da população, estatuido que o Rio de Janeiro é cidade de turismo e beleza e não parque industrial. De outro modo seriam baldados esforços para conciliar multidões destruidoras com a formosura da baía. A indústria é uma necessidade, e, como tal, é feia. Afastá-la do Rio é um imperativo que não ocorreu nem podia ocorrer quando ainda era tempo, a dirigentes do Império e da República. Manda a justiça reconhecer a repetição do mesmo fenó-

meno por contemporâneos dos nossos estadistas em outras plagas, e das mais cultas. Quanto não se prejudicou a Suíça com anúncios da farinha Nestlé ou chocolate Tobler? O mau gosto do burguês médio de qualquer latitude também coopera na obra inglória, a justificar a frase "*Le paysage deshonoré par la villa bourgeoise*", sempre viva e atual. Passando, todavia, do vilino bem-pensante ao arranha-céu do capitalista carioca, mais extenso e irremediável se torna o mal, sendo lícito vaticinar a situação quando a população do Distrito Federal chegar à casa dos tres milhões e somente de aeroplano poderemos abranger o seu habitat, no que ainda lhe resta de belo e lhe sobeja de feio.

Em São Paulo, outra cidade visitada por Ender, sucede a mesma coisa em matéria estética. Dotada de algum pitoresco, construída sobre colinas como a mais antiga capital do mundo, vê-se, entretanto completamente esmagada pelo fatídico arranha-céu, personificação do tal "*Progresso*", catastrófica invenção concebida num período hoje considerado pelos próprios inventores americanos lamentável na sua história. No Brasil criou o mostrengo problema insólvel em aglomerações padecentes de ruas estreitas e falta de espaços ajardinados. Infelizmente não é possível colocar carro antes dos bois, nem ao homem antecipar o nível de uma geração. Haja vista no momento em que escrevemos, o impressionante episódio em que a revista de arquitetura da Sra. Lina Bó Bardi, demonstra num dos seus últimos números a absurda localização do futuro Paço Municipal de São Paulo, projeto que se estivesse certo, concederia ainda esperanças de modifica-lo, mas por estar errado e ser prejudicial à cidade, será executado.

Outra virtude da publicação dos desenhos de Ender, tal como atualmente se encontram, reside no fato de se apresentarem livres de quaisquer alterações, ventura que não tiveram seus confrades coevos. Os trabalhos de Debret, Rugendas, Choris, Conde de Clarac e muitos mais, foram profusamente modificados na impressão. Especialistas em estampas acrescentaram personagens inexistentes nos ori-

ginais, além de muitas vezes mudarem a composição do desenho. As paisagens de Botafogo e do Flamengo viram-se povoadas de gentes e bichos de que o pintor dificilmente conceberia, ainda feliz quanto não se tornavam anacrônicas como sucedeu aos "*Costumes Paulistas*" de Rugendas que na oficina de Engelmann passaram do planalto à beira-mar. As edificações também se desvirtuavam por obra desses especialistas com perda do caráter carioca, fosse bom ou mau, curioso ou desinteressante — pouco importa — para assumir linhas vagas, semelhantes à das litografias da Rua do Chêrche Midi em Paris dos livros ilustrados de Madame de Segur, ou das casas próximas à Porta de Brandenburgo, por ocasião da entrada de Napoleão I em Berlim de estampas populares. Nos documentos de Ender, pelo contrário, tudo é fiel, pormenores, conjuntos, rez-do-chão, andares superiores e telhados. Nenhum enxerto foi aduzido ao depois em Viena, em oficinas impressoras, visando aumentar desastrosamente o efeito de paisagens de regiões desconhecidas. Nessas condições, revelam as suas vistas da baía e arredores no seu inteiro horror a insensatez dos que talaram a natureza da cidade outrora maravilhosa...

Estas linhas, se caírem sob os olhos de construtores, assim como dos especuladores seus clientes e prefeitos, ou coisa que valha, hão de causar espanto! Imagine, julgar excessiva a população do Rio de Janeiro! Lamentar seja capital da República, e mais ainda, parque industrial! Então o autor havia de querer que tivesse apenas quinhentos mil habitantes. Que fosse proibido construir arranha-céus? E, logo arranha-céus, nosso título de glória e padrão de progresso! De onde saiu este espírito retrógrado que pretende substituir favelas por parques e jardins?

No tempo de Ender ainda era possível passear em sua companhia, por Botafogo, Tijuca, Laranjeiras, Bom Engenho, Engenho Velho, Catumbí, Catete, Glória, Mata Cavalos, Mata Porcos, São Cristovão, etc., até a fazenda do Chanceler Bezerra em Maracanã, através paisagem deslumbrante em certos dias claros de inverno. Correspondiam

então aqueles sítios à variedade de luzes e cores da férias imaginada por estrangeiros a respeito dos trópicos. Longe estavam ainda os bairros da cidade que abrigava a côrte lusa de D. João VI, da mole cinzenta de hoje em dia, insípida e monótona sob plúmbeas nuvens a recobrir o casario durante longos meses estivais chuvosos. Em 1817 havia florestas virgens a 10 minutos do Largo do Paço e aldeias de índios na baía de Guanabara, com aspectos que o artista se esmerara em reproduzir a poder de labor contínuo da manhã à noite. A despeito da falta de saúde, passava Ender depois de fatigantes incursões no Interior do país, à observação da vida urbana carioca. Reparou, entre particularidades fluminenses, saírem a passeio somente ao anoitecer as famílias de burgueses respeitáveis gênero Marrocos, em que o chefe ia à frente, seguido da esposa, filhos e mucamas com os moleques no fim. Andavam em fila, uns atrás dos outros, costume imposto não só pela versão de Pallière, muito aceitável, que a atribuía à herança indígena, como ainda pela estreiteza das ruas. Aquele desfile, sempre no mesmo itinerário, da casa à igreja⁽¹⁴⁴⁾ e daí ao Largo do Paço, detido às vezes por alguma das seis máximas procissões do ano, muito intrigava o estrangeiro. Além desses pacíficos transeuntes, menciona ainda o pintor as mariposas noturnas copiadas de Guillobel, de mantilha negra e saia de babados ordenada pela moda da rua do Ouvidor⁽¹⁴⁵⁾. Ender também havia de assistir de quando

(144) Nas casas ricas nem esse passatempo restava para as moças. Narra um francês contemporâneo de Ender, *"le bon ton est d'avoir une chapelle chez soi, ou un prêtre vient les dimanches et les fêtes, dire la messe en bote et éperons. L'usage veut que le fils aîné, ou le plus proche parent du maître de la maison, fasse l'office d'enfant de choeur"*. Na cidade, vizinhos e outras pessoas eram convidados aos ofícios diários como sucedia na casa do Conde Viana.

(145) Foi mais ou menos por volta de 1817 que apareceram numerosos costureiros e modistas franceses no Rio, em pouco monopolizadores da elegância feminina. A respeito de contas das Princesas escrevia Rio Seco, *"He necessario porem advertir que a maior parte destes pedidos realizavão as compras no mesmo Paço, já as Pessoas Reaes, já as Retretas, convencionando-as humas vezes as mesmas Senhoras com as modistas Francezas, e outras as mesmas Retretas com os Mascates"*.

em quando as funções de gala no teatro São João, nas noites em que a família real comparecia, agregado como estava à Embaixada Especial pertencente ao séquito da Arquiduquesa.

Nessas ocasiões as cariocas, segundo nos dizem viajantes, ofuscavam as titulares reinícolas com refulgentes joias e modas de Paris. O homens nada ficavam a lhes dever graças a alfaiates, camiseiros e sapateiros franceses e ingleses. Um mercenário com fumaças aristocráticas impressionou-se com a elegância do "*Banquier Roche*", que se apresentava "*sehr elegant und neumodish kleidet*", de acordo com o resto dos auditores dos gorjeios e trinados dos soprannistas. Representavam tais noitadas, à altura de muitas européias, triunfo para D. João, feliz na cálida atmosfera criada pela afeição dos súditos americanos, ainda a ecoar no ambiente surpreendido pelos austríacos, as aclamações do povo quando o levante de Pernambuco se transformou de motivo de luto em delirantes manifestações de lealismo. Respondia então o Bragança do modo como nos conta Gendrin, estendendo familiarmente o braço e mexendo com os dedos, a mão imóvel, palma voltada para cima, maneira atualmente ainda usada em saudações familiares pelos cariocas, que ignoram a origem do gesto. O mesmo afeto pelo Príncipe, cuja generosidade era sobejo conhecida, reaparecia nas procissões em que a população em peso figurava, motivo para alguns estrangeiros, mormente protestantes, censurarem o aspecto mais profano que recolhido de tais solenidades. Ender, porém, habituado a cenas parecidas em Viena, que principiavam no Stefan Dom e continuavam pelas ruas principais, recebia-as com outros olhos e reparos na semelhança entre a popularidade da família real do Brasil e a dos Habsburgos na Áustria.

Exausto pelo trabalho e clima carioca, solicitou o pintor licença para tornar à pátria na comitiva que acompanhara a Arquiduquesa. Por mais de um ano estivera afastado do querido Prater, que tantas vezes desenhara e onde ia espai-recer aos domingos em alegre companhia. Ah! os passeios

em Schoenbrunn com costurerinhas do Graben, as Bierhaus, em que por pouco se jantava e as danças ao ar livre, onde mediante um "*Halb Kreuzer*" dispunha-se do acompanhamento de barulhentas orquestras! Que diferença na despreocupada população danubiana depois da derrota de Napoleão, a confraternizar vienenses, tchecos, lombardos, croatas, vênetsos, ilírios, úngaros e tirolezes em cantos, passeios e rumorosos espetáculos assistidos na "*apfelzinenloge*" dos teatrinhos do Gheto de Leopoldsdadt e a mixórdia lusoafricana da capital bragantina! Mais tarde voltar-lhe-ia o Rio de Janeiro à memória envolto em matizes de saudade e nostalgia causada pelo esplendor de natureza fluminense. No momento, porém, ansiava por retomar o curso da carreira, de que a visita ao Brasil fora simples acidente destinado a lhe amadurecer o estro. Não renunciava em se ombrear com o irmão gêmeo, o ilustre Nepomuk Ender, célebre pelos retratos que fizera da nobreza e dos membros da casa Imperial austríaca. Mas enquanto não se alçaria até à sua altura, com quem muitas vezes mais tarde o confundiram, desejava adquirir os conhecimentos que eram na época julgado indispensáveis a pintores.

De volta ao Império Austríaco acompanhou Metternich à Itália, depois continuou a desenhar paisagens em Viena, até o dia sonhado do estágio em Paris para a última demão na sua técnica artística. - A partida para a Europa nessas condições, era sofregamente esperada, porém, não se queixava o vienense apesar da ânsia, nem das gentes nem das autoridades do Retiro Unido. Apenas menciona o calor molesto a um desaclimado, motivo de abandono em São Paulo da expedição. "*Seiner gesundheit sumstaende wegen*", causadora da separação, também impediu que Ender nos desse mais documentos brasileiros. Em compensação, os que realizou desafiam o maior talento literário descritivo. Pormenorizado em extremo, probo e cuidadoso em todas as suas manifestações, Ender não deu por assim dizer um passo no Brasil, sem o comentar com lapis ou pincel.

Quiseram os fatos conjugados às vicissitudes financeiras do Império Austro-Úngaro, que o vienense só pudesse

contemplar depois de vinte anos, gravados e “embelesados” por Axmann e Passini, os desenhos de sua lavra vertidos em chapa de cobre, insertos “ex-sumptibus” do Chanceler Metternich no atlas de Pohl. O resto de suas paisagens brasílicas jazeu por mais de um século — um século! — nos arquivos de Viena, de que somente por acaso saiu, depois de escapar da destruição do *Brasilien Kabinet* durante a revolução de 1848, para condignamente comemorar o quarto centenário de São Paulo, no ano de 1954.

TOMAS ENDER

Pintor austríaco na Córte de D. João VI
no Rio de Janeiro.

*Um Episódio da Formação da Classe
Dirigente Brasileira — 1817/1818.*

por

J. F. DE ALMEIDA PRADO

NA história do Brasil o principal acontecimento depois da chegada da esquadra descobridora, foi a presença do Príncipe Regente D. João tanguido de Lisboa pelo exército invasor de Junot. A repentina transferência da córte da metrópole para a quase deserta colônia, assinala começo de prodigioso período em que passamos de um extremo a outro, de modorrento domínio ultramarino, a séde do império luso derramado sobre quatro continentes. Nessa fase decisiva para nosso destino, o casamento de D. Pedro, herdeiro do trono, com D. Leopoldina, significa o triunfo das medidas postas em prática pelo Regente para enfrentar a procela que ameaçava a monarquia. A primeira hoda real celebrada na América, enaltecida e hafejava uma família governante refugiada além oceano, proporcionando-lhe o apoio da poderosa casa d'Austria, naquele momento detentora juntamente com a Grã Bretanha do fiel da balança do mundo.

Na comitiva da Arquiduquesa figurava além do séquito de damas de honor, aias, açafatas e fâmulos vários, a enobrecedora missão científica composta de elementos designados pelos governos austríaco, bávaro e toscano, incumbida de revelar ao mundo as maravilhas do novo império. No conjunto, contava-se na qualidade de pintor paisagista, o jovem, porém, habil pintor vienense Tomas Ender, dotado de tão apreciáveis qualidades de trabalho como de observador. No espaço de um ano em que esteve em São Paulo e Rio de Janeiro, comentou atento a poder do lápis e do pincel, tudo que lhe foi dado presenciar *num sitio onde o Príncipe Regente e seus colaboradores intentavam erguer uma nação.*

O espetáculo oferecido pela transferência tumultuária de uma córte de um lado para outro do Atlântico, em que, como diz o autor, de *maneira quase milagrosa, todos receberam teto, moradia e comida. Conventos se viram transformados em palácios, cadeias foram removidas para dar lugar a dependências do paço, mosteiros abrigaram soldados e novos ricos cederam lugar a novos pobres com aplauso inicial da população. Nunca se poderia esperar mudança tão fantasmagórica, operada com tanta prestesa e segurança. A sabedoria do Príncipe Regente tornara-se, destarte, exemplo para outros soberanos bem mais poderosos às voltas com as mesmas vicissitudes*, era de veras apaixonante para um artista. Cenas curiosas de rua, paisagens urbanas e suburbanas, palácios, teatros e casarões, tugúrios de proletários, lojas, armazens e repartições públicas, ocorrem registados até nos mais insignificantes pormenores na coleção de desenhos, guaches e aguarelas do pintor austríaco. Ender teve o cuidado de examinar os principais aspetos do estranho Estado que tanto desnor-teava a viajantes, diplomatas e artistas. Escrevia um deles e dos mais ilustres em 1817, *il y avait un pays qu'on appelait le Brésil, mais il n'existait point de Brésiliens*. Não percebiam estrangeiros de passagem, ou até radicados no país, atrás do desordenado aspecto de córte europeia acampada nos trópicos, sem ideia de aí permanecer nem de beneficiar o abrigo por felicidade encontrado na tempestade, a formação de um conjunto de homens que substituiria o governo e aristocracia lusos quando voltariam ao reino.

Esse período capital para nosso destino, a representar a formação da classe dirigente brasileira destinada a transpor o tormentoso passo dos primeiros tempos da Independência; mingua-do pugilo que soube a poder de energia, entusiasmo e patriotismo, espírito cívico e consciência democrática, da lição europeia e do exemplo inovador americano, vencer obstáculos considerados intransponíveis e lançar hases da maior nação sul-americana; não podia almejar melhor ilustrador que Tomas Ender, cuja obra ficou em grande parte oculta em arquivos vienenses por mais de cento e trinta anos!

Edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo



Tomas Ender
19.17.

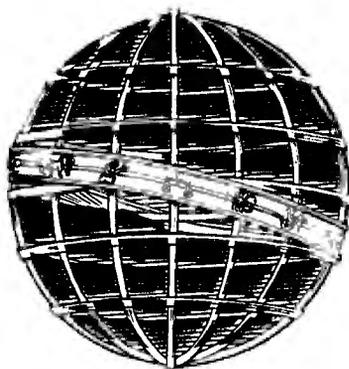
Tomas Ender



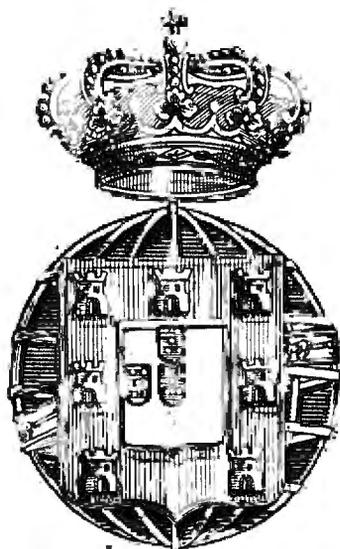
Príncipe Regente D. João

Retrato por Delerive apresentado pelo Regente ao Marquês do Lavradio.
(Col. D. Maria Lebrum da Silva Prado)

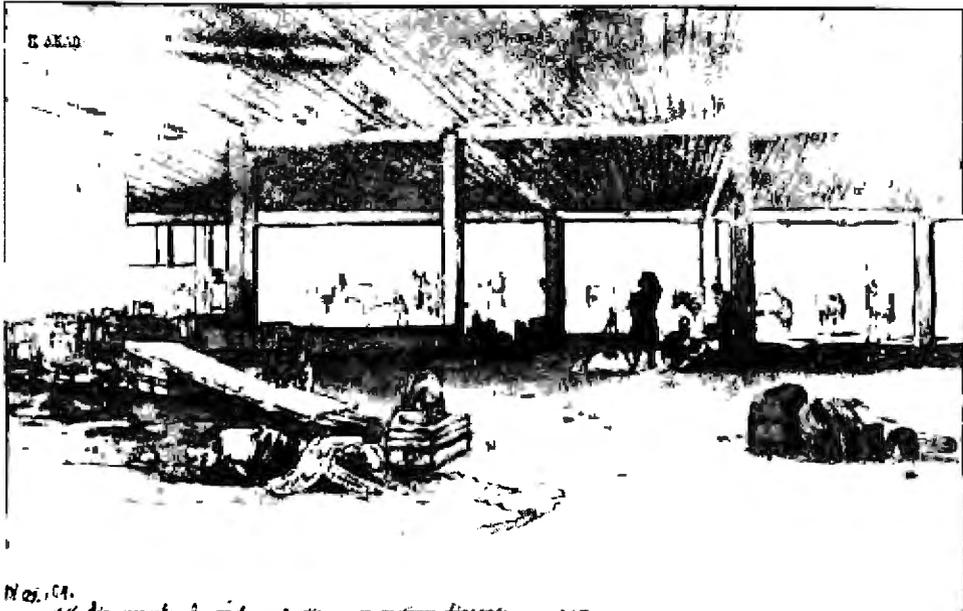
PRANCHA IV



Armas do Reino do Brasil

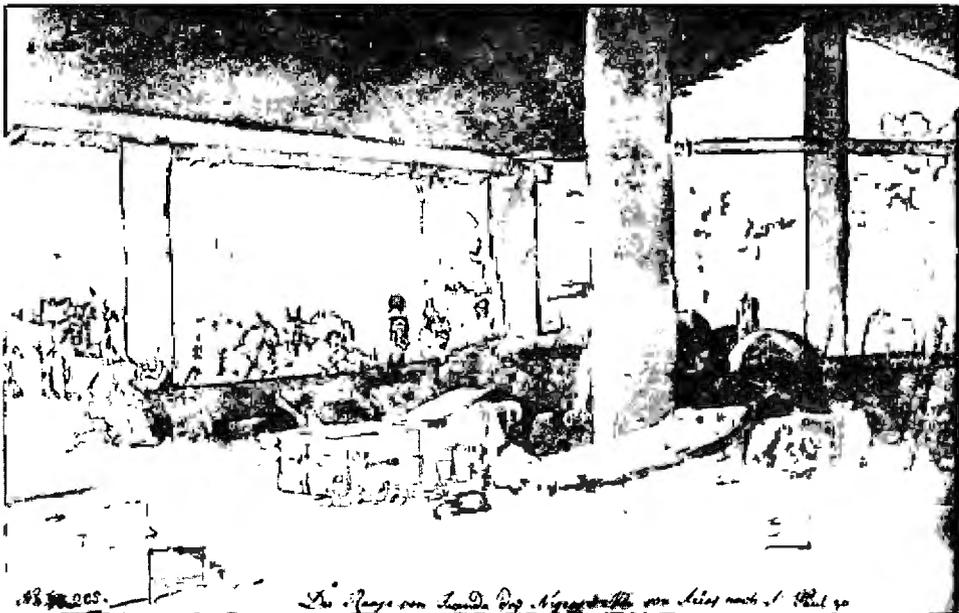


*Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.
Carta de Lei de 13 de maio de 1817.*



1851/52.

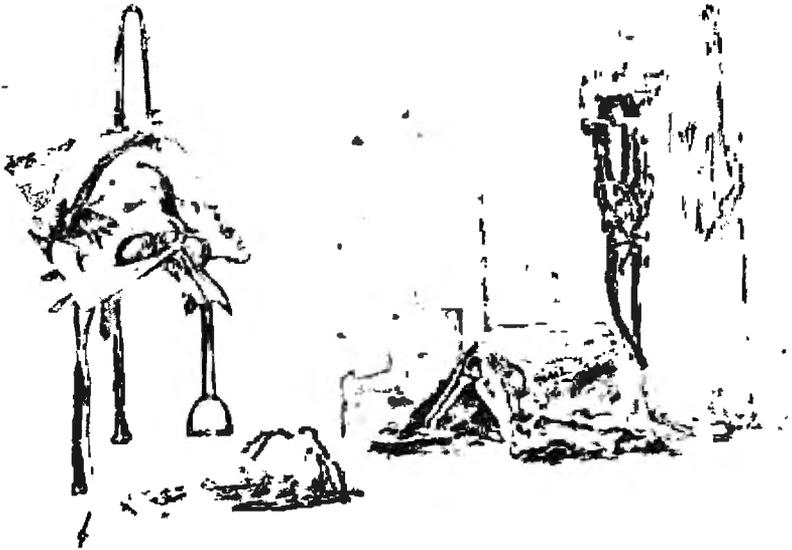
Rancho para pouso de Tropeiros em São João Marcos



1853/54.

Do Rancho em Fazenda dos Negros, próximo ao Caminho de S. Paulo, perto de Areias

6 48 12



22.004 4/15. Interior de Rancho e lombilho.



Rancho em Lorena



N.º 206. 425. *q* Tropeiros
Tropéiros



N.º 207. *Chanchales* ...
405.
Boiadeiros

K-ARAD.



Vista de Lorena

J. 1642.



J. 1651.

Fazenda para o Rey com o nome de

Real Fazenda de S. Cruz



Igreja de Guaratinguetá



Taubaté. Convento de S. Francisco

K. A. D.



N.º 257.
Igreja de N. S. da Aparecida de Vila Rica, Minas Gerais.

Igreja de N. S. da Aparecida

K. A. D.



N.º 258.
Vila Pindamonhangaba

Pindamonhangaba

FRANCHA XII

R. V. 19.



Ar. 296. *Ricardo Paulista em Poncho.*
124.

Paulista a cavalo

R. AKAD.



Ar. 299. *Paulista em Poncho*
124.

Tropeiros com poncho

Reclutados.

6 1430.

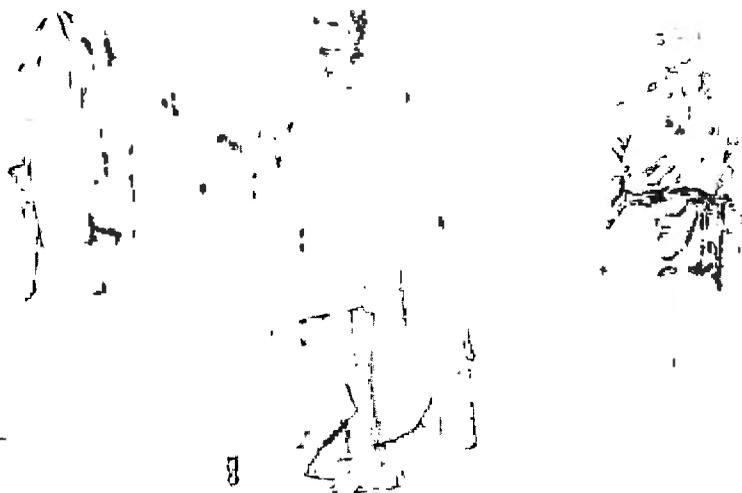


49 edo. 091.

Paulista

Chapéus de paulistas

6 1430



49 edo. 404. Boiadeiro com escravo ajudante

Boiadeiro com escravo ajudante

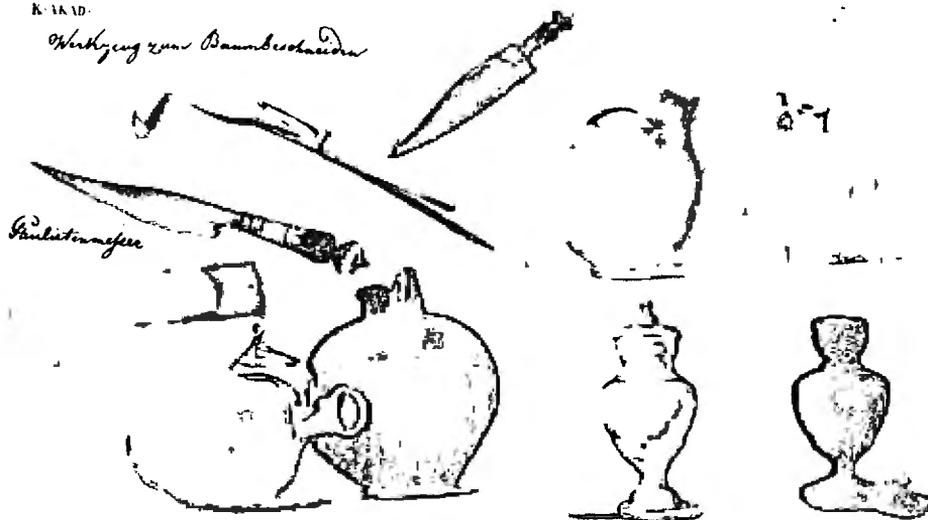


Al. 379. Paulista
467.

Paulistas com poncho e alabarda

N. 1A. 10.

Werkzeug zum Baumbeschneiden



Al. 385. Gefäßgeschm. 393.

Facas e moringas paulistas

1843



1843
Igreja de S. José de Vila Rica de Minas.

Igreja de S. José

1843



Penha



Palácio do Governo (antigo Colégio dos Jesuítas)

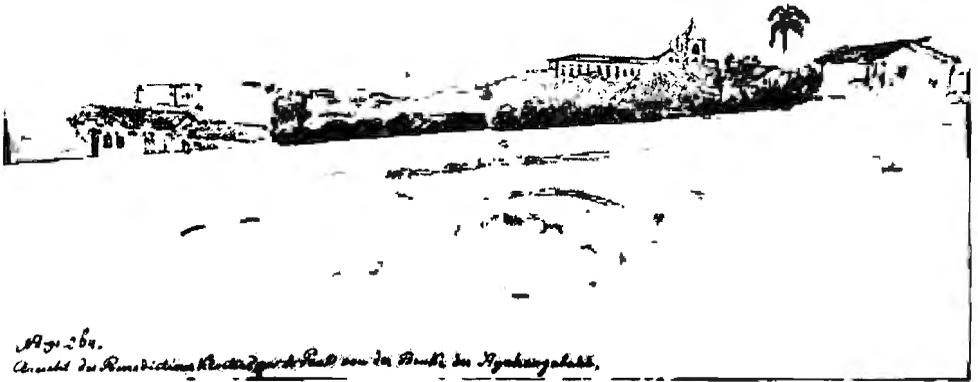
1
K-3640



209.
197. 65. St. Yant como Subcomandante no quartel.

O Bairro da Liberdade visto do Paio de Pólvara

Fig. 264.



Alto do Convento de S. Bento e do Anhangabaú.

Vista de S. Bento e do Anhangabaú

Fig. 265.



Alto do Convento de S. Bento e do Anhangabaú.

Convento do Carmo e várzea do mesmo nome



L. A. 1872

Aposento paulista



L. A. 1872
um plano histórico do edifício do Cla. de S. Francisco

Claustro de S. Francisco e o Piques

LE AKAD.



*Até ao 265.
mostrando o colégio do Sr. Paul e o bairro do Brás.*

O Colégio e o bairro do Brás

PRANCHA XXIV

K·AKAD·



79.

Portuguesa

Portuguesa do Rio de Janeiro



1887
Infant na Estrada de Sorocaba com Amplitude de Vista

Vista do Jaraguá da Estrada de Sorocaba

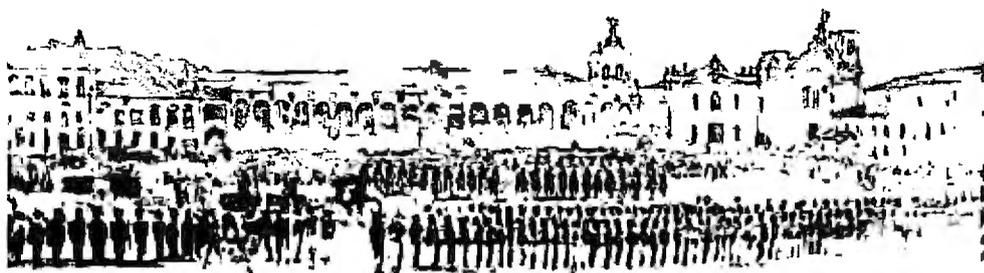


Canoas grandes para viagem fluvial. No fundo, olaria.



Palácio de S. Cristovam

K-11110

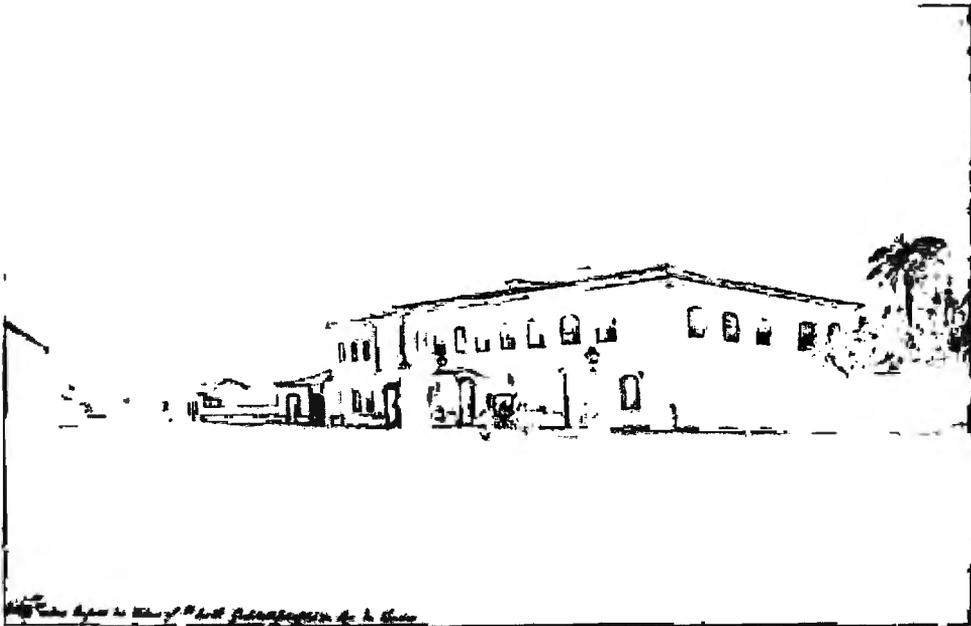


177

Aclamação de D. João VI



Arco de Triunfo na R. Direita elevado por Augusto Taunay e Zefirino Ferrez para a Aclamação



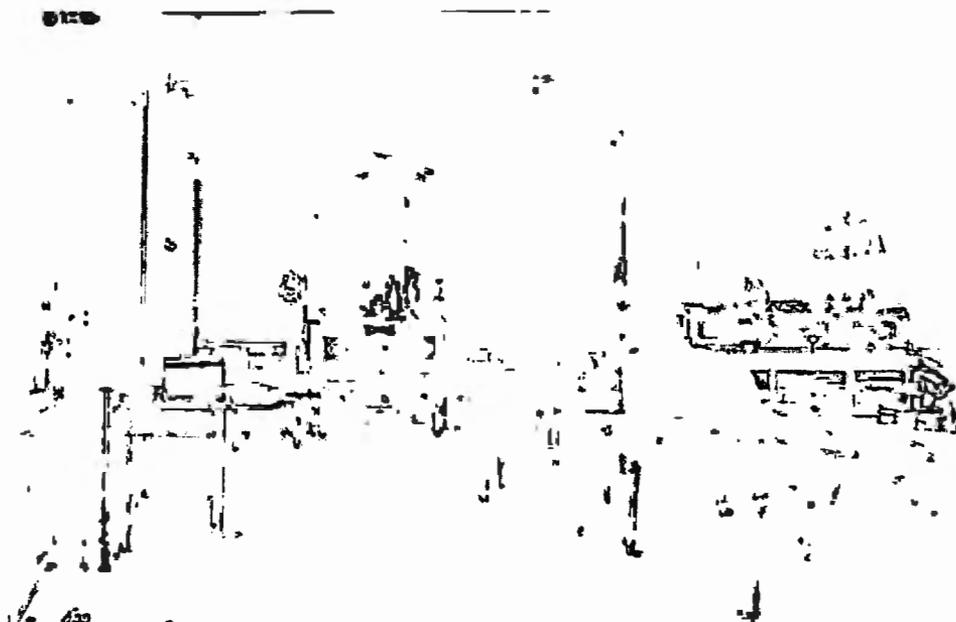
Embaixada Especial Austríaca



Fundos da Embaixada e Quintal



Sala do Dossel na Embaixada Austríaca



620.
Anatomischer d. Collection des Herrn Antikhaufner, Wien 1789.

Escritório do Embaixador von Elz



Fig. 729. - Residência no caminho de S. Cristovam.

Residência no caminho de S. Cristovam

K-ALIO

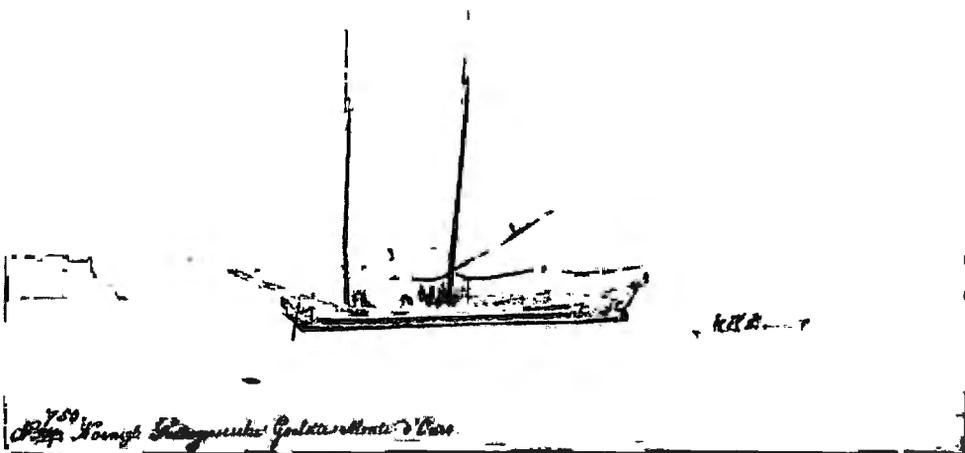


Fig. 730. - O iate real Monte de Ouro.

O iate real Monte de Ouro



Caricatura de Cruikshank a respeito de desordens provenientes de conflitos de ingleses com os cadetes de D. Carlota Joaquina



D. João VI, por Domingos António Sequeira, pintor oficial da corte portuguesa

FRANCHA XXXIII

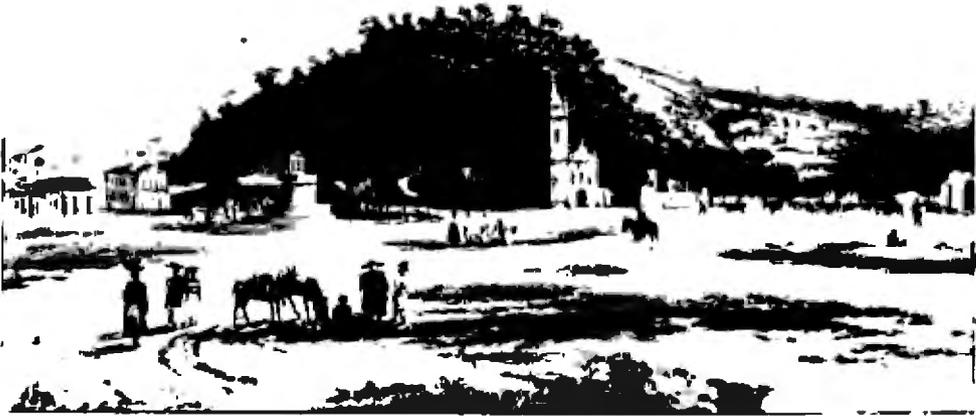


170 270.

Vista da Cascatinha da Tijuca e cabana do pintor Taunay

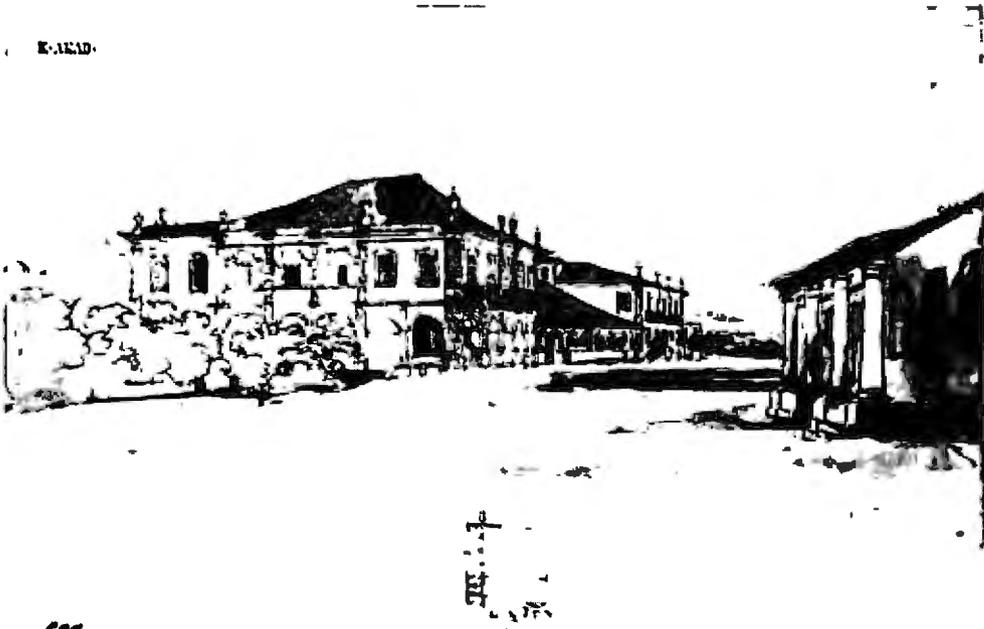
K. 17.10.

9



Campo de Sant'Ana

K. 17.10.



Residência do industrial Joaquim José de Sequeira no caminho de S. Cristovam

FRANCHA XXXV

K. M. AD.

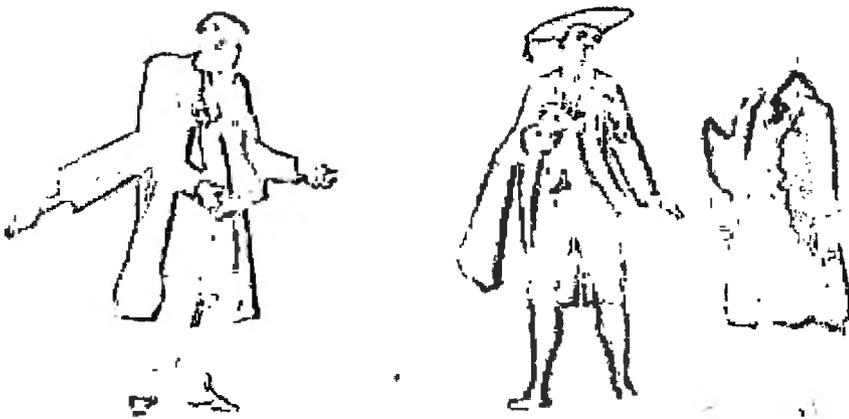


1770. 325.

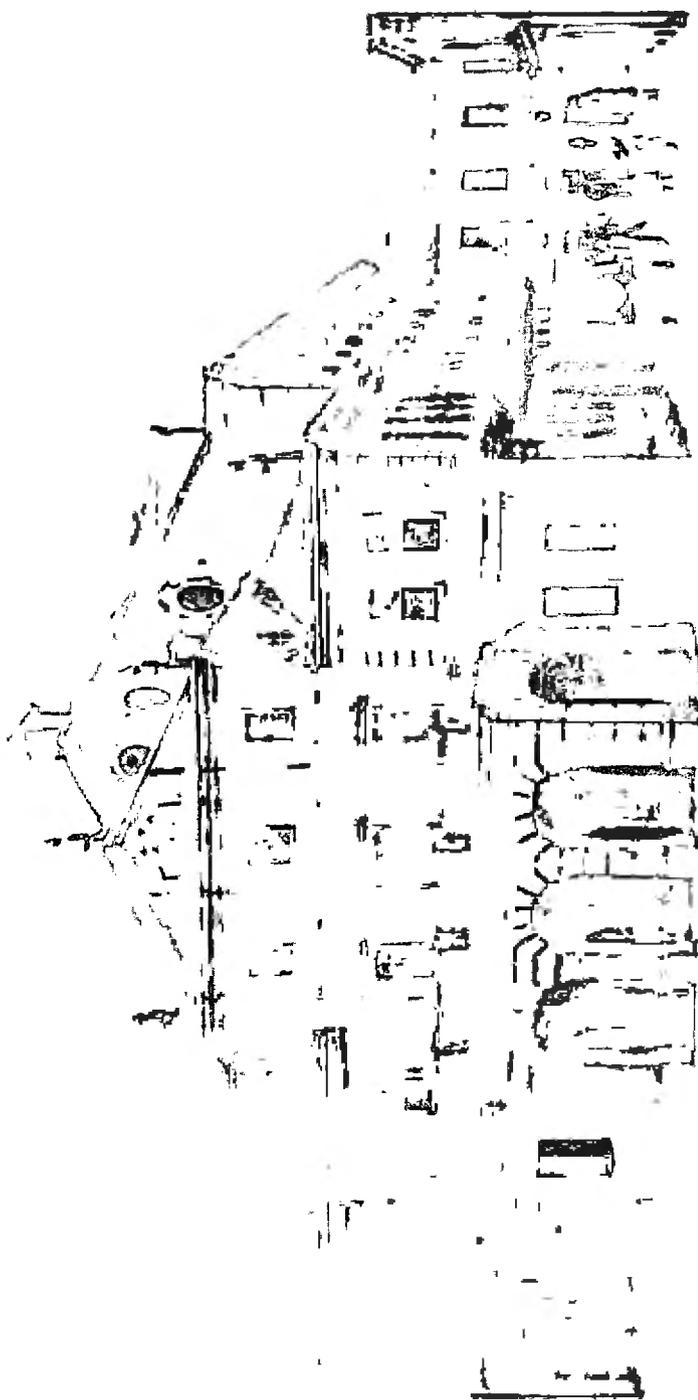
Artilheiro com botafogo



Tipos populares cariocas



Pedinte de Ordem Religiosa e Cortesãos. (Apud Guillobel).





O Palácio Real, no Rio de Janeiro, no tempo de D. João VI



Palácio Episcopal no Morro da Conceição



by
São Paulo de Francisco de Paula, Edifício e Rua de Curitiba em

Igreja de S. Francisco

E-ARAB

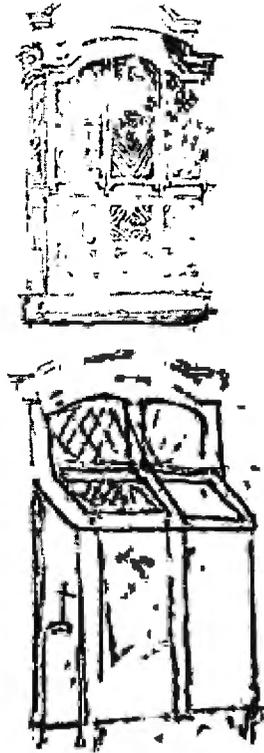


Obelisco Langary ou de Cristóvão

Portão da Quinta presenteado pelo Duque de Northumberland



Residência campestre do Conde da Barca



523. *Conflicianisppifantun.*

Rótulas cariocas no género de "mucharabies" árabes

•AKAD•



Soldados de regimentos portugueses de caçadores em Pernambuco e Buenos Aires



Os naturalistas austríacos na mata do Corcovado



Desembarque de mercadorias num trapiche



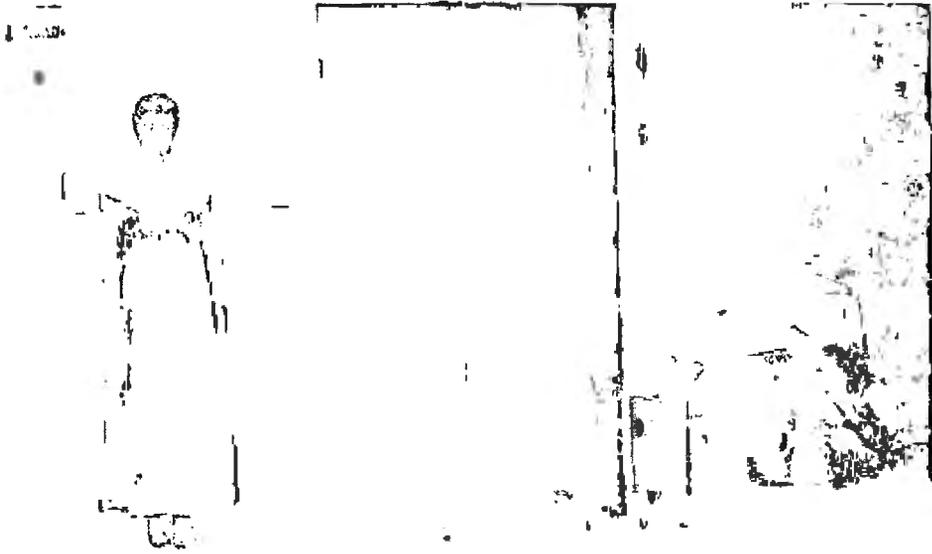
Transporte de mercadorias



Lavadeiras em Mata Porcos



Casa de banhos no quintal da Embaixada Austríaca



Casa de pretos forros



18.500.554. *o grupo Costureiras pretas no Rio de Janeiro*

Costureiras pretas no Rio de Janeiro



502.

Portuguesa Família.

Família portuguesa na rua. (Apud Guillobel)



Família portuguesa em casa. (Apud Guillobel)

K. M. AD.



36.
A. 20. Freya. Occlinen - 51.

Crioulas livres

K-ARAD-



Pretos carregadores

K-ARAD-



126

Pretos da Alfândega

1640.

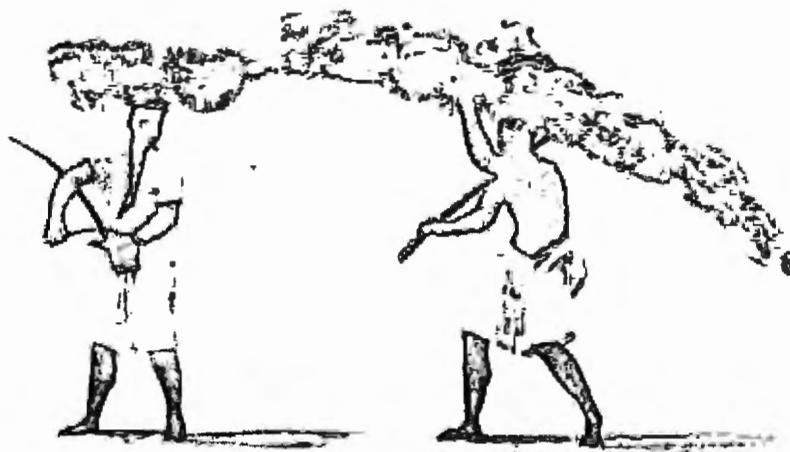


086
17 000. *Menheros by unam Gianfladen*
3^o de Janeiro
Negociantes de Minas Gerais

1640.



087 000. 081. *Ngros in dos Noazpo Qua D. Reita.*
Negros de ganho na R. Direita



Personagens de Guillobel copiados por Ender



Rua Direita — ao fundo passadiço entre o Paço e o antigo Convento do Carmo



556.
19 221 Gruppe auf dem Pevintemarkt

Quituteiras na R. Direita

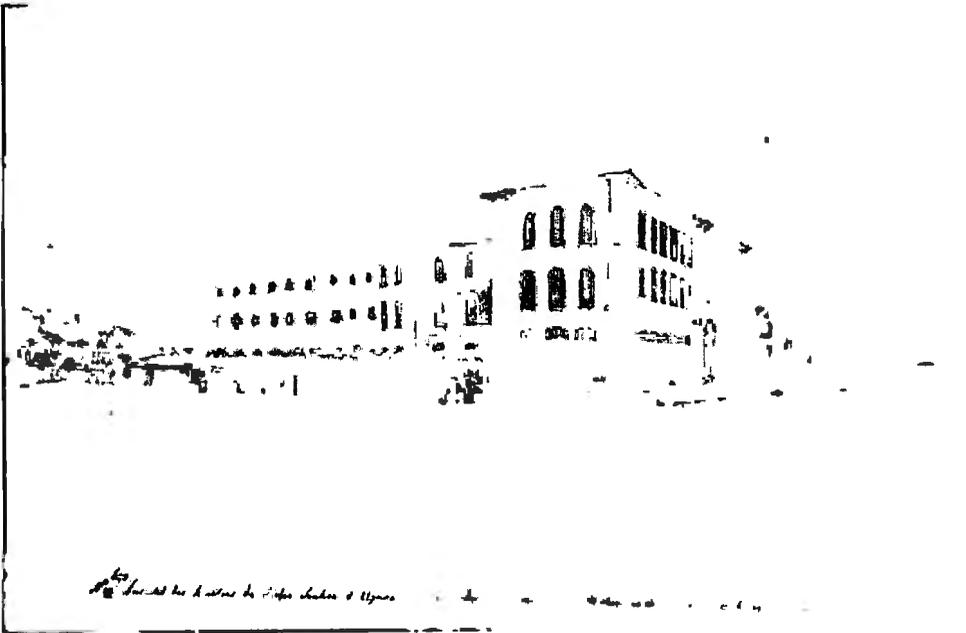


Vizinhanças da Alfândega



1855. Praia de D. Manoel, Rio de Janeiro. Desenhado por J. J. de Almeida.

Praia de D. Manoel



1855. Convento da Ajuda, Rio de Janeiro. Desenhado por J. J. de Almeida.

Convento da Ajuda (hoje Cinelândia, Rio de Janeiro)



Largo da Carioca



Terreiro do Paço. (Ao fundo as cocheiras reais).



Panorama do Rio de Janeiro



Mercado do Peixe, rampa da Quitanda do Marisco, antiga Prata N. S. do Ó



Campo de Sant'Ana. À esquerda residência do Conde do Rio Seco.



625.
1871 - de S. Antonio.

Rua de S. Antonio



PLANO L VIII

Residência de D.^a Carlota Joaquina em Botafogo

"BRASILIANA"

(Série Grande Formato)

fundada por

FERNANDO DE AZEVEDO

A SÉRIE "BRASILIANA" que, lançada há pouco mais de 15 anos, já completou a segunda centena de volumes, é a maior, mais vasta e mais completa biblioteca de estudos brasileiros. O êxito invulgar que devemos à simpatia com que o público acolheu essa iniciativa e ao apoio franco e generoso que nos trouxeram os aplausos de uns e a colaboração valiosa de outros, nos animou a alargar o plano primitivo, criando na série "BRASILIANA" uma seção especial de obras em grande formato.

A experiência nos havia mostrado a inconveniência de publicar, no formato regular dos livros dessa coletânea, certas obras que, pelo número e pela importância das gravuras, seriam sacrificadas em volumes de menores dimensões. As gravuras reduzidas em tamanho para reprodução em páginas dos volumes comuns perderiam, sem dúvida, com a nitidez, parte do seu interesse pitoresco ou de seu valor documentário. Daí a resolução que tomamos de publicar em volumes de formato maior essas obras, que exigem, pela sua natureza, melhor apresentação material, difícil e, em certos casos, impossível de se obter em volumes de proporções reduzidas.

Essa iniciativa representa, pois, mais um esforço para corresponder à confiança do público e facilitar a incorporação, na série "BRASILIANA", de obras do maior alcance e interesse que dela ficariam excluídas por uma dificuldade de ordem puramente material, fácil de ser removida, sem quebrar a unidade orgânica de concepção e de plano dessa Coleção.

VOLUMES PUBLICADOS NA "BRASILIANA"

(Série Grande Formato)

- Vol. 1 — MAXIMILIANO — Príncipe de Wied Neuwied: *Viagem ao Brasil* — Tradução de Edgard Süsskind de Mendonça e Flávio Pope de Figueiredo — Refundida e anotada por Oliverio Pinto. Edição ilustrada.
- Vol. 2 — DR. MAX SCHMIDT: *Estudos de Etnologia Brasileira*. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Tradução direta do alemão de Catarina Baratz Cannabrava. Ilustrado com 281 gravuras, 12 estampas e 1 mapa.
- Vol. 3 — KARL VON DEN STEIN: *O Brasil Central* — Expedição em 1884 para exploração do Rio Xingú. — Tradução e notas de Catarina Baratz Cannabrava. Edição ilustrada.
- Vol. 4 — PADRE ANTONIO COLBACCHINI: *Os Bororos Orientais (Orarimugadoge)* — Contribuição da Missão Salesiana de Mato Grosso ao estudo de Etnografia Brasileira. Edição profusamente ilustrada.
- Vol. 5 — PAUL LE COINTE: *O Estado do Pará* — a terra, o ar e a água. Estudo da fauna, flora e minerais. Edição ricamente ilustrada, com pranchas em rotogravuras, de originais inéditos.
- Vol. 6 — GASTÃO CRULS: *Hiléia Amazônica*. Edição ilustrada.